



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL-PPGAS

Jefferson Queiroz de Pinho

Os pais tão on: masculinidades, paternidades e performatividades de jovens pais na cidade de
Manaus-AM

Manaus, 2024

Jefferson Queiroz de Pinho

Os pais tão on: masculinidades, paternidades e elementos performatividades de jovens pais
da cidade de Manaus–AM

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador (a): Prof. (a), Dr.^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Coorientador: Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

Manaus

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P654p Pinho, Jefferson Queiroz de
Os pais tão on : masculinidades, paternidades e
performatividades de jovens pais na cidade de Manaus--AM /
Jefferson Queiroz de Pinho . 2024
197 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
Coorientador: Luiz Davi Vieira Gonçalves
Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal
do Amazonas.

1. Paternidades . 2. Masculinidades . 3. Performatividades . 4.
Gênero . 5. Interseccionalidades . I. Rufino, Márcia Regina
Calderipe Farias. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Jefferson Queiroz de Pinho

Os pais tão on: masculinidades, paternidades e performatividades de jovens pais na cidade de
Manaus–AM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Aprovada em: 20/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino (Orientadora)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Agenor Cavalcante Vasconcelos Neto
Instituto Federal do Amazonas (CZL/IFAM)

Prof. Dr. Pedro Paulo Miranda Araújo Soares
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Flávio Luiz Tarnovski
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos (encarnados e desencarnados) os envolvidos no meu processo de aprendizado durante a vida, amigos, parceiros e amores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, a Sr.^a Maria Aparecida Queiroz, pela dádiva da vida e por ensinar-me, dentre outras coisas, a fazer minhas próprias escolhas.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Calderipe por sua orientação e parceria que vem desde a graduação, passando por um mestrado veloz e por um doutorado pandêmico. Ao co-orientador Prof. Dr. Luiz Davi Gonçalves por todo seu suporte e amizade. Aos pais da pesquisa que, sem dúvida, foram fundamentais para que esta pesquisa se realizasse. Muito obrigado!

Aos meus amigos, em especial à pessoa de Thalita Beatriz, mãe de meu filho e minha eterna companheira, por tudo.

Ao meu filho por ser minha força e inspiração diária.

À minha querida amiga Danielle Colares Lins.

À minha prima, Gabriela Queiroz do Rego e à minha tia Raimunda de Queiroz, por revisar meu texto.

Aos demais amigos e amigas que não citarei, mas que sabem fazer parte deste momento e trabalho. Em especial aos pais da pesquisa, sem os quais a pesquisa não seria possível.

Por fim, gostaria de agradecer e enfatizar a importância de um órgão como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), cuja bolsa de doutorado de 4 anos me permitiu viver e sobreviver à pandemia. Sem esse apoio, acredito que não teria como chegar a este resultado.

E por fim a cada leitor que se dedicou a fazer a leitura deste trabalho, pois, afinal alguém que escreve quer é ser lido, obrigado pela atenção e tempo dedicados a leitura de um material que tomou além de tempo, parte da minha vida.

“Pra mim o pai estar ON, é ele ouvir a criança dizer: ‘-Pai!’. É dar de comer, dar banho, escutar massivamente o Bitá e sua Fazendinha. Se divertir e ser feliz com a cria.”

(Adriano, um dos pais da pesquisa, em março de 2020)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é expor os elementos presentes nas performatividades do grupo de pais colaboradores. A pesquisa contou com 16 pais, 14 cis e 2 trans, cada um deles com profundidades diferentes de participações. O título “Os pais tão on”, diz respeito à forma como se deram as trocas com os pais, em especial na primeira metade da pesquisa, na maior parte do tempo, via aplicativo WhatsApp, onde tínhamos um grupo. Cheguei ao tripé da pesquisa, elementos destacados nas performatividades dos pais, por meio destas interações. Os elementos que compõem o tripé são o afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências; parte destes elementos apresentam-se nas respostas das perguntas “o que é ser pai?” e “o que é um pai ideal/modelo?”. Estes elementos estão presentes nas performatividades e masculinidades dos pais e não são necessariamente expressos com as mesmas palavras, por exemplo, quando se fala em medo ou alegria também estamos falando de afeto. Priorizei a fala dos homens negros e trans, que convergiu com as disponibilidades destes pais durante a pesquisa. Porém, julgo que mesmo participações mais curtas não somente foram de grande contribuição, mas também essenciais para a conclusão da pesquisa. Atividades com e sem os filhos são expressas durante o texto, buscando localizar os elementos do tripé e mais outros fios que formam a trama deste trabalho. São eles, por exemplo, a relação entre performatividades, masculinidades, paternidades, que precisam ser percebidas nessa mesma trama constituída por outros fios, como os elementos citados, assim como, as intersecções entre os pais da pesquisa também são fios que constituem essa trama. Utilizei o anonimato para proteger a identidade dos pais, criando nomes fictícios, bem como a subtração de detalhes, uma vez que, os integrantes do próprio grupo, em sua maioria, se conhecem, fazendo com que esse anonimato seja relativo. Através da ideia de pai, os primeiros elementos vão surgindo e dando forma ao trabalho. As relações dos pais com os filhos, com seus pais e com seus amigos são relatadas pelos próprios pais da pesquisa pessoalmente, no grupo do WhatsApp ou individualmente.

Palavras-chave: Performatividades; Masculinidades; Paternidades; Gênero; Interseccionalidade.

ABSTRACT

The objective of this research is to expose the elements present in the performativities of the group of collaborating parents. The research included 16 parents, 14 cis and 2 trans, each of them with different depths of participation. The title “Parents are on” refers to the way in which exchanges with parents took place, especially in the first half of the research, most of the time, via the WhatsApp application, where we had a group. I arrived at the research tripod, elements highlighted in the parents' performativities, through these interactions. The elements that make up the tripod are affection and presence; providing and caring; silence and absences; some of these elements appear in the answers to the questions “what is it like to be a father?” and “what is an ideal/model father?” These elements are present in the parents' performativities and masculinities and are not necessarily expressed in the same words, for example, when we talk about fear or joy we are also talking about affection. I prioritized the speech of black and trans men, which converged with the availability of these parents during the research. However, I believe that even shorter participations were not only of great contribution, but also essential for the completion of the research. Activities with and without children are expressed throughout the text seeking to locate the elements of the tripod, and other threads that form the plot of this work, these are, for example, the relationship between performativities, masculinities, paternities, which need to be perceived in this same plot in which they are made up of other threads, such as the aforementioned elements, as well as the intersections between the parents of the research are also threads that constitute this plot. I used anonymity as a way to protect the identity of the parents, creating fictitious names, as well as subtracting details, since the members of the group themselves, for the most part, know each other, making this anonymity relative. Through the father's idea, the first elements emerge and shape the work. Parent's relationships with their children, with their parents and with their friends are reported by the research parents themselves personally, in the WhatsApp group or individually.

Keywords: Performativities; Masculinities; Paternities; Gender; intersectionality

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PRINT DA PANDEMIA

62

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - OS PAIS DA PESQUISA	29
TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA PESQUISA	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM — Amazonas
ARPEN — Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais
B.O — Boletim de ocorrência
CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19 — Corona Virus Disease-19
CCB — Código Civil Brasileiro
DNA — ácido desoxirribonucleico
DDD — Discagem Direta à Distância
ECA — Estatuto da Criança e do Adolescente
FAPEAM — Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas
FEBEM — Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
GESECS — Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades
IFAM — Instituto Federal do Amazonas
IFCHS — Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais
INPA — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IRC — Internacional Realy Chat
JB — Jair Bolsonaro
LGBTQIA+ — Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, sendo que o símbolo “+” abarca as demais orientações sexuais e de gênero
MG — Minas Gerais
PI — Piauí
PPGAS — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
RU- Restaurante Universitário
TDAH — Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
TCC — Trabalho de Conclusão de Curso
UFAM — Universidade Federal do Amazonas
UFMT — Universidade Federal do Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 - O CAMPO E OS CAMINHOS DA VIDA DE QUEM PESQUISA.....	26
1.1 O encontro com os pais da pesquisa.....	27
1.2 Pai, na prática: o perfil dos pais da pesquisa.....	33
1.3 A Constante formação do pesquisador.....	40
1.4 Da academia para a academia.....	44
1.5 Tema da pesquisa e metodologia.....	47
1.5.1 Anonimato na pesquisa.....	47
1.5.2 As dificuldades em campo e a subjetividade.....	50
1.5.3 “Pegando mal” no método de pesquisa.....	54
1.6 Mídias digitais na pesquisa: etnografia On e Offline.....	56
1.7 A questão da suposta neutralidade científica.....	67
CAPÍTULO 2 - PAI É QUEM FAZ OU QUEM CRIA? PAI É QUEM AFETA!.....	73
2.1 Pai na teoria.....	74
2.1.1 O que é ser pai segundo os próprios pais?.....	80
2.1.2 “Pai ideal” ou “Pai modelo”.....	82
2.2 Pai de menino e pai de menina: o cuidado com os filhos.....	85
2.3 Os pais e as famílias.....	88
2.4 Pais separados e as disputas pela guarda/presença.....	95
2.4.1 Pais do corre.....	103
CAPÍTULO 3 - AS INTERSECÇÕES ENTRE OS PAIS DA PESQUISA.....	109
3.1 Masculinidades, separação, diferenciação e violências.....	110
3.1.1 Masculinidade hegemônica e a importância do conceito.....	115
3.2 Pais e corpos masculinos?.....	123
3.2.1 Pais pretos/negros.....	130
3.2.2 Pais Trans.....	136
3.2.3 Pais que bebem café.....	138
CAPÍTULO 4 - PERFORMATIVIDADES EM AÇÃO.....	141
4.1 O Encontro com a performance e a performatividade.....	142
4.2 Entre amigos, conhecidos, brevemente desconhecidos e o fazer científico.....	148
4.3 As discussões em grupo sobre masculinidade, paternidade e afeto.....	153
4.4 Da rede ao grupo.....	157
4.4.1 Pedal, disputas e masculinidades: explorando a mobilidade urbana.....	161
4.4.2 Caneladas, socos e companheirismo: boxe entre amigos e colegas de trabalho.....	163
4.4.3 A universidade.....	164
4.4.4 Análise das redes, uso e disputa por espaços.....	165
4.5 As influências políticas na construção das masculinidades.....	170
4.6 Afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
BIBLIOGRAFIA.....	189

INTRODUÇÃO

Um dos interesses para a realização desta pesquisa veio do processo pessoal de tornar-me pai, ato que considero contínuo e até então infinito, uma vez que não me avalio acabado enquanto tal e a meta do pai que julgo ser ideal me parece inalcançável. O tornar-me pai talvez tenha iniciado quando a desconfiança da gravidez estava presente e antes de fazer o exame de sangue para confirmá-la.

O teste de farmácia com resultado positivo já trouxe reflexões e conversas com minha companheira sobre o que poderia ser de nossas vidas. Depois desse momento, já estava aceitando que poderia ser pai e aquilo me animava de uma forma que não sabia ao certo explicar. Com o exame, mas, principalmente, após alguns meses, no primeiro ultrassom, pude ouvir e me emocionar com o som do seu coração, com a informação do médico dizendo que ele estava saudável (ou seja, que ele era uma possibilidade). Creio que nesse momento me senti realmente pai, mais do que em qualquer outra situação anterior. Além disso, penso que o fato de ter crescido sem um pai ou alguém digno de ser chamado de pai, também me trouxe até aqui.

Outro motivo foi minha subjetividade enquanto pesquisador que se interessa por estudar temas próximos a mim. Quando me tornei Bacharel em Ciências Sociais, pesquisei sobre Fanzine enquanto também era um Fanzineiro. Zine ou Fanzine é uma espécie de revista feita pelo próprio autor, contendo desenhos, poesias, contos e outras formas de expressões literárias/artísticas e gráficas. O Zine é impresso no papel por meio de cópias feitas em reprografias, facilitando a reprodução de tiragens de baixo custo, além das possibilidades de formatos e diagramações que costumam fugir dos padrões atribuídos a livros, por exemplo.

Este ponto de partida foi importante para dar continuidade à vontade de pesquisar num momento em que desistir era uma opção mais confortável. Posteriormente, no mestrado, interessei-me em pesquisar sobre a performance na venda de Fanzine, resultando na dissertação “Uma leitura da performance de fanzineiros na cidade de Manaus-Amazonas”

(2019) onde começo a entrar de fato no mundo dos estudos de performance e performatividade na antropologia, observando ali o que o fanzineiro deveria fazer para receber um “sim” como resposta a sua proposta da oferta de venda/distribuição do fanzine.

Durante o período do mestrado publiquei em co-autoria com a professora Dr.^a Márcia Regina Calderipe, o artigo “A performance da crise: partos e homens acompanhantes em uma maternidade na Cidade de Manaus–AM” (2019) onde relato a minha experiência e a de outros pais acompanhantes em sua relação com os demais funcionários da maternidade.

As pesquisas citadas foram feitas em Manaus, através da instituição UFAM, o mestrado e doutorado no PPGAS. Como apontei anteriormente, em minhas pesquisas estou diretamente envolvido como o meu objeto, sendo fanzineiro ou pai, experiências que vivi antes de decidir meus temas de pesquisa e que, inevitavelmente, levaram-me a reflexões sobre minhas afetações (Favret-Saada, 2005), distanciamento e sobre as vantagens e desvantagens que o campo distante e próximo podem apresentar. Espelhando essas questões, proponho pensarmos sobre a distância do campo feito presencialmente e daquele realizado via internet por mensagens de texto, arquivos de voz e chamadas. Esta forma que seria complementar no campo, passou a ser o principal canal para conversar. A princípio julgava que fosse um trabalho simples, mas no caminho fui surpreendido com as dificuldades em fazer contato diante da pandemia da COVID-19.

As questões que nortearam essa pesquisa foram: quais são as concepções de paternidade entre os interlocutores da pesquisa? As performatividades destes homens constroem e são construídas através das suas referências sobre masculinidades/paternidades (e inclusive através de outras performatividades)? E, diante das formas de masculinidades que se apresentam, existe uma ou mais masculinidades paternas? Quais as outras influências nas performatividades cotidianas masculinas/paternas? Que elementos se destacam na expressão dessas masculinidades paternas apresentadas?

Nessa pesquisa, priorizei a busca por pais de diferentes pertencimentos em termos de raça/cor, classe socioeconômica, priorizando camadas populares a médias. Em termos de orientação sexual busquei, a todo instante, pais gays, além de outros dados convergentes e divergentes no universo desta pesquisa. Busca que assim iniciei por julgar que homens brancos héteros e da mesma classe que eu seria mais fácil de encontrar. Deixei isso em aberto

no segundo momento, quando os pais da pesquisa passaram a chamar outras pessoas para o grupo da pesquisa e *WhatsApp*, onde a maioria das conversas se desenvolveram.

Apesar de minhas intenções iniciais, não consegui uma maioria de pais negros/pretos e trans, mas sim de pais pardos que, para além deste marcador social, apresentam diversidades em relação às questões relacionadas às masculinidades/paternidades e suas performatividades, considerando os contextos em que vivem. Ao mesmo tempo, várias semelhanças foram evidenciadas durante a pesquisa. Em relação ao direcionamento político, por exemplo, os pais da pesquisa se localizam num campo político progressista, compartilham modos de vida semelhantes, seja nas suas atividades de lazer, utilização de espaços e consumo de bens.

Cheguei à conclusão de que a diversidade que o termo masculinidades no plural sugere, remete a sua fluidez e nos permite transitar entre elas. Ao tratar sobre masculinidades no plural, tomei como referência a abordagem de Raewyn Connell (2016, p. 94) quando a autora expõe a noção de masculinidades como “padrões socialmente construídos de práticas de gênero”. Esses padrões são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais”. A autora evidencia que hierarquicamente há diferenças entre homens e diferentes masculinidades. E a partir desta ideia de masculinidades no plural, Mara Vigoya (2018) afirma que...

... as masculinidades, concebe Connell, é investigar teórica e empiricamente a lógica e as complexidades internas das masculinidades, no interior da estrutura de gênero e na sua relação com outras estruturas sociais como a origem étnica, a raça e a classe. Isso permite romper com o pressuposto de que a masculinidade é uma qualidade essencial e estática e entender que é, pelo contrário, uma manifestação histórica, uma construção social e uma criação cultural... (Vigoya, 2018, p. 43).

Na busca por analisar as performatividades paternas e masculinas, eu pensava que o resultado seria como a descrição de um filme contínuo, mas me deparei com fragmentos ou imagens comuns à maioria dos pais de minha pesquisa. A busca pelo que é individual ou coletivo confundiu-se. Cheguei a *frames* ou fotos de performatividades que eram comuns à maioria das performatividades paternas de meus interlocutores, alguns clichês do cotidiano e presentes na literatura sobre masculinidades e paternidades, como o abandono paterno (de várias formas).

Dentre as falas e interações com meus interlocutores destacaram-se elementos comuns a maioria das performatividades ou pilares destas performatividades, elementos que seriam

característicos das masculinidades e das paternidades dos pais do grupo. São eles: **o afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e a ausência**. Comparo esses elementos a uma trança de cabelo desforme, na qual as mechas ou as performatividades se aproximam e se afastam no que diz respeito às conexões entre elas. Por exemplo, uma fala ou gesto que comunica algo a respeito do silêncio pode também estar comunicando sobre algum afeto e/ou ausências, numa mesma frase.

O **afeto** pode ser traduzido como toda forma de expressão sentimental exposto nas relações. A **presença** costuma caminhar ao lado dos afetos, em especial quando estes são considerados positivos. O **prover**, apesar do grande peso no sentido de prover economicamente, vai além, podendo ser o provimento de conhecimento, de educação ou ainda de **cuidado**. Por fim, o **silêncio** e as **ausências** se apresentam em momentos diversos da relação com os pais, em assuntos delicados como sexualidade, detalhes sobre relações ou mesmo sobre violências praticadas e sofridas. Esse tripé tem seus pares ou se expressam isoladamente e, além dos pares, também se cruzam. O que aqui denomino de **elementos** são destaques presentes naquilo que chamamos de performatividade dos pais, definida no decorrer desta introdução.

Durante o trabalho destacarei casos emblemáticos devido a diferente participação dos pais da pesquisa, em decorrência de sua disponibilidade e também pela questão da proximidade que mantive com eles, na maioria dos casos. Creio que mais importante do que isto, é a minha intenção como pesquisador de destacar os casos de pais negros/pretos (dois deles) e pais trans (também dois), justamente pela invisibilização ocasionada pelas ideologias da branquitude ou branquidade. Por isto, temos itens nos capítulos, falando sobre pais trans e pais “negros/pretos”, mas não sobre pais “brancos” ou “pardos”, uma vez que por mais que se apresente como algo emergencial para ser discutido, no trabalho, os pardos e os brancos não chegaram a problematizar sua posição. Portanto, farei uma diferenciação na TABELA 1-OS PAIS DA PESQUISA, onde apresento os pais, para que o leitor possa guiar-se diante da leitura do restante da tese, identificando as interseccionalidades. Além disso, em alguns momentos do texto farei destaques como citar “Carlos, o pai trans...” ou “Thales, um dos pais negros/pretos”, tentando ressaltar e mesmo auxiliar o leitor a associar determinadas intersecções ao pai em questão.

De maneira simplificada e introdutória, a partir do trabalho de Mara Viveros Vigoya (2018, p. 24), podemos dizer que as interseccionalidades podem ser entendidas a partir da “... classe, idade, raça, etnicidade, cor da pele e região que organizam hierarquicamente os vínculos”, admitindo “outras relações e categorias de dominação, como a nacionalidade... ou a situação de deficiência” (Idem, p. 20). Definida com uma ferramenta analítica de geometria fluida, foca nas relações de poder enquanto processo contínuo e situado historicamente. No caso da pesquisa em grupos de posições dominantes na hierarquia social, situa as masculinidades diante de normas comportamentais e morais. Com o olhar voltando as relações e ao processo histórico da colonização latino-americana e pós-coloniais, a autora através de sua análise interseccional, propõe ressignificações da identidade latino-americana, como na utilização do termo “Nossa América” no lugar de “América Latina” (Vigoya, 2018).

Autoras como Patricia Colins e Sirma Bilge (2021) também ressaltam a perspectiva da interseccionalidade como uma ferramenta analítica, considerando as categorias classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária — entre outras — como inter-relacionadas e moldando-se mutuamente. Nas suas palavras, “A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Colins e Bilge, 2021, p. 15 e 16).

Os estudos de performance tem me interessado desde a graduação, mas naquele momento não os percebia enquanto temática de pesquisa, apenas observava as formas como as coisas aconteciam conforme a movimentação corporal durante a distribuição de fanzines. E, anterior a este momento, me interessei pela performance dos *Barmen* junto a seus clientes que resultou somente em um caderno de anotações abandonado posteriormente. Após, o interesse na performance é retomado, desviando o foco para a nova atividade que eu exercia, a de Fanzineiro.

Performance é um conceito que por si só traz consigo várias possibilidades de pesquisa, é um terreno pantanoso e polissêmico (como vários outros conceitos desta pesquisa). A princípio, podemos pensar performance como comportamentos reiterados ou duplamente exercidos, “ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam” (Schechner, 2006, p. 2), sejam estas executadas na performance Art, rituais ou no cotidiano.

Segundo Schechner (2006, p. 2), “Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias”.

Apesar de reconhecer a importância do termo papel nos estudos de performance e nas primeiras reflexões antropológicas sobre as relações entre masculino e feminino, entendo que não seja uma categoria focal para pensar as relações que observei em campo (e sim de performatividade), considerando os estudos antropológicos, feministas e de gênero. Quando utilizo o termo “papel”, na verdade, estou reproduzindo, o mais fielmente possível, os autores e seus termos em determinado contexto, buscando, também, aproveitar as outras informações, dados, ideias expostas pelos mesmos autores. Entendo que a categoria papel traz uma certa naturalização a respeito das práticas realizadas pelos pais ou mesmo alguma forma de tipificação limitada e unificante, assim como o uso de papel masculino ou papel de homem. No lugar de papéis, opto por tratar de expectativas e responsabilidades que estes pais, homens cis e trans, atribuem a si e que lhes são atribuídas socialmente.

Quando voltado às questões do gênero, podemos determinar socialmente o que seriam essas expectativas e responsabilidade, a orientação sexual e outras questões relacionadas como performatividades de gênero (Butler, 2002, 2003, 2020, 2021). A performatividade é definida não como um ato singular, mas ritualístico, ligado a questões cotidianas relacionadas ao gênero, ações que se aprendem e repetem no cotidiano que, materializando e apontado como pertencente a determinado gênero, considerando o contexto de onde se fala. Judith Butler (2002) destaca a importância de não confundir performance e performatividade, onde a primeira estaria ligada a maneira teatral, mas que é precedido pelas performatividades, que seriam as maneiras de linguagem verbais formadas com a influência da prática discursiva.

O encontro com a performance e a performatividade, assim como os conceitos e construções de masculinidades e paternidades estão entrelaçados na análise que realizo. Por mais que nosso foco seja as performatividades dos pais da pesquisa, é necessário refletir que performances e performatividades estão no cotidiano, num revezamento ou mesmo num limiar entre os dois. Numa brincadeira com o filho, por exemplo, em determinado momento do dia, o pai performa (brinca, finge, intenciona suas ações) por alguns segundos indo à padaria com seu filho, e logo retorna a sua performatividade ou ao “jeito de ser”. A brincadeira é, em minha opinião, um dos melhores exemplos de performance paterna. Porém,

é necessário pensar que a performance e performatividade, apesar de serem coisas diferentes, podem caminhar lado a lado. A performatividade dos pais que demonstra e que transparece no tripé apresentado anteriormente está também conectada, por sua vez, às paternidades e masculinidades, formando algo além da ideia de trança dos elementos apresentados, mas parte de um tecido. Mas, a análise dessas performatividades tem seus limites, inclusive se formos pensar nesta relação entre performance e performatividade ou o julgamento de situações de campo em que torna-se difícil determinar onde acaba a performance e onde começa a performatividade. As performatividades dos pais (um dos pontos focais da pesquisa) estão em diversos momentos do texto, apesar de alguns concentrados no capítulo dedicado a elas, aliás uma das minhas dificuldades foi separar textualmente conceitos tão interligados como: performatividades, paternidades e masculinidades. Por exemplo, se um destes pais têm o hábito de sempre brincar com os filhos, no momento da brincadeira, quanto há de performance ou de performatividade?

Esta e outras pesquisas que produzi foram construídas de maneira coletiva com os interlocutores, os orientadores, as bancas, os autores e as demais pessoas que, por mais indireta que sua contribuição pareça, julgo que foi essencial. Portanto, este trabalho é **nosso** e, em alguns momentos, falarei de **noossa** pesquisa, assim como julgo importante também expor, no primeiro capítulo, um pouco do que tem da minha pessoa no trabalho, desenvolvendo melhor o campo e apresentando as conexões teóricas nos capítulos seguintes.

RESUMO DOS CAPÍTULOS

O capítulo 1 pode ser considerado introdutório e também metodológico, uma vez que penso a relação de minha vida pessoal com a atividade científica de maneira mais geral e com esta pesquisa. Apresento os pais da pesquisa, com nomes fictícios e parte de suas histórias modificadas, em seguida faço uma exposição das motivações do meu trajeto enquanto cientista social e, finalmente, antropólogo. Na metodologia, utilizo Gilberto Velho (1978) e Foote Whyte (2005) para iniciar as discussões sobre o método da pesquisa, trazendo a questão das proximidades e distanciamentos entre pesquisador e seus interlocutores. Realizo uma auto exposição de questões pessoais e da pesquisa sobre anonimato e estratégias relacionadas, que utilizei na preservação das identidades dos colaboradores da pesquisa, tendo como base

teórica as obras de Stéphane Malysse (2002) e Claudia Fonseca (2008). Os incômodos ou aquilo que poderia “pegar mal”(palavras de um professor), as dificuldades que fui encontrando durante o campo, algumas previsíveis e outras inevitáveis foram apresentadas nesse momento. Por fim, falamos sobre a suposta neutralidade que se pode esperar de um pesquisador.

No capítulo 2, começamos a nos aprofundar teoricamente nas definições e conceitos. Por vezes apresento determinadas falas sem a atribuição de um dos nomes fictícios, uma vez que podem ser demasiado sensíveis ou incômodas como, por exemplo, situações que envolvem crime. Assim como retirei material que julguei não fazer parte do trabalho, pensando que não contribuiria com a pesquisa e texto. Apresento também alguns trabalhos que falam sobre o conceito de pai. Ainda neste capítulo, discuto sobre paternidades trazendo as pesquisas de Marilyn Strathern (1995), Narotzky (1997), e Claudia Fonseca (1999, 2004). Inicialmente, exploro as definições legais de pai com base no Código Civil e Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como dados sobre abandono paterno apresentados por Thurler (2009). Destaco a complexidade do parentesco para além das definições oficiais, incorporando outras formas presentes nos dados. Posteriormente, os pais são apresentados e discuto as noções de pai e pai ideal a partir da perspectiva deles. Neste mesmo capítulo tratamos de questões relacionadas ao ser pai e iniciamos a introdução e discussão dos elementos do tripé da pesquisa: **o afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e a ausência.**

No capítulo 3, trabalho com o conceito de masculinidades a partir de Peter Fry (1982), Elizabeth Badinter (1993), Mirian Grossi (2004). O conceito de masculinidades hegemônicas de Raewyn Connell (2005) é apresentado através do livro masculinidades, e posteriormente trago as críticas desenvolvidas por Mara Viveros Vigoya (1998) ao mesmo conceito, essenciais para desenvolvê-lo nesse trabalho. Os pais passam a ser analisados tendo em vista as suas intersecções, dando-se prioridade ao contexto do trabalho, às falas dos pais pretos/negros e trans. O conceito de abjeção utilizado por Judith Butler (2020) mais uma vez é invocada na intenção de perceber os corpos que importam e não importam, e como estes são constituídos através das interações sociais.

No capítulo 4, desenvolvo os conceitos de performance com Victor Turner (1974, 1982, 1987), Richard Schechner (2006), Erving Goffman (2014) e de performatividade em Butler (2002, 2003, 2020, 2021), mostrando a relação entre os dois conceitos, bem como a diferença entre eles e sua aplicação na pesquisa. Falo um pouco sobre parte das discussões que se desenvolveram no grupo e rede de pais da pesquisa. Para falar sobre as influências políticas, mais uma vez aciono Mara Viveiros Vigoya (1998) como ponto de apoio para pensar sobre a atuação da extrema-direita no Brasil e sua influência nas masculinidades. Por fim, retomo a discussão do tripé da pesquisa, enfatizando aspectos centrais para pensar sobre os sentimentos e emoções expressas pelos pais.

Alguns destes autores foram essenciais para pensar o texto, destaco como principais os textos de Judith Butler (2002, 2003, 2020, 2021) trazendo a noção de performatividade, Raewyn Connell (1995, 2005, 2016, 2018) trazendo a noção de masculinidades e masculinidades hegemônicas, que por suas vez é criticado por Mara Vigoya (1998) e utilizado pela mesma autora em sua obra assim como outros autores e autoras foram utilizados em trechos diferentes do texto por dialogar com estes. Como, por exemplo, os textos de Gilberto Velho (1978, 1983, 1989, 2003a, 2003b), Grossi (1995, 2004, 2007), Claudia Fonseca (1989, 1999, 2004).

CAPÍTULO 1 - O CAMPO E OS CAMINHOS DA VIDA DE QUEM PESQUISA

1.1 O encontro com os pais da pesquisa

Início a procura por pais entre conhecidos/amigos que, por sua vez, foram indicando outros pais/amigos e conhecidos seus. Dentre os desconhecidos, tive contato somente com dois homens trans via entrevista na mídia digital cedida por eles. Portanto, há um recorte, pensando na dificuldade que foi encontrar pais homens transgênero. O primeiro busquei nas redes sociais através do nome e o segundo me foi indicado pelo primeiro.

Os interlocutores somam um total de 16 pais homens, sendo 14 cisgênero e 2 transgênero. Oito dos pais usam a categoria étnica “pardo”; três deles se autodenominam “negro” ou “preto”, dois “indígenas” e três “brancos”. As classes variam entre “populares” a “médias” (“mídia baixa”) e a maioria demonstra um posicionamento político que vai da esquerda à centro-direita. Todos são moradores de Manaus, a maioria divididos entre morando “alugado” e morando “com os parentes”. Estas e outras informações poderão ser cruzados no decorrer deste trabalho na TABELA 1 - OS PAIS DA PESQUISA.

Um grupo¹ do aplicativo de celular *WhatsApp*² foi criado por mim e passou a ser a principal fonte de contato com os pais da pesquisa. Conversas se desenvolveram ao longo dos anos de pesquisa, de “desabafos” a conversas mais teóricas, utilizando este espaço como uma espécie de zona autônoma (com suas limitações a princípio) para discutir algo que em outras situações da vida não viam espaço (em destaque a afirmação de dois dos pais).

O “desabafo” é uma das formas que o elemento **silêncio e as ausências** se apresenta ou neste caso, o momento em que o **silêncio** é quebrado, o desabafo é quando um “homem descarrega o peso da vida compartilhando com outro as suas dores” (Carlos, 13/4/22), como o desabafar de Carlos, Xavier, Adriano, Helder, Thales, Evandro e Lino que ocorreram convencionalmente em diversos momentos de nosso campo e convivência. Desabafos motivados por **silêncios e ausências** diferentes, mas que convergiram nas situações de como

¹ Um grupo do *WhatsApp* é um coletivo de contatos reunidos num mesmo chat, onde tudo que um postar pode ser visualizado e respondido por todos que participam do mesmo, porém estes só tem como identificar um outro integrante do grupo se o número do contato já estiver agendado no celular do primeiro.

² Aplicativo de celular, disponível no *Play Store* da plataforma *Android* para baixar e utilizar gratuitamente. O aplicativo serve para se comunicar via chat com outras pessoas que possuem o mesmo aplicativo. A comunicação pode ser feita via texto, arquivos de áudios, ligação, além de permitir o envio de links, imagens e outros arquivos, com um limite máximo para o tamanho do arquivo.

ser um melhor pai, homem e marido. Falou-se da incompreensão de determinadas perspectivas de ser homem e pai, incompreensões provenientes “socialmente” e vindas de suas companheiras e pessoas mais próximas.

Carlos, o homem trans, por exemplo, em seus desabaços e quebra de silêncio falou a respeito das violências transfóbicas que sofreu, normalmente praticadas por pessoas próximas. Portanto, a **ausência** de compreensão foi uma das formas pelas quais alguns dos pais chegaram ao **silêncio**. **Ausência e silêncio** para se falar de determinados assuntos dialogou também com o elemento **afeto** e **presença**. Em verdade, assim como os conceitos que aparecerão, todos os elementos do tripé se movem, podendo gerar novas combinações e configurações entre si. Individualmente ou no grupo, pessoalmente ou pela internet, marcando ou não um encontro, fomos estreitando as nossas relações.

A partir disso, alguns laços de solidariedade foram criados, e outros já estavam estabelecidos; boa parte deles constituídos na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pois de diversas formas estes (nós) fazem (fazemos) parte de uma rede de “amigos”/“conhecidos”. A partir de uma das entrevistas, me foi indicado que dentro desta “rede de amigos, conhecidos e estranhos” já havia um grupo de amigos, uma vez que a maioria deles já se conhecia. Outros grupos ou novas configurações deste mesmo grupo foram incluindo novos integrantes, ao que suponho ser resultado das interações ou mesmo “do corre”.

“O corre” é colocado por Thales em uma de nossas conversas como uma atividade que vai além do trabalho, como qualquer atividade remunerada ou não que, normalmente, é uma atitude voluntariosa que também poderia ser traduzida se for necessário enquanto “ajuda”, como quando eu e Thales ajudamos Carlos na sua mudança. Ele justifica essa ajuda dizendo que é “do corre”, exemplificando que alguém que é “do corre” quando está na casa de outra pessoa e vê uma louça suja, provavelmente vai se oferecer para lavar ou varrer a casa.

Desde seu início, no mês de fevereiro de 2020, o grupo sofreu oscilações de participação, entre um dia inteiro recebendo mensagens no grupo do *WhatsApp* ou a ausência de mensagens por semanas, ou mesmo um mês inteiro. Posteriormente, no mês de setembro

de 2021, o grupo de *WhatsApp* tornou-se mais participativo e gradativamente pareceu ficar ainda mais intenso, principalmente em relação aos interlocutores privilegiados, com quem eu também consegui obter mais respostas e conversas pela via de comunicação citada, tratando de diversos assuntos que, em sua maioria, se não se relacionaram diretamente aos interesses da pesquisa, a inter cruzou.

TABELA 1 - OS PAIS DA PESQUISA

Nome	Raça/cor/Etnia	Quantos filhos?	classe social	idade	Escolaridade	Profissão	Como mora ?	Estado Civil
Thales	Negro	1 filha	Média diferente	37	Mestre	Bolsista	Alugado	Solteiro
Adriano	Branco	1 filha	Média baixa	35	Superior completo	Autônomo/Turismo	Casa própria	Casado
Jonas	Mestiço	1 filho	Média baixa	34	Superior completo	Somelier de bebidas	Alugado	Solteiro
Helder	Preto	1 filha e 1 filho	Média	35	Superior incompleto	Diretor de criação	Casa de parentes	União estável
Bento	Índigena	1 filho e 1 filha	Média alta	34	Superior incompleto	Músico	Casa de Parentes	União estável
Lino	Pardo	1 filho e 1 filha	Média baixa	31	Superior incompleto	Desempregado	Alugado	Casado
Carlos	Pardo	1 filha	Pobre	25	Superior incompleto	Estagiário	Casa de parentes	Casado
Ivan	Pardo	2 filhas	Média baixa	33	Supeior completo	Vendedor	Alugado	Solteiro
Evandro	Negro	1 filho	Media baixa	32	Mestre	Cargo comissionado	Alugado	Casado
Denis	Branco	1 filha	Média baixa	26	Superior incompleto	Autônomo	Casa própria	Casado
Leandro	Índigena	2 filhos	Média baixa	37	Doutorando	Professor	Alugado	Casado
Naldo	Pardo	1 filho e 1 filha	Média baixa	37	Superior incompleto	Desempregado	Alugado	Casado
Nelson	Pardo	1 filha	Classe trabalhadora	34	Superior incompleto	Músico	Casa de parentes	Solteiro
Gilson	Pardo	2 filhas e 1 filho	Pobre	36	Técnico em cozinha	Sushman	Casa de parentes	Casado
Roberto	Branco	1 filha	Média	24	Superior incompleto	Não declarou	Casa própria	Solteiro
Xavier	Pardo	1 filho	Média	32	Supeior completo	Comunicador	Casa de parentes	Solteiro

Fonte: Arquivo Pessoal

Fazendo uma leitura do quadro apresentado acima, pode-se chegar a uma variedade de informações, sendo possível inter cruzá-las e fazer comparações a respeito das diferenças e semelhanças apresentadas através das questões: década em que nasceu, raça/cor/etnia, quantos filhos possui e qual suas idades, escolaridade, profissão e situação de moradia.

Aqui farei uma tabela mais simples para ser utilizada pelo leitor como guia durante o desenvolvimento do trabalho. Nesta estão divididos por maior ou menor participação, assim como alguns dados que já estavam na tabela anterior. Por participação deve-se entender como pessoas que, por diversos motivos, conseguiram conversar mais sobre os assuntos abordados, e alguns que não consegui conversar, porém, consegui vivenciar. E, ainda assim, por “menor” que tenham sido algumas participações, às vezes foram pontuais na pesquisa.

Mais uma vez gostaria de lembrar que a tabela anterior e a seguinte são preenchidas com as classificações dadas pelos pais a partir de suas próprias noções, no caso as categorias êmicas.

TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA PESQUISA

PARTICIPAÇÃO	NOME	RAÇA/COR/ ETNIA	IDADE	CLASSE SOCIAL	ESTADO CIVIL
Maior Participação	Helder	Preto	35	Média	União Estável
	Carlos (trans)	Pardo	25	Pobre	Casado
	Lino	Pardo	31	Média baixa	Casado
	Thales	Negro	37	Média diferente	Solteiro
	Adriano	Branco	35	Média baixa	Casado
Média Participação	Bento	Indígena	34	Média Alta	Casado
	Xavier	Pardo	32	Média	Solteiro
	Evandro	Negro	32	Média baixa	Casado
	Ivan	Pardo	33	Média baixa	Solteiro
	Naldo	Pardo	37	Média baixa	Casado
	Jonas	Mestiço	34	Média baixa	Solteiro
Menor Participação	Nelson	Pardo	34	Trabalhadora	União Estável
	Leandro	Indígena	37	Média baixa	Casado
	Gilson	Pardo	36	Pobre	Casado
	Denis (trans)	Branco	26	Média baixa	União Estável
	Roberto	Branco	24	Média	Solteiro

Fonte: Arquivo pessoal

As idades variam entre 24 e 37 anos (no início da pesquisa), doze destes nasceram na década de 80, entre 1984 e 1989, os outros quatro nasceram entre 1990 e 1996 (inclusive os

dois homens trans). Todos se consideram **jovens**³ e identificam pelo menos três **gerações**⁴ presentes no grupo, todas próximas. A primeira e mais antiga dessas seria a dos homens nascidos na década de 80; uma geração intermediária (Lino se identifica com esta) situa-se no início da década de 90 e a próxima, nos anos seguintes da década de 90. No caso de meus interlocutores, a partir de 1995. Porém, o tempo não é o único fator ou mesmo determinante na identificação de gerações, os usos da tecnologia e outros também são levados em consideração e da mesma forma não são determinantes.

Oito dos pais têm um filho, enquanto os outros sete pais possuem dois filhos (dentre meninos e meninas), e um deles possui três filhos (um destes filhos não possui ligação genética). A idade dos filhos varia entre menos de 1 ano e 10 anos (em 2021). Com exceção da criança mais nova, todos os outros são nascidos nos anos 10 do século XXI. Somente dois dos homens, Lino e Thales, consideram que os filhos foram planejados, porém, não de maneira “consciente”. Lino fala que tinha vontade de ser pai e sua companheira de ser mãe. “Não que eu tenha botado na ponta do lápis, mas eu deixei acontecer” (Lino, 12/11/2021). No caso de Thales, que tem uma filha adotada, afirma que foi planejada, uma vez que conversando com a mãe de sua filha chegaram à conclusão da adoção. Todos os outros não

³ Nas conversas e discussões com os interlocutores percebi a definição de “jovem” como um estado mental pelo qual a pessoa em questão se encontra, que a juventude não tem relação com a idade, que se pode encontrar velhos de 20 anos ou jovens de 60. Outro ponto interessante colocado é que a juventude estaria ligada a uma “abertura pra vida; a gente vai envelhecendo quando vai se maquiando... A juventude tem a ver com ir pras coisas à espera, se dando o luxo de ser inocente” (Helder). Este é o conceito de “geração” definido na próxima nota de rodapé pelos interlocutores, ainda pretendo melhor defini-lo, inclusive teoricamente, porém neste momento avalio não haver espaço suficiente para tal, diante de conceitos que julgo mais pontuais para o trabalho.

⁴ Quando perguntei aos pais o que seria uma geração, eles fizeram recortes temporais, de consumo e mesmo de gostos. Uma geração, segundo alguns pais, não seria definida somente por um corte no tempo, mas também por coisas que consomem em comum em diversos sentidos “talvez geração também tenha a ver com aquilo que se gera”. Após esta frase, Thales desqualifica a ideia da separação das gerações de acordo com uso da tecnologia pura e simplesmente, afirmando que tem vizinhos da mesma idade que não tem acesso à tecnologia que ele tem, mas descartou-se a tecnologia como talvez um dos marcadores das gerações. Também afirmaram que tem a impressão de que a distância entre as “gerações” estão menores, e que as gerações mais novas estão vindo com maior abertura para discutir e entender questões consideradas mais polêmicas por gerações mais velhas, como por exemplo, gênero e sexualidade. Bento, Lino e Helder identificam entre seus filhos e amigos deles, discussões e identificações destes com bissexualidade, homossexualidade sem grandes tabus por partes dos amigos dos filhos. Além disso, Helder afirma que “as novas” gerações estão mais potentes no poder de absorção de informação e que a divisão de geração estaria ligada ao contexto vivido por elas, dizendo que a separação de gerações estaria ligada ao “que chega na pessoa e qual a visão de mundo dela. E a visão da geração mais nova é mais plástica que a nossa, a gente ainda é muito cabeça dura e eu vejo isso todo dia”. Sobre as outras gerações mais novas, as falas tem um tom de admiração.

foram planejados “só aconteceu”, pelo não uso de preservativo ou pela “falha do anticoncepcional” (Hélder, 12/11/2021).

Em termos de classe social, sete dos pais declararam-se de classe “média-baixa” (termo êmico). Um deles, após usar o termo anterior, se corrige e diz “classe trabalhadora” (Nelson, 14/02/20); quatro deles declararam-se de “classe média” e outros quatro declararam-se de classes populares, um deles usa o termo “pobre”, e somente um deles se declara de “classe média”. Quando estava preenchendo a tabela deixei exposto aos meus interlocutores que gostaria de registrar os termos que utilizavam no cotidiano e não necessariamente o que eu estava sugerindo a partir da teoria, como usar o termo “camadas” populares, médias e altas, a exemplo do uso proposto por Gilberto Velho, em *Nobres e Anjos* (1998). O termo mais comum utilizado emicamente foi “classe média-baixa”, dentre os que assim se declararam. Um deles se declarou “classe média diferente”, explicando que tinha um estilo de vida diferente, ainda vivendo em um bairro de camadas populares por opção.

Oito dos dezesseis pais declararam-se pardos (um destes “mestiço”), três do total se declaram negros/pretos (um deles declara-se “preto”), dois indígenas e três homens brancos. Um dos que se identifica “indígena”, assim o faz por desconfiar de suas origens (Bento, 12/01/21), mas não possui certeza quanto a isto. As questões sobre raça/cor/etnia chegam a ser discutidas no grupo de *WhatsApp*, inclusive falando sobre a cobrança social do pai ter a mesma cor que o filho, além de outras características onde os pais e filhos se assemelham.

Em relação ao grau de escolaridade dos dezesseis pais, oito deles possuem superior incompleto, sete possuem curso superior completo, um deles têm ensino médio e técnico na área de cozinha. Dentre os que possuem ensino superior, três são mestres, dentre estes últimos um é doutorando, todos os graduados são das áreas de humanas. O que possui o ensino médio e técnico é Gilson, amigo meu do ensino médio, daqueles próximos e que manteve conversas via redes sociais, mas participa pouco no grupo por falta de tempo.

Temos, dentre os dezesseis pais, um estagiário, dois “desempregados”, um sushiman, um “cargo comissionado”, quatro autônomos (dois músicos, um dono de empresa turística e um com várias atividades), um professor de filosofia, um diretor de criação, um *sommelier* de

bebidas, um vendedor/gestor, um bolsista, um jornalista e um deles não declarou qual a sua profissão. Pelo que entendi das conversas, somente quatro deles têm ou tinham carteira assinada quando os interroguei sobre estas questões. Um dos rapazes falou que nunca teve sua carteira assinada durante a vida profissional.

Fazendo uma análise mais coletiva destes pais, posso dizer que há muita diversidade no grupo e, ao mesmo tempo, muitas semelhanças. As diferenças acredito que se devam a minha busca direcionada por homens com marcadores sociais diferentes de mim, ou seja, branco, cis, de uma classe “média-baixa” e, até então, hétero. Posso dizer que consegui uma maior diferença em relação a minha pessoa no que diz respeito à “raça/cor/etnia”, além de diferenças que vão além da tabela apresentada, mas com a ajuda desta penso as interseccionalidades da nossa rede. A seguir, apresentarei uma breve descrição sobre cada um dos interlocutores, registrando os seus pseudônimos, uma vez que não utilizarei seus nomes com a intenção de preservar as identidades. Direi se é um homem cis ou trans, a idade, sua raça/cor/etnia, se é pai de menino ou menina, a ocupação, situação de moradia, classe socio-econômica e algumas questões que surgiram com cada um deles durante as nossas interações virtuais ou pessoalmente. Há situações em que não repito informações que apareceram na escrita anterior, por exemplo, orientação sexual que julgo ser um dos assuntos delicados e dentro dos silenciamentos. Os homens trans se disponibilizaram para falar sobre o assunto, enquanto entre os demais pais era um dos assuntos “invisíveis” ou que não lhes interessava.

1.2 Pai, na prática: o perfil dos pais da pesquisa

Neste item apresento dados detalhados contidos nas tabelas 1 e 2 sobre os pais da pesquisa, organizados por ordem alfabética, contendo se são homens cis ou trans, suas idades, orientação sexual, estado civil, filhos, onde moram, a qual classe pertencem, o tipo de trabalho que exercem, a zona da cidade em que moram e demais informações sobre os pais da **nossa** pesquisa.

Adriano é um homem cis de 35 anos, heterossexual, tem uma relação estável, uma filha de 2 anos, mora com a mãe de sua filha, que é quem passa a maioria do tempo com a

filha, uma vez que Adriano precisa viajar para trabalhar; Declara-se de “classe média baixa”, possui curso superior na área de publicidade, tem um trabalho autônomo. Mora em casa de parentes na zona centro-oeste da cidade de Manaus. Conheci-o durante a graduação, há mais de 10 anos, e ali convivemos de maneira amigável, moramos posteriormente juntos numa casa que dividimos com mais um amigo e sua atual esposa e mãe de sua filha. Considero uma das amizades mais íntimas e duradouras dentre as pessoas que estão no grupo.

Bento é um homem cis de 34 anos, é heterossexual, “indígena”, é “casado”, tem uma filha de 10 anos (filha de outra mãe/mulher) e um filho de 2 anos (filho de uma segunda mãe/mulher). Não mora com nenhuma das mães de seus filhos, possui com a mãe de sua filha uma relação saudável, a mãe fica com ela na maior parte do tempo. Mora na casa de parentes, possuindo um apartamento em terreno de uso comum. Declara-se como parte de uma classe social “média alta”. Tem curso superior incompleto. É músico autônomo. É interessante a questão da autoafirmação de Bento enquanto “indígena”, pois quando pergunto se consegue localizar a sua etnia, afirma que ser “indígena” está relacionado a sua própria aparência herdada da mãe, assim como a questão da ancestralidade relacionada à sua identidade. Bento, uma das pessoas que encontrei em momentos diferentes da vida, lembro de talvez o ter conhecido numa academia de musculação há mais de 15 anos, porém nunca tivemos contatos além daquele local. No período em que trabalhei em bares de eventos musicais, passei a ter maior contato com ele. Desde então, passamos a ter amizade e a conviver durante toda a pesquisa de campo e mesmo posteriormente.

Carlos é um homem trans, pardo, de 25 anos, é “casado”, pai de uma menina de 3 anos que está inserida no espectro do autismo. Faz parte das camadas populares; trabalha de maneira autônoma, com trabalhos na internet e ensinando outras pessoas a como empreender da mesma forma. Sua ocupação anterior foi como estagiário. Durante o período da pesquisa, Carlos morou a maioria do tempo em lugares alugados. Após sofrer dois acidentes de moto, retornou à casa da mãe que o adotou. Carlos foi adotado quando tinha 5 anos por seus vizinhos da época, relata que o adotaram porque chorava muito em casa, ficava sozinho e sem cuidados.

Denis é um homem trans de 26 anos, branco, está em uma “relação estável”, tem uma filha de 5 anos, é autônomo (dentre suas ocupações, está a de dar aulas particulares de inglês), é de classe social “média-baixa” e mora em casa própria. Conheci Denis por intermédio de Carlos, posso dizer que Carlos, até os momentos iniciais da pesquisa, era um dos pais a que o acesso era difícil, mas ainda assim conseguimos manter algum contato, diante da afirmativa dele em querer “ajudar” na pesquisa. Posteriormente, consegui fazer-lhe uma visita onde pudemos conversar mais sobre as questões de paternidade. Denis gerou sua filha mediante inseminação artificial. Relatou que na época relacionava-se com outra mulher que o abandonou dizendo que o filho que estava gerando seria somente dele. Conta com uma rede de apoio constituída em especial por seus pais, assim como o apoio deles no que diz respeito ao seu processo de transição.

Evandro é um homem cis de 32 anos, “negro”, é “casado”, tem um filho de 6 anos, é mestre na área de humanas. Trabalha na sua área de formação em cargo comissionado. Mora em casa alugada e faz parte das classes populares. Evandro foi o pai “negro” que me foi indicado por Thales, quando descrevi, em minhas redes sociais, o pai que buscava a princípio, priorizando inicialmente negros/pretos, indígenas, trans, gays e demais possibilidades com marcadores sociais de diferença. Evandro foi um dos contatos que, posso dizer, fizeram parte do grupo dos “completamente estranhos”, mas que tem produzido reflexões sobre paternidade e até dividido angústias pessoais em algum momento de nossa interação.

Thales é um homem cis de 37 anos, heterossexual, “negro”, tem namorada, tem uma filha adotiva (e não registrada) de 8 anos (adotou-a quando tinha 1 ano), teve relação com a mãe em outro momento e em algum tempo posterior a esse adotou a filha. No início da pesquisa até o ano de 2021 trabalhava em cargo comissionado e, no final do segundo semestre do ano 2021, passou a ser bolsista. Conheci Thales na Universidade, não me recordo exatamente em qual situação, nunca fomos muito íntimos, porém sempre nos encontrávamos nos corredores da Universidade, além de termos amizades em comum, da mesma forma que com a maioria dos outros pais. Thales possui um bom cargo e uma vida estável financeiramente, possui nível superior. Ao falar sobre sua classe social, destaca que faz parte de uma “classe média diferente” porque, apesar de possuir estabilidade financeira. Por ser

concurado, mora em casa alugada em área considerada vermelha⁵ “mais arrumada”, bairro próximo ao seu trabalho. Afirmou que poderia morar no “Parque Dez”, bairro da cidade de Manaus que ele acredita ser de classe média e alta, porém prefere morar no bairro onde residiu durante parte de sua vida. Thales afirma ser “do corre” e sendo do corre me ajudou em uma mudança que Carlos fez, onde pudemos estreitar os laços de relação.

Gilson, um homem cis de 36 anos, heterossexual, é “pardo”, é casado, tem 2 filhas (de 1 ano e a outra de 3 anos) e um filho “não biológico” de 10 anos. Fez curso “técnico em cozinha” e trabalha como “sushiman”. Mora com a mãe das crianças na casa dos pais dela na zona oeste da cidade de Manaus. Se declara parte da “classe pobre”. Sobre a questão raça/cor/etnia, ele prontamente respondeu “Pardo”, mas, em seguida, faz uma ressalva dizendo que não se declara “negro” porque julga que sua pele não seria escura o suficiente para tal, argumenta sobre sua ancestralidade e o fato de seus avós terem sido “escravizados”. Outro ponto importante é que o filho não biológico de Gilson, é o filho biológico de sua companheira e mãe de suas duas filhas. Ele ressalta que o menino é seu filho da mesma forma que as suas “filhas biológicas”. Conheci-o durante o ensino médio; naquele momento fomos mais próximos do que em qualquer outro, posterior a isto nos encontramos pouquíssimas vezes e nas vezes em que aconteceu foi por coincidência, porém sempre mantivemos alguma forma de contato através das redes sociais. Gilson, apesar de, na maioria das vezes, mostrar-se disponível para conversar sobre a pesquisa, é um dos que possui menos tempo livre para tal, e isto se deve a sua carga de trabalho excessiva. Quanto à “classe pobre”, foi o único que utilizou tal termo e justifica isto afirmando que trabalha o dia todo, paga as contas e não sobra dinheiro.

Helder é um homem cis de 35 anos, heterossexual, “preto”, tem um relacionamento não-monogâmico (é separado das mães de seus filhos), tem uma filha de 10 anos e um filho com 4 anos. Possui curso superior incompleto e é diretor de criação em uma empresa de Publicidade. Mora na casa de parentes na zona norte da cidade. Faz parte da “classe média”. Helder faz um dos relatos mais complicados em termos de relacionamento, envolvendo violência doméstica e tentativa de assassinato por parte da mãe de seu filho mais novo, com

⁵ “Área vermelha” diz respeito aos locais onde ocorre tráfico de drogas.

uma faca. Helder está entre os pais que conheci na Universidade Federal do Amazonas, além disso, também trabalhamos juntos. Já fomos muito mais próximos do que somos hoje, acredito que pelo convívio na Universidade (lugar onde o conheci).

Ivan é um homem cis de 33 anos, heterossexual, “pardo”, tem uma namorada e duas filhas meninas, uma de 8 e uma de 5 anos, é separado da mãe dos filhos. É vendedor/ gestor (autônomo), mora em casa alugada na zona sul da cidade. Faz parte da “classe média baixa”, tem curso superior completo. Uma das suas filhas possui necessidades especiais. Conheci-o na universidade, ele fazia parte de um grupo de amigos que estavam envolvidos com arte e conspiração, fazia malabares com bolinhas, com estes também andavam os fanzineiros e outros artistas. Ele é um dos pais com quem tive um contato inicial dos mais difíceis, pois tinha respostas curtas e sem desenvolvimento. Posteriormente, descobri que não estava num ambiente confortável, convidei-o para vir a minha casa jogar algo e conversamos melhor. Ali fomos de assuntos mais superficiais até a uma tentativa de suicídio que, no último instante, teria sido evitada por ser pai.

Jonas é um homem cis de 34 anos, bissexual, “mestiço”, tem uma relação não monogâmica, e um filho de 7 anos, é separado da mãe de seu filho e ela é a responsável pelos cuidados com a criança. Mora em casa alugada na zona centro-oeste da cidade de Manaus. Declara-se pertencente a uma “classe média baixa”. Possui curso superior completo. Trabalha como *sommelier* de bebidas. Conheci-o porque, na época em que namorei uma moça, ele morava no mesmo bairro que ela, havendo proximidade e presença em lugares comuns a nós três. O lugar onde morava era voltado para questões místicas e com alimentação vegetariana. Jonas passou por um processo de desfiliação, uma vez que descobriu que um dos meninos não possuía vínculo genético com ele, e decidiu-se pela desfiliação tendo como justificativa a pouca idade da criança e a falta de convivência, o juiz do caso concluiu que não havia vínculo afetivo. Antes deste momento da descoberta, Jonas vivia um relacionamento “não-monogâmico”, onde uma de suas parceiras tinha outros namorados e outra era assexuada (não gostava de ter relações sexuais). Ele entende-se como sendo bissexual, justificando que já ficou com homens. Ele também sofreu uma tentativa de esfaqueamento pela mãe daquele que posteriormente descobriria não ser seu filho.

Lino é um homem cis de 31 anos, é heterossexual, “pardo”, tem um filho de 9 anos e uma filha de 4 anos, mora com a mãe de seus filhos em casa alugada (verificar na tabela). Possui curso superior incompleto. Está desempregado. Quando perguntado sobre a questão “raça/ cor/ etnia” responde que tal questão é complicada, pois assim como na questão paterna não possui referências, mas acredita ser “pardo”. Quando empregado, trabalha como motorista ou auxiliar administrativo. Nos últimos 2 anos pude acompanhar, por ocasião de nossa amizade e pesquisa, que Lino mudou-se pelo menos três vezes. Essas mudanças se deram por motivos econômicos e também devido à distância da escola dos filhos. No final da escrita da tese, Lino está morando em uma cidade próxima a Manaus, trabalha como motorista no mesmo local que sua companheira, esteve com o salário atrasado por mais de 6 meses, em contrato firmado com o governo do Estado.

Leandro é um homem cis de 37 anos, heterossexual, indígena de etnia de outra região do país. Tem dois filhos meninos, um de 10 e outro de 4 anos, mora com a mãe de seus filhos. Leandro é professor da rede pública. Faz parte da “classe média baixa”, é doutorando e mora em casa alugada na região do médio Rio Negro. É um dos integrantes que passou a fazer parte da rede de pais da pesquisa no final do primeiro semestre de 2021. Foi indicado a mim por meu coorientador, porém já o conhecia superficialmente, pois fizemos uma matéria juntos. É participativo (quando pode) e traz histórias interessantes sobre a perspectiva paterna. Demonstra dificuldade de comunicação via internet por conta da má qualidade da rede na região onde reside, o que me ajuda a refletir sobre as limitações da pesquisa por conta do acesso. Apesar da distância, as poucas vezes que conseguiu interagir com o grupo ou mesmo comigo, trouxe duas interessantes situações/contribuições. Uma delas dizia respeito à questão das acusações de abuso que aconteceram na comunidade onde mora: “Um pai também foi parar na delegacia porque estava banhando a filha, e a vizinha viu e denunciou, dizendo que ele estava abusando da menina. Ele estava dando banho na calçada da casa dele, como sempre fazia. E agora percebo que há um certo receio entre os pais, que seria melhor deixar a filha suja do que ser mal interpretado”. O segundo ponto que trouxe para refletirmos foram as relação e conversas que ele tinha com homens indígenas da etnia de sua esposa, que o criticavam por “ajudá-la” nas tarefas domésticas.

Naldo é um homem cis de 37 anos, heterossexual, tem um filho não biológico de 8 anos e uma filha biológica de 2 anos, declara-se “pardo”. Mora em casa alugada na zona oeste da cidade. Tem curso superior incompleto e está desempregado. Ele também fazia parte do grupo de pessoas que colaboravam com o espaço onde Jonas morava quando o conheci. Conheci Naldo na universidade, onde tínhamos uma rede de amizade em comum. Ele foi um dos pais convidados a participar da pesquisa no primeiro semestre do ano de 2021. Neste mesmo período me aproximei dele por interagir com sua esposa em uma rede social. O casal faz parte de uma religião que utiliza ayahuasca, fizeram uma visita em casa e me convidaram para beber o chá, assim conversei com Naldo sobre a possibilidade de participar da pesquisa.

Nelson é um homem cis de 34 anos, heterossexual, tem uma filha de 9 anos, a mãe de sua filha mora em outra cidade, a filha mora por um período com a mãe e outro com o pai, este ano está morando com o pai em Manaus. Declara-se “pardo” e inicialmente como “classe média baixa”, posteriormente, corrigiu-se afirmando que, na verdade, fazia parte da “classe trabalhadora”. Nelson possui “superior incompleto”, trabalha como músico autônomo. Mora na casa de parentes na zona centro-oeste de Manaus. Nelson foi convidado a participar da pesquisa já próximo do final do primeiro semestre do ano de 2021, pois em conversa informal, em uma situação aleatória, dialogamos sobre os cuidados de higiene com os nossos filhos e ele comentou que quando envolvia higiene e vagina da filha recorria à mãe da criança. Conheci-o na universidade em alguma roda de violão, numa espécie de pracinha que existia entre o ponto de ônibus e o hall do chamado “ICHL- Instituto de Ciências Humanas e Letras”, na época. Outro ponto interessante é que quando o conheci, possuía um porte físico, muito diferente do que tem hoje, era muito magro, passou posteriormente a fazer exercícios físicos e treinar jiu-jitsu.

Roberto é um homem cis de 24 anos, não sabe se autoidentifica como bissexual ou homossexual, branco, até então o mais novo dentre os participantes, tem uma filha de 2 anos, é separado da mãe e teve que mudar de cidade por motivo de trabalho. Mudou-se para Curitiba onde mora alugado. Não sei com o que trabalha. Conheci-o via um colega de antropologia, conversando sobre o meu tema, explicando a respeito de minhas dificuldades em conseguir pais homossexuais/bissexuais. Explicou-me que seu namorado ora

identificava-se como bissexual, ora como homossexual; este conversou com ele e Roberto aceitou participar da pesquisa. Só consegui trocar algumas palavras com Roberto após alguns meses do contato inicial com seu namorado (o colega da antropologia). Roberto explicou-me que trabalha pela manhã e, em seguida, faz um curso no fim da tarde e início da noite.

Xavier é um homem CIS de 32 anos, heterossexual, pardo, tem um filho de menos de 3 meses. Mora em casa alugada na zona centro-sul com a mãe do seu filho com quem não tem um relacionamento, além de amizade. Declara-se de “classe-média”. É jornalista, possui superior completo. Conheci-o na UFAM, há mais de 8 anos. Contou-me que costumava ter relações sexuais com a mãe de seu filho e que “aconteceu” de ela engravidar; por querer ficar perto do filho e cuidar, resolveu alugar uma casa nas proximidades. Dos pais da pesquisa é o noviço, pois o convidei para participar quando seu filho tinha 21 dias. Nesses seus primeiros dias fala com cansaço, sobre a falta de sono.

1.3 A Constante formação do pesquisador

O reconhecimento de um método de pesquisa com ênfase na proximidade que mantenho com os participantes em relações de amizade, em sua maioria universitários, e com uma gama de outras características que os relacionam e os diferenciam de mim é a tônica desta pesquisa. Essas diferenças incluem questões interseccionais, estilo de vida, diversos consumos, ações e hábitos, até a ter o hábito de pedalar, treinar boxe, consumir café em reuniões e demais situações que configuram a vida dos pais desta pesquisa, assim como a expressão de suas masculinidades que transparecem através destes elementos.

Esta é mais uma pesquisa que faço com pessoas, em sua maioria, próximas no que diz respeito ao que chamamos de amizades. Desta forma, todas as pesquisas que realizei até hoje são permeadas por muitos afetos, o que, por sua vez, demanda afastamento no fazer etnográfico. Inicialmente, busquei dentro dessa rede de amigos características diferentes ou distantes das minhas, como apresentado no Item “1.7 A questão da suposta neutralidade científica”. Nesse contexto, entre outros autores, explorei os trabalhos de Foote Whyte (2005)

e Velho (1978) discutindo o fazer pesquisa em seu próprio universo, no caso de Velho, e de tornar-se parte do universo, no caso de Foote Whyte.

Nesta tese, trato das performatividades vividas por jovens pais da cidade de Manaus, que fazem parte, em sua maioria, de uma **rede de amigos** que iniciou com meus amigos mais próximos ou mais íntimos que indicaram algum outro participante. Antes de iniciar o doutorado tornei-me pai, como já ressaltai e agora farei uma leitura destas performatividades de pais homens, **amigos** e **amigos de amigos**.

De forma introdutória, posso dizer que estes três momentos/títulos (Graduação e Mestrado) e potenciais títulos (doutorado e o que vier), assim como minhas produções, formaram-me e continuam formando-me. Entretanto, analisar somente esta parte seria justamente ignorar que a vida acontece em volta da formação do acadêmico/pesquisador, um contaminando o outro. Não poderia ousar afirmar, por exemplo, que o fato de eu estudar gênero exclui o machismo que reflito no mundo (percebo essa ânsia por parte das pessoas à minha volta quando converso sobre minha pesquisa)⁶. A pesquisa não passa a ser menos pesquisa por contaminar-se, mas é certamente o tipo de pesquisa que adotei quando fui fanzineiro e que utilizo, agora, enquanto pai.

Tornei-me pai e continuo sendo-o, uma vez que não se fica pronto nunca como tal, pelo menos assim eu julgo. No dia do parto de meu filho fiz um artigo, como relatei na introdução, falando sobre a situação dos acompanhantes das parturientes, não lembro de um dia mais estressante que aquele. Ali, havia uma certa imagem de “pai ideal”, à qual eu mesmo estava tentando me adequar ou performatizar. “**Proteger**” (**cuidar**) foi a minha primeira missão enquanto pai, dada por minha companheira assim que ele viesse ao mundo. “Quando ele nascer, fica grudado e não deixa ninguém o levar para onde tu não consigas ver”. Assim que nasceu, fui correndo atrás da enfermeira, vi a pesagem, fiz fotos inconvenientes para o momento. “Calma pai, tira foto quando estiver limpinho”, disse uma das enfermeiras.

Esta ansiedade acredito ter ligação não somente com o fato de ser “pai de primeira viagem”, termo que ouvia comumente de amigos ou mesmo de estranhos, ao responder que

⁶ Em minha perspectiva, penso que se espera de um pesquisador, que trata de questões de gênero, uma expressão de performatividades de um homem não machista, por exemplo, ou algo próximo disto.

seria meu primeiro filho. Além da ansiedade esperada do pai de primeira viagem, também havia o fato de não ter tido um pai (vivo), nem mesmo ter identificado alguém dentre os parceiros de minha mãe que pudesse assim o chamar ou considerar. Em verdade, acredito que tive muitas referências de como não ser pai, por meio de alguns exemplos e, através disso, fui construindo meu próprio ideal de pai, em especial pela ausência e daquilo que achava que não era um bom exemplo.

Não possuo problemas na exposição de parte de minha vida ou da parte dela que considero essencial para a pesquisa, assim como julgo fundamental falar das redes de relações existentes, mapeando também o lugar daquele que aponta (o pesquisador) e descreve as questões do trabalho, principalmente pelo motivo de ser o que a antropologia clássica poderia chamar de nativo. Alguém que influencia e é influenciado com maior ou menor grau, a depender de uma série de fatores, inclusive suas predileções pessoais, história, etc.

Não pretendo, mais uma vez, colocar-me como onipresente na pesquisa, achando que a minha voz ou mão é a própria voz ou mão dos colaboradores do trabalho. Geertz (1989) desenvolve a ideia de que a etnografia é produzida por várias mãos, sendo que no início do processo em questão a informação parte do nativo que seria a “primeira mão”, sempre:

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” — o sentido original de *fictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento... (Geertz, 1989, p. 11).

O problema da ordem, novamente, é complexo. Trabalhos antropológicos baseados em outras obras antropológicas (Lévi-Strauss, por exemplo) podem ser até de quarta mão ou mais, e mesmo os informantes frequentemente, até mesmo habitualmente, fazem interpretações de segunda mão — o que passou a ser conhecido como “modelos nativos” (Idem).

Já a ideia de “vozes”, é trabalhada por Strathern (2013) fazendo crítica à predominância da voz do antropólogo sobre as vozes que busca através da etnografia ou *fictio* (como citado anteriormente). A existência de “pontos cegos” no processo de interpretação das culturas na passagem de mão ou vozes desconsidera a subjetividade cultural. Vozes que serão ouvidas em alguns trechos como nas citações diretas que escolhi valorizar neste texto sempre que possível.

E, por isso, colocar-me-ei como um dos pais da pesquisa, principalmente, por considerar que minhas opiniões acerca daquilo que conversamos com os pais foram expressas, ouvidas ou lidas, e chegaram até aos outros pais. Estes, por sua vez, processaram as informações e trouxeram as suas próprias opiniões, na maior parte das vezes partindo de uma provocação feita por mim, seguida da minha própria opinião quando havia um **silêncio** inicial. Após isso, alguns dos pais costumavam falar ou escrever algo.

Outra questão que devo apontar em minha formação é a ideológica, pois a análise a seguir tem como base minha bagagem como cientista social e minha construção enquanto um “animal político” (Geertz, 1989). O Brasil viveu e morreu durante quatro anos, em meio a uma pandemia que devastou vidas daqueles que partiram e dos que sobreviveram, mas não sem trincos. Uma presidência nefasta no que diz respeito às conquistas e aos direitos sociais. Foi um momento de deterioração das políticas públicas voltadas para o benefício dos movimentos sociais, em especial as minorias. Podemos acompanhar um processo de aparelhamento de boa parte das instituições políticas, dentre elas parte da polícia e justiça, que antes da presidência de Jair Bolsonaro, levou à prisão o candidato que as pesquisas apontavam que seria o ganhador daquele pleito.

Tenho envolvimento com movimentos sociais desde o movimento estudantil, onde fiz parte de uma corrente humana de estranhos que puxavam outros estranhos pela camisa ou mochila, impedindo que alguém fosse preso ou agredido. Ao impedir que o futuro amigo fosse preso pela polícia durante um destes protestos, não precisava de motivos reais para que isso acontecesse, ou melhor, não era necessário que a polícia tivesse razão para prender alguém naquele momento. A intenção da polícia era desmotivar os estudantes através das detenções.

Sou um homem cis, branco, de 38 anos, me identifico com a “classe trabalhadora” em meus próprios termos. Em união estável, moro com minha companheira e filho, ele tem 5 e ela 30 anos. Ele é, sem dúvida, o principal motivo para ter escolhido um tema relacionado à paternidade. Sem passar por essa experiência, nada disso seria possível, nem a dádiva de ser pai, nem talvez o encontro ou interesse por esse assunto, uma vez que suponho que teria

optado por uma pesquisa que fizesse sentido para mim através da proximidade com os interlocutores e temas.

Proximidades e também distâncias possuem certa relatividade, pois um amigo íntimo pode se sentir à vontade para falar comigo sobre determinado assunto, assim como o tema pode ser aparentemente próximo como, por exemplo, no artigo em que trato da questão dos/das acompanhantes de parturientes. Apesar de o nascimento de meu filho ser algo muito íntimo (próximo), o ambiente de um hospital enquanto acompanhante não me era familiar, assim como não o era para os outros acompanhantes com quem conversei. Sem dúvida, aquele foi o evento mais visceral, íntimo e único de minha vida, enquanto homem, pai noviço, mas, também, como pesquisador.

1.4 Da academia para a academia

Meus percursos durante a vida me trazem referências quando tento buscar a origem das coisas que experimentei, assim como faço teoricamente ao tratar de conceitos e suas origens. As nossas pesquisas sociais, enquanto cientistas sociais, têm relação com a vida, não é? Com as nossas vidas. E aqui busco a relação entre como vi e tratei meu corpo em algum momento entre a adolescência e a vida adulta, na construção enquanto homem.

Por mais navegante que se pareça, a pesquisa também é feita de agência, mas costumo fazer uma analogia da minha pesquisa como alguém que navega em um rio, podendo você remar mais ou menos. Acredito que boa parte de minha vida como pesquisador foi guiada pelas correntezas, economizando energia para quando, na próxima bifurcação (ou braço de rio), pudesse fazer um esforço enorme e seguir a viagem. Navegando no sentido de que há a correnteza ou razões externas para que as coisas aconteçam na pesquisa e as razões internas do pesquisador que juntas dão rumo a esse navegar.

Nessa viagem encontrei pessoas em cada parada, fazendo visitas a amigos antigos, e mesmo se despedindo ou ignorando antigas amizades. “Amizades?!” deve inquirir o leitor, neste momento. Sim, amizades! Amizades construíram, de certa forma, a minha maneira de pesquisar, uma vez que se dão com pessoas mais ou menos amigas, com exceção do artigo já

citado sobre acompanhantes de parturientes que, se por um lado, não eram nem mesmo “conhecidos”, traziam uma carga de proximidade em relação aos afetos envolvidos naquele momento.

Fazendo um corte temporal e contextualizando-o, a memória me trouxe ao momento em que entrei na academia (universidade) para cursar ciências sociais, há cerca de 20 anos. Naquele período parei de frequentar a academia de musculação, pois acreditava que deveria investir mais na minha mente e menos no meu corpo. Tinha a impressão de que cada um desses eram avessos, uma questão que relaciono as influências do ocidentalismo, onde corpo e mente são coisas separadas. E mesmo que assim o fosse, não seria melhor entender a relação entre as supostas partes?

Na Grécia antiga, aquilo que era chamado de academia configurava-se como um espaço não somente para o aprendizado civil, mas também o lugar onde a aprendizagem corporal se fazia presente, onde os exercícios físicos eram relacionados à elevação do espírito. Segundo Malysse (2002, p. 95) “A academia é frequentemente apresentada como um local de aprendizagem e mesmo uma universidade do corpo: ao entrar ali, minha primeira impressão foi a de adentrar em uma grande usina de corpos”. Neste trabalho, desenvolvido numa academia no Rio de Janeiro, em sua etnografia a autora destaca a construção de corpos a partir de uma influência norte-americana, onde o corpo é pensado pela autora enquanto moeda de troca que negocia relações sociais. Uma economia que induziria a pensar o corpo enquanto uma obra de arte reconstruída nas academias de musculação.

Acredito que apesar do trabalho de Malysse (2002) ser uma referência quanto tratamos de estudos antropológicos, o artigo de Santos e Salles (2009) apresenta um recorte sócio-econômico conforme a localização da academia, ressaltando outros aspectos além da relação estética:

Porém, ao longo do estudo, fomos percebendo que os fatores que levam as pessoas às salas de musculação ultrapassam um simples esforço estético, ou seja, as pessoas procuram, ainda, qualidade de vida e construção de uma rede social, na qual se inclui a qualificação do pertencimento. (Santos e Salles, 2009, p. 99)

Estas reflexões acerca do meu corpo descrita a seguir e do uso que passo a fazer dele, levam-me até à reflexão sobre os corpos masculinos; tema discutido e desenvolvido no item 3.2 Pais e corpos masculinos? , onde retornamos ao texto de Malysse (2002). Até que ponto os músculos são necessários ao pesquisador? Exercitar o corpo ou exercitar a mente, o que é mais importante?

Quando escrevo preciso ficar horas sentado, o que não deve fazer bem para a saúde, e não farei afirmações baseadas em bibliografias médicas que não contribuem para a discussão diretamente e talvez nem indiretamente. Porém, supondo que isso causa lesões nas costas, não seria menos prejudicial possuir uma melhor estrutura muscular que sustentasse as costas ou uma melhor circulação sanguínea?

Um pesquisador não se constrói somente por meio de referências a serem relacionadas com o que foi observado, mas a base de muito sangue, suor, sacrifício e danos. Danos mentais, danos físicos. Neste trecho escrevo com uma espécie de tumor no dedo indicador, um dos poucos dedos que uso na digitação. Durante meu TCC senti fortes dores na escápula e fiquei com metade dos braços dormentes. Então, acreditando que o processo de cada um pode ser diferente, digo que a vida acadêmica me foi muito danosa e, ao mesmo tempo, também me ajudou a superar limitações que não acreditava serem possíveis.

Enquanto escrevo estas páginas, sinto-me num rito de passagem “deixando” a academia (universidade) enquanto estudante e retornando à academia de musculação, acreditando que nunca deveria ter parado nenhuma das duas em momento algum. Hoje, por necessidade, estética ou simplesmente saúde, viso ter longevidade para acompanhar o crescimento de meu filho, a quem faço questão de dedicar mais uma vez esta tese, explicando que a minha formação enquanto pesquisador, e acredito que de qualquer outro pesquisador, é a história da vida daquela pessoa. Assim como a neutralidade não existe nas ciências, acredito também que em nossa formação como pesquisador e cientistas sociais afetamos e somos afetados por eventos e pessoas, que nos fazem escolher os caminhos a serem trilhados ou mesmo criar um novo caminho. Caminho desenvolvido com meus orientadores e pais da pesquisa.

1.5 Tema da pesquisa e metodologia

1.5.1 Anonimato na pesquisa

Contei com a colaboração de dezesseis pais homens. Iniciei sua procura por meio de conhecidos, grupos da pós-graduação, publicações públicas no *Facebook* e contatos feitos pelo *WhatsApp*, inicialmente procurando homens negros/pretos, indígenas e trans, intencionando dar conta de diversos marcadores sociais de diferença.

Nessa tese opto, assim como o fiz na dissertação, pelo anonimato dos meus interlocutores, buscando dar qualidade e segurança aos participantes para falar (se for o caso e a pesquisa exigir) de questões relacionadas a, por exemplo: violência, sexualidade e demais assuntos considerados mais delicados pelos pais da pesquisa. Busco entendimento das reflexões teóricas sobre a questão do anonimato na antropologia tomando como referência autoras como Fonseca (2008) e Tornquist (2003).

A pesquisa apresenta a necessidade de pensar as questões éticas e políticas do anonimato, em situações onde foi questionado e/ou negado pelos próprios colaboradores da pesquisa e a negociação feita entre estes e o(a) antropólogo(a), responsável pelo texto final da pesquisa (Fonseca, 2008). Isto me ajuda a pensar nesse relativo anonimato⁷, dando a opção aos pais de escolherem usar seu próprio nome após ler o texto final, caso concordássemos que o texto não traria nenhuma exposição negativa da imagem. E isto, a princípio, me foi informado por um dos pais trans, Carlos, ao afirmar que “eu acho que pode botar meu nome mesmo”. Então, iniciei o diálogo explicando que, a princípio, discordava e acreditava que parte do que iria para o texto definitivo da tese poderia comprometer a sua segurança, mas que consideraríamos essa possibilidade quando o texto da tese estivesse pronto(e no fim manteve o nome fictício).

É necessário pensarmos os limites do anonimato e o destino que esta produção pode tomar, calculando suas possíveis falhas que poderiam comprometer/expor a imagem dos

⁷ E digo que este é relativo porque muitos se conhecem e fazem parte de uma mesma rede de amizades, a qual também pertencem.

interlocutores ou até mesmo algum grupo que este possa representar. Reforçar os cuidados faz-se necessário pensando inclusive em uma possível exposição midiática (Tornquist, 2003) de um dos pais desta pesquisa.

Falar sobre o anonimato dos pais com a intenção de obter mais informação sobre questões delicadas e íntimas, troca de nomes e subtração de algumas informações pessoais ou detalhes é o que considero mais adequado no momento. O único dos pais que entrou na pesquisa a partir do marcador de diferença “orientação sexual” aconteceu após o namorado dele e meu contato inicial dizer: “bom, já que tem esse formato de anonimato, eu falarei com ele”, referindo-se a Roberto. Consegui falar com Roberto algumas vezes, mostrou-se interessado e participou do grupo, mas, posteriormente, mudou seu número de telefone e não tivemos mais contato. Esse interlocutor foi um dos poucos que não era um amigo e, por isso, não tinha outro contato, o seu namorado passou a ser ex e não tive mais acesso a ele também. Os nomes dos pais são substituídos por pseudônimos, além da subtração de determinadas informações que poderiam identificar estes pais, pois fazendo uso das palavras de Cláudia Fonseca (2008, p. 45), entendo que nós antropólogos “... reconhecemos que o uso dos nomes fictício não garante o anonimato dos informantes” e que nos interessa na criação etnográfica “descrever o máximo possível sem criar situações constrangedoras para seus informantes”.

Dentre as questões que me preocupam está a exposição das identidades através de outras informações, como o trabalho que os integrantes da pesquisa fazem ou mesmo outras informações. Nesses casos, optei por representar por reticências no corpo do texto, como, por exemplo, a respeito da situação de Adriano que trabalha como entregador e tem um segundo emprego (...), o que faz com que passe dias fora de casa.

Mesmo seguindo as premissas de jamais identificar colaboradores... surgirão dúvidas sobre o que expor e o que omitir. Não há regras para questões dessa ordem, nas quais deve vigorar o bom-senso e a manutenção do selo do ‘contrato etnográfico’... Sempre é possível fazer uso sábio de dados de campo, ou seja, sem associá-los diretamente à fala ou ação de um ou mais colaboradores/as na investigação. Fato imprescindível quando adentramos na descrição e análise da zona cinza do rompimento de normas sociais ou legais com as quais podemos nos deparar em campo. Em outras palavras, ao nos referirmos, mesmo que indiretamente, a um/a dos/as colaboradores/as (Miskolci, 2011, p. 20).

Em sua pesquisa desenvolvida em Boston, Foote Whyte (2005) trabalha com um relativo anonimato de seus interlocutores, sendo que, com o passar do tempo e sucesso do livro, algumas identidades foram sendo reveladas, assim como a criação dos anexos A e B responde às críticas acadêmicas que punham em cheque a ética do seu trabalho por conta da proximidade e dos questionamentos por parte das pessoas do bairro da pesquisa e participantes.

Um dos trechos do Anexo chama-se “1. Antecedentes pessoais”. Neste, o autor fala de sua condição socioeconômica, sobre a escrita, sobre as leituras que o influenciaram e situações como a do tempo de faculdade que o levaram até o livro *Sociedade de esquina*. Dentre as experiências do último caso, o autor cita suas visitas aos distritos pobres da Filadélfia. E na literatura destaca a leitura da Autobiografia de Lincoln Steffens, afirmando que “Ele demonstrou que um homem com uma origem semelhante à minha poderia se afastar de seu modo de vida usual e ganhar um conhecimento íntimo de indivíduos e grupos cujas atividades e crenças fossem muito diferentes das suas” (Foote Whyte, 2005, p. 286). Pensando também nas possíveis distâncias e aproximações, sejam elas evidentes ou não, busco não me iludir com uma suposta proximidade facilitadora ou de um distanciamento dificultoso.

Helder, Lino, Adriano, Bento, Ivan, Thales e Carlos foram meus DOCS em algum momento da pesquisa, pois por vezes estão mais próximos ou se afastam com o passar dos anos, fazendo uma referência a William Foote White e o polêmico livro *Sociedade de Esquina* (2005). Nesse livro, o autor chama o seu interlocutor privilegiado de “Doc”, ou seja, era com ele que conseguia ir a fundo nas informações por passar mais tempo na sua companhia do que com os demais rapazes da gangue que se encontravam em locais e atividades específicas.

Percebi que meus interlocutores se aproximaram em alguns momentos e, em outros, se afastaram, por motivos diversos. O mesmo aconteceu com as minhas amigas que por momentos me aproximaram de alguns dos pais ou me afastaram, sem maiores motivações, simplesmente aconteceu e pude perceber isto com o passar dos anos em campo.

1.5.2 As dificuldades em campo e a subjetividade

Este é o meu campo de pesquisa mais difícil e espinhoso por vários motivos que vão desde as dificuldades que tive em estabelecer contato com parte dos pais através dos meios citados, passando pelas questões de gênero que julgo serem espinhosas e que, pela primeira vez, tem foco em minha pesquisa. Além disso, as questões pessoais relativas a fazer malabarismo nas minhas atribuições enquanto pós-graduando, pai e “marido” (ou companheiro, como queiram). Gostaria de neste trecho trazer analogias sobre as questões apontadas, imagens e sensações que me vem à mente quanto ao campo de estudo.

A dificuldade em estabelecer contato tem sido um exercício de paciência, insistência e recolhimento ao mesmo tempo, pensando que poderia estar sendo inconveniente, mesmo questionando isto dos pais e tendo a confirmação de que gostariam de colaborar. Em alguns momentos senti-me muito frustrado por não conseguir seguir a agenda planejada e pelos planos não acontecerem como havia pensado. Os imprevistos sempre se apresentaram em todas as minhas experiências de pesquisa, mas nessa se avolumaram de uma forma que me levou a uma sensação claustrofóbica como quando na escola algum dos amigos era derrubado no chão e um deles gritava “montiiinho”, levando outros colegas a deitarem um em cima do outro começando pelo que estava no chão até ter tantos que formava a imagem de uma montanha ou monte.

Nessa minha representação, os outros colegas são as perguntas de minha pesquisa formando um “montinho”. Os motivos para tal dificuldade foram desde o trabalho ou ocupações diárias que não deixavam tempo para uma ou outra conversa. Cheguei a marcar uma entrevista com alguns que não aconteceu por conta dos motivos citados. Suponho, com base em minhas experiências anteriores enquanto pesquisador, que uma vez marcada a entrevista presencial, as chances dela ser cancelada são menores, pois talvez (algo a ser pesquisado também) ao se deslocar de casa, o outro leve isso em conta e considere inapropriado cancelar a entrevista.

Quanto aos espinhos do caminho, me vem outra imagem, desta vez da infância (creio que tinha entre 7 e 9 anos), no período em que morei na cidade de Teresina-PI, na casa de

uma tia muito católica⁸. Isso ocorreu em decorrência de um tratamento de uma irmã e, enquanto minha mãe cuidava dela, na casa dessa tia havia umas rosas do tipo trepadeira que ficavam no canto direito frontal da casa, pela parte de dentro, sendo que ela cobria parte do chão e subia pelo muro. Era uma imagem muito bonita e temerosa ao mesmo tempo. Eu não lembro ao certo o que aconteceu, mas por algum motivo (acho que um brinquedo caiu no miolo da roseira) resolvi entrar nela, pisando com a pontinha do pé para não me machucar até que em algum momento me desequilibrei e caí de joelhos no meio das roseiras, enquanto meu primo apontava e ria. Depois dessa situação minha tia mandou retirar a roseira.

Nesta segunda imagem que exponho, hoje sou a criança de ontem enquanto pesquisador, com a ideia de que há muito pra aprender da vida, sobre seus riscos e prazeres, as roseiras seriam as questões de gênero que até chegar a tese, não era de meu interesse entrar nesta seara alheia, porém fui “obrigado” a fazê-lo uma vez que meus interesses se voltaram para compreender o **lugar de pai, homem e masculino**. A roseira poderia representar o medo de pisar num campo estranho ou mesmo a expressão do meu machismo ao reproduzir a ideia de que “estudos de gênero não é coisa de homem” (frase que ouvi de algum amigo no período da graduação que demonstrava aversão por esses estudos e acabou recuando quando se viu obrigado àquilo que criticava) ou mesmo a pergunta de colegas antropólogas no seu tom costumeiramente jocoso “O que você está fazendo no GESECS?” E, sem entender muito, seguia pesquisando, sentindo que adentrava um campo em que não era bem-vindo e até com certa influência da visão deturpada de “lugar de fala”⁹. Também há nessa imagem das roseiras

⁸ Tenho esta percepção e digo isso porque íamos à missa todos os dias, não sei ao certo o motivo, mas imagino que poderia ser uma promessa. Perguntei à minha tia que afirmou ser um propósito pessoal, observando que arrependia-se de ter agido de maneira forçosa, ao obrigar-me a ir à missa todos os dias. (eu não via dessa forma).

⁹ Uma autora contemporânea e nacional, Djamila Ribeiro, trata destas e outras questões envolvendo temas pontuais no movimento feminista e estudos de gênero. Sobre o “lugar de fala” entendo que há autoras clássicas que tratam do assunto, autoras que consultei durante a escrita da tese. Djamila Ribeiro (2017) explica “Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade... pensar lugar de fala é uma postura ética... (RIBEIRO, 2017, p. 46). Como observa a autora: “Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2017, p. 46).

e de a estar adentrando, a ideia de cometer um sacrilégio, pois apesar de não ser mais católico, é impossível negar as influências do cristianismo na minha formação enquanto pessoa.

Por fim, a terceira imagem me lembra uma fase já na universidade durante a graduação, momento em que estava fazendo fanzines e tentando encontrar-me dentre vários temas de TCC abandonados no caminho. Essa imagem é a de um de meus amigos que andava no mesmo grupo, que aprendia malabares, primeiro com uma bolinha, depois com duas, três... (e assim por diante) para adicionar uma outra bolinha levava dias ou talvez semanas até que a mente e o corpo fixassem os movimentos necessários para uma boa execução dos malabares.

Esta última imagem me traz a questão do como vim parar nos estudos de gênero, pois minha orientadora nunca impôs abordar diretamente a questão, e sim apontava questões de gênero que surgiam nos meus trabalhos anteriores, sempre me deixando à vontade para tratar as que me fustigavam. Até que oficialmente tornei-me pai e minhas questões deixaram de ser o fanzine e a performance dos fanzineiros, tratando desta vez das performatividade paternas.

Durante os estudos iniciais dessas paternidades, surgiu-me em campo a questão da **dádiva**. Dar, receber e retribuir, assim Marcel Mauss (2003) divide as três obrigações da chamada prestação total ou dádiva, um sistema de trocas onde as obrigações estão implícitas, o que me fez apresentar questões aos pais e também respondê-las como forma de retribuição. Expressei essa minha intenção ao grupo e percebi que, ao falar da minha situação enquanto pai, acabava por receber informações dos pais da pesquisa com mais facilidade. No início da pesquisa, quando não fazia isso, as conversas e respostas dadas eram mais sucintas, simples ou mesmo o silêncio era maior.

Perguntei ao grupo o que eles esperavam dessa pesquisa, explicando sobre a teoria da dádiva (Mauss, 2003), sendo que quatro deles responderam (Thales, Denis, Helder e Lino). Denis deu a resposta mais sucinta dizendo que não esperava retorno algum e que simplesmente gostaria de contribuir com meu trabalho na tentativa de conscientizar outros homens a respeito de suas responsabilidades com relação à paternidade.

Thales considerou as trocas como algo necessário, falou também enquanto pesquisador que deve colaborar lembrando que muitas pessoas já o fizeram quando ele precisou; citou que os nossos anos de convivência também foram fundamentais para que ele confiasse na minha pessoa e pesquisador para poder falar sobre sua vida; outro ponto que Thales destacou é que já tinha interesse pela questão de maternidade/paternidade de maneira solitária e que o convite para “participar da pesquisa foi um achado” (Thales, 21/07/2021) que contribui diretamente para si, assim como “participar do grupo” e estabelecer contato com outros pais e poder discutir assuntos relacionados.

Lino observou que esperava discutir sobre paternidade para além dos temas “relacionados a alienação parental e pensão” ou algum outro “clichê” que está sempre sendo discutido na mídia de massa ou mesmo por meio de estudos e dados reais. Faz uso, na sua fala, de uma analogia com um iceberg, onde as problemáticas citadas são somente a sua ponta, relativamente superficiais. Abaixo disso estaria uma quantidade muito maior de coisas a serem problematizadas e que não o são por serem gatilhos que revisitariam fragilidades e inseguranças que não tem a ver com o estereótipo construído socialmente do que é ser pai ou homem, mergulhando assim em águas mais profundas.

Helder observou que o retorno ou o que recebe de volta nesse processo de dádiva é algo imediato, uma vez que durante a sua rotina não tem a oportunidade de discutir as questões relacionadas as paternidades/masculinidades, e mesmo para expressar e perceber suas opiniões sobre o que é posto em discussão, assim como “no futuro ler o trabalho final e entender nesse contexto o que o grupo pensa” e talvez através deste estudo refletir sobre casos parecidos em Manaus.

Diante de minhas experiências como pesquisador nas ciências sociais, da graduação em Ciências Sociais e da pós-graduação em antropologia, creio que não posso afirmar que estou afetado, mas sim reconhecer que sou um pesquisador afetado. E se eu pudesse colocar em uma escala com graus de **afetação**¹⁰ (Favret-Saada, 2005), posso dizer que venho vivendo

¹⁰ O conceito de afetação é desenvolvido por Jeanne Favret-Saada, na obra “Ser afetado”(2005), onde ela expõe seu campo feito em uma vila francesa, no Bocage. Ela estuda a feitiçaria local e durante seu campo analisa também a relação pesquisador e o seu objeto de pesquisa, reflete como o pesquisador deixa afetar-se e também afeta aqueles envolvidos na pesquisa. Em algum momento deste processo a pesquisadora passa a ser identificada

um processo de afetação crescente desde a graduação, quando estudei sobre os fanzines e fanzineiros. No mestrado quando estudei a performance destes fanzineiros, quando elaborei um artigo sobre partos no dia de nascimento do meu filho, e na tese com o que julgo ser a pesquisa que mais possui afetação, afetos (de conhecidos meus) que construí em anos anteriores e afetos que são construídos (dentre conhecidos e estranhos) no desenvolver do campo e interações.

Essas afetações também estão presentes no meu campo por eu ser universitário e também por possuir esse recorte, pelo fato da maioria de meus interlocutores serem amigos/conhecidos, pelo fato de que todas as minhas pesquisas são feitas em minha cidade de origem, manaus. Assumindo-me, desta forma, como um pesquisador de perto e de dentro (Magnani, 2002), que tem consciência das necessidades do processo de afastamento que também me acompanha desde o início de minha vida como pesquisador.

1.5.3 “Pegando mal” no método de pesquisa

“E, ainda, como uma tentativa de esclarecer minhas ‘intenções’, ela também parece destinada a produzir novos conjuntos de mal-entendidos. Espero que ao menos eles se tornem produtivos” (Butler, 2020, p. 13).

Qual o esforço para se chegar ao entendimento? Quais outros afastamentos devemos fazer como pesquisadores para promover o melhor desenvolvimento da pesquisa? Qual a dimensão do campo e o que afeta ou não o pesquisador? As respostas para tais perguntas são complexas e poderiam inclusive nos levar para o campo da psicologia. No entanto, ao recortar e trazer para o nosso campo, e simplificando, as experiências vividas no meu campo e a reflexão delas vêm das relações vividas dentro e fora da universidade, permitindo que o campo dialogue com os interlocutores. Assim, o campo e a interação com os interlocutores se tornam fundamentais antes mesmo de considerá-los integrantes da pesquisa.

enquanto feiticeira e assim cria um elo com as pessoas que, de alguma forma, estavam envolvidas com feitiçarias, tendo acesso às informações que antes lhe eram negadas.

Algumas situações levaram-me a refletir sobre as contradições da universidade, que pode ser acolhedora e excludente ao mesmo tempo, incentivadora e desmotivadora, científica ou politicamente correta, empoderante ou humilhante. No meio de tudo isso, durante uma disciplina que cursei, ouvi de um professor que “pegava mal” usar o termo “raça” em uma pesquisa de antropologia. Entendo que a preocupação e o conselho do professor foram bem-intencionados, e agradeço, não apenas pela exposição dessa perspectiva sobre a academia e a antropologia, mas também pela oportunidade de refletir sobre isso.

Além deste evento, percebi que aparentemente também não “pegava bem” um homem fazer parte de um grupo de estudos de gênero. Da mesma forma, não me senti exatamente ofendido com a colega que fez o questionamento em tom de espanto (“o que você faz aqui?”), mas isso me levou a refletir sobre o meu lugar na universidade e o que estava disposto a fazer ali. São mais de 10 anos da minha vida dedicados exclusivamente à universidade, com o intuito de aprender a fazer ciência da melhor maneira possível. Devo “pegar bem” em detrimento da ciência? A raça é uma categoria de estudo da Sociologia, que aqui adotaremos como categoria êmica, em especial quando relacionada ao “racismo”.

Inicialmente fiquei espantado com a pergunta de um dos colegas. Por ter uma origem na biologia, entendo a sua surpresa ao dizer “mas de onde você tirou o termo raça?”. Expliquei que vinha da sociologia e de minha formação como cientista social, após isso veio o comentário do professor explicando que “pegava mal”. Lembro-me que após a publicação de minha dissertação na rede social, uma mulher negra, que tem forte relação com a militância negra, comenta “por que não: racismo?”. E se o recado era para mim ou não, levou-me a refletir sobre a mudança que fiz da minha dissertação para tese, substituindo o termo “discriminação racial” utilizado na dissertação por “racismo” agora nesta tese. Entendo que há diferença em seus significados, mas aqui considerarei “racismo” uma categoria êmica, onde os pretos/negros de nossa pesquisa entendem racismo como atos ou mesmo um movimento que proporciona discriminação racial ou mesmo eugenia.

Os incômodos pessoais que tive com a pesquisa também preciso destacar sem fazer disso um diário como o de Marcel Mauss. Antes de começar uma pesquisa, imagino que nem sempre se reflete sobre o peso que determinados assuntos ou situações vividas em campo

podem acarretar para a sua vida pessoal. Algumas informações me causaram um tal desconforto que me afastaram da pesquisa por diversas vezes. Costumo dizer que os pós-graduandos não tiram férias, entram em crise. E, no momento em que entrei em crise, deixei de fazer as coisas necessárias para a vida, cuidar, cuidar-se e produzir.

Apesar de acreditar na universidade como um espaço que pode revolucionar a vida de alguém, não é um local perfeito e nós precisamos também falar sobre isso, sem o transformar em combustível para um discurso fascista e anti-educacional. Acredito que nem mesmo o curso mais à esquerda na Universidade, considerando que são poucos, consiga ter um ambiente adequado quanto às relações e assédios morais.

Mais do que um campo minado, os egos na universidade são como bombas com detecção a laser (fazendo uma analogia) onde você nem precisa pisar para que algo exploda. A pós-graduação precisa ser tratada com urgência! Num lugar onde a regra é padecer de alguma forma (psíquica ou fisicamente) e isto é dito de maneira naturalizada, assim como a descrição de demais colegas em sala de aula e outras situações conflitantes.

1.6 Mídias digitais na pesquisa: etnografia *On* e *Offline*

Quando pensamos na informação e na sua velocidade, devemos também pensar nas transformações no processo de comunicação que deram origem às chamadas “mídias digitais”¹¹. O telegrama ou mesmo a troca de cartas (anterior ao telegrama), em algum momento foram considerados revolucionários por serem ágeis no ato de comunicar-se com outra pessoa. Porém, assim como o uso das mídias digitais não pode ser considerado universal, no caso das cartas também não o era porque a maioria da população não era letrada ou não tinha acesso ao serviço. Da mesma maneira, não se pode considerar a internet como algo a que todos possuem acesso (Miskolci, 2011).

O autor observa a necessidade de perceber as continuidades e as rupturas entre o passado e o presente, por meio de uma análise contrastiva com o que se dava antes do acesso

¹¹ “Mídias digitais são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se — ao mesmo tempo — à conexão e ao seu suporte material” (Miskolci, 2011, p.12).

às mídias digitais. A partir de suas reflexões, acredito que o ideal é que as mídias digitais deixem de ser vistas como algo revolucionário “em sua sociabilidade ganhando um papel melhor dimensionado, o de centro rearticulador de algo pré-existente” (Miskolci, 2011, p. 17).

Destacável, neste processo histórico da comunicação humana, é o atraso ou *gap* como exposto pelo autor:

Percebe-se que a invenção de uma nova forma de comunicação nem sempre equivale à data de seu impacto social e histórico, daí considerar que devemos priorizar a data de sua disseminação. Se o telefone é uma invenção de fins do XIX, é inegável que seu impacto em termos sociais só foi sentido a partir da popularização do acesso às linhas telefônicas muitas décadas depois... Trata-se de um *gap* histórico nada desprezível e que criou experiências sociais distintas (Miskolci, 2011, p. 10).

A disponibilidade de uma destas formas de interação não é o mesmo que ter acessibilidade ou o que causou impacto social. O telefone fixo, apesar de ser um invento do final do século XIX, no Brasil somente na década de 90 passou a popularizar-se (Miskolci, 2011).

Na década de 90, existiu um serviço de telefonia chamado disque-amizade ou 145 (número que discava para ter acesso ao serviço). Ao ligar tinha-se, via áudio, acesso a uma ligação em rede com algumas pessoas do mesmo DDD que participavam simultaneamente da conversa. Aglair Bernardo (1994, p. IV) desenvolve a sua dissertação refletindo acerca do “impacto das novas tecnologias em comunicação sobre o imaginário contemporâneo”. A autora define Disque amizade ou 145 como:

... um sistema de interligação múltipla que, semelhante a outros que existem atualmente em muitos países, reúne vários participantes, estranhos entre si, originários de pontos diferentes da cidade, que interagem apenas por telefone. O sistema em Florianópolis funciona do seguinte modo: são vinte e quatro canais que agrupam cinco linhas em cada um deles. Isto quer dizer que cento e vinte pessoas podem acessar o sistema ao mesmo tempo e “cair” em uma das linhas aleatoriamente. Essa característica, que é o fator aleatório, impede, por exemplo, que o usuário possa optar por uma determinada linha e marcar encontros através do “145” (Bernardo, 1994, p. 4).

Nenhum dos pesquisados de nossa tese teve contato com este serviço, no máximo ouviu falar sobre ele, mas cheguei a utilizar o serviço. Ocasionalmente, tinha notícia de algum amigo da rua que apanhou porque a conta do telefone veio com um valor muito alto, por conta do uso do “disque-amizade”. Ao questionar os pais da pesquisa sobre o disque amizade,

recordaram de outras vias de comunicação. Ivan falou do contato que teve com sexo, via telefone, quando era criança ou adolescente, ligava e dizia fazer uma voz grossa para enganar a mulher que vendia o serviço. Helder relatou que contatos parecidos se dão a partir do mIRC¹² e chat UOL¹³, que eram os chats mais populares da década de 90. Ou seja, já através do que Miskolci chama de nova mídia digital, neste caso o computador e a internet. Helder contou que uma prima conheceu um rapaz da região sul do país através do mIRC e que ligava para ele de sua casa. Isto causou um grande problema e também resultou numa “surra” na sua prima. Lino disse-me que o mais próximo do 145 que chegou foi ao chip 31 anos, da empresa de telefonia “Oi” onde era possível ligar para qualquer pessoa da mesma operadora sem que essa ligação fosse cobrada e fazer conferências de voz, conversando com pessoas simultaneamente, como no 145. Segundo Miskolci (2011) no Brasil a Internet é utilizada por seus usuários, na maioria dos casos, como forma de socialização.

No Brasil e em países da América Central, em relação à internet, houve um processo parecido. Nos Estados Unidos da América, a internet passou a ser comercializada em 1995, enquanto no Brasil, em 1997. Ainda que apenas dois anos após os Estados Unidos da América, aqui no Brasil era um serviço exclusivo para as classes de alto poder aquisitivo, do centro-sul, onde a conexão se dava via um servidor discado e do serviço de telefonia, ambos de valor elevado. Com o passar dos anos, esse serviço foi sendo utilizado pelas classes média e média baixa, não podendo ser considerado universal (Miskolci, 2011). Conforme o autor, “O já mencionado recorte de classe e escolaridade é fundamental para definir quem usa as novas mídias, mas a ele se juntam outros nada desprezíveis como geração, local de moradia, gênero e provavelmente o menos explorado: raça e etnia” (Miskolci, 2011, p. 10). No Brasil, o uso da rede de internet é muito maior entre aqueles que nasceram ou eram adolescentes na década de

¹² O mIRC era um programa gratuito utilizado para acessar o IRC (Internacional Realy Chat) “... bate-papo internacional que funcionava também ao nível local). A estes grupos quando ‘abertos’ (pode-se optar por ter um grupo ‘fechado’), qualquer pessoa tem acesso, bastando para isso que tenha o programa adequando ao IRC... Cada servidor do IRC se subdivide em cerca de 1000 outros canais, entre privativos e públicos” (Amaral, 2020, p.37). Neste, os usuários encontravam-se nos “canais” ou “salas”, onde ficavam expostos à lista dos apelidos ou *nicknames* dos seus usuários. Ao selecionar um desses nomes era possível iniciar uma conversa de texto ou mesmo comunicar-se via voz, como se fazia com o telefone fixo, porém pagando o mesmo valor para falar com qualquer pessoa do mundo (Amaral, 2020).

¹³ Este chat funcionava num site e tinha um mecanismo parecido com o do IRC (Internacional Realy Chat), onde os *nicknames* ficavam expostos e a partir da seleção de um destes poderia iniciar uma conversa.

90. Recortes “... de classe, renda, escolaridade e local de moradia, a diferença geracional se impõe como determinante quando se pretende estudar o uso de mídias digitais...” (Miskolci, 2011, p. 11).

Carlos muda frequentemente de celular... Leandro vive em local de difícil acesso à internet, mora num município do Amazonas onde o serviço é muito restrito... Evandro também tem dificuldade de acesso porque trabalha viajando nos interiores das cidades do Amazonas. Gilson pouco interage, por ter uma carga de trabalho (incluindo a ida e volta) extenuantes e no pouco tempo que lhe resta costuma interagir com sua família e quando há algo seu na Internet é relacionado ao registro das interações com seus filhos e companheira.

O momento pandêmico e político estão sendo considerados, uma vez que nos interessa expor as situações metodológicas e o contexto em que tal método está sendo aplicado. Quando as entrevistas e conversas da pesquisa passaram a ser feitas, em sua maioria, através da rede de internet, para evitar o contágio e propagação do vírus COVID-19, os encontros presenciais foram exceções à regra.

O antropólogo Jean Segata, em seu artigo “A pandemia e o digital” (2020b) trabalha a questão das dificuldades que envolveram fazer pesquisa durante a pandemia do COVID-19, ou nas palavras do próprio autor, os “desafios implicados na etnografia online em tempos de pandemia” (Idem, 2020b, p. 7). Segata (Idem, p. 8) define que...

Pandemia é um termo amplamente utilizado no universo biomédico para descrever uma tendência epidemiológica de ampla escala. A irrupção localizada de uma infecção, seja ela nova ou já conhecida, é descrita como surto. Quando a ocorrência se mantém por um certo período de tempo e se espalha entre certas populações ou extensões geográficas, é tratada como epidemia. No caso de uma pandemia, muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda a parte, entre as mais diferentes populações e territórios. Assim, uma pandemia pode tornar-se evento em escala global. Foi o que aconteceu com a Covid-19. Em menos de três meses, mais de 210 países e territórios confirmaram contaminações com o novo coronavírus, casos da doença e de mortes. Mas a escala global de um evento não significa que ele seja universal ou homogêneo. Esta é uma questão fundamental quando pensamos em ferramentas antropológicas para análises e respostas a um evento crítico desta natureza.

A ciência e o negacionismo são utilizados na disputa dos discursos, entendendo a pandemia também como um

... evento múltiplo. Os surtos que o constituem nunca são iguais. Cada um deles pode ter intensidades, qualidades, formas de agravo, prevalência e de contenção que são muito particulares. Há distinções socioeconômicas, culturais, políticas, ambientais, coletivas ou mesmo individuais que tensionam a homogeneidade do risco, da doença e do cuidado (Idem, p. 8).

O primeiro caso confirmado de COVID-19 aconteceu no dia 13 de março de 2020 e, desde então, diversos hábitos e esferas da sociedade foram impactados na cidade de Manaus, (Guimarães, 2020). Em abril deste mesmo ano, aconteceu o primeiro surto ou “onda” da COVID-19 em Manaus, o que levou ao colapso do sistema de saúde, onde todas as 346 vagas de UTI ficaram ocupadas (Prefeitura de Manaus, 2020)

Em 12 de março, um dos pais compartilhou um áudio sem identificação que contava sobre um funcionário de delegacia que estava no exterior, apresentou sintomas e teve que se isolar. Erroneamente, o tal funcionário levou pessoalmente o documento à delegacia, que culminou com a entrada em quarentena de todos os funcionários. O pai observou o seguinte: “acho que agora as coisas vão piorar realmente, o povo sentirá de perto” (Anônimo 1, 12/03/2024). Este é um dos pais que participou da pesquisa, mas saiu em seguida. De qualquer forma, autorizou a utilização de suas falas. Ninguém falou nada no grupo após os áudios e textos encaminhados por Anônimo 1. No dia seguinte, foi a data oficial do primeiro caso confirmado na cidade, Thales repassou um informativo da Sociedade Brasileira de Infectologistas com o seguinte texto: “galera, compartilho informações confiáveis sobre o coronavírus. É uma nota de ontem da Sociedade Brasileira de Infectologia. Algumas informações são dinâmicas e podem mudar” (Thales, 13/03/2020).

Mais de uma hora após o envio do documento por Thales, Anônimo 1 responde com o texto: “Somente Raul Seixas previu o coronavírus” seguido de um áudio com cerca de um minuto com um trecho da música “No dia em que a terra parou”:

Essa noite

Eu tive um sonho de sonhador

Maluco que sou, eu sonhei

Com o dia em que a Terra parou

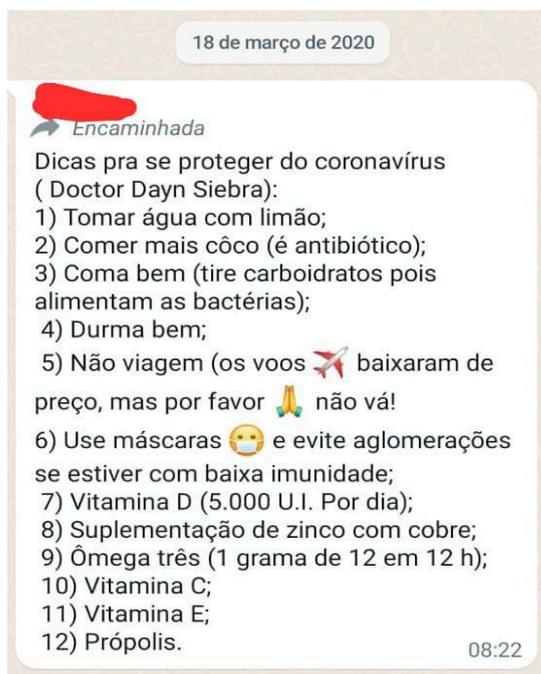
Com o dia em que a Terra parou

Foi assim

No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro
Resolveram que ninguém ia sair de casa
Como que se fosse combinado, em todo o planeta
Naquele dia ninguém saiu de casa
Ninguém
O empregado não saiu pro seu trabalho
Pois sabia que o patrão também não tava lá
A dona de casa não saiu pra comprar pão
Pois sabia que o padeiro também não tava lá
E o guarda não saiu para prender
Pois sabia que o ladrão também não tava lá
E o ladrão não saiu para roubar
Pois sabia que não ia ter onde gastar
No dia em que a Terra parou (Ê!)
No dia em que a Terra parou (Ô!)
No dia em que a Terra parou (Ô!)
No dia em que a Terra parou

O clima no grupo “Os pais tão on” era de falta de informação. Durante a pandemia os dias seguintes foram preenchidos de **silêncio** que se fez muito presente por vários momentos, durante a pandemia, inclusive com comentário dizendo que se estava evitando ver notícias sobre a situação e, ainda sim, isolando-nos, No dia 18 de março de 2020, 5 dias após o último contato (e anúncio do primeiro caso), Ivan enviou o seguinte texto presente na Imagem 1, que traz doze dicas de como se proteger do coronavírus:

FIGURA 1 - PRINT DA PANDEMIA



Fonte: acervo pessoal

No dia 24 de março de 2020. Anônimo 1, eu e Bento expressamos o **medo** que estávamos sentindo naquele momento. “Nunca pensei que ia tá dentro de um filme sinistro de epidemias. Que vida doida” (Bento, 24/03/2020. Anônimo 1 responde em seguida “Eu estava pensando exatamente a mesma coisa ontem.” (Anônimo 1, 24/03/2020). Bento citou o problema que estaria por vir, a lotação total dos leitos em UTI e o colapso na saúde já citado.

Em 26 de março de 2020, Adriano anunciou no grupo que com o processo de isolamento social que iniciou com parte da cidade, o seu trabalho relacionado ao turismo não estaria funcionando e, por isso, passaria a fazer entrega de pães pela cidade. Alguns dos pais do grupo, eu inclusive, costumávamos comprar os pães vendidos por Adriano. Até a nova onda da pandemia em dezembro de 2020, não se falou sobre o assunto pandemia, mas sobre assuntos relacionados à pesquisa ou mesmo questões do dia-a-dia. No dia 28 de dezembro eu citei que mais uma vez estava preocupado com a situação da COVID-19 na cidade. Bento, em seguida, afirmou que achava que ele, sua companheira e filha haviam contraído o vírus, pois estavam com febre, falta de paladar e demais sintomas que ele atribuía à doença. Thales trouxe ao grupo mais uma vez um .pdf informando os locais de atendimento em caso de

suspeita de COVID-19. Pouco foi dito no grupo, mas demonstrou a fragilidade social em que se encontrava, por exemplo, Dennis, o homem trans, de “classe média baixa”, que morava em áreas vermelhas e que passou por grandes dificuldades na pandemia.

Neste período, na questão do negacionismo versus a ciência, havia aqueles que queriam as vacinas versus aqueles que reproduziam *fake news* envolvendo as vacinas, negando a sua eficácia e vendendo cloroquina como a solução. Entre os últimos citados estava o ex-presidente Jair Bolsonaro que fazia propagandas de cloroquina e negava-se a comprar vacinas, defendendo o fim do isolamento social (Segata, 2020a). Conforme este autor:

Neste caminho, cabe reafirmar que emergências em saúde, como é o caso da Covid-19 e o amplo aparato que promete preparação e resposta a cenários avassaladores como o dela, precisam ser analisadas a partir de perspectivas locais, sobretudo firmadas no sul global. Doenças tropicais como o ebola, a dengue, a zika, a chikungunya ou a febre amarela, por exemplo, são desde muito tempo experiências crônicas nos países mais pobres. Elas apenas são convertidas em emergência de saúde pública de interesse internacional – PHEIC – quando batem à porta dos países mais ricos. Além disso, sob a rubrica de biossegurança, políticas e práticas de assepsia e de contenção confundem fronteiras culturais, biológicas e de Estado. Não é por menos que pobres, negros e indígenas – latino- -americanos, asiáticos ou africanos –, mas também os micróbios e outros patógenos sejam considerados uma constante ameaça à pureza dos países do norte (Segata, 2020a, p. 302).

É unânime entre os pais da pesquisa que o ex-presidente Jair Bolsonaro teve grande responsabilidade nas mortes ou ainda daquelas que poderiam ser evitadas diante de uma postura ou mesmo performatividade de homem ou masculinidade que nega o cuidado, a ciência, que se nega a usar máscaras, aquilo que os pais julgavam ser necessário à população naquele momento. Tudo isto, até que as vacinas começaram a ser aplicadas e o isolamento social diminuiu gradativamente. De qualquer forma, conversamos exclusivamente via redes sociais e, em especial, no aplicativo *WhatsApp* de nossos *Smartphones*.

O meio principal de nossa comunicação, além de encontros cotidianos inesperados (pós-pandemia), são os *smartphones*, modelo de aparelho celular que possui uma tela similar ao computador, porém a navegação é feita utilizando-se os dedos para deslizar pela tela mudando de página, digitar, tirar fotos, gravar áudios e trocar diversos arquivos. O celular pode ser usado para fazer as tradicionais ligações que, segundo os homens da pesquisa, é o que menos se faz. Navegar na internet, utilizar as ditas redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*), podendo nesta rede expor diversas formas de mídia e texto, assim como

comunicar-se via chat do aplicativo de android, o *WhatsApp*. No caso do grupo, este app foi nossa principal via de comunicação e mesmo a forma de comunicação que possuía individualmente com a maioria dos pais.

Pensar o quão presente os *Smartphones* estão em nossas vidas se faz necessário, uma vez que também é possível perceber, para além das necessidades cumulativas, o que se pode resolver por meio desse aparelho. Também é observável o quão mais próximo ou em contato direto com o corpo este celular tem estado na contemporaneidade, ao ponto de ser considerado uma extensão do nosso corpo, como observa Beatriz Lins (2020). Em artigo baseado na sua pesquisa de doutoramento, através da fala de suas interlocutoras, a autora afirma que “constantemente em posse física de seus aparelhos, elas o utilizavam para os mais variados fins, relatando com frequência sentir que estes seriam espécie de extensões de seus próprios corpos... ‘Meu celular é tudo’, disse Teresa... ‘Sem celular, me sinto sem roupa’, me contou uma delas. Com eles em mãos, minhas interlocutoras apresentavam” (Lins, 2020, p. 155) A autora nos traz interessantes reflexões sobre o fazer etnográfico contemporâneo onde a possibilidade de realizar uma etnografia virtual está presente.

Desde o final da década de 90, já se discutia entre os pesquisadores novas formas de fazer etnografia (Ortner, 1999). Entendo a rede de internet como um campo que tem “uma importante fonte de informação e aprendizado, além de um espaço de sociabilidade” (Marins, 2020, p. 2). O momento em que a cibercultura começa a ser discutida pela antropologia é considerado um marco apontando para as novas formas do fazer antropológico, como observa esta autora. Um dos preconizadores da ampliação do campo de pesquisa da antropologia voltadas às mudanças sociais em consequência das novas tecnologias foi Arturo Escobar (1994), no momento em que a chamada cibercultura passou a ter atenção aos estudos etnográficos. “Ao longo das duas últimas décadas, com a internet se tornando onipresente no cotidiano de grande parcela da população mundial, solidificou-se o campo da antropologia dedicado ao tema” (Marins, 2020, p. 2).

No Brasil, os pioneiros do campo de estudo da cibercultura são o Grupo de Pesquisa em Ciberantropologia (GrupCiber) criado em 1996, e pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

(PPGAS-UFSC). E, desde 2003, o Núcleo de Estudos da Modernidade (NEMO) passou a realizar pesquisas no campo da cibercultura, este último com sede no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Este campo foi construído inicialmente sob desconfiança e críticas de esvaziamento humano do trabalho etnográfico que, posteriormente, firmou-se como importante campo de pesquisa. Concluindo que as pesquisas poderiam ser *on-line* e *off-line*, e não do mundo dito real e de um não lugar, deve-se considerá-las como parte do cotidiano, levando em conta suas diferenças e a influência dos algoritmos nos resultados do que se pesquisa nas redes sociais. Como observa Marins (2020, p. 13), “Se, por um lado, a internet nos convida a ampliar nossa atenção em relação aos dados que construímos em campo, ela também apresenta instrumentos valiosos ao etnógrafo”.

Através do aplicativo *WhatsApp*, o grupo foi virtualmente constituído. Em algumas poucas situações utilizei o Facebook, geralmente para fazer contato com alguém que ainda não conhecia e por lá pedir o contato do telefone para adicionar ao grupo de *WhatsApp*, que foi nomeado por Helder (A ideia surgiu dele e ninguém se opôs) de “Os pais tão *on*”, fazendo uma referência justamente ao uso do ciberespaço no diálogo com os pais e na construção desta pesquisa. Assim como exposto por Cristina Marins (2020), senti um certo desconforto ou preocupação com o conteúdo exibido em meu perfil e com uma possível divergência ideológica/política que afastasse os pais de minha pesquisa, em especial aqueles que não conhecia. Diferente da autora citada, fui muito ativo no *Facebook* (e como a autora também no *Instagram*)¹⁴. No caso dos dois pais trans, o convite de adição nas redes foi enviado por mim.

Interessava-me, na situação das redes sociais, mesmo que de maneira inconsciente, como regular as impressões que poderiam ter de mim, sejam as “expressões dadas”¹⁵ como as

¹⁴ “Assim como o pesquisador observador silencioso ou *lurker* implica limitações e benefícios para os resultados da pesquisa, o chamado *insider* (Hodkinson, 2005) também compromete a narrativa etnográfica, com a inserção de elementos autobiográficos e seu pré-conhecimento e/ou participação da cultura observada” (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011, p. 193).

¹⁵ Corresponde à fala ou outras formas de comunicação de uso proposital, onde as pessoas envolvidas na transmissão das informações possuem uma leitura comum dos símbolos, considerada a forma mais comum de comunicação (Goffman, 2014).

“expressões emitidas”¹⁶ (Goffman, 2014) desta vez trazidas para o mundo virtual através das redes sociais e seus desafios de pesquisa. Quando falamos também no campo de pesquisa a partir desta ótica é preciso ter claro que em campo não só observamos, mas também somos observados e a apresentação da imagem do etnólogo é o seu primeiro desafio. “Só depois de tê-lo feito, poderá passar à sua confessada tarefa de procurar compreender e interpretar o modo de vida dessas pessoas” (Berreman, 1975, p. 125). E ainda sobre as ditas impressões, acreditamos, eu e autores, que “As tentativas de dar a impressão desejada sobre si próprio, e de interpretar com precisão o comportamento e as atitudes dos outros são uma componente inerente de qualquer interação social e são cruciais para a pesquisa etnográfica” (Berreman, 1975, p. 125).

Beatriz Polivanov (2014) trata deste controle de impressões dentro da rede social *Facebook*, ao trabalhar com a configuração e reconfiguração de identidades entre participantes da chamada “cena eletrônica” (onde os músicos são DJs). E ainda problematiza termos como netnografia ou etnografia virtual. Polivanov (2013) concorda e reforça a ideia de etnografia on-line e off-line e que a primeira também é um lugar de pesquisa etnográfica, apesar de ter suas especificidades como por exemplo, a própria noção de campo, tempo, espaço e identidade. Concluindo que o termo etnografia pode ser adequado não somente *offline*, mas também *online*, uma vez que os princípios etnográficos permanecem e também como forma de negar uma dicotomia entre os dois termos que colocariam um como “real” em oposição ao virtual.

Em etnografia realizada em cibercafés em Trinidad, os autores Miller e Slater (2004), desenvolveram, através do campo e análise, o quão relativo pode ser o conceito de *on* e *offline*, trazendo mais um elemento multifacetado para fazer parte da pesquisa e colocando a questão não como binária, mas como dito, complexa e contextual. Assim podemos exemplificar da seguinte maneira: Pensemos no celular de um dos pais, que tem conexão com a internet e que recebe a seguinte mensagem:

¹⁶ Podem ser conscientes ou não, ações que se pressupõem sintomáticas, mas que podem possuir uma multiplicidade de significados, seria uma forma de comunicação num sentido mais amplo.

“Amor: Oi amor, que horas você chega em casa?”

Ele responde meia hora depois, a esposa pergunta por qual motivo demorou pra responder, uma vez que o aplicativo do celular indicava que ele estava *online*. Ele argumenta que de fato o status no seu aplicativo era *online*, mas ele não estava atento ao celular, pois estava no bolso enquanto trabalhava. Ele estava on-line ou não? Num outro exemplo podemos pensar num casal sentado face-a-face, conversando e rindo quando brevemente pegavam seus próprios celulares, mostrando vídeo ou foto cômica.

Assim, farei uso do termo etnografia *online* e etnografia *offline* para destacar ao leitor onde o campo foi realizado, considerando suas diferenças, em especial nos dois primeiros anos de campo, em que o isolamento foi flexibilizado com o passar do tempo e pude, em algumas situações, encontrar alguns dos pais. Contudo, as conversas via *WhatsApp* foram predominantes, inclusive pela falta de tempo por parte dos pais, como um efeito pós-pandemia, que os levou a dedicarem-se mais ao trabalho.

1.7 A questão da suposta neutralidade científica

Pressupôs-se, em algum momento e a partir de uma herança positivista, que existiriam ciências mais ou menos puras que deveriam ser inevitavelmente neutras para que pudessem ser validadas como científicas. Segundo os mesmos critérios positivistas, a ciência deveria ser desprovida de uma ideologia. Porém, a própria ciência positivista demonstra o quão entremeada ideologicamente o é, apesar de seus princípios contraditórios colocarem como ideal o avesso, como observa Menezes (1978, p. 21):

Parece ter ficado claro que é maior a dificuldade de manter o ideal de neutralidade quando o objeto de estudo é o próprio homem, porque nenhum de nós consegue ser neutro diante dessa realidade e, querer sê-lo, já é tomar partido. Não há, portanto, como sair desse círculo de implicações?

Em algum momento de sua experiência como docente, Eduardo Menezes (1978) expõe suas impressões sobre a influência que a ciência positivista possuía entre alguns de seus colegas professores, o que levou o professor de Métodos e Investigação Social se perguntar se ensinar a seus alunos as ideias apresentadas pelo positivismo seria correto. Sobre seus colegas o autor afirma que “... alguns professores pregavam uma concepção bastante

positivista de ciência, houve um certo tempo, repito, em que acalentei esse ideal de ciência.” (Menezes, 1978, p. 15). O positivismo, enquanto uma ciência supostamente ideal, era apresentada por seus adeptos como uma ciência que “atinge o maior grau de rigor e precisão, de objetividade e neutralidade, e somente isso” (Idem, 1978, p. 15).

Os preconceitos ou influências positivistas a respeito das ciências sociais como uma ciência menos científica, por supostamente lhes faltar precisão, neutralidade e rigor, em algum momento foram absorvidos (Menezes, 1978). Preconceitos que enquanto cientista social, me pergunto se ainda não pairam dentro e fora da academia. Acredito que enquanto noviço, cometi estes e mais “pecados” na descoberta do fazer ciência e assim como o autor citado, passei não somente a questionar, mas também a mudar de ideia a respeito de preceitos meus e do meu meio social.

Durante o período de minha graduação sentia que qualquer texto poderia estar certo, até que eu pudesse ler uma crítica sobre e mudar de ideia novamente, aceitando as novas ideias que quebravam com aquele paradigma. Sem a base científica e literária, sentia-me muito volúvel, percebia o mesmo em alguns colegas. Creio que até hoje posso derrapar num erro teórico se não estiver atento ou mesmo quando atento, se me deixo seduzir pela escrita e ideias. Por erro teórico, refiro-me, por exemplo, a uma situação onde por meio de uma frase mal colocada pode-se invocar bases do evolucionismo unilinear ou de qualquer outra corrente teórica que já foi superada. Era trivial ver um colega empolgado com a recente leitura e descoberta de Max Weber, Karl Marx e Durkheim (somente como exemplo) autodenominado-se “Weberiano”, “Marxista” ou “Durkheimiano”. Assim como inversamente percebo que na pós-graduação uma auto rotulação teórica é evitada por docentes e discentes.

Os estudos metodológicos e pedagógicos de Menezes (1978) o motivaram a pensar de maneira diferente, trazendo-lhe a percepção sobre a questão da ideologia presente no pensamento positivista, e que esta, por mais que negasse a dimensão ideológica, estava encharcada dela. E, neste caso, em relação ao caos de positivismo dominante, seus cientistas eram “escribas a serviço do poder das sociedades ditas avançadas. Daí a sua obsessão de rigor e da neutralidade” (Menezes, 1978, p. 30). Seria uma compensação diante de uma evidente parcialidade?!

A questão da distância de um investigado do seu objeto de estudo é “Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais...” (Velho, 1978, p. 123). Distância que seria responsável, de acordo com essa visão tradicional, por manter a objetividade do trabalho, supondo-se por eliminação que o contrário, a proximidade com os colaboradores, não traria a suposta neutralidade ou imparcialidade considerada necessária. Sobre isto Gilberto Velho afirma: “A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada” (Velho, 1978, p. 123), referindo a anunciação do assunto a Howard S. Becker (1977), no artigo “De que lado estamos?”

Esse autor, que tem suas origens na escola de Chicago e no desenvolvimento e aplicabilidade do interacionismo simbólico, nega a possibilidade de “fazer uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas” (Becker, 1977, p. 122) e que a questão à qual devemos nos concentrar “... não é se devemos tomar partido, já que inevitavelmente o faremos e sim de que lado estamos nós”:

Podemos sentir algumas vezes que os estudos de desvio mostram uma simpatia muito grande para com as pessoas estudadas que se reflete na pesquisa realizada. Esse sentimento, suspeito eu, é nutrido intermitentemente tanto por aqueles dentre nós que fazem tal pesquisa quanto por aqueles que, trabalhando em outras áreas, somente leem os resultados. Irá a pesquisa, perguntamo-nos, ser afetada por essa simpatia? Será ela útil na construção da teoria científica ou na aplicação do conhecimento científico aos problemas práticos da sociedade? (Becker, 1977, p. 123).

A ideia e a palavra de origem inglesa, *bias*, é apresentada pelo autor e pode ser traduzida contextualmente como uma inclinação ou tendência. Neste caso, o pesquisador, ao captar a perspectiva do seu objeto de pesquisa e, no caso dos estudos sobre desvio, em especial dos chamados “subordinados” que se relacionam como os superiores. Uma relação hierárquica, hierarquia de credibilidade, que questiona o posicionamento do pesquisador ou simpatia dele para com o seu objeto de estudo que, por vezes, como dito, é o “subordinado”. Uma vez que o contrário ocorra, ou seja, a acusação que determinada parcialidade na escuta

de um dos lados traria prejuízo, isto não ocorre quando o objeto de pesquisa é o “superior” (Becker, 1977).

A possibilidade de responder aos anseios das partes interessadas em serem ouvidas na pesquisa são colocadas por Becker (1977) como uma questão de recorte do trabalho e seu objetivo, delimitação que se faz necessária para a objetividade do trabalho. Não excluindo a possibilidade de, por exemplo, ouvir mães falando sobre masculinidades e paternidades a partir de suas perspectivas, o que não é o caso neste trabalho, mas considero a perspectiva em publicação futura.

Quanto aos interesses presentes na pesquisa, conclui-se que é prioritário a decisão do pesquisador e o foco em seus objetos “... qualquer que seja o ponto de vista que adotarmos, nossa pesquisa irá satisfazer os padrões do bom trabalho científico, que nossas inevitáveis simpatias não tornarão nossos resultados sem validade” (Becker, 1977 p. 133), como na pesquisa entre amigos.

No Brasil, antropólogos nacionais e internacionais, a partir da década de 70, acompanham a mudança de foco das pesquisas no país, voltando progressivamente seu interesse para pesquisas acerca de sistemas e redes de relações. “Os antropólogos começaram a se aproximar cada vez mais, entre outros movimentos, de seus universos de origem... foram se defrontando com situações próximas e mais ou menos ‘conhecidas’ ” (Velho, 2003b, p. 12). Gilberto Freyre é apontado por Gilberto Velho (2003b) na totalidade das obras do primeiro como “precursor na investigação de seu próprio meio” (Velho, 2003b, p. 12), que Sobrados e Mocambos “passou a ser visto como pioneiro na pesquisa das relações entre diferentes categorias sociais do meio urbano”.

Ainda sobre o período anteriormente citado, os pesquisadores no Brasil passaram a fazer contato com diversos grupos e locais por meio de outras pessoas que já faziam parte de suas relações mais ou menos íntimas (Velho, 2003b). Inclusive Gilberto Velho, ao iniciar o que chamou de sua “experiência pessoal” (Velho, 2003b, p. 12), enquanto pesquisador, mostrou que, apesar da proximidade espacial de seus novos vizinhos do apartamento de Copacabana, e de estar no mesmo bairro que já vivia há mais de 16 anos, possuía uma

distância relacional destes mesmos vizinhos. Essa pesquisa resultou em sua Dissertação de mestrado que, por sua vez, foi publicada como o livro *A utopia urbana* (1989). Nele, o autor começou a refletir sobre questões como familiaridade e distâncias; a pensar o familiar e estranho ao pesquisador durante o desenvolvimento da pesquisa. Diferente de sua tese de Doutorado que resultou na obra *Nobres e Anjos* (2003b), onde o autor desenvolve sua pesquisa a partir de seu próprio círculo de amizade e meio:

Na verdade, transformei parte significativa de minhas redes de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia . Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo investigado (Velho, 2003b, p. 15).

O trabalho que se tem ao estudar os amigos é um desafio que traz problemas, muitas vezes e inevitavelmente pessoais, porém também traz suas vantagens e benefícios advindos das relações de amizade e “Felizmente, creio que nunca tive ideias onipotentes e equivocadas de estudar amigos e conhecidos como se fossem formigas. Havia uma consciência de desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações que constituíam minha visão de mundo” (Velho, 2003b, p. 15).

Enquanto em suas experiências de pós-graduação Gilberto Velho fez suas pesquisas entre amigos, a sua orientanda, Rezende, fazia amigos na Inglaterra e Brasil, desenvolvendo através destas novas amizades os seus estudos. Foote Whyte (2005), anterior aos autores citados, fez um trabalho em Boston, onde estudou uma gangue de rapazes imigrantes italianos que preocupava a cidade em decorrência da Segunda Guerra Mundial. A proximidade do autor é criticada, em especial sua relação com *Doc*, seu informante privilegiado.

Quando questionado sobre sua relação com *Doc* e uma suposta dívida do autor para com esse interlocutor, Foote Whyte (2005) respondeu que isto não seria possível, uma vez que o mesmo continuava a tratá-lo como amigo, inclusive na última vez em que o viu. O autor se considerava um amigo íntimo de *Doc*, Myke e Dany, isto acabava por lhe conferir uma posição elevada na hierarquia da gangue, uma vez que, estes eram os líderes do grupo de desviantes e amigos (Whyte, 2005).

Diferente dos autores nacionais citados, Gilberto Velho e Claudia Rezende, socialmente falando, Foote Whyte é alguém que vem de uma “... classe média alta. Um avô

era médico; o outro, inspetor escolar. Meu pai era professor universitário (...) Muito diferente e distante da vida que descrevi em dois pais que se declararam de “classe média alta”(em algum momento) e outros dois que se declararam “pobres”. Porém, assim como as proximidades se apresentam, as diferenças e as distâncias também se fazem presentes. A diferença de cor, por exemplo, ou de gênero ao se tratar dos pais trans, através de como seus corpos são vistos e tratados, e mesmo como isto pode refletir na vida de seus filhos, por questões genéticas (no caso do pai preto) ou sociais (em ambos). Qualquer um dos campos de pesquisa, o próximo ou distante, traz consigo a ambiguidade de ter vantagens e desvantagens em relação justamente a estas proximidades e distâncias; entre o familiar e o estranho ou mesmo no processo de estranhar o familiar e o aparentemente familiar.

Em nossa pesquisa trato com semelhanças e diferenças que os indivíduos da pesquisa apresentaram. Dentre as proximidades que ligam a maioria destes naquilo que chamamos de rede de relacionamento ou rede de amizade estão as semelhanças absolutas: são pais e são homens. A maioria tem algum nível universitário, se não cursou já se formou, assim como estudaram ou circularam na UFAM. Somente um deles ainda não teve contato com curso universitário algum, Gilson, meu colega de escola. A maioria deles também gosta de café¹⁷. A maioria são meus amigos, em algum grau de amizade, mas o são. E os outros que não eram, em sua maioria tornaram-se.

¹⁷ “Café” será uma referência a erva *cannabis sativa*, uma vez que dentre outras coisas me preocupa a mudança de foco na busca por este trabalho, bem como a possibilidade de perseguição política, uma vez que julgo que o momento em que vivemos ainda traz certa tensão devido à expansão da extrema-direita, do fascismo e do nazismo no Brasil e no mundo. Acredito que ao fazer isto, terei uma única vez o nome da substância grafado durante o texto, propositalmente em nota de rodapé, para assim diminuir a relação dos assuntos em sites de busca, por exemplo.

CAPÍTULO 2 - PAI É QUEM FAZ OU QUEM CRIA? PAI É QUEM AFETA!

2.1 Pai na teoria

A maioria das discussões que desenvolvo acerca da paternidade tem como origem e base teórica o campo dos estudos de parentesco da antropologia. A figura do pai, do filho, da mãe e demais parentes são construídos através das relações familiares, porém, tendo em vista o recorte do trabalho e a densidade do assunto, desenvolverei as questões fundamentais ao trabalho.

Inicialmente, julgo importante apresentar uma definição legal de pai e os números relacionados ao abandono paterno, a partir da pesquisa de Thurler (2009). Um pai passa a ser legalmente definido por direitos e deveres que lhe são atribuídos através do Código Civil e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹⁸. Define-se o que é parente, limitando o parentesco a quatro gerações, e determinando a igualdade de direitos entre consanguíneos e filhos adotados. Segundo o artigo 1.593 do Código Civil Brasileiro: “O parentesco é natural ou civil, conforme resulte de consanguinidade ou outra origem”¹⁹. Consideramos outras formas de parentesco, não necessariamente oficiais e hegemônicas, que estão presentes nos dados que apresento nesta tese.

Com uma interessantíssima apresentação de dados e opções de filtros, o portal transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-Brasil)²⁰, apresenta os dados referentes a registros de nascimentos, óbitos e casamentos. Números de abandonos, nacionalmente, por regiões, estados e cidades podem ser acessados no portal. O site possui dados a partir de 2016, sendo possível escolher uma data no calendário, como o dia de “hoje”. No momento em que acessei o site citado e que fiz este

¹⁸ LEI n.º 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

¹⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm#indice

²⁰ “Fundada em setembro de 1993, na cidade de Belo Horizonte—MG, a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) representa a classe dos Oficiais de Registro Civil de todo o País, que atendem a população em todos os Estados brasileiros, realizando os principais atos da vida civil de uma pessoa: o registro de nascimento, o casamento e o óbito. São objetivos da Arpen-Brasil: promover o desenvolvimento, a ética e a defesa da classe dos Registradores Cíveis de Pessoas Naturais, bem como proporcionar orientação profissional a seus associados, integrar projetos federais relacionados à atividade e participar dos principais debates nacionais que envolvam a atividade do Registro Civil junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.” Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/arpen-brasil-20-anos-trabalhando-pela-dignidade-do-registro-civil-brasileiro/#:~:text=Fundada%20em%20setembro%20de%201993,civil%20de%20uma%20pessoa%3A%20o>

registro na tese, o site disponibilizou o filtro com datas que se iniciavam em 01/01/16 até a data em que fiz este registro 10/06/23.

O número de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento é de meio milhão, segundo o livro da Socióloga Ana Liési Thurler (2009), em sua obra “Em nome da Mãe...”, texto resultante de sua tese de doutorado. Segundo a sua conclusão, a deserção paterna é um fenômeno social, que está relacionado a uma herança colonial e patriarcal que causa impacto nas relações contemporâneas. Para Devreux (2009) que escreve o prefácio da mesma obra, o não reconhecimento é um fato social total (Mauss, 2003), ou seja, este fenômeno do não reconhecimento paterno tem implicação em todas as esferas (econômica, política, jurídica e religiosa) da vida social. No livro citado, Thurler (2009) demonstra a existência de famílias que, mesmo na ausência dos pais, giram em torno de um patriarcado fantasmagórico ou um patriarcado sem pais, onde aos homens é garantido rotas de fuga da paternidade, rota negada às mulheres. Dentre as demandas conclusivas da obra estão a descriminalização do aborto, a universalização dos direitos reprodutivos, a redistribuição de poder entre pais e mães e a inversão do ônus da prova da paternidade. “Respeitada a palavra da mulher quanto à declaração de paternidade, coloca-se o imperativo da inversão do ônus desta prova... uma solução ao não-reconhecimento paterno e um tratamento igualitário a todos as filhas e filhos, em nossa sociedade” (Thurler, 2009, p. 334).

Os testes de DNA podem ser considerados uma das tecnologias que causaram mudanças na forma como a paternidade passou a ser tratada legalmente com a intervenção das tecnologias biológicas/médicas e nos estudos sobre as relações de gênero e parentesco. Trazendo a possibilidade de homem e mulher contestarem ou confirmarem a paternidade, dependendo do interesse de cada um destes. Em algum momento, esses testes tornaram-se uma febre, sendo pagos por programas de televisão, consórcios no Nordeste (onde cada um dos participantes pagam um pouco por mês), por exemplo. Fonseca (2004) observa que, em 1999, houve o início disso no Estado de São Paulo, que passou a pagar os testes com dinheiro público e destaca a situação no Estado do Rio Grande do Sul em anos subsequentes:

Na segunda metade de 2002, ingressaram no sistema gaúcho de justiça uma média de mil pedidos de investigação paterna por mês — um número que representa cerca de 7% do volume mensal de nascimentos. Marcando aproximadamente 500 testes

por mês, o Serviço Médico Jurídico ainda tem uma lista de espera de mais de 8 mil pedidos — o que representa cerca de um ano e dez meses de fila. O mesmo fenômeno se repete em quase todos os estados da União (Fonseca, 2004, p. 14).

Se, por um lado, os testes de DNA serviram para que as mães pudessem obrigar pais a reconhecerem os seus deveres, do outro lado e gênero isso também passou a ser usado para negar (Fonseca, 2004). Ou seja, o teste de DNA passou a ser usado por mães que gostariam de ter o reconhecimento do filho por parte dos pais, os homens passaram a usar o teste para comprovar que não eram o pai de determinada criança (ambos baseados em questões biológicas).

No texto “Necessidades de pais, necessidades de mães.”, Marilyn Strathern (1995), discute um polêmico evento ocorrido na Inglaterra, em meados de maio de 1991. Neste evento um número crescente de mulheres que não tiveram relações sexuais buscavam ter filhos via inseminação artificial. “Buscavam tratamento de fertilidade alegando que desejavam contornar as relações sexuais. Eram mulheres (...) que queriam bebês, mas não sexo” (Strathern, 1995, p. 303). A autora apresenta a perspectiva euro-americana já indicando elementos para uma abordagem comparativa:

Também extrairá uma conclusão nada notável sobre a utilidade da comparação transcultural, isto é, sobre a elucidação que isso lança sobre algumas de nossas próprias preocupações intelectuais. O nosso tem aqui uma ressonância especial. Não pretendo recorrer ao que simplesmente pode existir em comum entre nós como europeus. Na verdade evoco um universo cultural que é, ao mesmo tempo, maior e menor que a Europa. Maior na medida em que trato do que considero características de (um conjunto de) sistemas de parentesco que abrangem tanto a América do Norte quanto a Europa. Embora talvez sejam características mais do norte da Europa que do sul e mais da classe média que da operária ou alta, essa é a camada cultural que mais estreitamente inspirou modos de pensar antropológicos sobre o parentesco e suas práticas de pensamento são relevantes para qualquer tipo de exercício comparativo que os antropólogos queiram empreender nessa área. Mas também é um universo menor na medida em que as duas controvérsias que mencionei são britânicas. Uma trata de questões de administração de tratamentos de fertilidade que foram contextualizados por uma recente Lei do Parlamento Britânico A outra foi uma discussão sobre a natureza da paternidade e até onde contextualizada pela teoria do grupo de descendência britânica faz parte da tradição antropológica britânica (Strathern, 1995, p. 304).

Strathern apresenta uma comparação entre a perspectiva Euro-americana e a perspectiva dos Trobriandeses que, diferentemente dos primeiros, não faziam uma ligação lógica entre concepção de uma criança e o ato sexual, apresentado na suposta Síndrome do Nascimento Virgem. Entre os Trobriandeses, a concepção se daria através da vontade de ter

um filho que partia da mãe. Em relação à paternidade Euro-Americana e mesmo da maternidade, nos casos clínicos passa a ser uma escolha por parte dos cirurgiões que jocosamente atribuíam a si a paternidade (Strathern, 1995).

Sobre o peso de fatores sociais na construção do pai, Claudia Fonseca (2004) afirma que existe a figura do “padrasto”, aquele que mesmo tendo a consciência de que não há vínculo genético entre ele e o pretense “filho”, sendo que nove dentre dez dos novos companheiros de uma mãe solteira assumem a paternidade, fazendo o registro deste novo filho em cartório, rejeitando a alcunha de padrasto e assumindo a de pai. Segundo a autora, “Alguns fazem isso na época de seu casamento, mas muitos não chegam a casar. Nesse caso, parece que registrar o filho da companheira quase substitui o casamento, servindo para marcar a nova aliança entre homem e mulher” (Fonseca, 2004, p. 19), fazendo a chamada “adoção à brasileira”. Outro aspecto ressaltado pela autora diz respeito às expectativas de homens e mulheres em relação ao nascimento de um filho:

A literatura sobre a América Latina sugere uma diferença importante entre atitudes masculinas e femininas em relação ao nascimento de um filho. Enquanto as mulheres querem nenês, os homens querem família, isto é, enquanto o ideal para os dois é, evidentemente, casal+filhos, a mulher ainda consegue imaginar uma realização pessoal no papel materno até sem marido. O homem, por outro lado, embora possa se gabar de uma gravidez como prova de sua virilidade, raramente encara com prazer uma relação com o filho sem que a mãe deste seja identificada como sua companheira. Em outras palavras, o ideal masculino é primeiro constituir a família (casal+casa), depois assumir filhos (Fonseca, 2004, p. 17).

A chamada “adoção à brasileira” (assim chamada por juízes) é ilegal, crime de “falsidade ideológica” e não se pode dizer que são raras, assim como os pais (ou padrastos?) que retrocederam na decisão após separar-se da mãe do filho em questão (Fonseca, 2004). Em outro trabalho da autora que se inicia em 1979 na região sul do país, é possível observar o peso que a consanguinidade tem na constituição e manutenção destas famílias, sendo a circulação das crianças fundamental na construção dessa rede de apoio que se faz através de tipos de adoções ou “dar pra cuidar” entre parentes, mulheres ou madrinhas (Fonseca, 1999). “Cuidar” retribuído em algum momento pelo adotado ou família deles, nesta situação “Os genitores... gozam de um status dado pois a identidade social é colada à idéia de laço biológico” (Idem, p. 74)²¹, enquanto pais e mães de criação tem *status* que pode ser

²¹ Assunto desenvolvido no item “2.3 Os pais e as famílias”.

temporário, assim como o *status* do pai consanguíneo pode ser dissolvido por motivo de abandono, o mesmo não se aplica a mãe biológica, pois “mãe é uma só”.

Suzane Narotzky (1997) observa que a noção de paternidade independe de geração, do sexo da pessoa em questão ou mesmo da existência de relação sexual entre o pai e mãe, trabalhando com a ideia de que pai e genitor são pessoas diferentes. É atribuído à paternidade: residir, conviver, dividir tempo da vida com o filho numa relação que envolve cuidado, afeto e repasse de conhecimentos, tanto de origem social como técnicos. Possibilitar meios de acesso a recursos (simbólicos e materiais) como o financeiro, o poder político e o prestígio. Acreditando inclusive que o processo de construção não se dá por via única e sim de maneira bidirecional, ou seja, o filho é construído pelo pai e o contrário também é verdadeiro, o pai é construído pelo filho. Tais relações são construídas socialmente e o poder é a sua força motriz:

La figura del padre, de ese padre estallado que se transforma, es, ciertamente, uno de los fundamentos de la identidad, pero su forma, los modos de la paternidad posibles y su realización particular no son fijos y están profundamente contextualizados en la realidad histórica. En última instancia, quizá el poder sea la fuerza motriz de la construcción de la relación paterno-filial en sus múltiples representaciones. Poder cuidar, alimentar, educar, situar, pero también poder utilizar a determinadas personas jóvenes, poder reclamar cuidados, alimentos, saberes, influencia de determinadas personas de las generaciones anteriores. Solo aquellos que no tienen ningún poder, como algunos esclavos, no pueden tener padres. Tampoco pueden tener hijos (Narotzky, 1997, p. 214).

Somando-se a estes argumentos anteriores, a autora crítica a “nuestra propia sociedad tan arrogante y segura de sus saberes (ahora biológicos)” (idem), ao conceituar quem e o quê seria um pai de maneira fixa partindo do olhar de determinada sociedade (Narotzky, 1997, p. 211) que ignora os saberes das demais, incluindo o que seria um pai, o seu gênero e demais questões que o construíram. Utiliza o termo construir refletindo e reconhecendo que homens, mulheres, pais e filhos quando nascem, nascem somente enquanto pessoas ou seres humanos, e como tal “la paternidad es un constructo polimorfo” (Narotzky, 1997, p. 212). Tudo sem ignorar o relativo peso ou importância dada à questão biológica em determinadas sociedades.

Em pesquisa realizada por Ronisson Oliveira (2014) em Tefé, Amazonas, cidade localizada a 521 km de Manaus, o autor trata de casos de abandonos paternos. Nessa pesquisa é evidenciado e diferenciado através dos termos genitor e pai, demonstrado também que o

vínculo com o pai inicialmente se dá por motivos biológicos, mas este pode perder o seu *status* enquanto pai por abandono ou maus tratos.

Na cidade de Manaus, a antropóloga Isabelle Honorato (2021) fez campo com três famílias que possuíam uma rede familiar que se estendia a outros municípios do Amazonas, rede que permitia a circulação de crianças no Estado, foco de seu trabalho. Esta circulação e rede levaram-na à identificação de um tipo próprio de família. Ao que me parece, também a um tipo próprio de paternidade que, ao se pensar do ponto de vista da biologia, se faz ausente na maioria dos casos. Do ponto de vista do arranjo familiar, também peculiar, o papel de pai pode ser exercido por diferentes figuras do gênero masculino, como ressalta a autora:

A paternidade, nem sempre exercida ou nem sempre exercida pelo pai ou padrasto, mas em muitos casos pelos irmãos da mãe, tios, avós, é acionada em diversos contextos diferentes, mas eu disse acionada e não determinada por eles. Com exceção dos filhos de Adalberto, nenhuma das outras crianças e adolescentes citados neste trabalho “tinha pai”, seja ele biológico e algumas, mas nem todas tinham como pai um dos membros da rede de parentesco acionados pela mãe ou mulher que faz circular. Thalita, um exemplo clássico do que fala, quem “assume o papel de pai”, como diz sua mãe, é seu irmão, Adalberto (Honorato, 2021, p. 227).

A esterilidade é uma problemática que se apresenta como algo em comum para ambos os gêneros, mas ainda assim de maneiras diferentes, a “paternidade é parte componente de uma certa masculinidade, a dos homens casados e, assim mesmo, não da mesma forma que a maternidade é parte componente da feminilidade” (Costa, 2001, p. 6). Demonstrando com estas afirmações trazidas do campo de pesquisa que enquanto a paternidade é colocada “como um projeto para o futuro” (idem), a maternidade estaria “como a realização de uma essência feminina”(idem).

Em entrevista concedida por Miriam Grossi, autora que discute sobre masculinidades e parentalidades, o título é uma afirmação “O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação de papéis” (2007) que já responde uma pergunta implícita no título do texto e desenvolvida durante as entrevistas. Apoiando-se no conceito de parentalidade, a autora afirma que os chamados papéis e suas fronteiras vêm sendo modificadas, podendo o “pai” não necessariamente ser um homem, definindo o parentesco como uma construção social. Necessário para entender como se constroem os homens em termos de gênero, apresento algumas reflexões sobre os estudos de masculinidades destes pais no decorrer do texto.

2.1.1 O que é ser pai segundo os próprios pais?

Quando abordamos um dos principais conceitos que norteiam este trabalho, a paternidade ou o que é ser pai, consideramos tanto questões sociais como biológicas levantadas pelos pais. Na descrição sobre o que é ser pai, as ações destacadas inicialmente foram: **prover, afeto, disputa por espaço, educar e proteger**, que no decorrer da pesquisa inspiraram o que chamo de tripé da pesquisa.

Prover acompanha as angústias desses pais relacionados a não poder comprar algo para seu filho e filha. Bento destacou, questões da “natureza” do pai e questionou se de fato é “natural” ou não. Apesar de **prover** não ser o único ponto relevante, ele tem um certo peso, em especial com os pais em dificuldade financeira, ou seja, acaba que o **prover econômico** tem um peso considerável.

Em sua fala, Thales destacou o quão amplo este significado pode ser, considerando as questões biológicas e sociais relacionadas à figura do pai. Ele vê a si como um pai que cumpre uma função social necessária, mesmo sem a parte biológica e sem fazer relação da biologia com algo parecido com um “instinto paterno”. A ideia de “instinto” e outras questões que seriam naturais aos homens são citadas por quatro do total dos interlocutores:

... eu exerço e isso me faz considerar pai, o exercício da paternidade, e eu não me sinto menos pai por não ter essa ligação biológica, eu sinto que é diferente, mas não há uma hierarquia exatamente... ser pai é assumir essa figura, seja por circunstâncias biológicas ou por ter assumido essa posição (Thales, 11/08/2021).

Thales trouxe uma complexa exposição se aprofundando nas questões biológicas e socioculturais como pontos fortes nesta discussão e destacando também a responsabilidade paterna:

Ser pai é uma parada muito louca, porque é algo que pode ter vários significados, mas de forma bem ampla eu considero a questão biológica, da procriação da espécie e da coisa toda, eu acho que isso faz muito sentido e eu não sei qual o limite entre o que de fato faz sentido e o que é sócio-cultural, eu sou do ponto de vista da biologia também, não que eu ache que isso justifique algum tipo de posicionamento social, político ou que balize alguma conduta moral humana... e tem a questão da

paternidade, pai tem uma dimensão muito biológica e o pai enquanto agente, enquanto sujeito, enquanto aquilo que se espera dele ocidentalmente, aquele que exerce sua paternidade de maneira sadia, ou tenta tá ali pelo menos. Eu acredito que isso tem a ver com outro processo, que é complementar ao processo biológico, mas é o processo de sentir a ligação e responsabilidade com aquela cria, tipo “é comigo a bronca”. Na paternidade que eu exerço é assim que me sinto, não tenho parte biológica nisso, mas exerço uma paternidade, e isso me caracteriza como pai, em comum acordo com os códigos ocidentais que eu e a mãe dela somos regidos... (Thales, 11/08/21)

Gilson citou o problema relacionado a morar no terreno de seus pais, por necessidade ou falta de opção. A sua casa ficava em cima da casa dos pais e essa forma de morar causava conflitos familiares que ele não quis explicitar durante nossa conversa. Além do fato de ser “pai de menina”, demonstrando suas preocupações em relação às suas filhas, assim como outro aspecto que se sobressai como característica da maioria dos pais da pesquisa, a ideia de “proteger”:

Cara, ser pai, além de uma responsabilidade foda é prazeroso, mas é também um misto de sentimentos muito loucos, desde frustração por não poder às vezes suprir a necessidade deles com condições melhores, o carinho deles comigo. É muito foda! Tem também o lance de ser pai de duas meninas vivendo numa sociedade machista pra caralho, com uma mulher sendo abusada a cada minuto no Brasil e isso me deixa pensativo no sentido de que sociedade eu tenho que deixar pro futuro delas” (Gilson, 7/08/21).

Dentre as expressões do que seria ser pai, uma das emblemáticas e que está presente na fala da maioria deles, relaciona-se à expressão de **afeto**, como Bento mencionou em discussão no chat. De acordo com ele, com o passar das gerações, os pais vêm se tornando mais afetuosos e próximos aos filhos. Isso vai ao encontro do que Adriano expressou:

Acho que tem a ver com distribuir amor de graça, às vezes, por exemplo, ela tá brincando com a água, fazendo uma bagunça na casa, no lugar de dar uma bronca, fico rindo. Desde que não seja perigoso, ela vai fazendo e eu vou permitindo, pra ela conhecer e experimentar as coisas e dar amor em tempo integral sem ter medo disso. (Adriano, 12/08/21)

Na conversa que tive com os pais da pesquisa destacaram-se, em suas falas, direta ou indiretamente, o peso ou a importância de “**amar**”, “**prover**” e “**cuidar**”, com estas ou outras palavras. **Prover** e **cuidar** parecem estar atrelados, como na questão colocada por Carlos, o pai trans. Ele se perguntou que tipo de pai seria, uma vez que não conseguia dar uma bicicleta

para a sua filha brincar com outras crianças na rua de casa, demonstrando frustração e tristeza por isso.

Adriano afirmou que se tornar o “pai ideal” é um processo ou busca do tipo de pai que os homens gostariam de ser e, fora isso, existem também exemplos de como não ser. “Eu sinto que ser pai tem a ver com a busca de ser o pai que a gente queria ter, um pai ideal” (Adriano, 12/08/21). Ser pai, para Lino, é um “autoaprendizado e uma espécie de autorredenção, uma vez que eu nunca tive um pai, e meio que fui excluído de parentes e qualquer outra figura masculina, então eu não tinha referências do tipo de como ser homem ou pai” (Lino, 06/07/21).

Conheci Lino na universidade, porém nesse período não posso dizer se éramos próximos ou mesmo amigos, éramos pessoas que conviviam no mesmo círculo de amizade ou rede. Um ponto a ser destacado é que a companheira de Lino perdeu parcialmente a visão devido a uma doença, o que fez com que precise sempre dirigir e manter-se atento visualmente às crianças. Ele afirmou que, apesar de sua companheira conseguir pegar um ônibus com muita dificuldade, ainda era preocupante quando ela o fazia.

Partindo de referências paternas, chegamos à imagem daquilo que foi chamado pelos pais da pesquisa de “pai ideal” ou “pai modelo”.

2.1.2 “Pai ideal” ou “Pai modelo”

Neste item colocaremos brevemente uma discussão que tive com os pais, de maneira individual, sobre o que seria um “pai ideal”, um “modelo” a ser seguido. Na maioria das vezes, um tipo admirado ou que se gostaria de alcançar enquanto pai e enquanto uma aspiração pessoal. Entretanto, pode ser um tipo que não se quer ser quando colocado externamente, no caso das imagens de pais socialmente ideais ou “da mídia”.

Nas imagens que destacarei com algumas falas, estão pais heróis, afetuosos e, às vezes, pais de carne e osso, colocados como “ideais”, com algumas adaptações, e mesmo a ausência dessa imagem de “pai ideal”. A percepção sobre o pai ideal e as respostas acabam

variando entre o que os próprios julgavam ideal, o socialmente ideal e o pai divulgado pela mídia. O “pai ideal”, socialmente desejável, e o “pai ideal” da mídia tem imagens semelhantes, conforme as falas. Por socialmente desejável, deve ser entendido como um desejo social que o pai da pesquisa captou, mas que, não necessariamente, tem a ver com seu “ideal” de pai individual.

Nesta primeira fala, por exemplo, Thales negou a referência de “pai ideal” na construção de si enquanto pai (no caso é o único dos pais que o fez). Para ele, o pai socialmente desejável tem uma imagem bem marcada pela influência cristã, lembrando que Thales nasceu em uma família evangélica “muito cristã”, mas também a questão de um “gatilho biológico” (lembrando que ele é Pai Adotivo, mas sem registro legal). Acreditava estar atrelado a ser pai, a própria vontade e ação de sê-lo. Indicou que seu pai e avô foram suas principais influências, enquanto pais, mas que nem tudo que estes apresentaram serviria como um “modelo ideal”, dispensando o que não havia de bom e apreendendo o que julgava positivo. A questão religiosa seria uma das coisas que Thales não gostaria de transmitir da forma como lhe foi ensinada:

Eu não possuo o modelo de pai ideal, pode ser que o meu inconsciente o faça, mas não é isso que baliza a minha racionalidade, nem a minha busca por um modelo de paternidade ideal. Em Manaus e até mesmo no Brasil, nós podemos dizer que o modelo de pai socialmente desejável tem muito a ver com o modelo de pai cristão, que neste caso está diretamente relacionado à imagem de Deus. Então eu penso que Deus seria o pai que o coletivo ou social costumam elencar como pai ideal, o pai de todos, é o pai que protege, o pai que é presente, que é um herói, o pai que cuida e todas essas ideias relacionadas a Trindade que talvez se confundem propositalmente. Isso não subtrai a perspectiva dos afetos, das relações afetivas que se espera de um pai amoroso. Eu não acredito que isso seja somente um complô do cristianismo, eu acho que tem elementos psicológicos e biológicos inclusive que impulsionam a nossa espécie, que nos move a ter certos tipos de função. Eu acredito que a paternidade é também um gatilho biológico, mas não somente isso. Como todo mundo deveria ser, é a quem todo mundo deveria seguir, é incontestável, seguindo toda essa imagem de pai, Deus no caso (Thales, 10/01/23).

Posteriormente, Thales fez uma descrição ou caricatura de como seria esse “pai ideal” socialmente, trazendo através dessa imagem o pai socialmente ideal atrelado ao pai “ideal da mídia”, invocando a imagem de comerciais, por exemplo:

O pai socialmente ideal é um homem, hétero e cis, só isso já diz muito sobre a performance dele, a forma como ele vai se vestir, a forma como ele vai andar, como ele vai se comportar, então esse recorte já diz muita coisa diante da

diversidade que poderia ser, como, por exemplo, pai trans, pai que é mulher lésbica, como é o caso de algumas mulheres que eu conheço... Usando aqui outros autores, a performance desse pai é como a mídia desenhar, que tem a chancela da igreja, que tem a chancela do estado. Pai de propaganda do dia dos pais (Thales, 10/01/23).

Destaca-se, em minhas memórias, a concepção de “pai ideal” exposta por Lino ao afirmar que sua ideia de pai está ligada exclusivamente a uma ideia de “super-herói” ou “gigante” e isto se dá pelo fato dele não possuir referências paternas ou mesmo de homens, já que sua mãe não trazia tais presenças para sua convivência. A sua ligação com a masculinidade e ser homem deu-se através do que foi captado através da mídia, jogos eletrônicos e revistas em quadrinho. Ao mesmo tempo, Lino falou de sua necessidade de tentar ser um “pai real”, excluindo algumas dessas romantizações sociais acerca do que deveria ser um “pai ideal”.

Amar (afeto), cuidar, ensinar, prover, também aparecem na definição do pai ideal, assim como no ser pai. São quatro palavras-chave que apareceram na fala da maioria dos pais da pesquisa, tanto no que diz respeito a ser pai/homem, quanto ao “ideal de pai”, dependendo do significado dado, podem ser sinônimas como, por exemplo, cuidar e ensinar. Devido à densidade de informações, gostaria de ser pontual e prosseguir com o desenvolvimento teórico a partir destas palavras-chave.

“O que meu pai ensinou sobre ser ‘macho’ é sobre prover sua família, proteger sua família”, disse Ivan, falando sobre seu pai. Seu pai foi um dos exemplos de ausência. Alguém que teve um pai “presente” (por morar na sua casa) e “ausente” ao mesmo tempo, por não endereçar a devida atenção que ele acreditava merecer enquanto filho. Ivan, enquanto filho, expressou essa ausência que gostaria de preencher justamente com a presença na vida das filhas, dispensando-lhes o afeto que lhe faltou, mas o fato de ser separado atualmente dificulta a sua presença rotineira.

O antropólogo Marion Teodósio de Quadros (1996) em sua dissertação expressa o que se espera de um pai, no caso deste trabalho usando o termo “papal” definindo o “papal do pai” (termo que não nos é usual):

Portanto, os depoimentos de todos os entrevistados sugerem que esta forte referência ao pai esteja vinculada fundamentalmente ao seu papel de trabalhador-provedor,

sendo a autoridade paterna uma fonte de coordenação para as atividades domésticas quando envolviam o disciplinamento dos filhos (Quadros, 1996, p. 75).

Nesta dissertação a autora se pergunta o quanto uma “nova paternidade” estaria presente com a mudança nas relações de gênero e trabalho, pois a mulher passou cada vez mais a trabalhar fora do âmbito doméstico e a nova paternidade “está associada a mudança da relação de poder vivida entre o casal... essa nova relação está fortemente atrelada ao *habitus* tradicional, incorporado na família de origem dos entrevistados” (Quadros, 1996, p. 181). Porém, a autora destaca que “o alcance prático é mínimo” entre seus entrevistados, colocando-nos a questão entre a teoria e prática na paternidade em relação a suposta “Nova paternidade” que “funciona mais ao nível das ideias do que na prática” (Quadros, 1996, p. 182).

2.2 Pai de menino e pai de menina: o cuidado com os filhos

A conversa no grupo começou quando expus o receio inicial ao higienizar meu filho, em especial de lavá-lo após defecar, o que me fazia, às vezes, ter de repetir o banho, por não ficar bem limpo. Então os pais da pesquisa passaram a expor as seguintes situações. Em relação aos meninos, apenas Evandro falou que quando o filho era mais novo não tinha problema com a sua higienização, mas com o passar do tempo passou a ter uma “estranheza”, principalmente nas “partes íntimas”.

Dez dos pais da pesquisa afirmaram envolverem-se diretamente na higienização da filha quando necessário, porém cabe ressaltar que esta foi uma das questões discutidas coletivamente no grupo, isto após ter sido citada individualmente por outros três pais que passavam uma visão mais temerosa em relação à higienização das filhas, afirmando terem medo de machucar a vagina da filha durante a limpeza. Por isso, com frequência, não conseguiam limpá-las adequadamente ou demonstravam certa inabilidade e receio, não somente na higienização, mas em situações que poderiam levar a exposição do corpo da criança e que poderiam ser confundidas com algum tipo de abuso sexual.

Nelson afirmou que no seu caso, sempre chamava a mãe da menina em tudo o que envolvia as partes íntimas de sua filha e, na ausência da mãe (quando morou com ela), ele afirmou que possuía esse receio de higienizar errado ou mesmo machucar a filha, em especial, quando esta era mais nova. Ele é um dos três pais que demonstraram receio. É importante destacar que apesar desta **ausência**, neste ponto específico do cuidado, Nelson está entre os pais que mais expressaram afetos positivos, fazendo-se **presente** sempre que a filha estava na cidade.

Uma situação dessas foi exemplificada por Leandro, quando a questão foi colocada “no grupo de *WhatsApp*” por um dos pais de meninos, contando que na cidade onde morava um vizinho foi acusado de abusar da filha enquanto dava banho na calçada, lugar onde costumeiramente o fazia. Essa informação foi exposta com certo ar de revolta e perplexidade por parte de Leandro, também pai de meninos, e da mesma forma foi recebida pela maior parte do grupo. Colocou-se, ainda, a preocupação de não ser taxado de abusador enquanto se tem algum contato necessário com as partes íntimas das crianças, seja para dar banho ou mesmo numa situação de ver um machucado na região genital, como será relatado a seguir.

Lino contou que estava indo brincar com os filhos em uma praça e, quando tentavam sair do carro, a filha, na época com poucos anos, tropeçou e bateu com a vagina no freio de mão. Percebeu que ela havia se machucado, mas ficou receoso de olhar a vagina da filha em local público. Após o acontecido, buscou sua companheira no trabalho contando o que havia ocorrido. Quando chegaram em casa a mãe foi para o quarto com a filha e de lá Lino relatou que ouviu um berro: “MEU DEUS, A VAGINA DA MINHA FILHA TÁ DILACERADA!”. Nesse momento entrou num desespero muito grande e passou a sentir-se “o pior dos abusadores”. Houve uma laceração externa com o impacto, mas posteriormente percebeu-se que não havia sido tão grave quanto se imaginava, ou seja, não havia acontecido a penetração vaginal durante o acidente com o freio de mão do carro e um machucado interno que era o temor maior.

Thales, um dos pais negros/pretos (o que adotou a filha), disse que sempre cuidou da higiene de sua filha com total aval e confiança por parte da mãe e avós. Ele contou no grupo que estava preocupado, pois ele e a filha (naquele momento com 7 anos) ainda não haviam

conversado sobre situações de abuso e prevenção relacionada a este tópico. Disse também que conversava com um amigo, que na época tinha um filho de cinco anos, que “já conversava” sobre esse assunto com o menino. O **cuidado**, mais uma vez, se faz presente neste item da pesquisa, bem com a relação de pais e filhos, **prover** o cuidado, estando **presente**.

Esse trecho nos faz refletir sobre o que os pais “fazem” com suas filhas e até o que não fazem e, neste caso em especial, na relação entre os corpos. Reflitamos sobre como os homens se relacionam com os corpos das mulheres, em especial com seus órgãos genitais, em situações diferentes. A primeira é citada quando este órgão pertence a uma criança que é íntima ao adulto, na maioria dos casos com um grau de parentesco. A relação deve ser de cuidar do corpo da criança, ou seja, sua higiene pessoal, o que inclui limpar e higienizar. Na segunda situação, espera-se que este homem se relacione de maneira diferente com a vagina de uma mulher adulta (por questões aparentemente óbvias) e que não é sua parente. No caso de suas companheiras, lidam com corpos de mulheres adultas que, em algum momento, foram relativamente estranhas, já que na maioria dos casos nós não nos relacionamos com parentes devido ao tabu do incesto e demais justificativas que dão base a isto.

Helder e Lino concordam com essa relação e acrescentam a questão de algum tipo de violência com a vagina de adultas, onde se espera inclusive, às vezes de ambas as partes (homens e mulheres) que machuque, “arregace” a vagina da parceira sexual, numa demonstração de violência que os dois pais relacionam a influências pornográficas. E a ideia aqui não é sugerir que o tratamento seja o mesmo, mas expor a discussão em relação a quem cuida e como cuida.

Analisando o que foi dito nas três situações é possível identificar algumas questões importantes. O medo da higienização da vagina das filhas por parte dos pais é uma preocupação compartilhada por alguns entrevistados, o que talvez revele a existência de normas sociais e tabus em torno do corpo feminino e, conseqüentemente, na higienização infantil. A ideia de que os pais possam machucar a vagina das filhas durante a higienização reflete uma noção de fragilidade, delicadeza e desconhecimento associada à anatomia feminina, reforçando talvez estereótipos de gênero e a necessidade de proteção e cuidados excessivos.

A menção de situações de abuso sexual vivenciadas por outras pessoas do convívio dos entrevistados demonstra a presença de temores e preocupações em relação à exposição do corpo das crianças e possíveis interpretações equivocadas. Seria a existência de normas culturais que estigmatizam qualquer contato com as partes íntimas das crianças, mesmo que seja necessário para cuidados básicos, como dar banho ou verificar machucados em lugares públicos?

Por outro lado, poderíamos pensar que esse suposto alarmismo ou prudência, são baseados em experiências reais, como os casos de abuso sexual infantil por pessoas próximas. Como explica Laura Lowenkron (2010, p. 13), “o ‘abusador’ é alguém próximo e mesmo da família, como geralmente ocorre”. E isto pode explicar, mesmo que parcialmente, a tentativa de proteção ou mesmo a construção de uma rede de proteção que pode envolver familiares e vizinhos no caso citado previamente.

2.3 Os pais e as famílias

Pensar sobre a família brasileira, é pensar com Claudia Fonseca, autora responsável por diversos estudos relacionados à questão familiar e também muito útil para pensar os métodos utilizados na pesquisa. A autora afirma que o ideal de família “moderna” surge na Europa ocidental em algum momento próximo ao século XVII e traz consigo as seguintes características:

- a) a livre escolha do cônjuge e a incorporação do amor romântico ao laço conjugal;
- b) o aconchego da unidade doméstica (“lar doce lar”), que se torna um refúgio contra as pressões do mundo público; e, finalmente, c) a importância central dos filhos e da mãe enquanto sua principal socializadora (Fonseca, 1999, p. 72).

Porém, a origem da família moderna ou ainda a situação da família pré-moderna começa a ser construída a partir do Século IV “pela ‘seita’ cristã, ávida de poder e posse” (Fonseca 1989, p. 56). A igreja cristã passa a agir de maneira a moldar a família europeia, limitando a distribuição das riquezas “limitou a adoção e o número de compadres, reforçou a monogamia, impediu o divórcio, deslegitimou filhos extraconjugais, apoiou a abstinência e o celibato.” (Fonseca 1989, p. 56). A família passa a ser objeto de estudo de maneira mais

massiva a partir de historiadoras feministas como protagonistas deste processo, segundo a mesma autora.

Como já dito, falando em América Latina (ou conforme o que apresenta a literatura usada aqui), apesar de homens e mulheres terem como o ideal “casal + filhos”, as mulheres ainda conseguem realizar-se no seu “papel materno até sem marido” com a imagem de mãe e filho. Para os homens isso raramente acontece, pois a ideia de paternidade não estaria completa sem a mãe do filho em questão. “Enquanto as mulheres querem nenês, os homens querem família, o ideal masculino é primeiro constituir a família (casal+casa), depois assumir filhos” (Fonseca, 2004, p. 17). Cabe ressaltar que quando se fala em família não é negando o *status* de família para mãe e filho, e sim para o pai sozinho. Colocando a questão e respondendo: o que constitui um pai, o filho e/ou uma família?

Importante refletir sobre os filhos/crianças e sua ligação ou influência na configuração do que chamamos de família, ponto fundamental na constituição ou construção do ser pai ou mãe. Pensar o fluxo ou circulação das crianças é também pensar as questões afetivas, consanguíneas relativas à mãe e pai, e também a criação de laços de solidariedade que ultrapassam os limites de uma família nuclear “moderna”²² ou mesmo aquilo que é considerado família a partir das bases consanguíneas. Claudia Fonseca (1999), trabalha as questões citadas partindo de seu “próprio trabalho sobre a organização familiar em vilas populares de Porto Alegre”, pesquisa iniciada em 1979 que surge graças a crianças que com frequência iam à sua casa para pedir comida, portanto, são as crianças e suas visitas que a introduziram neste campo.

Através do tipo de adoção que acontecia, com exceção de madrinhas, entre parentes onde o “vaivém de crianças entre uma casa e outra não era nada especial” (Fonseca, 1999, p. 67), a autora observa que ao “dar” uma criança a outra pessoa, criava uma relação de prestação e contraprestação²³, o cuidado dispensado a uma criança poderia retornar em forma

²² “... unidade doméstica onde moram só pai, mãe e filhos e onde há certa divisão de trabalho e disponibilidade à mãe para se dedicar inteiramente aos filhos” (Fonseca, 1999, p. 70).

²³ “A circulação das crianças também serve para reforçar as obrigações de filhos adultos com seus velhos pais. Ao cuidar de um neto, uma mulher justifica sua demanda de apoio material e de afeto aos seus próprios filhos. Aqui, a prestação e contraprestação ocorrem em momentos diferentes, conforme o ciclo de vida de cada geração” (Fonseca, 1999, p. 72 e 73).

de cuidados da “mãe de criação”. Os laços consanguíneos, com o passar dos anos, eram reforçados ocorrendo com frequência o retorno à parentela próxima ou na própria família nuclear daqueles que foram criados em outros lares.

Em caso mais próximo à cidade de nossa pesquisa (Manaus), há uma dissertação de denominada “Os filhos da mãe”, parte do título do trabalho que citei em subitem anterior. O autor afirma que cidades próximas a Tefé também apresentam números elevados de abandono paterno, mas não maiores que a da citada pesquisa. Ronisson Oliveira (2014) explica que isto deve ocorrer porque, dentre outros motivos, as mulheres têm liberdade sexual e buscam obter prazer através destas relações. Quando acontece a gravidez, a maioria das jovens possui o apoio de “redes de solidariedade, estabelecidas no contexto social com a família, os vizinhos, etc.” (Oliveira, 2014, p. 75), e muitos dos filhos “não tem pai”, como dito por uma das interlocutoras da pesquisa.

Na Amazônia, “um filho sem pai é diferente da encontrada nos grandes centros urbanos e individualizado, pela relação familiar estruturada em sua forma histórica, bem como acontece nas populações de origem pobre em todo país” (Oliveira, 2014, p. 75). Porém, isso não quer dizer que estas mulheres não tenham problemas e conflitos familiares, com o “pai” ou “genitor” da criança. Aqui destacamos os dois termos “pai” e “genitor” que são utilizados para diferenciar o que tem a função social (pai) e o que possui relação biológica e que não necessariamente é o pai. Assim, também questiona os supostos prejuízos trazidos pela “ausência” de um pai, em consequência do abandono da paternidade, tanto no sustento do filho/filha quanto nas questões afetivas. Uma vez que estes filhos acabam tendo mais de um pai (o biológico, quando não lhe é negado o título de pai) e demais parentes que assumem a função de pai e, por isso, os pais, na maioria dos casos, são os avós homens.

Diante da complexidade que são as famílias e pais, sempre considerando as intersecções, acredito que refletir junto com Flávio Tarnovski (2002) é essencial para compreender a questão da parentalidade de pais gays que, no caso de sua pesquisa, são pais adotivos que passam a restabelecer relações “na malha do parentesco, atualizando as suas relações” (Tarnovski, p. 100).

Todos aqueles que participam de minha pesquisa utilizam o termo “pai” mesmo para aqueles filhos que não possuem relação genética e que, por ventura de novas relações (e outros motivos como adoção), passaram a denominar-se “pai”, justamente por suas **presenças** e não o contrário.

Xavier morou com a mãe de seu filho durante alguns meses e, após a separação, voltou a morar com seus pais. Falou sobre a guarda com um sorriso no rosto e inicialmente não entendi o que aconteceu para que isso tenha ocorrido, depois de muito tentar me explicar. Enquanto perguntava o motivo das agressões que teria sofrido entre o momento em que morava com a mãe e o momento em que passou a morar com os pais e seu filho, inicialmente havia me dito que a mãe de seu filho o havia agredido por ter ido visitar o filho e ela não aceitar o fato de não continuarem sendo um casal. Nesta noite em que o encontrei “no bar”, ele falou sobre como a mãe de seu filho quebrou um laptop de trabalho de alto valor e o seu carro, descrevendo de maneira jocosa e, ao mesmo tempo sem graça, como um pedaço de madeira ficou atravessado no para-brisa de trás do carro. Contou que ao quebrar as coisas, ela acabou se machucando sozinha e fez um B.O. (Boletim de ocorrência) contra ele dizendo que a teria agredido. No fim dessa conversa, virou, falou que ia entrar e disse-me, “Cara, eu tô precisando conversar sobre essas coisas. Mas em resumo o problema real com a mãe do meu filho é que ela tem problemas com dependência química”.

Após um mês tentando conversar com Xavier, obtive uma resposta mais direta sobre a situação. Ele se justificou sem que exigisse algo, dizendo que queria e poderia sim colaborar com o trabalho, mas que estava com pouco tempo no cotidiano. Afirmar que aquilo não seria um problema necessariamente e reafirmei que o trabalho era livre para a participação quando possível. Ele poderia ficar a vontade para não falar ou mesmo encerrar ali. Nos áudios enviados, Xavier disse que a mãe de seu filho sofria com dependência química, problema que ele já teria “se livrado” e que tornava a convivência com ela e o filho mais complicados. Ele contou que ficou com o filho durante dois meses, pagando pensão (justificava ele) e que a mãe apareceu uma ou duas vezes para buscá-lo nesse período

... e ela lá ‘rocando’, sem trabalhar e recebendo pensão. Daí liguei pra ela e disse que eu não iria mais pagar pensão, uma vez que só ele estaria ficando com o filho, no outro final de semana ela foi lá, dizendo que ia levar ele pra passear e já foi com

ele pra casa, em algum momento tentou dificultar a minha visita a ele, mas daí tudo voltou ao normal, eu to indo vê-lo nos finais de semana, mas a situação ainda é preocupante. Já cheguei lá perguntando se ele tinha comido e ela justifica dizendo que ele respondeu que não queria. E deixou de dar comida pelo motivo dele dizer que não, a gente sabe que criança às vezes ta com fome e diz que não tá, é só colocar a comida na frente que eles lembram de comer (Xavier, 22/11/22).

Bento contou que um de seus filhos, o mais novo, foi levado pela mãe para Belém. Até onde sabia, a mãe simplesmente foi embora após deixar endereço e número de conta bancária falsos. Desde então, não teve mais nenhum contato com seu filho. A sua filha mais velha mora no interior do Amazonas, onde a mãe dela trabalha e mantém contato com frequência. Quando a mãe de sua filha morava na cidade, com frequência ele tinha a presença da menina em sua casa. Possui uma relação muito boa com a mãe de sua filha. Ele acha que sua filha é lésbica, e trata isso de maneira muito tranquila. Afirmou certa vez que a mãe tem o celular da filha “clonado” e visualiza tudo o que a filha faz no celular. Essa “clonagem” permite que o celular dos pais visualize o que acontece no da filha.

Carlos falou sobre sentir-se preterido, um sentimento de rejeição nas relações familiares e justificou que assim ocorre por ele ser adotado, que há diferença no tratamento da família e sente isso por meio de atitudes e outros sinais, como a ausência de fotos suas pela casa. Sua filha foi concebida quando ele ainda se identificava como mulher e mãe. Carlos também relatou transfobia dentro da sua família ao tentarem negar a sua paternidade e também em seu estágio, por parte de sua chefe, que o olha com “desconfiança”, levando-o a trabalhar duas horas a mais para ser valorizado de alguma forma por sua chefe.

Conheci Carlos através de uma reportagem na *timeline* de um amigo que falava sobre paternidade trans, busquei o nome dele no *Facebook* e entrei em contato através do *chat* explicando sobre a minha pesquisa e perguntando se poderia colaborar. Respondeu positivamente e passou de um estranho a um potencial amigo depois de convivermos, na maioria dos casos, pela internet, mas conversando sobre nossas questões mais pessoais. De todos os homens do grupo ou pelo menos os que pude ver (vi a maioria), Carlos estaria no estereótipo de homem cuja expressão corporal traz uma imagem de seriedade, passos firmes, cabelos curtos, voz rouca, uma certa “dureza” corporal. Carlos afirmou ser bissexual e que “não tem isso de ser ativo ou passivo na hora de sentir prazer”. É “amigado” com uma mulher que é quem ele identifica como a “mãe” de sua filha, apesar de não haver vínculo

genético entre a mãe e sim com o pai que foi quem a gerou e concebeu. Ambos são Bissexuais, consideram-se monogâmicos, mas tem relações sexuais com outras pessoas.

A relação de Adriano com Suzana, sua companheira, manteve-se desde o ensino médio, cerca de 20 anos de relacionamento. Adriano já demonstrava vontade de ser pai antes de ter a notícia, sua companheira chegou a ir ao médico quando decidiram engravidar. Quando lhe perguntei se o mesmo havia ocorrido a ele, fazendo espermograma ou somente uma consulta, respondeu-me que não.

Posso dizer que Adriano faz parte daqueles que são mais próximos e íntimos da minha pessoa, costumávamos visitar a casa um do outro semanalmente e chegamos a morar juntos. Após morar com Adriano, me mudei para uma casa próxima, onde Nelson e mais três amigos e a filha dele moravam. A mãe da filha de Nelson era uma das moradoras. Também tínhamos dois cachorros, foram momentos difíceis por vários aspectos e principalmente financeiramente. Nelson sempre demonstrou muito afeto para com os seus familiares, mesmo antes de sua filha existir, sua casa tinha seus sobrinhos pequenos que eram como filhos e ficavam a seus cuidados em alguns momentos, duas meninas e um menino.

Sobre as duas sobrinhas, recorro uma situação em que Nelson me contou que as meninas foram na “taberna” próximo de casa, há cerca de 200 m, quando um senhor disse a elas que gostaria de fazer sexo oral nelas de maneira desrespeitosa e grotesca. As meninas deviam ter cerca de 10 anos, “cara nesse dia eu saí de casa determinado a enfiar a porrada em alguém”. Eu nunca vi, nestes mais de 10 anos de convivência, Nelson reagindo com agressões físicas, por mais irritado que estivesse. Nelson, como dito, é uma pessoa afetuosa na convivência, tanto com a família dos pais, que moram na casa da frente, onde em algum momento moram ou moraram suas irmãs, e onde ainda residem seus sobrinhos. O afeto é demonstrado fisicamente por meio de abraços, beijos e carícias e, como pude acompanhar durante seu crescimento, as relações sempre foram afetuosas por parte do pai, mãe, avós, primos e tios.

Apresentou-me a seus pais há muitos anos quando estavam sentados no sofá, abraçando-o e dizendo “Esse aqui que é meu papaizão”, falando do seu pai com muito orgulho. “Cara, depois que fiquei adulto, tive a minha filha, morei um tempo sozinho, ficava me perguntando como meu pai fazia para botar carne na mesa todo dia”, o que pode ser

relacionado ao **prover**. A mãe também é apresentada com muito carinho, assim como os demais familiares dele. O pai tem influência na sua formação musical, uma vez que apresentava para o filho as bandas que lhe agradavam.

Hoje a filha de Nelson tem 10 anos e enquanto eu tentava entrevistá-lo para falar um pouco mais sobre afeto, percebi que o meu fracasso em relação às palavras foi total, mas a linguagem do corpo foi determinante e, creio eu, preencheu a lacuna deixada pelas palavras. Enquanto tentávamos conversar, meu filho de 5 anos “tacava fogo na casa” chamando atenção para suas habilidades. Enquanto isso, Ana estava sentada no colo de Nelson trocando carinho com o pai e conversando. Ali vi algo interessante à pesquisa, o que é agora um dos pilares, os afetos.

Helder possui uma boa rede familiar no que diz respeito à ajuda em relação aos filhos, da parte dos pais e irmãs, quando estas ainda moravam na mesma casa. A casa é grande, com vários quartos e uma área livre nos fundos, onde a família costuma confraternizar e tocar um samba. Samba que não tem ocorrido, pois seu pai anda doente por conta de sua relação com bebidas alcoólicas. Helder também é um usuário frequente de álcool e sabe que o pai precisa parar de beber. Reclamou que assim que melhora um pouco do seu estado, o pai vai a um bar perto de casa e tem uma recaída.

Meses após a conversa do parágrafo anterior, o pai de Helder faleceu, me falou algo sobre ele ter caído e batido a cabeça. Seu pai era uma pessoa muito querida entre os amigos de Helder. Há o critério em comum entre pais que moram em “casa de parentes”, onde duas opções se colocam: 1. Mora na mesma casa que os parentes ou 2. Mora em casas diferentes no terreno dos parentes. E em todos estes casos os parentes, quando não somente os pais dos pais (avós), os avós também estão presentes nessas configurações. É o caso de Adriano, que passou do aluguel a casa própria, onde em um terreno há três casas, com os avós de sua filha, numa outra casa os bisavós e outros parentes.

Na família, a depender da configuração, existe a coexistência de diferentes gerações; pensando neste caso, a partir das definições apresentadas por Parry Scott (2010), de mais dois conceitos polissêmicos (assim denominados pelo autor), família e geração:

Famílias são compostas de gênero, geração, conjugalidade, sentimentos de pertencimento, ideias de coresidência, cooperação solidária, autoridade, afeto e

subjetividade, entre outras coisas. Gerações são compostas de pessoas entrelaçadas hierarquicamente por redes de parentesco e família, por pessoas ligadas por pertencerem a categorias etárias e por pessoas cuja referência temporal é algum evento ou ambiente histórico que unifica muitas pessoas geralmente em referência a algum evento exterior à idade e ao parentesco (Scott, 2010, p. 275).

2.4 Pais separados e as disputas pela guarda/presença

Quando o assunto **ausências** foi tocado no grupo do *WhatsApp*, Helder e Bento participaram ativamente da conversa, dentre outras coisas, mas esta de maneira mais frequente. A ausência que chamamos de compulsória (não desejada pelo pai) seria a mais evidente, que poderia estar relacionada, por exemplo, aos casos de alienação parental²⁴, que é na prática impedir um pai de ver o seu filho ou mesmo criar uma imagem negativa do pai para o filho(a). Algumas formas de alienação parental são identificadas pelos pais participantes do grupo, Helder, Jonas e Bento. Cada um dos três, de modos diferentes, passou por essa situação. No caso de Bento, a mãe de seu filho deu uma informação falsa e “sumiu”. Jonas, através de uma alienação inicial, posteriormente, virou “ex-pai” após confirmar via exame de DNA que o filho não era seu, conseguindo anular seu vínculo legal com a criança, através de

²⁴ “Art. 2º Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

Parágrafo único. São formas exemplificativas de alienação parental, além dos atos assim declarados pelo juiz ou constatados por perícia, praticados diretamente ou com auxílio de terceiros:

I - realizar campanha de desqualificação da conduta do genitor no exercício da paternidade ou maternidade;

II - dificultar o exercício da autoridade parental;

III - dificultar contato de criança ou adolescente com genitor;

IV - dificultar o exercício do direito regulamentado de convivência familiar;

V - omitir deliberadamente a genitor informações pessoais relevantes sobre a criança ou adolescente, inclusive escolares, médicas e alterações de endereço;

VI - apresentar falsa denúncia contra genitor, contra familiares deste ou contra avós, para obstar ou dificultar a convivência deles com a criança ou adolescente;

VII - mudar o domicílio para local distante, sem justificativa, visando a dificultar a convivência da criança ou adolescente com o outro genitor, com familiares deste ou com avós.

Art. 3º A prática de ato de alienação parental fere direito fundamental da criança ou do adolescente de convivência familiar saudável, prejudica a realização de afeto nas relações com genitor e com o grupo familiar, constitui abuso moral contra a criança ou o adolescente e descumprimento dos deveres inerentes à autoridade parental ou decorrentes de tutela ou guarda”.

(disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112318.htm , acessado as 20:00 de 09/11/23)

uma audiência de conciliação baseada no fato da criança ser pequena e não haver convivência efetiva, ou seja, concluiu-se que não se estabeleceu vínculo afetivo. A relação com seu filho mais velho e agora único, sofre cada vez menos alienação, uma vez que “ele tá crescendo e quer estar mais perto, a mãe nessas situações fica o tempo todo junto. Tem medo de abuso por parte do pai, do irmão ou qualquer outro, ela só confia na sua mãe e avó. Quando ele pede dela pra ficarmos sozinhos, ela deixa.” (Jonas, 21/07/22).

No caso de Helder, um dos pais pretos/negros, a alienação é mais evidenciada e mais fácil de ser enquadrada como tal, pois ele é difamado e tratado pelos avós da criança, como um “demônio que vai tirar o menino de casa e não mais trazê-lo de volta”. Ainda observa: “pago a pensão e é isso, eu não dou mais nada pra ele, desisti! Tudo que eu dou pra ele não presta, as roupas dão alergia, a comida dá dor de barriga, sempre tem um problema”. Após ganhar a ação judicial onde pedia o compartilhamento da guarda, tentou diversas vezes levar o filho para sua casa para passar o final de semana ou mesmo o dia, mas antes de sair o menino entrava em estado de pânico, começava a chorar e a repetir as calúnias ditas pelos avós. Helder acreditava que essas calúnias tinham sido alimentadas pela avó materna.

Helder tem uma filha adolescente, que acredita ser ou estar bissexual e fala a respeito de sua preocupação com as violências que sua filha sofre e pode sofrer, por conta dos marcadores sociais de diferença, por ser menina, preta e possivelmente bissexual. Ele acredita que sua filha poderia mais facilmente ser alvo de alguma violência, como os atentados em escola, ou ainda vítima da violência cotidiana.

Além disso, ele também relatou problemas do distanciamento em relação a sua filha quando era menor. Talvez por essa experiência tenha aceitado que o mesmo ocorrerá com seu filho, pois apesar de ter a guarda compartilhada com a avó, não consegue usar os seus direitos de pai, **convivendo** com ele não da maneira como gostaria, mas como a justiça o permitiu, aos finais de semana.

Meses após essas situações, Helder, um dos pais pretos/negros, ressaltou que estava recebendo ligações da escola, posicionando-se a respeito de seu filho ao informar que estava indo para a aula com hematomas e que a família que estava com a guarda dele (sua avó

materna) estava fazendo Boletins de Ocorrência acusando a escola de tais ferimentos. Helder acreditava que “Ela basicamente tá fazendo o que a mãe dele (quando viva) fazia comigo!” Ou seja, machucavam a criança e diziam que tinha sido ele, fazendo um boletim de ocorrência em seguida, isso nas poucas vezes que conseguiu ter contato. Relatou que estava pensando como deveria agir, pois acreditava que sua presença como cuidador de uma criança costuma ser ignorada ou pouco considerada em instituições como a escola dos filhos e, na sua visão, isto acontecia por uma questão de gênero e também racial.

A seguir uma fala maior, dividida em trechos, onde Xavier, homem branco e de “classe média”, fala sobre sua relação com a mãe do filho, quando tentaram morar juntos mesmo não sendo um casal, uma vez que a mãe do filho era uma “amiga que engravidou”. Ao tentar sair de casa, após viverem juntos durante cerca de um ano, Xavier sofreu uma situação de agressão e destruição de um computador. Essa fala de Xavier, vem precedida de um **silêncio**. Quando esse silêncio foi quebrado, houve a intenção de partilhar algo muito delicado para o pai, acreditando assim que sua visão poderia ser parcial.

Mano, deixa eu te falar. Eu acho que é muito louco, porque cada história é uma história, né? No meu caso, por exemplo, eu passei por um período em que o Léo ficou lá em casa dois meses direto. E a mãe dele nem levou ele pra casa dele. Salvo uma, ou duas semanas. Vou te contar tudo pra tu fazer teu filtro. Eu comecei a falar pra ela, “caralho, eu tô te dando o dinheiro da pensão. Pra tu ficares final de semana com ele”. E tu tá deixando de ficar final de semana com ele. Entendeu? Entrando na onda direto. Tem tudo isso, entendeu? A mina usa drogas. Que seja pra tua pesquisa, né? Não pra... Enfim... (**silêncio**)

Posteriormente ele continuou contando a questão do **prover** ou do pagamento de pensão, e de uma certa expectativa da sua parte em relação ao que deveria estar sendo feito em relação aos **cuidados** por parte de sua ex-companheira, demonstrando frustração quanto à alimentação e manutenção da saúde do filho. Concluiu que, no final, o que a ex-companheira buscava com esse “jogo” (nas palavras do próprio) era tê-lo por perto, bem como o dinheiro que lhe era pago:

“É uma Parada muito delicada, sensível, muito íntima até. E eu dando força, assim, né? Pra ela sair da onda, que eu já saí também. Eu comecei a pegar mais pesado, assim, jogar duro. Falei, olha, é o seguinte, eu não vou te dar um centavo. E aí, ela ficou com medo e falou “Não, eu vou levar ele pra semana na escola.” Começou a levar a semana na escola. Então, mudou o jogo. Tava dois meses ficando lá em casa. Na semana. E quase todos os finais de semana. E aí, mudou. Isso é ruim pra rotina da criança, né? Mas, enfim, ela começou a ser mais presente. Ser mãe! E aí, trazer

pra mim no final de semana. E aí, mudou nesse sentido. Mas continua muito ruim, porque ela tem uma relação comigo que ela... Sabe? Ela se incomoda comigo, ela... Por exemplo, já teve dia que eu fui pegar ele lá na casa dela. Aí, eu disse, olha, dá a janta dele antes de eu buscá-lo. Quando eu cheguei lá, o menino tava morrendo de fome. Tava enjoado pra caralho. Eu falei, pô, todo mundo deu a janta. Ele não quis. Aí, na minha cabeça, o que aconteceu foi que ela ofereceu, ele não quis, ela não insistiu. Falou, beleza, eu guardo, eu como, eu dou pra minha mãe, eu dou pro meu outro filho que tá aqui. "Porque o Xavier tem dinheiro!" entendeu? Então, ela tem muito esse parâmetro. Então, ela faz umas coisas absurdas. Ontem, mandou uma mensagem, 10 horas da manhã, dizendo: olha, o Leo tá doente. Leva ele aqui, leva no médico. Eu achei estranho, entendeu? Aí, respondi. Disse... Respondi uma hora depois que eu queria ver se ela ia me ligar, ia fazer outra coisa. Se era grave, se ela queria só atenção, que é mais isso. Meio-dia, respondi. Já levou ele no médico? Falou não, não levou porque o pai tem carro. Falei, "porra, cara, sacanagem. Tu não vai levar ele no médico porque eu tenho carro." "E se eu não respondesse. Ele não ia ao médico?" Então, tipo, tem muito isso do jogo dela, de querer atenção, entendeu? De estar carente. De querer a minha atenção, sabe? De usar o nosso filho para obter isso. Obter atenção, obter dinheiro. Então, eu vejo que ela faz muito isso. Aí, claro, que é a minha narrativa, pode ser a minha visão, mas se tu olhares os dois lados da história, tu não vai ter esse saldo aí..."

Xavier destaca dinheiro (**prover**) e a **presença** como obrigações de sua parte que ele cumpre, pagando além do que seria estipulado pela justiça. Falou mais uma vez sobre suas expectativas/desejos em relação ao compartilhamento da guarda e sobre o pagamento da pensão. Cogitou e desejou ficar mais tempo que a mãe, morando com o filho, mas afirmou que a dependência desta de sua ajuda financeira, somada à sua dependência química e personalidade, complicam a relação e o cumprimento dos acordos propostos por ele.

Eu me sinto feliz a partir do momento que eu cumpro minhas obrigações em relação à grana e presença, entendeu? Não é tipo eu tenho mais grana e não tô dando nada. Não! Eu dou tudo e ela quer mais, tudo no sentido assim de que, porra, até combinei com ela agora, conforme eu acerto com ela. Eu disse, beleza, eu pego os finais de semana e eu vou te dar 300 reais a mais. Eu vou te dar 1.500, mais o plano, mais o cartão alimentação. E aí tu me passa ele dois finais de semana no mês, que eu acertei com ela. Não porque eu quero ficar com ele só dois finais de semana no mês, mas porque eu quero deixar isso certo pra que eu tenha pelo menos um final de semana e pra que ela tenha uma noção já pré-definida de que a resposta maior é ela a partir do momento que ela tem a pensão e não trabalha, e eu trabalho. Eu gostaria que fosse uma relação harmoniosa, com definição certa das coisas e que a vida particular das pessoas não servisse pra julgar. Se na cabeça dela eu tenho mais grana, se na cabeça dela eu tô comendo alguém. Que isso não interfira na criação do meu filho. Mano, o que eu quero é que o meu filho fique bem. Eu já até falei pra ela, às vezes eu digo assim. Eu dou uma grana pra ela, eu dou o cartão, a alimentação. Minha mãe paga um plano de saúde. E aí, às vezes eu digo pra ela: "cara, tu tá com alguma dificuldade, deixa o moleque morando comigo. Mas ela não quer, porque ela quer dinheiro, entendeu? Isso é foda, mano. Isso que é foda, porque eu já falei pra ela, porra, deixa o moleque morando comigo. Então, o que eu quero? Eu quero isso, eu penso nele em primeiro lugar. Até quando eu tô pensando em mim, eu paro e digo, opa, pera aí, tu tá pensando em ti. Agora, claro que eu penso em mim, mas eu penso

nele em primeiro lugar. Saca? Eu penso... Ele é meu parâmetro, sabe? Às vezes eu penso que o dela é diferente. Mas, enfim, cada um no seu contexto familiar, financeiro, emocional, espiritual... O que eu quero nesse momento, assim, praticamente respondendo. É que ela cumpra, né? Já que ela quer ficar com ele, que ela cumpra as coisas, né? Porque é foda, ela é vingativa...

Neste último trecho, vemos como as interseccionalidades se apresentam para a ex-companheira de Xavier, enquanto mulher negra e pobre, e sobre as possibilidades judiciais que ele havia consultado até aquele momento, expondo o seu desejo de oficializar judicialmente os acordos firmados para que fossem cumpridos.

Tipo assim, na sexta-feira... Eu tô te dando elemento pra tua pesquisa, né? Eu não sei se eu tô falando merda, mas eu tô falando a verdade. Na sexta-feira passada, eu deixei de ir lá. Falhei com ela. Pela primeira vez, falhei com ela. Peguei ele no domingo. Tá, me devolve na segunda. Depois, ela falou, me devolve na quarta. Depois, ela não pegou na quarta. Pegou só na sexta. Então, ela faz dessa, saca? Ela, tipo, descumpra muito. Então, eu acho que isso é importante. Talvez seja útil pra tua pesquisa. A gente vive numa sociedade em que geralmente é o homem que descumpra a palavra dele ou que não cumpre suas obrigações. E na nossa relação com o Leo, é muito ela, tá ligado? Ela não cumpre com as coisas. Agora, tipo, tem um outro lado dessa questão e tal. Que é todo um contexto social, cultural. Até de gênero. Ela é uma mulher negra que viveu numa família pobre. Tô tentando te dar alguns dados. Mano, a guarda por resolver ainda. É tanta bronca que eu meio que já procurei uma advogada, já paguei uma consultoria. Tipo, já tenho, todas as opções nas minhas mãos. Mas ainda não tomei a atitude, assim, de regularizar. Falta... eu defini um acordo e, tipo, fazer a gente assinar e tal, todo mundo assinar. Que é o que eu quero. Eu acho que vai rolar e tal, coisa de duas, três semanas eu devo estar assinando um acordo com ela. Pra coisa ficar, tipo, sentindo a justiça! Sobre a pensão, eu nunca deixei de pagar. E paguei até em meses que ela não apareceu num dia. Já aconteceu num mês. Porque na cabeça dela eu tenho dinheiro, minha família tem dinheiro. Na real, ela tem uma mãe que ela é tipo daquela pessoal que é “cruzeta” (se aproveita das pessoas), entendeu? Ela é uma “cruzeteira²⁵” de natureza, então ela acha a coisa mais linda “cruzetear” os outros (Xavier. 230/03/23).

Essa é uma das análises mais difíceis de fazer uma vez que a proximidade me trouxe esse incômodo. Agradeço imensamente a honestidade e detalhamento deste pai, por expor uma situação que é difícil, mas necessária de se discutir. Pensar a partir do poder ou, para ser mais específico, sobre as relações de poder que poderíamos analisar a partir deste campo, sob vários aspectos.

Partimos do conceito Foucaultiano (1988) de poder onde este não está em um lugar específico e fixado, mas tem um caráter onipresente. O poder não é centralizado, aparece

²⁵ O mesmo que trapaceira.

difusamente se entremendo pelas redes da sociedade. Este poder é constituído relacionalmente e não algo que está flutuando sobre as cabeças.

... compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 1988, p. 88 e 89).

Este poder, como dito, não é estático e nem se pode dizer que um indivíduo é o seu dono em definitivo, o poder em meio às disputas acaba por movimentar-se em determinados campos. O poder não é um objeto que se pode manter consigo, mas é uma ação ou prática presente nas relações sociais que junto às disputas “induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis” (Idem, 1988, p.89). No caso do Estado, dos aparelhos ou das instituições, “rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também... atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais.” (Idem, p.89). E, ainda assim, como dito na citação direta anterior, estas instituições têm sentido de contribuir na criação de hegemonias sociais.

Portanto, mesmo tendo a consciência de que o poder não possui um dono ou dona, devemos estar cientes que ele pode circular mais por alguns lugares a depender das disputas. Nos casos citados temos a disputa de poder da guarda dos filhos, e em um desses casos essa disputa se dá não para ter a guarda do filho, mas para anular o status de pai. Dos dezesseis pais, três relatam algum tipo de agressão, no caso de Xavier também a depredação de bens (carro e computador), e no caso de Helder e Jonas, o ápice das agressões foi quando as mães de seus filhos tentaram esfaqueá-los. Na situação de Jonas, ele estava com o filho no colo tentando protegê-lo e se proteger, a mãe teria cometido suicídio (em outro momento), e Jonas chegou a ser acusado informalmente de assassinato da mãe de seu filho pelos avós que hoje continuam a praticar alienação parental, antes feita pela mãe.

A respeito das expectativas de gênero, Berenice Bento (2015) no livro “Homem não tece a dor”, em relação aos homens de sua pesquisa afirma que “Alguns dos entrevistados

queixam-se largamente da postura de suas companheiras e ex-companheiras, que tomam decisões que os envolvem sem consultá-los, que impõem muitas tarefas, que são autoritárias. Nesses casos, há uma inversão hierárquica” (idem, p. 138).

Podemos pensar inclusive do ponto de vista das violências citadas a partir das chamadas “cenas” colocadas por Maria Filomena Gregori (1992) onde a agressão, que pode acabar em agressão física, tem um roteiro que inicia anteriormente e vai se desenvolvendo pelos indivíduos envolvidos. A autora observa que, de acordo com o feminismo (e nesse caso acredito que se refira a um entre tantos) a violência conjugal é como uma...

... expressão radical da relação hierárquica entre os sexos no núcleo familiar. Nessa relação assimétrica, o homem ocupa a posição de mando, podendo fazer valer a sua autoridade para punir, exigir e, por vezes, agredir os outros componentes da família. A mulher, cujo papel é lidar com as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, está subordinada aos desígnios do homem (Gregori, 1992, p. 123).

As “cenas” de violência, apesar de serem colocadas pela autora como exceção da regra, são classificadas como um ritual privado. A autora ainda destaca no artigo “As desventuras do vitimismo” (1993) que mesmo quando essa mulher executa a agressão contra crianças ou a seus parceiros, isso pode ser lido como uma forma de “resistência”.

... analisar a argumentação feminista sobre a violência conjugal, tomando como referência escritos publicados no Brasil na década de 80. Em especial, quero chamar a atenção para o fato de que nela a mulher aparece como ser passivo, ou melhor, vitimado. Desde que ela não é sujeito constituinte de sua situação ou destino, é vítima, inclusive quando age contra os outros (Gregori, 1993, p. 143).

A ideia aqui não é dizer algo como por exemplo, “vejam como as mulheres são violentas” (em minhas próprias palavras), e sim demonstrar com exposições de campo as violências, semelhanças e diferenças. Não fazer juízos de valor a respeito de uma **possível** culpa das partes, sabendo que mesmo o que é contado é apenas uma parte de todo o roteiro da cena.

Dentre os pais que relataram agressões sofridas (Xavier, Helder e Jonas), Xavier é aquele que conseguiu impor uma negociação através da relação de poder. Com uma certa consciência de determinadas intersecções (mulher negra e pobre) da mãe de seu filho, Xavier, ao mesmo tempo em que demonstrou apoio, questionou a relação entre a **presença** e a **pensão (prover)**. Esse questionamento estava presente não somente em suas palavras, mas também

nas ações decorridas nas falas expostas, sendo a **pensão** de certa forma a negociação quanto a **presença**. Será que o fato de não prover financeiramente não estaria pesando também no caso da mãe do filho de Xavier?

Jonas, pontualmente, afirma que em situação de crise nos relacionamentos, o desemprego costuma estar presente, “desemprego é causa de transtorno psicológico, suicídio, abandono de lar, violência, muita situação degradante” (Jonas, 11/01/23).

O texto “pai separado e pobre” de Etiane Oliveira (2010), tem por objetivo “compreender as representações sociais de homens-pais separados e pobres.” (Oliveira, 2010, s/p). A autora analisa a situação dos seus interlocutores, que também refletem sobre a relação entre a **presença** e a **pensão**, onde os pais veem como obrigação o pagamento de pensão (assim como os desta pesquisa), mas questionam a pensão como via única de “acesso para a participação do pai na vida dos filhos, em que ela passa a ser avaliada pelos sujeitos como um veículo de poder feminino para continuar intermediando a relação pai e filho” (Oliveira, 2010, p. 84).

Esse condicionamento da convivência do pai com os filhos mediante o pagamento da pensão alimentícia apresenta-se como uma forma cruel de aprisionamento do genitor ao exercício da paternidade exclusivamente pelo viés econômico, inviabilizando, assim, a possibilidade da construção de uma relação afetiva entre o pai e a prole. Desta forma, a separação, mediante o não-pagamento da pensão alimentícia, pode representar para o pai pobre o fim da sua participação na vida dos filhos (Oliveira, 2010, p. 84).

Mais uma vez, retornamos à questão do **prover**, que também é citada por Oliveira e seus interlocutores que, por sua vez, também está relacionado à questão do trabalho e a pobreza, bem como as dificuldades relacionadas ao pagamento de pensão e a possibilidade do encarceramento. Mais uma vez, a **ausência** a partir da separação configura-se como “uma mudança muito grande no exercício da paternidade... o que repercutia diretamente na participação na vida dos seus descendentes... (Oliveira, 2010, p. 68). O **prover** ou o “correr” serão desenvolvidos no item a seguir, para nos aprofundar neste elemento e em suas particularidades no grupo da pesquisa. A autora também ressalta que “A relevância que o trabalho tem na identidade do homem-pai, separado e pobre, está possivelmente articulada

com a representação social de paternidade dos participantes. Também está ancorada na divisão sexual do trabalho” (Oliveira, 2010, p. 90).

2.4.1 Pais do corre

“O corre” como dito anteriormente, pode ser uma forma de ajudar algum amigo, ou mesmo pensado enquanto trabalho ou “trampo”, termo também usado para falar da questão do trabalho e da relação deste com o **prover**, uma das preocupações para a maioria dos pais da pesquisa, ou seja, trabalhar para sustentar seus filhos, sejam eles separados das mães de seus filhos ou não.

A partir destes relatos, pode-se observar que a convivência diária com os filhos, no contexto do casamento, viabiliza certa flexibilidade no modelo tradicional de parentalidade experimentado pelas famílias pobres, principalmente, no que se refere ao exercício paterno. Mesmo que o pai perceba a sua participação ancorada no papel de provedor do lar, este se permite, nos momentos de convivência familiar, executar algumas atividades ditas “femininas”, como cuidar da alimentação e dar carinho. Além de favorecer um maior contato entre pai e filho, afastando a ideia do pai distante e severo que só pensa em prover o lar (Oliveira, 2010, p. 68 e 69).

Da mesma forma que no trabalho de Oliveira (2010), os pais desta pesquisa trazem a noção polissêmica **prover**, pois, “não está estagnado na noção de **provedor econômico**” (Idem, p.69) que seria uma característica de uma paternidade tradicional, apesar de no caso dos nossos pais, este ser o sentido mais comum ou primeiro dado, mas pode ser também entendido como prover **amor, prover educação**.

Adriano trabalhava como profissional autônomo e possuía dois empregos, um deles como entregador. É destacável em nossas conversas a questão do trabalho e da necessidade de manter-se em mais de um emprego para conseguir ter o básico para se sustentar. Afirmou que o trabalho tornou-se precarizado, apontando o governo Temer como o grande responsável pelo início desse processo de precarização. Adriano declara-se social democrata e como todo o grupo, demonstrou antipatia pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Afirmou que no seu trabalho há muitos homens que se enganam, achando que estão certos apoiando o ex-presidente J.B. “Eles não têm consciência de classe; se tivessem, não apoiariam seu próprio algoz.”, referindo-se a trabalhadores que apoiam a perda de seus próprios direitos.

O assunto sobre a precarização do trabalho surgiu enquanto descreveu “a gaiola”, uma espécie de portaria na entrada da empresa, onde o funcionário aguarda enquanto é observado por alguém via câmera. Se esse funcionário demonstrar insatisfação, irritação e for identificado sendo uma potencial ameaça física ou, nas palavras de Adriano, “se esse cara tá puto, o funcionário que está observando através da câmera não abre a porta até que demonstre que se acalmou. Já aconteceu de entrar gente quebrando tudo. Se estiver alterado, vão deixá-lo esperando um tempo até ter sua entrada ser liberada na gaiola.” Além do trabalho como entregador na empresa citada, onde por um dia foi o funcionário que barrava os outros na gaiola, Adriano também exerceu uma atividade que, se a citasse aqui, poderia identificá-lo, é uma das informações e curiosidades que deixarei neste texto e cabeças dos leitores.

O outro trabalho o obriga a ficar fora de casa por dias e, às vezes, uma semana ou duas. Porém, o trabalho que seria para “ajudar” no seu orçamento como entregador, acabou tornando-se o principal devido ao clima chuvoso que impede as viagens ou as torna desagradáveis. Agora, no momento da seca, acredita que estamos prestes a viver uma seca intensa, em meio a queimadas também intensas que poluem os céus da cidade de Manaus, o que o preocupa.

Um dos pais do grupo já foi detido em algum momento da pesquisa, passou alguns meses preso e depois de algum tempo conseguiu liberdade condicional. Andou com uma tornozeleira e afirmou sentir-se incomodado com a imagem que esta passa para as pessoas, ou ainda, por conta dos preconceitos que as pessoas têm com ex-presidiários. Nos momentos em que a tornozeleira vai descarregar, ele diz que “vai se carregar”, em tom de brincadeira. Após sua saída passou a dedicar-se à produção de eventos culturais na cidade de Manaus, ele é músico e tem liberdade condicional que o permite trabalhar em horário limitado.

Outro faz conteúdo de vídeos sexuais, onde fica nu e se exhibe com parceiras, praticando sexo ou sozinho. Em algumas ocasiões, propostas de programa apareceram e ele aceitou, relatando valores como 400 reais em uma última situação vivida. Porém, afirmou que foca mais na venda de conteúdos.

Os pais possuem e participam de diferentes “corres”, trabalhando, mangueando ou mesmo ajudando, como poderá ser visto no campo descrito a seguir, onde o “corre” envolveu ajudar Carlos na sua mudança.

Mudança de Carlos (20/12/2020)

Após saber através de posts nas redes sociais que Carlos havia se acidentado de moto, tendo quebrado a clavícula, além de outras escoriações, ofereci minha ajuda para carregar as coisas durante a mudança que ocorreria, mandei mensagem no grupo, perguntando se mais alguém poderia “dar uma força” e outros dois integrantes do grupo toparam ajudar, Jonas e Thales. Depois de fazermos a mudança, no ano seguinte, em março de 2021, pedi que Thales contasse as suas impressões sobre os acontecimentos que constarão a seguir.

Combinamos com Thales e Bento para que saíssemos perto das 8 da manhã, Bento não acordou a tempo da saída, busquei Thales no mesmo bairro que Carlos estava mudando-se. A nova casa ficava, também, nesse bairro. Carlos nunca havia nos encontrado pessoalmente, paramos próximo a sua localização e aguardamos Carlos aparecer enquanto os moradores em volta estavam atentos a nossa movimentação, perguntamos de moradores se o conheciam, informando que ele estava de mudança. Tempos depois, apareceu a sua companheira que nos mostrou onde era a viela que dava entrada para a casa, onde iríamos buscar as coisas. Nesse momento a kombi que fazia a mudança estava a caminho. Além da companheira de Carlos, estava um primo dele. A entrada desta viela possuía um poste, e algum lixo de móveis velhos em uma de suas laterais, o chão era asfaltado, mas o único veículo que poderia passar seria uma moto ou algo parecido. Dobramos a esquerda, que dava acesso a outra viela, esta já era onde Carlos morava, cruzamos com um rapaz que fumava um cigarro de maconha e nos cumprimentou. As casas são estreitas, sem um padrão de construção, mas tenho a impressão que a cor cinza predominava naquela mistura de cores opacas, ou esta era somente a sensação que o local trazia. Até chegar no apartamento que Carlos estava saindo, existiam duas escadas, uma que dava acesso ao terreno onde ficavam os apartamentos e uma segunda escada com dois lances que dava acesso ao corredor onde Carlos morava. As escadas eram a parte mais difícil da mudança, não somente por elas em si, mas pelos objetos que ficavam no caminho, como os varais que atravessavam a escada de acesso

ao corredor do apartamento que Carlos estava saindo, balde de água de condicionador de ar no caminho. Em algum momento tomei o cuidado de afastar as roupas que estavam no varal para não sujá-las e afastamos os baldes de água dos condicionadores de ar. O apartamento era pequeno, com dois cômodos e um banheiro; uma sala/cozinha em formato de L, da cozinha se tinha acesso ao banheiro e ao quarto de no máximo 3×3 metros. Carlos possuía poucas coisas, geladeira, fogão, um armário de roupa de 4 portas e um armário de cozinha, além disso, algumas sacolas com roupa e coisas soltas, levamos tudo pra entrada do beco. A Kombi chegou um pouco antes de terminarmos e o condutor da Kombi claramente não queria envolver-se na parte braçal da mudança. Na mudança anterior, Carlos explica que somente ele, o primo e o condutor carregaram as coisas. Algumas coisas coloquei no carro, as outras foram dentro e em cima da Kombi, a parte de cima formava uma pilha que dava medo, pois parecia que ia cair a qualquer momento. Carlos falou que na última mudança veio tudo empilhado sem amarrar e comentava que o “motorista da Kombi era muito doido”, em tom jocoso e algo como admiração das habilidades ou exaltação dessas características.

Durante a mudança, Carlos explicava os motivos de querer se mudar, falou que lá era “área vermelha”, o que significa que é um ponto de tráfego, e continuava explicando que o problema em si não eram os “meninos” que vendiam “as paradas ali” e sim a polícia. Os policiais já chegaram com tudo, eu entendo que eles estão fazendo o trabalho deles, mas sobra pro trabalhador, né? Revistam tudo, até saco de churrasco eles abrem e jogam no chão”. E que, possivelmente, o local onde iriam morar, seria mais tranquilo.

O novo local ficava no mesmo bairro, mas tivemos dificuldade de encontrar, pois, Carlos foi na frente, de moto, com sua esposa, eu e Thales fomos no carro em que eu estava e o motorista foi com o primo de Carlos. Chegando no local o acesso para a nova casa era uma escadaria grande, larga e íngreme, devia ter cerca de 20 metros, feita de alvenaria e com degraus mais largos que as escadas comuns. A Kombi parou, descemos. Thales tirou uma foto da Kombi, dois rapazes nos observavam, cumprimentamo-nos, e um terceiro rapaz que ia na direção contrária à nossa, enquanto estacionamos, voltou; Ele foi na direção de Thales perguntando “tá tirando foto de quê aí?”, prontamente Thales respondeu que estávamos ajudando um amigo a fazer a sua mudança e que ele estava tirando foto somente da Kombi

“tranquilo?” perguntou Thales ao final de sua fala; eles se cumprimentaram e o rapaz seguiu descendo o escadão com as cervejas que havia ido comprar. Tal ato indicaria que talvez ali também fosse uma “área vermelha”. Após parar neste local, a companheira de Carlos nos informa que por baixo talvez fosse mais fácil levar as coisas, pois bastaria subir alguns degraus para chegar a viela que daria acesso à nova casa; assim o fizemos. Tivemos alguma dificuldade para achar a viela que daria acesso por baixo, mas, perguntando aos moradores, a encontramos. Era um caminho um pouco mais extenso, porém, com menos degraus no caminho. Carlos depois discutiu de maneira branda com a companheira por dar tal ideia, acreditando que no primeiro ponto estacionado seria mais fácil de carregar as coisas. A outra entrada mais uma vez tinha um poste no seu início, se estreitava em algum momento e acabava dando acesso a uma pequena ponte de concreto que atravessava um pequeno igarapé e a um espaço mais aberto que dava acesso ao escadão. Subimos cerca de cinco degraus; e subimos à esquerda, que dava acesso a uma nova viela, com portão na entrada; esta tinha cerca de três metros. Posteriormente, neste mesmo caminho, só havia construções encontradas à direita, enquanto à esquerda, nos próximos três metros, havia um barranco mais baixo que dava visão para outras casas. Carlos diz que conseguiu por um bom preço e que não pagava água, e que o valor da luz dava um valor “barato”, elogiei a varanda e o novo local; parecia ser mais arejado, mesmo as vias por onde passamos mais assépticas, sem a presença de fezes de cachorro pelo caminho como era o caso no outro local. Carlos nos perguntou se gostaríamos de almoçar com eles, que estava indo comprar marmitas, mas eu e Thales nos recusamos, pois, precisávamos ir e nos prometendo fazer um churrasco no local assim que as coisas estivessem melhor em relação à pandemia. Alguns dias após a mudança, Carlos me contou que a casa tinha problemas estruturais de infiltração e mesmo na rede elétrica e que sua geladeira havia queimado por isso. Disse que o proprietário não parecia interessado em resolver o problema e, por isso, teria que se mudar novamente, e isto aconteceu durante a segunda onda da pandemia em Manaus. Desta vez, expliquei que não poderia oferecer ajuda, pelo risco; ele entendeu e disse que tudo bem, informou me depois que fez a mudança sozinho com sua companheira para uma casa ao lado, até que sua sogra foi internada e posteriormente faleceu, fazendo com que Carlos voltasse para casa dos parentes e sua companheira a morar com o pai. Eles planejam alugar a casa que a mãe deixou de herança, pois apesar do pai de sua

companheira dizer que a casa é dela “ele sempre vai lá dizer como as coisas têm que ser feitas” (Carlos).

Thales, cerca de quatro meses após o evento, faz uma excelente exposição sobre o dia em questão; ele é graduado e possui pós-graduação em área também de humanas, o que explica certos aspectos destacados em sua fala. A princípio fala de suas motivações para ter ido fazer a mudança de Carlos. O primeiro destes foi afirmando “eu sou do corre... aprendi com meus pais e avós que nunca tiveram vida fácil, na correria mesmo, trabalhando um dia pra ter o pão do outro dia” explicitando que as movimentações em caráter de mutirão, faziam parte de seus hábitos... “e se eu faço parte de um coletivo, como o nosso, por exemplo, por mais que seja virtual, que a gente nunca tenha se encontrado presencialmente, que não tenho uma organização, por assim dizer, por mais que ele seja virtual, mas é um coletivo... então, se o pessoal do meu trabalho fizesse um corre eu estaria envolvido, o pessoal dos movimentos sociais eu estaria envolvido” (Thales 16/03/21). Além desta questão, destaca a tentativa de sentir empatia com o fato de Carlos ser um homem trans, reconhecendo as diferenças ou intersecções entre ele e nós homens cis, mesmo Thales sendo um homem negro, percebeu sua vantagem diante de Carlos (um dos homens trans), vantagens que se ampliam para mim que sou branco. Destacou, em suas falas, as diferenças e dificuldades que foram sendo expostas “no grupo” como:

... por tudo que ele já expôs no grupo, de todas as dificuldades que ele sofre, principalmente no âmbito da família que não quer aceitar a condição dele, que não quer o aceitar como pai, como homem trans, ficam duvidando e botando em cheque... e tudo que deve resultar na cabeça dele, e tudo isso acrescentou em sensibilidade pra que fizesse esse corre, se fosse algum outro amigo do grupo precisando eu também o iria, mas essa parada dele ser um homem trans e a condição social dele, isso me sensibilizou bastante para eu ajudar (Thales, 16/03/21) .

Também destacou as diferenças presentes em seu bairro ao comparar a sua casa e moradia com as de Carlos que ficava no mesmo bairro, “daqui da minha casa eu consigo ver a área que o Carlos mora”, falou que apesar do local onde mora alugado ser de fato uma “área vermelha”, não teria a mesma aparência tão “gritante” como a de Carlos, citando as fezes de cachorro e mesmo comida jogada no chão, o que talvez tenha acontecido por alguma batida policial “procurando os meninos”, segundo Carlos anteriormente. Thales, através do que foi percebido, apontou a condição de vulnerabilidade social das pessoas que ali viviam.

CAPÍTULO 3 - AS INTERSECÇÕES ENTRE OS PAIS DA PESQUISA

3.1 Masculinidades, separação, diferenciação e violências

Os estadunidenses foram os primeiros a estudar o tema masculinidade, na década de 70. No Brasil, a primeira pessoa a estudar o tema na Sociologia foi Berenice Bento (2015), através de sua dissertação de mestrado, defendida em 1998 e que trouxe discussões acadêmicas sobre o assunto. Faremos uma passagem nas teorias relacionadas ao tema, em uma busca por trabalhos nacionais e, ao mesmo tempo, dando luz à escola norte-americana, como um dos marcos da história dos estudos sobre masculinidade.

Ocidentalmente, umas das principais atribuições que definem a masculinidade é aquela que afirma que o masculino é ativo sexualmente e, segundo o senso comum, esta atividade estaria ligada ao ato de penetrar a outra ou o outro, o homem. Assim como proteger as nádegas (mesmo que de uma brincadeira) seria uma afirmação de determinada masculinidade, uma vez que o homem que se deixa tocar nesta região é um indício de que gosta de ser tocado por outro homem. “É (sic) incrível como as nádegas no Brasil são poderosas nesse lugar para um homem ser o passivo” (Grossi, 2004, p. 6). Em campo na cidade de Belém, Fry (1982) define homem como aquele que “come”, ou seja, que penetra sexualmente homens ou mulheres. Esses homens penetrados passam a ser feminilizados na denominação “bicha”²⁶:

O mundo masculino de Belém está dividido em duas categorias distintas: aqueles que “dão” e aqueles que “comem”. Os primeiros são classificados como “homens”, “machos”, “garanhões” ou “fanchões”. Em princípio, um macho é considerado homem até ele assumir ou “provar” ter “dado”, e nesse caso ele se torna também uma “bicha”. Se ele se torna ou não uma “bicha mesmo”, isso depende da sua escolha pessoal em aceitar o papel de “bicha” com todas suas implicações sociais e sexuais. De um homem que “solta plumas” e assume o respectivo papel social, espera-se que ele alguma vez tenha “dado” sexualmente (Fry, 1982, p. 68).

Em oposição a essa ideia que caracterizaria um homossexual na cultura Anglo-Saxã, onde dois homens que praticam atos sexuais são considerados homossexuais, ou seja, entre eles a atividade sexual não caracteriza a identidade masculina da forma como ocorre no

²⁶ Entendo que o termo “bicha”, quando utilizado no cotidiano, pode ser considerado pejorativo dependendo de quem fala, com quem se fala e o tom utilizado para tal, mas aqui é colocado como categoria êmica, ou seja, é a transcrição fiel da fala dos informantes da pesquisa. Seria este termo relacionado ao feminino de bicho?

Brasil. Em nosso país entende-se que um homem que transa com outro homem de maneira ativa não é gay ou mesmo bissexual (Fry, 1982). Da mesma forma que no Brasil, entre os povos do mediterrâneo e com frequência na América latina, a classificação como ativo ou passivo em relação à identidade masculina segue a mesma linha. A Argentina é uma exceção, havendo semelhança com o modelo anglo-saxão (Insausti e Peralta, 2018). O caso argentino “evidencia de que las ‘maricas’ podían llegar a ser ‘activos’, así como los varones viriles asumían, en ocasiones, el rol pasivo” (Idem, p. 93).

Voltando ao caso nacional e especificamente na construção da chamada masculinidade hegemônica, a atividade não está somente ligada à questão sexual citada, mas também “percebida positivamente como agressividade.”, com forte ligação entre as duas (agressividade e atividade), inclusive na infância onde a hiperatividade confunde-se constantemente com agressividade (Grossi, 2004, p. 6). A mesma autora cita exemplos observados em escolas:

Evidentemente que as professoras (e os pais) acreditam seriamente que aqueles meninos são hiperativos porque nasceram assim, que isto é uma característica natural (inata) do sexo masculino e não que se trata de um comportamento esperado e estimulado de meninos, que devem deste (sic) a tenra infância se comportar como pequenos homens (Grossi, 2004, p. 7).

Trabalho também com a ideia de oposição dos mundos masculino e feminino na constituição dos gêneros que universalmente se daria a partir de uma necessidade de separação das relações existentes entre o menino e a mãe, pois ela seria a representação do mundo feminino e, para tornar-se masculino, o menino precisaria separar-se do mundo dela. Antes desta separação, a união com a mãe através da alimentação psíquica e física são apontadas como fundamentais para o menino de um jeito “muito mais complexo e dramático do que o da menina”. Elizabeth Badinter prossegue explicando que “Nesse esquema, o menino é sucessivamente tudo ao seu contrário. Fêmeo na sua origem, ele é advertido a deixar sua primeira pátria para adotar uma outra, oposta, ou mesmo inimigo. Este arrancamento que lhe é imposto é também intensamente desejado...” (Badinter, 1993, p. 45).

Enquanto as meninas, em todo o processo, estão lidando com uma base de identificação do mesmo sexo que o seu, o menino deve aprender a diferenciar-se da outra, sua

mãe, afastando-se da relação passiva desde o seu nascimento e desfazendo a relação simbiótica entre mãe e bebê. “Não há melhores palavras para dizer que *a masculinidade ‘deve ser criada’*”. Criada através dos chamados comportamentos “que as sociedades definem como adequadamente masculino é feito de manobras de defesa: temor às mulheres, temor de manifestar qualquer tipo de feminilidade, inclusive sob forma de ternura, passividade ou cuidados dispensados...” (Badinter, 1993, p. 49).

Diversos autores²⁷ descreveram alguns dos rituais de iniciação para o mundo masculino, reafirmando a “violência” e “separação” como elementos presentes neles, constituindo, a partir destes processos, a construção de uma “identidade de gênero grupal”. Mostraram as extremas diferenças entre os ritos de cada um dos gêneros, dos meninos com a presença da violência física e a fixação em sua mente da ideia de que seriam cientes e portadores de segredos que não poderiam ser desvelados às mulheres/meninas.

A autora traz como exemplo a relação dos homens indígenas do alto Xingu com as flautas sagradas, que não podem ser vistas pelas mulheres e, caso isto ocorra, elas são punidas com um estupro coletivo, ou seja, os homens utilizando-se da violência como instrumento de afirmação. Para os Baruya da Nova Guiné, o processo de constituição do masculino se dá pela ingestão do sêmen dos mais velhos, substância que eles acreditam representar simbolicamente o masculino, assim os mais novos tornam-se mais homens ao deglutir a substância masculina (Grossi, 1995).

Usando grande repertório da literatura feminista francesa, Daniel Welzer-Lang (2001) discute as ideias ocidentais/francesas da construção das masculinidades através da dominação masculina, tanto de mulheres como de outros homens, trazendo a ideia de que os meninos deveriam afastar-se de tudo aquilo que os pudesse relacionar às mulheres. Apresenta o conceito de “Casa dos Homens”, local tribal onde somente os homens poderiam adentrar, trazendo-o para o mundo ocidental/francês e afirmando mais uma vez a violência como algo comum tanto das sociedades tribais como das ocidentais. Também destaca a pornografia como

²⁷ “Pierre Clastres, Victor Turner, Maurice Godelier, Françoise Héritier e Georges Balandier.”(Grossi, 2004, p. 7).

constituidora dos homens ou do modelo de masculinidade (apresentado como único), trazendo à cena a visão de que as relações sexuais com as mulheres devem se dar tal qual na pornografia, tudo isto aprendido de maneira coletiva na “Casa dos Homens”. Em sua analogia com o mundo ocidental, a Casa dos Homens está em vários lugares, inclusive no esporte, fundamental na constituição da masculinidade.

Através do esporte, agregado à violência contra si, também se constroem as masculinidades, nos casos exemplificados nos esportes do Judô e Rugby, estudados no Brasil, é através desta, ou seja, do sofrimento corporal dos jovens atletas que este processo também se dá (Rial, 1998). A exclusão social é outro elemento atuando através da vida precária em favelas, do tráfico de drogas e FEBEN (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor) no caso dos jovens que, de alguma forma, são empurrados para determinadas situações violentas, resultantes destas condições sócio-econômicas, inclusive quando em situações de encarceramento onde a violência sexual é utilizada para humilhar outros homens nesta situação.

Esta direção agressiva e conflitos do grupo durante o percurso corresponde e nos faz refletir sobre as estatísticas que falam sobre homens e a relação com morte e acidentes, onde estes são os que mais matam, mais morrem, mais se suicidam, mais se envolvem em acidentes, ou seja, de alguma forma, envolvem-se em situações de violência, inclusive como um rito, como bem destrinchado pela antropóloga Mirian Pillar Grossi (2004) ao descrever alguns rituais de iniciação de diferentes povos estudados por “Pierre Clastres, Victor Turner, Maurice Godelier, Françoise Héritier e Georges Balandier” (Grossi, 2004, p. 7). Explicando que através da violência se constrói uma identidade de gênero. Estas violências apresentam-se através de tabus, das marcas²⁸ nos corpos (Clastres, 1978).

O livro *Masculinities* ou traduzindo, Masculinidades, da autora Raewyn Connell (2005) observa que:

²⁸ O autor fala sobre as tatuagens nas prisões que serviam para marcar os prisioneiros, “a dureza da lei encontra para se enunciar a própria mão, o próprio corpo do culpado-vítima. O limite é atingido, o prisioneiro está Absolutamente fora da lei: o seu corpo escrito di-lo” (Clastres, 1978, p. 175), fala das cicatrizes deixadas pela tortura do corpo.

... o conceito também é inerentemente relacional. 'Masculinidade' não existe, exceto em contraste com 'feminilidade'. Uma cultura que não trata mulheres e homens como portadores de tipos de caráter polarizados, pelo menos em princípio, não tem um conceito de masculinidade no sentido da cultura europeia/americana moderna.

A pesquisa histórica sugere que isso era verdade para a cultura europeia antes do século XVIII. \ t \ Tomen eram certamente considerados diferentes dos homens, mas diferentes no sentido de serem exemplos incompletos ou inferiores do mesmo caráter (por exemplo, tendo menos da faculdade da razão). Mulheres e homens não eram vistos como portadores de personagens qualitativamente diferentes; essa concepção acompanhou a ideologia burguesa de “esferas separadas” no século XIX.

Em ambos os aspectos, nosso conceito de masculinidade parece ser um produto histórico bastante recente, com algumas centenas de anos no máximo. Ao falar de masculinidade, então, estamos 'fazendo gênero' de uma maneira culturalmente específica. Isso deve ser levado em consideração — com qualquer alegação de ter descoberto verdades trans-históricas sobre a masculinidade e o masculino. As definições de masculinidade geralmente consideram nosso ponto de vista cultural como certo, mas seguiram estratégias diferentes para caracterizar o tipo de pessoa que é masculina. Quatro estratégias principais foram seguidas; eles são facilmente distinguidos em termos de sua lógica, embora muitas vezes combinados na prática (Connell, 2005, p. 68).

A partir do texto de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) podemos chegar à seguinte e sintética definição de masculinidades que, por sua vez, é expressa tendo como fonte o **Handbook of Studies on Men and Masculinities** publicados por Rayween Connell, Jeff Hearn e Michael Kimmel: “... as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades)” (Medrado e Lyra, 2008, p. 810).

Para entender a paternidade, baseado nos textos aqui apresentados, julgo necessário e inevitável entender os outros pontos que tornam um homem pai, para isto nos aprofundaremos no conceito de masculinidade, em especial no conceito de masculinidade hegemônica suas críticas e sínteses desenvolvidos no item a seguir.

3.1.1 Masculinidade hegemônica e a importância do conceito

Devemos pensar em masculinidades no plural enquanto categoria de análise e em relação às suas especificidades que não se constituem como um modelo pronto em que os tipos se encaixariam perfeitamente. Há, por exemplo, masculinidades negras,

transmasculinidades, masculinidades indígenas (termo não encontrado em bibliografia) e demais possibilidades. Não somente a cultura está em constante movimentação, num processo também de criação e recriação de outras formas de atribuições masculinas que poderiam ser classificadas como um tipo de masculinidade. Em verdade, é uma variação (masculinidades) dentro de outra variação (masculinidades negras/pretas, brancas). Por isto, aqui trabalharemos com a ideia de masculinidades como um conceito que não é somente polissêmico, uma vez que masculinidades e pessoas estão em constante processo de transformação. Para isto partiremos do conceito de masculinidades hegemônicas, desenvolvida por Raewyn Connell (2016), uma constante referência nos estudos sobre masculinidades, bem como parte das críticas posteriores à obra, que contribuem contemporaneamente no campo de estudos de gênero e masculinidades para pensar sobre os dados de campo dessa pesquisa.

Na continuidade dessa discussão traremos a contribuição de Vigoya (2018) que apresenta uma síntese e crítica sobre esse conceito, ao mesmo tempo em que traz uma reflexão a partir da realidade latino-americana que se aproxima das experiências de meus interlocutores. Com o campo de estudo no início da década de 90, avaliado a partir de trabalhos acumulados na área dos estudos de gênero latino-americanos, conclui-se que existia um grande ponto cego ou ausência de trabalhos sobre homens enquanto atores gendrados²⁹ (Barbieri, 1993; Gomáriz, 1992).

Mesmo sabendo que não é consenso o uso da categoria masculinidade hegemônica (Connell, 2016), analisemos a relevância do conceito e se há validade no emprego do termo. A masculinidade hegemônica seria a dominante, não necessariamente se utilizando de violência e podendo também não ser maioria entre os homens, numericamente falando. Não deve ser entendida como um tipo de comportamento fixo, variando suas características conforme o contexto e padrão apresentados socialmente (Connell, 2005, 2013, 2016). Nas palavras da própria autora, em uma de suas obras mais conhecidas:

A masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração da prática de gênero que incorpora a atual resposta aceita para o problema da legitimidade do

²⁹ “ ‘gendrado’ deve ser, então, entendido como equivalente à de ‘de gênero’ ou ‘criado/construído no/pelo gênero’ ”(Vigoya, 2018, p. 19 e 20)

‘patriarcado’, que garante (ou é tomado como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (Connell, 2005, p. 77, tradução minha).

Por masculinidades devemos entender os “padrões socialmente construídos de práticas de gênero” (Connell, 2016, p. 94). Como o próprio texto já indica em seu título, a autora faz uma revisão do conceito de masculinidade hegemônica, respondendo a críticas e interpretações errôneas do conceito adotado por diversas áreas de conhecimento, tornando-se mais polissêmico ainda.

Connell e Messerschmidt (2013) ressaltam que apesar do conceito ser polissêmico existem limites discursivos e de aplicabilidade científica (ou ao campo) que não cabem ou, como dito, foram mal interpretados. As críticas, em resumo, apontam para a síntese de masculinidades múltiplas, conceituam a hegemonia e afirmam o processo de transformação. Características que a autora já reconhece no conceito original, dizendo que se realmente fosse útil, deveria ser reformulado em termos contemporâneos: Ela afirma que:

O conceito de masculinidade hegemônica foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica — prontamente renomeada de “feminilidade enfatizada” para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero. No desenvolvimento de pesquisas sobre homens e masculinidades, essa relação saiu de foco. Isso é lastimável por mais de uma razão. O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 265).

A criação do conceito de masculinidade hegemônica é proposta a partir de três eventos (Connell e Messerschmidt, 2013): um relatório resultante de estudos de campo acerca da desigualdade social em escolas na Austrália (Kessler et al., 1982), na discussão conceitual sobre as experiências corporais masculinas e na construção das masculinidades (Connell, 1983). Por fim, numa discussão sobre o papel dos homens nas políticas sindicais da Austrália (Connell et al., 1982). Estes estudos iniciais e pioneiros foram organizados no artigo de título *Towards a New Sociology of Masculinity* (Carrigan; Connell e Lee, 1985) que, por sua vez, contribuiu fortemente na crítica ao “papel sexual masculino”, propondo um modelo de masculinidades em relações de poder múltiplas. O texto de *Gender and Power* (Connell, 1987) passa a ser a fonte mais citada para conceituar masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt, 2013)

As fontes primordiais que deram base a este campo tem sua origem nos estudos feministas, assim como a sua crítica e desdobramentos posteriores surgiram com a questão da cor/raça trazida pelo movimento feminista negro (Connell e Messerschmidt, 2013). Autoras negras/pretas³⁰ Maxine Zinn (1982), Angela Davis (1983), Bell Hooks (1984), apontaram, através destas obras, o preconceito racial ou nos nossos termos “o racismo” ao analisar o **poder** somente considerando os gêneros “preparando, desse modo, o terreno universalizante sobre a categoria de homem...” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 243).

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Idem, 2013, p. 245).

“... As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos.” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 253). A síntese, a partir das críticas, é a reformulação do conceito de masculinidade hegemônica que foi dividida “em quatro grandes áreas: a natureza da hierarquia de gênero³¹, a geografia das configurações de masculinidade, o peso social no processo de incorporação da masculinidade e a dinâmica das masculinidades” (Idem, p. 264).

A solução sugerida às críticas é “que nossa compreensão da masculinidade hegemônica precisa incorporar um entendimento mais holístico da hierarquia de gênero, reconhecendo as agências dos grupos subordinados, tanto quanto o poder dos grupos dominantes e o condicionamento mútuo das dinâmicas de gênero e outras dinâmicas sociais.” (Idem, 2013, p. 266).

A geografia das configurações das masculinidades, por sua vez, reforça a ideia das diversas masculinidades, suas diferenças a partir e considerando, as masculinidades locais (neste caso, pensamos o nosso grupo de pesquisa). Essas masculinidades locais são “construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades

³⁰ Aqui preferi não incluir as obras traduzidas com a intenção de demonstrar a cronologia das publicações, porém os textos de Davis (1983) e Hooks (1984) possuem traduções para a língua portuguesa com edições mais recentes.

³¹ A noção de que diferentes masculinidades hegemônicas e não hegemônicas.

imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 267).

Na perspectiva regional, as masculinidades são “construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas” (Idem, 2013, p. 267), e por fim, as masculinidades de nível global são “construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais...” (Idem, p. 267). Existem ligações importantes entre esses níveis, onde, por exemplo, o nível global influencia na construção de gênero ao nível regional e local e estes últimos fornecem “materiais culturais adotados e retrabalhados em arenas globais e também modelos de masculinidades que podem ser importantes para as dinâmicas de gênero locais.” (Idem, 2013, p. 266).

A incorporação social diz respeito às práticas corporais como, por exemplo, as práticas esportivas, comer carne, correr risco que estariam ligadas à formação da identidade masculina ocidental, onde as relações heterossexuais são valorizadas, assim como a prática sexual, o qual é considerada uma conquista. Os corpos trans trazem a necessidade de uma sofisticação da leitura dos processos de incorporação das masculinidades, uma vez que o modelo de construção social é simplista para explicar como estes corpos são constituídos. “Para entender a incorporação e a hegemonia, precisamos compreender que os corpos são tanto objetos da prática social como agentes na prática social” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 270).

Por fim, a dinâmica das masculinidades diz respeito a não fixidez da masculinidade hegemônica e muito menos poderia ser pensada como uma só, “masculinidades são práticas que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 271). Os autores também observam que:

... a conceitualização de masculinidade hegemônica deveria explicitamente reconhecer a possibilidade da democratização das relações de gênero e da abolição de desigualdades de poder, e não apenas a reprodução da hierarquia... A história recente mostrou a dificuldade de se atingir essa prática. Uma **hegemonia positiva** permanece, todavia, como uma estratégia-chave para os esforços contemporâneos de reforma (Connell e Messerschmidt, p. 271 e p. 272).

É importante ver as demais utilizações do conceito e trabalhos que se desenvolveram continental e nacionalmente que utilizaremos neste trabalho, como a dissertação de Flávio Tarnovski (2002), Ribeiro (2020), Vigoya (2018).

Ainda sobre a masculinidade hegemônica e pensando nas intersecções possíveis, há a dissertação de Flávio Tarnovski, “‘PAIS ASSUMIDOS’: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo” (2002), na qual o autor faz uma análise das parentalidades vivenciadas por pais adotivos autoidentificados como homossexuais que, ao idealizar o futuro dos filhos e seus casamentos, desejam que se identifiquem com a heterossexualidade. Isto pode ser explicado pela identificação que esses pais têm como um modelo ideal de masculinidade que se aproxima da chamada masculinidade hegemônica, como consequência do *status* adquirido ao tornar-se pai, reforçadas pela ideia de “Salvação”³².

Retornando e pensando mais uma vez na questão da masculinidade hegemônica, penso na fala de Thales, ao refletir sobre o que seria um pai ideal. De acordo com o que percebe socialmente, seria um homem branco, pertencente a uma classe social que lhe permita ter um veículo e vida razoáveis, tendo suas necessidades básicas supridas, como se alimentar, morar, trabalhar e “sustentar a sua família”, partindo destes elementos até camadas sociais mais elevadas.

O antropólogo Milton Ribeiro, além de abrir caminhos para a leitura de outros estudiosos pretas e pretos que estão presentes neste trabalho, também contribui com a crítica feita a construção da ideia de masculinidade hegemônica, evidenciando que esta masculinidade tem uma cor e é branca. Para o autor, masculinidade negra pode ser outra coisa, inclusive do ponto de vista do homem gay e preto. Perpassando por autoras e autores e destacando o caminho e importância dos estudos feministas, inclusive do feminismo negro e suas críticas, onde se reconhece que existem diferentes masculinidades. Ribeiro observa que Connell é responsável por este marco teórico nos estudos das masculinidades, ao serem

³² “A ideia de ‘salvação’ aparece com ênfase, fazendo supor que o imaginário em torno das relações homossexuais e do estilo de vida associado ainda estejam fortemente carregadas de valor negativo. Assim, eles são obsequiosos em demonstrar quão “saudável” e “normal” pode ser a manutenção de vínculos homoeróticos ao lado da criação de um filho ou filha”(Tarnovski, 2002, p. 100).

pensadas no plural, assim como aponta trabalhos que “acabam pensando as masculinidades unicamente em uma chave branca e colonial” (Ribeiro, 2020, p. 121).

Connell (2018) escreve o prefácio da edição em português da obra “As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa America”, de Vigoya (2018), onde considera a reformulação do conceito feito pela autora. Connell (2018) escreve:

... Examina criticamente a ideia de “multiculturalismo” como uma política de estado que nomeia a diversidade social e até incentiva a diferença, mas a separa das ideias de poder e exploração. O livro usa o conceito de “masculinidade hegemônica”, mas também criativamente esta ideia no contexto pós-colonial (Connell, 2018, p. 12).

O livro é uma importantíssima referência nesta discussão trazendo estudos e expressões de masculinidades da Colômbia e “Nossa América” (como a autora chama a América Latina). Realiza uma análise das consequências de nossa história colonial, o peso do neoliberalismo na dinâmica que envolve as masculinidades estudadas, bem como a adoção de uma análise regional, global e local (Connell, 2018) que enriquece e complexifica ainda mais as questões interseccionais.

Através de sua obra, Vigoya (2018) faz um trabalho decolonial expondo a história da colonização e do período pós-colonial; pontuando suas influências sobre a formação das masculinidades na “Nuestra America”. Dentre eles, o Brasil é apontado como o primeiro da América latina, a tratar da questão da branquitude diante de uma ausência de discussão do tema na região, além de questionar a “latinidade” que invisibilizava negros e os povos indígenas. O nome “Nossa America” foi utilizado numa conferência em Nova York, que contou com a crítica de intelectuais, dentre eles o cubano José Martí, que fez críticas ao imperialismo americano e ao fato de os estadunidenses reivindicarem para si o nome América e americanos. Com as críticas e “... a partir deste lugar, fazia um chamado à união entre os povos hispano-americanos como forma de apropriação de identidade cultural e de distinção de uma América ‘nossa’ perante a América anglo-saxã” (Vigoya, 2018, p. 29).

O termo branquitude foi elaborado por Gilberto Freyre, em 1962. Segundo a autora, este termo e negritude estariam em oposição à ideia de democracia racial:

“... para Sovik, pesquisadora em estudos culturais, a branquidade é um atributo do poder; uma prática social, o exercício de uma função que reforça e reproduz as instituições e um lugar de enunciação fundado sobre uma aparência (Sovik, 2009). Essas autoras compartilham a ideia de que a identidade racial branca brasileira não se considera uma identidade racial marcada e que, portanto, as pessoas que se reconhecem como tais não se consideram parte de nenhum grupo racial ou étnico. Elas coincidem, além disso, com Frankenberg (1997) quando assinalam que a branquidade é “um lugar de enunciação confortável, privilegiado e inominado, a partir do qual se tem a ilusão de observar sem ser observado” (Sovik, 2004, p. 368)” (Vigoya, 2018, p. 132).

Após apontar que os argumentos e definições úteis à sua análise, Vigoya (2018) também coloca os limites desta análise:

Esses argumentos e definições são úteis à minha análise da branquidade das elites políticas latino-americanas, quase sempre compostas por homens “brancos”, mas também percebo seus limites. Apresentar a branquidade como um lugar social não marcado e invisível, como a bitola oculta, contra a qual todas as demais cores sociais são desvios (Frankenberg, 1993; Dyer, 1997) se tornou hoje um lugar comum. A teórica feminista Sara Ahmed (2004) assinala com agudeza que, evidentemente, a branquidade só é invisível para aqueles que a habitam. Para nós que não a encarnamos, é difícil não vê-la, não viver seus efeitos e sua capacidade de modelar os espaços sociais nos quais nossos corpos não brancos são notórios ou marginais, a menos que “se passem por brancos” (Vigoya, 2018, p.133).

A história da branquitude e, conseqüentemente, do racismo nas relações que passam a ser hierarquizadas a partir dos contatos pré e coloniais entre diferentes seres humanos, expõe uma relação entre raça e masculinidades, dentre elas a que possui o poder e hegemonia. Ideias eugenistas atravessam o mar junto com os colonizadores europeus, nas quais os seres humanos passam a ser classificados de acordo com aquilo que chamamos de raça, como observa a autora:

“Quando os escravos africanos chegaram a estas terras americanas, eles já tinham um lugar no imaginário colonial da região. Alimentado pelas representações construídas na Europa antes da colonização espanhola, em função das viagens comerciais e da conquista empreendida na África, esse imaginário se fez mais complexo com a experiência na América. A imaginação colonial relacionou a sexualidade desviante com a diferença racial e cultural e com as terras longínquas. Assim, os homens colonizados - e/ou escravizados - foram representados como excessivamente libidinosos e sexualmente incontroláveis... Para o Estado colonial, os poderes sexuais atribuídos aos homens negros ameaçavam a pureza racial e a instituição familiar e atuavam como elementos catalisadores do dualismo corpo-espírito, próprio desta tradição (Borja, 1992). A sexualidade foi, assim, um meio de manter ou anular a diferença racial” (Vigoya, 2018, p. 105).

Nos textos do século XIX, a cor da pele passa a ser cada vez mais utilizada. Em textos científicos, destacam-se as diferenças entre os homens a partir de bases fisiológicas, onde “O

africano se tornou a ‘pessoa de pele’, o sujeito definido em termos epidérmicos comparativamente ao europeu, que se converteu na ‘pessoa do olho’...” (Vigoya, 2018, p. 106). No decorrer da história, definiu-se e legitimaram-se racistas, que eram embasadas cientificamente, “Os imaginários sobre os africanos contribuíram para desenvolver um etnocentrismo sexual profundamente enraizado entre os europeus” (Vigoya, 2018, p. 106).

Os impulsos e características animais são atribuídos aos povos da África e da Nossa América, versus a moral branca. Através dos primeiros escritos de navegantes/colonizadores e etnólogos já é possível observar o uso de uma moral branca, em que os estereótipos dos não-brancos, reproduzidos durante séculos, justificariam a escravização, “... e todo tipo de excesso, como os estupros das mulheres nativas e africanas nas Américas” (Vigoya, 2018, p. 107).

Neste sentido, o Homem negro passa a ser reproduzido ou como um ser viril, forte, brutal ou como alguém “primitivo, dócil e afável” (Vigoya, 2018, p. 107), estereótipos que podem variar de acordo com a conveniência e interesse de uma classe dominante, nem mesmo podendo ser considerada uma ameaça a uma masculinidade hegemônica ocidental, descrita como “poderosa, autoritária e cheia de iniciativa” (Vigoya, 2018, p. 108).

Ao falar sobre masculinidade, Vigoya (2018) a caracteriza não como um atributo do homem, mas como um produto dos homens, um produto das relações sociais e em consequência de questões políticas e econômicas. Construída em oposição à feminilidade, onde não há simetria e sim fatos históricos. A autora adota a definição de masculinidade de Connell, afirmando que é “necessário entender a masculinidade como um elemento no interior de uma estrutura e de uma configuração de prática social que chamamos de gênero...” (Vigoya, 2018, p. 15).

3.2 Pais e corpos masculinos?

O corpo é tema de extensas discussões dentro das ciências humanas, trazendo junto com esses estudos as possibilidades e diferenças entre corpos humanos. Não pretendo fazer todo o

trajeto que a teoria a respeito construiu, mas, em especial, é necessário pensarmos o corpo, pois é através deste que as performatividades são transmitidas e as masculinidades expressas. Apontar as diferenças de corpos negros, corpos trans, pensar o corpo do homem de maneira mais genérica e relacionar ao que me foi apresentado em campo é o objetivo desse tópico.

Portanto, neste item, gostaria de fazer uma breve apresentação de noções ou conceitos do que aqui chamamos de corpo. Contudo, farei um caminho diferente ao apresentar um conceito: ao invés de seguir a ordem, do clássico ao contemporâneo, afinando os conceitos continentalmente, nacionalmente e localmente, por exemplo, começarei com os casos contemporâneos, nacionais e locais. Ao falarmos de Amazônia e do estado do Amazonas, com a intenção inicial de simplesmente demonstrar essas noções relativamente mais próximas, cultural e geograficamente, no caso dos povos da região do Alto Rio Negro, demonstraremos também a diversidade que o conceito de corpo pode possuir dependendo do local de fala.

Os músculos seriam a expressão do poder masculino demonstrado historicamente e, ao mesmo tempo, já foram símbolo do trabalho manual e proletário. Além de relações com a agressividade, grosseria e brutalidade com que os músculos já foram relacionados. Na década de 90, descrita por Connell (1995), tornou-se desejável socialmente, visto de maneira positiva culturalmente falando.

Retornamos com um olhar estrangeiro, da antropóloga francesa Stéphane Malysse (2002). Com o campo iniciado em 1996, a autora realizou um estudo sobre os corpos cariocas em academias de musculação, na praia da Zona Sul do Rio de Janeiro. A autora aborda a relação das propagandas da cidade relacionada aos corpos trabalhados em uma academia de musculação. “A cidade do Rio de Janeiro era apresentada pelas fotos dos catálogos e pelos vídeos turísticos como uma grande cidade praiana e povoada por corpos bonitos praticamente nus” (Malysse, 2002 p. 80). Assim a autora faz uma interessante observação sobre certa divisão dos corpos masculinos e femininos.

Ao falar sobre corpos e estereótipos relacionados a estes, conversamos sobre o uso de hormônios necessários para a transição e o alcance da passabilidade desejada por Carlos, o

homem trans. Carlos falou das mudanças, como o crescimento de barba, a mudança da voz e mesmo o aumento de massa muscular, sendo este último, um fator que não era de seu interesse, como, por exemplo, entrar em uma academia de musculação e aumentar sua massa muscular corpórea ou conquistar um “shape”³³. Carlos tem um “estilo gordinho” e demonstra satisfação com esse aspecto, com exceção do aparecimento das mamas, que são comprimidas por baixo das camisas com uma espécie de bandagem chamada “binder” e que “murcham” os seios com o uso da testosterona. Carlos revela que cogita fazer a cirurgia de retirada de mamas o mais rápido possível e ressalta ainda que além dos aspectos físicos, como a vontade de deixar o seu corpo “mais quadrado” do que com curvas, há os benefícios psíquicos, pelo uso dos hormônios, como o fato de sentir-se mais “pé no chão”, mais “organizado”. Diz ainda que sem o uso dos hormônios sua vida fica caótica, entra em depressão e sua libido cai consideravelmente.

No Brasil a divisão entre parte superior e inferior é feita mediante uma divisão de gênero, na qual o corpo é separado em parte superior, contendo os braços e cabeça, e parte inferior, contendo quadril e pernas. A parte superior seria relacionada à virilidade masculina, enquanto a inferior aos atributos da feminilidade, isto foi pensado dentro de um contexto de academia, onde justamente os homens tendem a desenvolver mais as partes superiores e as mulheres as partes inferiores (Malysse, 2002).

A noção de corpo é também trazida a nós através da tese do antropólogo João Paulo Barreto (2021). O autor, a partir da fala de “pajés” ou “especialistas”³⁴ da região do alto Rio Negro, no Estado do Amazonas, afirma que o corpo é fundamental “para se pensar a filosofia

³³ Carlos, explica que shape seria um corpo musculoso.

³⁴ “Aos yai, kumu e baya (no plural: yaiua, kumuã e bayaroa) , mediadores da nossa cosmopolítica e operadores de kihti ukūse, bahsese e bahsamori, sugiro chamá-los de especialistas, pela falta de outro termo que possa melhor definí-los. Denomino de especialistas (no plural), pelo fato de, entre os povos indígenas do Alto Rio Negro, existirem marcadamente três especialistas distintos e complementares que cuidam da saúde das pessoas e do coletivo: o yai, o kumu e o baya. Todos eles são detentores de Kihti ukūse, bahsese e bahsamori, e possuem a mesma base de formação (Barreto, 2013). O especialista baya, além de ser mestre de festa de poose e de danças kahpiwaya, é também kumu.” (Barreto, 2021, p. 14 e 15)

rionegrina”, a partir das experiências destes na intervenção de outros corpos via *bahsese*³⁵, (Idem, p. 8). Gostaria de destacar a definição de corpo adotada pelo autor em seu trabalho:

Uma expressão usada pelos kumuã quando me falaram sobre os elementos imateriais que constituem o corpo foi *manhsã kahtise*. A expressão era para dizer que as formas de luz, floresta, terra, água, animais, ar eram os elementos constitutivos do corpo humano. Este é o sentido adotado neste trabalho, que o corpo é a síntese de todos os elementos (Barreto, 2021, p.46).

O corpo, neste caso, tem uma complexa definição que vai além de uma explicação material e, uma vez que este corpo também é imaterial, é preciso entendê-lo a partir de:

Todas essas forças ou elementos do corpo são chamados de *kahtise*, essenciais para o bom funcionamento e para o equilíbrio da pessoa. Seu desequilíbrio pode gerar distúrbios ou até mesmo levar a pessoa à morte. Por essa razão, é muito importante o cuidado do corpo para o bem-estar e seu cuidado é feito equalizando os elementos imateriais que compõem o corpo. Para prevenção, proteção, abrandamento das dores e cura é feito *bahsese* potencializando os elementos imateriais que constituem o corpo (Barreto, 2021, p. 46).

Adentrando um pouco a cosmologia rionegrina, podemos perceber que as diferenças entre os corpos masculinos e femininos, ao falar-se de corpo material, são marcadas, também, por suas atividades de gênero, onde homem e mulher têm atividades específicas e delimitadas por tabus. Homens não podem fazer as atividades das mulheres e nem mesmo aproximar-se dos objetos de trabalho das mulheres. Os braços dos homens e mulheres seriam diferentes, segundo a lógica da filosofia do Rio Negro. “A aparência dos braços masculino e feminino é explicada dentro do contexto da Kihti ukũse de roubo de instrumentos musicais de miriã pelas mulheres, popularmente conhecido como ‘o roubo de jurupari’. É Kihti ukũse bastante conhecida entre os especialistas indígenas de vários povos do Alto Rio Negro.” (Barreto, 2021, p. 105).

Os órgãos genitais masculino e feminino são citados pelo autor através do *bahsese*. Nesta história, a modelação de órgãos genitais é exposta, bem como a origem das doenças na região genital. Em relação ao pênis, por exemplo, onde em muitos casos, pode haver um inchaço extremo, realiza-se a cura e modelagem de um pênis menor (uma vez que inchado, o

³⁵“Os *bahsese* são um vasto repertório de fórmulas, palavras e expressões especiais retiradas dos kihti ukũse (narrativas míticas) e proferidas formalmente pelos especialistas *Pamurimahsã* e *Umukorimahsã*. É uma prática de articular verbalmente as qualidades curativas e preventivas contidas nos tipos de vegetais, animais, outras qualidades protetivas. *Bahsese* também é limpeza e “descontaminação” dos alimentos, tornando-os próprios para o consumo humano (Barreto et al, 2018, p. 64)” (Barreto, 2021, p.14).

herói carregava o pênis no ombro). Nesta narrativa, a vagina, por sua vez, é modelada por Desubari oãku e os ditos “papéis” masculinos e femininos são diferenciados também pelas atividades cotidianas, pois cada um destes deve evitar atividades e mesmo estar perto de objetos do “gênero” oposto.

Neste trabalho, um dos pais indígenas, em conversa no Grupo de WhatsApp, conta que sua mulher é de Etnia do alto Rio Negro e que homens de outra etnia da mesma região o criticavam por fazer atividades junto às mulheres, no caso junto à sua companheira, como em afazeres considerados femininos/domésticos. Ao perguntar se existia algum tabu que o impedisse de fazer tais atividades, ele afirma que não (nem na etnia de sua mulher), nem na sua (de outra região do país) e não sabia se na etnia daqueles que o criticavam isso poderia existir. Falo isto, tentando demonstrar o quão relativo pode ser uma atividade dita masculina ou feminina, e que não existe uma lógica única, quanto à noção de corpo (e o uso dele) e mesmo com suas semelhanças, existe a diversidade de pensamento e das relações de gênero na nossa Amazônia.

Ainda na linha de uma definição do corpo temos a tese de doutoramento de Luiz Davi Gonçalves (2019), onde o antropólogo faz uma análise das performatividades presentes na expressão corporal dos Xamãs³⁶ da etnia amazônica *Yanomami*³⁷, da região de *Maturacá*, no Alto Rio Negro. Lá o antropólogo acompanhou o ritual *Hekuramou*, fez parte dele colocando o seu “corpo no corpo do texto” (Gonçalves, 2019, p. 158), ou seja, usando a chamada

³⁶ “A tradução para xamã na língua yanomami falada pelos Yanomami é hekura, mesmo termo para espíritos. Assim, tomando a decisão de optar pelo termo da língua dos Yanomami, usarei “pajé-hekura” para xamã e “hekura-espírito” para denominar os espíritos. Do mesmo modo, utilizarei hekuramou ao invés de xamanismo” (Gonçalves, 2019, p. 36).

³⁷ “É comum os Yanomami serem conhecidos por outros nomes como Waika, Xiriana, Xirixana, Yanomami e Sunamá e, em alguns casos, como Yanam, Yanomam, Sanuma e Yanomami. Esse último é o nome dado para o subgrupo das aldeias Maraiú e Maia, local onde o palestrante realizou a pesquisa (Gonçalves, 2019, p. 26).

A palavra Yanomami é uma simplificação do etnônimo Yanomami tēpē que significa “humanos”. Segundo Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), o termo foi adotado na Venezuela, como os autores relatam: “O termo foi inicialmente adotado na Venezuela para nomear o conjunto da etnia. Foi então retomado no Brasil, no final da década de 1970, por antropólogos, ONGS e em seguida pela administração indigenista. Anteriormente, os Yanomami eram conhecidos no Brasil sob nomes diversos, como Waika (Guiaca), Xiriana (Xirianã, Shiriana) Xirixana (Shirishana), Yanonami e Sanumá, e por denominações genéricas como Yanomama e Yanoama.” (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 557) Os Yanomami contam com aproximadamente 31.000 indígenas em sua terra, que se estende pelos Estados de Roraima, Amazonas e, também, parte da Venezuela. De acordo com Carvalho e Repetto (2016), no Brasil, há 22.257 habitantes distribuídos em 305 grupos, sendo 13.771 no Estado de Roraima e 8.486 habitantes no Estado do Amazonas. Neste Estado, eles estão distribuídos nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos (Gonçalves, 2019, p. 28).

observação participante, fazendo parte dos ritos de cura e da sua chamada performatividade. O autor traz as seguintes observações sobre a noção de corpo dos povos indígenas nacionais “a noção de corpo para os povos indígenas não é dada como algo fixo, acabado e individualizado, mas como algo em processo permanente de transformação”(Gonçalves, 2019, p. 115)

... o corpo no Hekuramou Yanomami é identificar elementos em movimento estabelecendo relações em perspectivas plurais e agregando os espaços do ritual, os objetos usados, os cantos e as pinturas produzidas, ou seja, os corpos podem ser vistos como matriz e também como motriz (Idem, 2019, p. 115).

Posteriormente, as citações anteriores Gonçalves (2019) destacam a noção de corpo Yanomami, situando melhor a noção com a qual ele estava trabalhando e vivenciando durante os ritos de cura que pôde participar durante o seu campo:

Os autores (Seeger et. al. [1979] 1987) ratificaram pensar o corpo como ponto central, capaz de, nas sociedades indígenas, totalizar uma visão particular dos cosmos, de forma que a noção de corpo para qualquer cosmologia ameríndia é complexa e peculiar, já que, para os povos indígenas, ele se expande em adornos, espaços, espíritos, animais, objetos e outros, como abordado por Viveiros de Castro (1996) com o perspectivismo ameríndio (Idem, 2019, p. 115).

O corpo também é tema de discussões desenvolvidas com Thomas Laqueur (2001) no livro *A invenção do Sexo* que como o título da obra já sugere, faz uma investigação sobre a invenção do “sexo” a partir do século XVIII. “... um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. Uma anatomia e fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem” (Laqueur, 2001, p. 17).

O que se discutia e se denominava como “sexo”, deve ser entendido como aquilo que atualmente se discute como “gênero”, porém sem a base biológica como justificativa. No século XVIII a mudança no “significado da diferença sexual” (Laqueur, 2001, p.18), embora não universalizante, trazia a ideia exposta pelo autor:

... era que há dois sexos estáveis, inconmensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses “fatos”. A biologia — o corpo estável, não-histórico e sexuado — é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social (Laqueur, 2001, p. 18).

Neste texto o autor faz a relação do sexo com o corpo e como o corpo é utilizado na construção do chamado sexo, relacionando-o à questão biológica e órgãos genitais nos Séculos XVIII e XIX, baseado também em aspectos microscópicos, ao identificar supostas diferenças celulares. Com o início do iluminismo, títulos de livros e capítulos negavam essa nova classificação da natureza e cultura (Laqueur, 2001).

O historiador ressalta que anteriormente aos momentos citados, a ideia de um sexo único prevalecia, a mulher seria o homem invertido. Através de estudos anatômicos buscava as semelhanças entre os corpos e a partir do Século VIII, as diferenças. (Laqueur, 2001).

A discussão sobre “corpos” foi a ponte (conexão) maior que tive com o grupo quando se fala de sexualidade. Em relação aos homens cis em especial destacou-se uma questão sexual e fálica. Discutia-se a relação entre uma “nova geração” que está na internet e usa como piadas auto depreciativas nas redes sociais, para se autoafirmar como uma pessoa supostamente mal sucedida em sua performance sexual e mesmo o avesso de um corpo e órgãos sexuais ideais.

Thales e Helder falaram a respeito das expectativas em relação a um homem negro, do que se espera de seu corpo e ação sexual. Espera-se, segundo eles, um corpo “hipersexualizado de um negão de pau grande” (Thales, 18/06/22), que este homem também tenha uma estatura considerada alta, que tenha massa muscular. Helder se vê, na maioria das vezes, dentro de um “padrão ideal” ou que corresponda às expectativas estéticas corporais ideais, de um homem preto/negro. Ao mesmo tempo que isto constitui um fator em tese positivo, continua sendo um corpo que se relaciona ao **medo** e a **agressão (afeto)**.

Helder fala sobre como estes corpos podem ser deslocados, como numa situação em que um homem negro/preto retinto foi expulso da cidade de Manaus acusado de estupro. Cerca de alguns meses, outro cara “pardo ou negro não retinto” teria cometido o mesmo crime, mas estava num processo de cura. E continua sua vida na cidade, na visão dele, sem maiores sequelas. Conta, ainda, que no primeiro caso ele imaginava que o que acontecera é que ambos estavam alcoolizados e acabaram transando, sendo que a menina se arrependeu no meio do caminho, o que ele afirma ser comum com homens negros/pretos.

Não quero justificar esse tipo de ato, mas expor a visão do colaborador da pesquisa que continua dizendo que, por este motivo, desde adolescente foi “treinado” a sempre que possível e, em especial, na adolescência, a “ficar” com meninas em lugares públicos, justificando que é comum falsas acusações de estupro atribuído a homens negros retintos. “E assim, há muito anos atrás, eu acabei sendo filmado fazendo sexo oral em uma menina numa piscina”.

Os corpos trans, em especial no caso de Carlos, por sua condição econômica, são deslocados entre bairros periféricos, por vezes em áreas vermelhas, em virtude de aluguéis menos custosos. Pela dificuldade ou limitações no mercado de trabalho, o corpo deste homem trans da pesquisa é deslocado entre as possibilidades existentes na cidade e de certa forma por onde há relativa aceitação da existência de um homem trans.

A noção de um corpo abjeto será invocada mais uma vez no Capítulo 4, com o aprofundamento do conceito de performatividade. Abjeto, em resumo, “significa, literalmente, rejeitar, repudiar, expulsar e, portanto, pressupõe e produz um domínio de agência ou ação a partir do qual se estabelece a diferença.” (Butler, 2020, p. 18). A autora propõe “que certas zonas abjetas dentro de sociabilidade também oferecem essa ameaça, constituindo zonas inabitáveis que o sujeito, em sua fantasia, supõe serem uma ameaça à integridade com a perspectiva de uma dissolução psicótica” (Butler, 2020, p. 18). O conceito é construído a partir da psiquiatria Lacaniana, onde o processo de abjeção potencializa, como consequência, a possibilidade de “psicose, isto é, a dissolução do próprio sujeito” (Idem), consequência também atribuída no conceito utilizado por Butler.

Os pais da pesquisa que praticam as atividades físicas expostas no capítulo 4 (pedal e boxe) e mesmo em outras formas de atividades, demonstram preocupação com seus corpos tanto do ponto de vista da saúde como da aparência. Adriano, Bento, Lino expressam a vontade de emagrecer e conquistar algum tônus muscular. Helder e Nelson fazem exercícios com regularidade há muitos anos. Todos os citados expressam preocupação com a sua saúde e que estes exercícios mais do que para trazer benefícios estéticos (que também é um atrativo) servem para ter uma vida cotidiana melhor, assim como supostamente proteger no caso do boxe (falando em defesa pessoal) e transportar, no caso da bicicleta.

Dentre as discussões e definições acerca do corpo que não darei conta de aprofundar neste trabalho, tento localizar como um corpo é constituído a partir das reiterações das performatividades corporais, construções e desconstruções que podem expressar formas de masculinidade diferentes, pautadas por marcadores sociais como gênero, etnia/raça, classe e geração, o que será melhor definido durante o texto a seguir, onde trago exemplos sobre as relações dos pais da pesquisa com o corpo, em especial no Capítulo 4. Porém, antes disto entraremos nas especificidades dos corpos a partir das intersecções e recortes como os corpos “pretos e negros”, assim como os corpos trans e de usuários de café.

3.2.1 Pais pretos/negros

Neste item me proponho a aprofundar as questões interseccionais e priorizar a exposição de pais ou tipos que são socialmente marginalizados, como é o caso dos pais pretos e trans, sem excluir as demais interseções, mas privilegiando intencionalmente uma vez que entendo a necessidade de mostrar as diferenças étnicas/raciais enquanto marcadores sociais.

Helder, Thales e Evandro são os meus Doc's no que diz respeito a assuntos relacionados a pais pretos/negros e discussões sobre raça/povo/etnia relacionados ao tema. Helder falou sobre suas dificuldades enquanto pai preto, bem como no seu desenvolvimento enquanto menino, adolescente e homem preto. Destacou a sua preocupação com seus filhos, em relação a possíveis ataques “racistas”, preparando-os, orientando-os como agir em situações desse tipo.

Helder acredita que mesmo que seu filho seja mais retinto que sua filha, por ser mulher e se identificar com a bissexualidade, isto a tornaria um alvo mais fácil das violências diversas que ela já sofre e pode sofrer (racismo, homofobia e machismo). Conselhos e conversas entre pai e filha são constituídas a partir das orientações e trocas com os pais e os parentes pretos de Helder, mas também suas próprias experiências são consideradas.

Como dito anteriormente, quando Helder “ficava” com alguma menina, de preferência o fazia em público, por medo de sofrer acusação de abuso ou algo parecido. Ele explicou que seus medos relativos a um linchamento social ou mesmo literal de um corpo negro é algo

eminente socialmente, sendo que em sua adolescência contava com audiência para se relacionar de maneira segura.

Meu interlocutor também falou sobre as diferenças de cores. Mesmo acreditando que seu filho mais novo será “negão”, referindo-se ao negro retinto (de pele mais escura), afirmou que é comum as pessoas perguntarem se é realmente seu filho. Afirmou que entende que por sua filha ter a pele mais clara, de alguma forma poderá ajudá-la socialmente diante de todos os marcadores sociais de diferença apresentados.

Thales pontuou que teoricamente o assunto “pais pretos”, “homens pretos e masculinidades pretas são assuntos recentes”... assim como a sua própria identificação como preto, e ele atribui isto ao fato de sua família ser evangélica, sendo que não chegavam a discutir ou mesmo falar sobre cor. Na sua infância não pensava sobre isso e, posteriormente na adolescência e parte da vida adulta, considerou-se pardo, baseado no CENSO do IBGE. Thales considerou que a discussão do tema é algo novo e imagina que para outros pais pretos do grupo de pesquisa também esteja sendo algo a pensar a partir de nossas conversas. Thales destacou a importância de que isso seja discutido entre pais pretos que “sentem na pele” (Thales, 02/07/23) e que esse entendimento possa ecoar até outros e outros não pretos e pretas. Afirmou que sua paternidade é uma paternidade que está dentro de uma estrutura racista:

... a minha experiência é muito particular, eu sou um pai preto, mas eu adotei a minha filha. Ela é filha biológica de outro homem. E isso já me fez refletir sobre essa estrutura, o pai da minha filha é um cara branco. E pensando a partir do racismo estrutural, o que aconteceu comigo foi que um cara branco engravidou uma mulher preta e saiu fora. Aí quem assumiu o B.O foi um cara preto, então essa paternidade já é marcada pelo racismo estrutural de entrada. Quem tem uma leitura mínima dessas questões sabe que isso de um pai biológico branco abandonar e um preto assumir, isso é estrutural! É porque esse pai branco tem muito mais privilégio e acolhimento nesse abandono do que uma figura preta. Ser pai preto, no meu caso, é marcado pelo racismo estrutural, e eu imagino que no caso dos outros pais pretos do nosso grupo suas paternidades também devam ser marcadas por esse racismo de outras formas. Mas o que refleti no meu caso foi que o meu ônus como pai preto é resultado da desoneração de um cara branco (Thales, 02/07/2023).

Thales percebeu que se espera do homem negro uma imagem carregada de coisas negativas, a saber,

... bem pautada no racismo mesmo, espera-se que o homem negro tenha um pau grande, um homem que é pra aguentar porrada, que é para trabalhos braçais, e um homem que fica ‘na sua’ (quieto) quando acontece racismo, porque racismo na cabeça de racista não existe... então eu tenho lidado muito com essa perspectiva e com uma expectativa racista do outro lado, como, por exemplo, quando vou numa loja e o vendedor não espera que eu compre algo de um valor mais elevado.... Espera-se falta de educação, nos dois sentidos da palavra, espera-se uma cara meio bronco (grosseiro), arrogante e também com pouca escolaridade. E quando eu encontro uma pessoa preta com essa descrição, não generalizo, pois eu imagino tudo que aquela pessoa passou, por ser preto e por questões sociais. Já em outras situações vejo o homem preto performando (ou seria performatizando?) como um homem branco, como no caso do abandono paterno, na questão da exigência de uma masculinidade que prove força e seja avesso a fraquezas, inclusive no sentido psicológico (Thales, 02/07/2023).

Helder, a partir de um vídeo³⁸ e uma questão colocada a respeito das perspectivas de um homem e pai preto, comemorou o fato de ter feito 35 anos, não por completar mais um ano de vida, mas porque nessa idade a chance de morrer por morte violenta diminui em 400% (para um homem preto). E afirma que gostou muito da parte em que os entrevistados falam em “resistência como sobrevivência” e não o contrário.

Nas nossas conversas trouxe-me a perspectiva do homem preto que causa medo, principalmente, quando tem mais de 1,80 de altura, e tal medo é expresso através dos olhares. “As pessoas expressam muito medo pelo homem negro, e principalmente, quando é o negão. Um homem negro de 1,70 m, ele não assusta tanto. Agora, quando existe um homem negro de mais de 1,80 m na sala, a expressão mais comum é a de medo”.

Helder destacou também o que é ser um homem e um corpo preto. Em relação ao tom de voz, ressaltou que se for alto ou de grande projeção incomoda, mesmo que não esteja de fato carregado de raiva, violência ou algo parecido. Helder identificou, na verdade, como um sentimento de empolgação ou mesmo descontração com o que está sendo dito, e trouxe duas situações que vivenciou. Uma delas relativa a homens pretos falando, que ele acredita que seja uma forma própria de pretos falarem e, uma segunda, contando como a sua maneira de falar incomodou, mesmo num ambiente familiar e privado:

Eu estava andando de skate de um lado, e do outro lado da rua tinham dois negão de bike trocando ideia. Só que eu só entendi que as pessoas que estavam falando eram eles depois que olhei para cima e vi que não tinha ninguém no segundo andar

³⁸ O vídeo é uma entrevista da Revista Carta Capital, o nome do programa é o “Guia Negro Entrevista”, com Guilherme Soares Dias enquanto apresentador. Segue link: <https://www.youtube.com/watch?v=7s5GwdMUZaI>

falando. É uma forma de falar, quando nós falamos do jeito que falaríamos se não existisse opressão sobre nós, que assusta por ser simplesmente alto e altivo.

Porque eu vivi isso em um ambiente interno, sabe? Eu estava no aniversário da minha filha, acho que eu te contei essa história. Estava no aniversário da minha filha e estava muito feliz, e aí quando estou muito feliz, eu falo de maneira efusiva, e quando eu falo de maneira efusiva, eu falo alto. Só que eu falo alto de uma maneira plenamente alegre, que é impossível, impossível em sua consciência você interpretar como uma coisa agressiva. E foi assim que fui interpretado.

E aí virou a chave para uma forma agressiva. Eu falei, “não, eu estou começando a ser agressivo nesse momento e eu tenho certeza absoluta que a minha voz estava expressando a mais plena alegria e que o que você está expressando aqui é um racismo estrutural que está dentro de ti. Eu não me importo que ele esteja dentro de ti, mas só que, tipo, tu não pode tolher a minha alegria por conta de um construto que existe dentro de ti, porque não é meu isso. Eu estava falando rindo, em voz alta, e tenho o direito de falar em voz alta.”

E esse direito vem me sendo tolhido a cada dia, porque a minha voz **assusta(afeto)** as pessoas. E, tipo, todo um desenrolar dessa história se fez naquele dia. Até a minha filha falando para a uma amiga dela: “olha, não se preocupe, não é uma pessoa abusiva”, não sei o que, essas paradas, sabe? E para mim, ao mesmo tempo que foi absurdo e horrível, foi didático, porque eu percebi que existe um espaço muito grande para ser percorrido só para eu como homem preto, poder falar do jeito que falo, do jeito que eu falaria, porque eu tenho até poesia sobre isso, eu consigo modular minha voz para ela ser a voz que qualquer pessoa quer ouvir.

Isso é a parte vendedor que existe em mim. Mas é um vendedor que nasceu da opressão. Eu não posso ser um vendedor como um vendedor branco, tipo, um vendedor branco do teu porte, se tu falar alto, impõe **respeito(afeto)**, não coloca **medo (afeto)**. Eu, se eu falar alto, a pessoa fica com medo. Tanto que, tipo, o homem preto é ótimo para fazer o aporte no bar. Uma pessoa começa a gritar, tu fala, opa, o que rolou? Aí a pessoa já se assusta, fica com medo. Aí tem uma pontinha de respeito, porque ela vê que é uma pessoa que está dentro da equipe administrativa ou do staff...

Poucos dias após esta última conversa, Helder me mandou um áudio, contando algo sobre um novo *affair* e que se deu conta que todas as mulheres com quem ele se relacionou expressaram que sentiram medo dele antes de se relacionarem. O diálogo anterior continua, mas gostaria de pontuar esta situação onde chama a atenção para sua performatividade:

... Aí ela pode virar para querer tretar, ou chamar o teu gerente, ou resolver a situação. Mas tu entende como existem lugares de risco que são pouco visíveis para outras masculinidades a partir da nossa? Tem um exemplo que eu acho massa, tem um branco aqui na agência que ele tem uma moto com retrovisor modificado, sem placa, velocímetro modificado, e o caralho. Meu irmão, eu saio nessa porra(na moto), eu não chego na esquina!

E é um espaço relacional muito louco porque, ao mesmo tempo que eu quero que minha expressão natural venha ao mundo, também quero ser aceito por esse mundo,

quero navegar ele. E aí são essas concessões, essas imposições, essas imputações e essas performances que perpassam essa relação. Eu tenho certeza que são lugares muito pequenininhos de compreensão onde as pessoas conseguem ter uma luz de como é essa sensação de ser uma pessoa assustadora a priori. Tipo, eu não fiz nada, sou uma pessoa bem vestida, cheirosa, na minha opinião, bonita. Mas, quando eu entro num lugar, todas as pessoas que estão dentro dele estão, aprioristicamente, com medo de mim. Eu tenho que desfazer esse medo.

Depois eu tenho que te mandar um fora ótimo que eu levei esses dias, que também coloca isso dentro de uma perspectiva interessantíssima. Mas eu acho que sete minutos de áudio é o suficiente. Má Beija(Um beijo!).

Ele relatou que acredita estar sendo cobrado, por seu affair, pela sensação de medo que desperta nas outras pessoas e acredita que até então não transaram por conta disto. Aqui julgo inevitável diante dos encontros teóricos, não citar mais uma vez a análise do antropólogo Milton Ribeiro e o seu ensaio: Eu decido se ‘cês vão lidar com king ou se vão lidar com Kong’ Homens pretos, masculinidades negras e imagem de controle da sociedade brasileira (2020). O título em destaque é um trecho de um verso da música *Eminência parda* de um “Rapper e Neo-sambista Nacional”, Emicida.

Ribeiro (2020) usa o título e a música como inspiração para pensar sobre os homens, as masculinidades negras e as imagens de controle social, como aquelas trazidas por Helder e Thales. Essas imagens falam tanto daquilo que se espera de um homem preto, como daquilo que se espera, mas não se quer. Perguntamos por que já se espera determinados comportamentos de um homem e esses o desagradam? Qual o sentimento de quem se incomoda? Ou como chamar este ato?

Neste texto, Ribeiro (2020, p. 120) explica que Emicida “expressa as possibilidades políticas subjetivas do homem negro frente à sociedade marcada pelo racismo estrutural: ou se comporta de forma cordial (como King) ou com agressividade (como Kong)”. Além disso, expõe adjetivos atribuídos ao “homem negro, sua masculinidade e subjetividade: agressivo, potência sexual, forte, fisicamente capaz, corajoso e afins. Se esse homem age de maneira cordial é tido como amigável...” (Idem). Ou fazendo uma leitura a partir do que disse Thales, pode ser aceito como amigável, mas ainda assim alguém o estranha, como se ator e personagem não se encaixassem bem. E, de outro lado, esse homem negro quando “contraria o sistema é lido como agressivo” (Idem).

Dentre as formas de controle midiático da imagem dos homens pretos há, por exemplo, a figura de Babu, que estava no Big Brother 20, o programa da série com a maior audiência registrada, pois se deu durante a pandemia. Nele questões de gênero e raça foram colocadas em pauta. Babu ali foi “acusado diversas vezes de ser machista e agressivo — revelando assim as diversas facetas do racismo recreativo do programa” (Ribeiro, 2020, p. 118).

A partir dos estereótipos de imagens de controle dos homens pretos que servem para cristalizar uma imagem negativa sobre sua “aparência, o corpo, a cor da pele, dos ideais de hiper masculinidade, força e poder e das crenças do apetite sexual excessivo, o da genitália grande e da atividade sexual como penetrador”. A partir destas informações negativas e estereotipadas, o nosso autor cria cinco imagens de controle: a do pivete³⁹, do cafuçu⁴⁰, do Mussum⁴¹, do Pai João⁴² e da Bicha Preta⁴³ (Ribeiro, 2002, p. 129). Traz cada um destes

³⁹ “... essa imagem está diretamente ligada à figura do homem negro quando criança, já lido como potencial ameaça por sua imagem representar o bandido em construção, o marginal ainda em fase inicial, como se o processo de constituição do homem negro se desse a partir desses momentos iniciais em que ele pode flertar com a criminalidade e assim vir a ser quem é: um negro perigoso...” (Ribeiro, 2020, p. 131)

⁴⁰ “... essa imagem está ligada diretamente à juventude e compõe-se a partir de algumas referências, como o corpo atlético, a ideiação sobre o pênis grande, a intensa satisfação sexual derivada de um possível encontro sexual, a ideia da violência derivada desse encontro, a situação de vulnerabilidade de classe e de lugar de origem desse homem preto e o flerte com o ilícito, ilegal e marginal marcam essa personificação, embora esse homem negro possa também atuar dentro da licitude e da legalidade e atuar em profissões de menos prestígio social, como porteiros, pedreiros, entregadores, vigilantes e afins. Há também formas associativas ligadas a essa imagem de controle, como a figura do marginal e do malaco...” (Ribeiro, 2020, p. 131).

⁴¹ “... essa imagem está relacionada a um homem adulto, ou de meia idade, que faz uso abusivo do álcool e/ou outras drogas, e serve de ponto cômico a diversas narrativas. É a figura do malandro, do menestrel do gueto, que de tão esperto acaba por ser enganado na sua própria malandragem. Pode ser pensado também a partir da leitura cômica do seu sorriso e humor constantes...” (Ribeiro, 2020, p. 132).

⁴² “... essa é a imagem do negro apaziguador, do negro bondoso, do negro doméstico, domesticado, do negro ‘sim, senhor!’; mas que é um tolo; essa figura é marcada pela idade avançada; e por ser visto como velho tem-se a ideia de que pode ser facilmente dobrado e enganado, ou convencido de algo contra sua vontade. Essa imagem de controle é emblemática, uma vez que aciona todas as ideias advindas do período de escravidão negra no Brasil: articula a premissa da docilidade e aceitação da população africana em diáspora com a estrutura de dominação racial e escravocrata...” (Ribeiro, 2020, p. 132).

⁴³ “... essa imagem é a mais complexa porque articula vários eixos de diferenciação social como raça, sexualidade, gênero, classe, lugar de origem, idade/geração. Esses signos da diferença esboçam articulações possíveis de serem pensadas quando cruzamos raça e sexualidade dentro da perspectiva das masculinidades negras e podemos afirmar que às bichas pretas esse ideal é negado porque a visão sobre nossos corpos evoca uma visão sobre gênero, sobre o feminino, sobre o ser mulher, que, portanto, é vista como inferior. Então nesta encruzilhada: a bicha preta não seria o homem ativo que sua raça evocaria, mas poderia ser a mulher passiva que sua performance arranha; tampouco seria a mulher ideal, porque sua raça corporifica a abjeção masculina preta e também não é o homem perfeito porque sua sexualidade denuncia a dissidência. Ainda, o corpo da bicha preta

associando a autores, programas e a elementos culturais que dão base a estas imagens e suas características que, por sua existência e criação do outro (o branco), acabam por reduzir o homem preto a estas possibilidades negativas.

3.2.2 Pais Trans

Por ter uma relação na pesquisa mais duradoura, Carlos me mantinha informado sobre o que acontecia na sua vida. Em algum momento eu mandava um “oi” perguntando se estava tudo bem, como faço com velhos amigos. Então, diversas situações de violência foram relatadas durante as nossas conversas via *WhatsApp*. Mediante fotos, Carlos mostrava suas agressões físicas e por meio de seus áudios e textos contava as agressões sofridas. Numa destas imagens, a testa de Carlos estava cortada com um dos lados ensanguentado. No meio da sua testa, entre as sobrancelhas, havia um furo que espalhava mais sangue pelo seu rosto.

A respeito desse caso, Carlos contou que estava conversando com a sua mulher sobre algo e uma das parentes dela falou de maneira rude com ele. Posteriormente, partiu para cima dele com um cabo de vassoura e desferiu-lhe o primeiro de tantos outros golpes que viriam de “galerosos”⁴⁴ que estavam por perto e concluíram que Carlos estava errado na situação, assim também desferiram-lhe chutes, socos e pauladas. “Bom, eles viram a situação, concluíram que eu era um homem cis e me desceram a porrada”. Em algum momento ele riu do acontecido e não sei o que isso quis dizer exatamente, mas tive a impressão que foi uma forma de digerir o assunto. Antes disso, a cunhada havia jogado uma cerâmica na cabeça dele. Carlos também falou, em nossas conversas, que costuma sofrer violência psicológica de familiares e mesmo de sua companheira, que põe em xeque o fato dele ser homem.

Carlos tem uma situação sócio-econômica complicada, mudou-se pelo menos 5 vezes nos últimos 3 anos, passando a morar nesse período em casa alugada, e em outro momento na casa dos seus parentes. Também na casa da mãe de sua esposa que faleceu e, mesmo a casa sendo herança de sua esposa, não conseguiu se estabelecer no local, por conta dos conflitos familiares, em decorrência de sua transição. No curso de direito que frequenta, ele acaba

aciona o lugar do desvio da masculinidade negra; da selvageria da raça quando se comporta de forma escandalosa, furiosa, fazendo barraco; da transgressão sexual quando evidencia sua passividade em detrimento do seu imaginado pênis imenso, portanto, da sua ativa potência como homem preto...” (Ribeiro, 2020, p. 133).

⁴⁴ Segundo Carlos, seriam indivíduos pertencentes a uma espécie de gangue.

sofrendo violência por parte de colegas de faculdade, íntimos e mais distantes, seja por meio de perguntas relativas a quem ele é, que o deixam desconfortável, assim como perguntas relacionadas a como ocorrem suas relações sexuais. Carlos pensa que seus colegas de Universidade supõem que ele seja gay, inclusive por andar com meninas.

Houve uma situação na sala de aula de Carlos onde o tema envolvia pessoas trans, um colega de classe fez um discurso querendo sustentar que homens trans seriam pessoas que “do nada” resolveram “virar homem” por algum tipo de benefício social, conta Carlos. No caso em questão, discutia-se sobre o nome social e assuntos relacionados aos direitos das pessoas trans.

Em julho de 2023 ele me contou que no dia em que estabelecemos contato e conversamos sobre o assunto, também teria sido o dia em que voltou a tomar hormônio, explicando-me que o hormônio engrossa sua voz, pelos, “passabilidade”⁴⁵, ou seja, ele sente através das interações com outras pessoas que por conta de sua aparência hormonizada ou ainda de sua performatividade de gênero (nos nossos termos e de Butler) que passa a estar ligada a questão do hormônio neste caso. Ao mesmo tempo, falou sobre o uso de hormônios e se aceitar por conta de motivos financeiros. Depois destas duas situações de violência física, ele se afastou e cessaram as conversas.

Ele também sofreu violências diversas nas casas dos pais adotivos, quando criança e ainda sofre, antes por sua condição socioeconômica, agora soma-se a isto a sua condição enquanto homem trans. Assim como Helder, citou a questão da idade, só que diferentemente daquele, Carlos lamentava dizendo estar na idade em que a maioria dos homens trans suicidam-se. Dizia que achava que viraria estatística. Encontrava-se depressivo por outras situações da vida, mais em relação à sua relação com a companheira que estava em um momento de instabilidade.

Por vezes, citou que tem tendências ao suicídio e que sofre com isso constantemente. Tivemos algumas conversas sobre o que o levava à decisão de continuar vivo e relatou que o fazia porque sua filha precisava dele. Suas motivações a tal ato estão relacionadas ao que me

⁴⁵ A passabilidade é definida por Carlos como “é eu passar sem medo... como um cara cis, sem ninguém ficar me olhando”

apresentou como disforia devido à sua dificuldade, nestes momentos, em aceitar-se ou ter sua masculinidade e “ser homem” questionados. Outras questões, como depressão, poderiam ou não estar relacionadas à disforia, assim como sua situação socioeconômica que, entre o que pude acompanhar, acredito ser uma das mais complicadas.

Mais uma vez torna-se inevitável trazer a ideia e o conceito de abjeção em Butler (2020) que também pode ser atribuída aos pais pretos/negros. Corpos que não importam pela força do “racismo”, da transfobia e da exclusão. A seguir outra característica da maioria dos pais relativa ao que eles consomem.

3.2.3 Pais que bebem café

Dez dos pais são ou já foram usuários de café e a maioria deles já esteve numa conversa em roda de café, e continuam se “cruzando” convencionalmente em diversos locais, atualizando questões da vida, acompanhando o trabalho artístico, ou mesmo encontrando no local de trabalho mais convencional e comercial. O café é compartilhado de maneira ritualística, o que prepara é o que começa a consumir, dando, em geral, dois tragos e passando em determinada direção. Há regras, mas não são necessariamente seguidas exatamente como descrito, como as citadas anteriormente.

Não me aprofundi em detalhes sobre a origem, história e efeitos causados pela substância, por não ser foco do trabalho e para evitar as mesmas questões apresentadas em nota de rodapé. Conversamos com alguns dos pais sobre o assunto e, dos dez que fazem uso, três fazem uso diário, quatro deles usam com um intervalo de mais ou menos três dias, e outros três fazem o uso semanalmente ou até com intervalos maiores (de meses). Thales é um destes últimos e conta que a sua frequência diminuiu com o passar do tempo, devido a demandas do cotidiano e mesmo por questões mais subjetivas. O que antes fazia parte do seu cotidiano diariamente, passou a ser algo esporádico, em ocasiões de confraternização ou algum encontro especial com amigos.

Thales colocou uma mudança de postura ou mesmo visão em relação ao café ao pensar em gerações citando, neste caso, nossa própria e a de nossos pais. A partir de sua fala supôs que nossa geração seria uma das que talvez mais consumisse e, mesmo sem usar,

aceitaria melhor os usuários, ainda com uma possibilidade de ser taxado de desviante ou um outsider, se compararmos as gerações, assim denominadas por Thales.

Tanto a questão do desvio quanto o que chamo de “café” são assuntos discutidos e dominados pelo clássico/contemporâneos, que, infelizmente, mantereí em relativo anonimato, devido, justamente, à estratégia inicial deste item, expresso em nota de rodapé.

E ainda sobre os desvios, Lino contou que é o único dos motoristas de seu trabalho que possui CNH da categoria. É uma exigência que os motoristas de sua categoria façam o teste antidoping, sendo que está atrasado há alguns meses. Expressou que mesmo já estando limpo há alguns meses, tem medo que o teste dê positivo para café, uma vez que os carregadores que trabalham com ele costumam fazer uso. Por ele ficar próximo durante uma destas “sessões”, acredita que “posso só gastar 150 reais pagando o teste e dar positivo, depois de ficar vários meses limpo”. Explicou que a quantidade de substância encontrada, mesmo sendo mínima, poderia dar um resultado positivo no exame antidoping.

Dentre os que usam diariamente, está Ivan, que aponta dentre os atuais motivos a ansiedade proveniente de...

... diversos pensamentos que tentam se organizar”, em momentos em que sua ansiedade aumenta, o consumo também aumenta. Falou que tem a vontade de diminuir, dar um tempo durante alguns meses pra economizar algum dinheiro e que estaria vivendo “uma crise existencial, queria outra coisa, curtir outra coisa, questionar os hábitos, questionar meus dogmas e paradigmas. Me perguntar o pq de eu precisar de algo externo pra eu me sentir melhor ou não me sentir mal. E eu penso que a maioria das pessoas usa pra não se sentir mal... Então, eu estou nesse dilema, igual quando eu estava querendo parar de comer carne. Então eu tô tendo uma crise de consciência em relação ao “café” e inclusive em relação ao álcool, também quero parar de beber. Tô buscando meditar, queria voltar a estudar até pra fazer concurso. Eu percebi que eu tenho duas versões e que eu não gosto mais dessa versão de usuário (Lino, 06/02/22).

Helder e Ivan são diagnosticados com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade). Xavier, em algum momento, falou que fazia ou fez uso de remédios para depressão, também não quis voltar ao assunto, pois me pareceu um assunto delicado para ele. Coincidentemente ou não, estes também são os que fazem uso diário, com períodos de maior ou menor consumo, a depender da qualidade do café que chega à cidade ou mesmo devido ao que estão vivendo. Se vivem momentos de vida mais tensos ou estressantes, passam a fumar

com maior frequência, aumentando a dose do café durante o dia. Jonas disse simplesmente que era terapêutico (no grupo) e desenrolou-se tudo que aqui está sendo dito. Em seguida, Helder mandou o seguinte texto:

Concordo com o Jonas, mas embora todo uso seja terapêutico, nós aprendemos a usar (no mais dos casos) de forma recreativa. Hoje eu tenho certeza que o uso evita que eu entre no embalo da ansiedade que é parte integrante da vida profissional. E dentro da questão da paternidade tem questões interessantes também. Por exemplo, eu já tive uma conversa explicativa com a minha filha, expliquei o que era (sabendo que ela sabia) e também que não era conveniente ela dizer para outras pessoas que eu usava, explicando os estigmas sociais que são associados e o quão desconectado desses estereótipos eu estou. Em paralelo, mesmo sabendo disso, sou chamado atenção pela minha companheira, se fumo na frente da minha filha, mesmo que a “marofa”⁴⁶ suba todo dia do nosso quarto e única pessoa que percebe seja minha filha. O que eu quero dizer com essa história é que os — sei lá — 80 anos de proibição e propaganda negativa criaram uma imagem deturpada da erva mesmo entre usuários de longa data que apresentam essa dissonância cognitiva que lembra o bom e velho “faça o que eu digo, não faça o que eu faço” que considero a prática/fórmula menos didática possível. Ao mesmo tempo, acredito que pouco a pouco até pelo número gigante de usuários que a consciência em relação aos benefícios e a quebra dos estigmas sociais venham a acontecer naturalmente, mais por observação e obviedade científica do que através de conversas e explicações pontuais (Helder, 06/02/22).

Os pais da pesquisa administram de diversas formas o consumo de seus cafés e como se dão ou não a relação de seus pais com este momento, onde por conta da interação um dos pais citados inicialmente deixou de consumir, há alguns anos, por conflito familiar. As gerações são encaradas pelos pais que fumam como diferentes também na questão da tolerância ao consumo, em especial, daqueles que moram com os pais ou com casas no mesmo terreno.

Gostaria de quem sabe num outro texto desenvolver melhor esta questão dos consumos e a relação com a rede de amigos, por agora fiquemos com o último principal capítulo deste trabalho. Que só pude desenvolver na prorrogação do período de entrega e defesa da tese. Neste focamos nossa atenção para às performatividades dos pais desta pesquisa expostas mediante conversas e ações no campo e cotidiano dos pais.

⁴⁶ Relativo ao cheiro do café.

CAPÍTULO 4 - PERFORMATIVIDADES EM AÇÃO

4.1 O Encontro com a performance e a performatividade.

Neste trecho abordarei parte do caminho teórico desenvolvido no decorrer da tese retornando aos estudos da performance que experienciei durante o mestrado, ou seja, isto também é falar sobre a minha trajetória teórica enquanto pesquisador e aprendiz do assunto, chegando ao que talvez seja a síntese (do momento) desta pesquisa que é a performatividade de gênero, sem a intenção de posicionar os conceitos hierarquicamente ou mesmo como se fossem opostos. Fazendo uma breve viagem teórica em Victor Turner (1974, 1982, 1987), Schechner (2006), Erving Goffman (2014), e, por fim, Judith Butler (2002, 2003, 2020, 2021).

Victor Turner e Richard Schechner passam a colaborar em seus trabalhos, a partir da década de 1970, momento em que o teatro e a antropologia interagem no campo que viria a ser chamado de antropologia da performance com a obra *From Ritual to Theatre: the Human Seriousness of Play* (Turner, 1982). Segundo Dawsey (2006):

Um dos momentos mais expressivos para se pensar o surgimento da antropologia da performance ocorre nos anos 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz sua aprendizagem, antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz de teatro. (...) A primeira vista, ao passo que se detecta na obra de Turner um percurso que vai do ritual ao teatro, na de Schechner emerge um movimento contrário, do teatro ao ritual. Na configuração de movimentos contrários e complementares irrompe um dos momentos originários da antropologia da performance (Dawsey, 2006, p. 17).

Um dos apontamentos de Turner (1982) é de que a principal preocupação das ciências sociais, até aquele momento, teria sido a observação das estruturas e do desempenho de papéis, enquanto em sua proposta o autor observou os momentos de interrupção destes papéis. O autor faz parte da inflexão da antropologia inglesa de entender a estrutura através da busca na “anti-estrutura” (Dawsey, 2005). Goffman (2014) e Schechner (2006) em seus estudos sobre ritos (estudo comum entre os três autores) buscavam entender os ritos/performances a partir da própria estrutura e seus papéis e, não nos momentos de suspensão destes papéis ou momentos de crise, como fazia Turner (1987). Turner (1974), começa a trabalhar a ideia de ritual, utilizando e adaptando o modelo de rito de Van Gennep (2011). Em seu modelo o autor

divide os ritos em três momentos: separação, margem e agregação (Van Gennep, 2011). Turner (1974, 1987, 2008) propõe o modelo de drama social que surge em situações de conflito e, tipicamente, possui quatro fases: 1) ruptura, 2) crise e intensificação da crise, 3) ação reparadora, e 4) desfecho, terminando em harmonia ou cisão.

A antropologia da performance é considerada parte essencial da antropologia da experiência e nos cinco momentos da “*erlebnis* ou experiência vivida” (Dawsey 2005, p. 164). A performance seria a última dentre os cinco momentos de uma experiência vivida ou simplesmente experiência, citando Dilthey como precursor de tais ideias, trazendo, a partir do mesmo, pistas sobre a etimologia da palavra performance:

Uma experiência é em si um processo que “pressiona” para uma “expressão” que completa. Aqui, a etimologia de “desempenho” pode nos dar uma pista útil, pois não tem nada a ver com “forma”, mas deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “executar completamente”. Uma performance, então, é o final adequado de uma experiência. (Turner, 1982, p. 13, tradução minha)

“1) Citando Dilthey, Turner descreve cinco ‘momentos’ que constituem a estrutura processual de cada *erlebnis*, ou experiência vivida: 1) algo acontece em nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensas do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas — de forma aguda; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa ‘relação musical’ (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de experiência (Turner 1983b: 13-14)” (Dawsey, 2005, p. 163 e 164).

Dentre os autores que dialogamos está Erving Goffman, com a obra *A representação do eu na vida cotidiana* (2014), aquela obra e/ou aquele autor que me apresentou ao mundo da performance enquanto objeto de estudo possível e, apesar de ter conhecido a obra em uma mesa de bar, julgo que não haveria lugar mais adequado e mais cotidiano. A performance do cotidiano face-a-face, apresentada por Goffman (2014), foi o anzol que me fisgou para dentro da antropologia da performance. Através de perspectiva da “representação” teatral, o autor apresenta os seguintes conceitos: “expressões dadas” (ou transmitidas). Corresponde à fala ou outras formas de comunicação de uso proposital, onde as pessoas envolvidas na transmissão

das informações possuem uma leitura comum dos símbolos “Esta é a comunicação no sentido tradicional e estrito” (idem, p. 14) e as “expressões emitidas”, “Fachada” “a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (idem, p. 34).

As três “partes padronizadas” que constituem a fachada são: o cenário, a aparência e a maneira (Goffman, 2014). O cenário, na maioria dos casos, fixo geograficamente, casos em que o cenário acompanha o indivíduo, são tratados pelo autor como exceções, como num enterro ou numa parada cívica. A aparência são “aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar status social...” (Goffman, 2014, p. 36), informa também se o indivíduo em questão está numa “atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no ciclo de sua vida” (Goffman, 2014, p. 36). As maneiras são “os estímulos que funcionam no momento para nos informar o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima” (Idem).

A performance são “comportamentos restaurados” ou “duplamente exercidos”, são comportamentos reiterados, comportamentos que se aprendem e que passam a ser executados no aprimoramento da ação ou na sua repetição. Importante também diferenciar as diversas interpretações desta palavra polissêmica, pois quando falamos em *performance* do sexo tende-se a pensar no “desempenho” sexual; nesta mesma linha pensamos no desempenho de um carro ou numa prova da Universidade. Pensa-se a respeito de ter ido bem ou mal no ato sexual, na corrida ou na prova. Desempenho é uma das traduções mais comuns e literais para a palavra inglesa *performance* (Schechner, 2006).

A *performance Art*, por sua vez, relacionada ao ato de performar por artistas (ou performance), em palcos ou no cenário que lhe aprouver, é situada historicamente por Renato Cohen (2009) na década de 1970, atribuindo aos movimentos como o *Body Art* e *Happening* o surgimento do termo. Porém, neste momento (década de 70), a *performance art* estava muito distante do teatro, havendo uma posterior aproximação a partir da década de 80 (Féral, 2013, p. 137).

A performance não gosta do teatro e desconfia dele. O teatro, por sua vez, não gosta da performance e se distancia dela. Existe entre essas duas artes uma desconfiança recíproca. Tudo coloca a performance do lado das artes plásticas: sua origem, sua história, suas manifestações, seus lugares, seus artistas, seus objetivos, sua concepção de arte, sua relação com o público.

Usando o mesmo autor e obra, Luiz Gonçalves aponta em relação à *Performance Art*:

Sua origem é reconhecida pelos traços pictórico, escultórico, arquitetural, musical e literário, uma metamorfose das Artes Plásticas dos anos de 1970, entretanto, a autora ressalta que a performance art dos anos 1980 modificou-se, transformou-se, apresentando um aprofundamento das suas práticas, o que poderia chamar de instalação na performance, e seus objetivos não são tão mais claros como na década anterior colocando-a ao lado do teatro pela subjetividade, em particular sua escritura cênica e sua relação com o corpo do performer, o tempo do real e do espaço (Gonçalves, 2019, p. 189 e 190).

E, por último, um dos eixos teóricos da pesquisa é a performatividade de gênero, sendo o que até o momento julgo ser mais adequado para fazer esta leitura do nosso campo, lembrando que “o nosso” refere-se a todos os envolvidos na construção deste trabalho, no qual sou o responsável por grafar as percepções. O conceito de performatividade de gênero foi cunhado e desenvolvido por Judith Butler a partir de “Problemas de Gênero” (2003), sendo desenvolvido em obras seguintes da autora (2002, 2020).

A autora observa que “Es un error reducir la performatividad a la performance” (Butler, 2002, p. 69). Em suas definições, coloca performance como relacionada à atuação de atores e atrizes, ou ao *performer* que, por sua vontade, num ato singular, executa aquilo que escolhe fazer. Poderíamos pensar tais performances citadas por Butler (2002, 2003, 2020, 2021) em conversas entre amigos em uma mesa de bar, num vídeo postado em alguma rede social da rede de internet? Desconfio que sim. Por sua vez, as performatividades de gênero já estariam mais coladas as ações do cotidiano relacionadas ao gênero, levando em consideração os padrões e contexto de onde se fala, ações que aprendemos e repetimos cotidianamente e que indicariam o nosso gênero.

Na primeira obra em que trata sobre a questão da performatividade de gênero, “Problemas de Gênero” (Butler, 2003), assim como os autores citados anteriormente, trabalha com a ideia de reiteração, mas não como um ato singular (performance), apontando o poder como a força motriz que provem de uma matriz heterossexual. Os corpos são materializados

através da forçosa reiteração de normas, seja pela aceitação do que lhe é imposto ou construídos através da negação e da abjeção dos corpos (Butler, 2020):

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual — e em virtude da qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele, um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (Butler, 2020, p. 18).

A abordagem de Butler põe em cheque a categoria “sexo” ou sexo biológico e a ideia de gênero, e até que ponto essas são responsáveis pela materialização dos corpos. Em relação à performatividade, Butler define:

Em primeiro lugar, a performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. O que espero que fique claro no que se segue é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2020, p. 16).

Assim, Butler (2020, p. 26) recusa a ideia de que o discurso constrói tudo através de suas afirmações, pois desta maneira não se está considerando a construção através da exclusão, da abjeção dentro dos próprios termos da legitimação. Ao trazer o “Discurso de ódio: uma política afirmativa” (2021), destaca este discurso com uma forma de violência⁴⁷ que pode trazer diversas consequências, destacando que as palavras também performatizam algo e materializam. “O que o discurso de ódio faz, então, é construir o sujeito em uma posição subordinada.” (Butler, 2020, p. 39).

Para finalizar este item gostaria de destacar que acredito, assim como Leandro Colling (2021), que a performance de gênero e a performatividade de gênero não são conceitos que devem ser colocados como opostos. Possuem sim suas diferenças, mas dependendo do que se estuda num campo, poderão estar ocorrendo performances e performatividades de gênero, sem que uma exclua a outra. Focarei a atenção de nossa pesquisa nas performatividades. Tudo

⁴⁷ A autora já trabalhava a relação entre performatividade e linguagem desde “Problemas de Gênero”(2003).

isto intencionando expor da melhor maneira o que é ser pai e outras questões relacionadas a partir do que foi expresso pelos pais.

Trazendo a reflexão para os meus dados de campo, me chamou atenção em Helder o fato de dizer que tem relacionamento “não-monogâmico” e que desde sempre foi treinado a “não dar em cima das mulheres” para não ser agredido por questões relativas ao racismo. Helder afirma que, com certa frequência, é classificado como “gay” por outros homens por conta de seus trejeitos, ao mesmo tempo em que afirma que tem uma voz grossa e certos comportamentos julgados como “ másculo” por ele mesmo, trazendo a ideia do andrógono.

Conta que foi a um evento de humor chamado “hétero afeminado” e que se identificou com a nomenclatura. Durante o show, interagiu com o artista se afirmando e este destacou a sua voz grave perguntando, mas como “afeminado com uma voz grossa?”, Helder completa, “e olha que eu tava nessa minha pose de pernas cruzadas (juntas), com minhas munhecas relaxadas como de costume”. Jonas também afirma que constantemente é “percebido” como gay, por seus trejeitos “afeminados” e que, por isto, não atrai homens “gays afeminados”. Estes, em sua percepção, preferem homens mais “héteros” ou menos afeminados. Por afeminados ambos recorrem às normas ou a uma ideia de masculinidade hegemônica, sendo que, no outro oposto, estariam os homens afeminados, próximos a um suposto feminino e nisso poderia estar localizado o incômodo que despertam socialmente.

Isto não quer dizer que estes homens estejam despojados de ações sexistas. Nenhum de nós está entendendo a fluidez de boa parte das coisas relacionadas ao gênero neste trabalho. Por exemplo, a imagem da faca surge na mão de um integrante dessa vez não mais como a vítima de uma tentativa de esfaqueamento, mas aquele que ameaça. A imagem é um vídeo de um dos pais cortando um papel com uma faca e com a seguinte legenda “Pai de menina tem que ter faca amolada assim!” falava também que o destino daquela faca seriam homens futuros que tentassem namorar sua filha (naquele momento ela devia ter cerca de 4 anos). Este é o mesmo pai que fala a respeito de cuidar de suas filha e companheira num mundo machista. No vídeo e pelas condições em que ele apresenta, acredito que o pai está executando uma performance num tom que traz a ideia de violência e brincadeira ao mesmo tempo. Expressa uma performatividade (e performance, ao brincar) de pai e homem, para um

público que, a princípio, não é identificável, trazendo mais uma vez a ideia de proteção ou **cuidado**.

4.2 Entre amigos, conhecidos, brevemente desconhecidos e o fazer científico

Ao longo desta pesquisa, várias vezes indaguei-me sobre as proximidades, de diferentes graus, com meus interlocutores, colocando-me as seguintes questões: Como trabalhar com pessoas pelas quais sentimos não somente simpatia, mas são ou passam a ser nossos amigos? Da mesma forma, como trabalhar com nossos afetos e colocá-los na mesa da pesquisa? Afinal, quem seria esta pessoa tão familiar ao cotidiano chamada “amigo”?

Segundo Helder, amigos possuem níveis diferentes de proximidade entre si. Um nível menor pode ser um amigo novo ou mesmo alguém com quem a amizade não se desenvolve ao ponto de mudar de *status*, e um amigo ou “melhor amigo” pode ser considerado aquele com o mais alto nível. A pessoa que tem potencial para tornar-se amigo, ele a chama de “brodi”, uma adaptação da palavra inglesa “brother” que, em português, significa irmão. Anterior ao processo de tornar-se um “brodi” e, quem sabe, um amigo, denominamos de “conhecido”, ou seja, alguém que se conhece visualmente, que por ventura pode ter sido apresentado, ou que só se costuma ver na mesma rede de amigos e eventos frequentados em comum. Adriano chama de desconhecido alguém que não é nada ou anterior ao conhecido que, por sua vez, tem um potencial de tornar-se um amigo. Dentre os amigos estão os “mais próximos” e os “menos próximos” ou os “mais íntimos” e os “menos íntimos”. “Amigo é alguém que te liga direto, que tá aí pra ti, que quer saber como tu tá, alguém que tu briga e faz as pazes”, conforme ressaltou Adriano. Nelson não faz distinção no nome que dá para “amigos” ou “caras”, mas também entende que há uma distinção entre eles no que diz respeito ao maior ou ao menor grau de proximidade e intimidade.

Amizade pode ser definida teoricamente, através de Gilberto Velho, como uma questão relacionada à liberdade e que não deve ser definida antagônica ou mesmo complementar aos laços de parentesco, mas um outro tipo de sociabilidade, onde o seu principal pilar é a liberdade de escolha (Velho, 1983).

Dentre outros assuntos estimulados no grupo do *WhatsApp*, um das discussões que não teve muita adesão foi sobre o conceito de amigo, conhecido e desconhecido. Consegui desenvolver melhor conversando individualmente e, apesar disto, não se chegou a um consenso do que seria um amigo, um conhecido e alguém brevemente desconhecido, e estes teriam um grau menor ou maior de intimidade entre um extremo e outro. O amigo é aquele com quem se tem um maior grau de intimidade e o brevemente desconhecido um menor grau, mas que tende a progressivamente aumentar esse grau a ponto de se converter em amizade ou não. Outra questão apontada nas falas ao citar o “amigo” (que não faz parte do grupo), é de que se trata de alguém com o qual se teria não somente mais intimidade, mas também mais confiança e de quem se espera mais coisas positivas do que negativas. Em conversa no grupo, por exemplo, um dos pais, Xavier, expressou que a decepção com um amigo é mais difícil de digerir.

Na situação em questão falamos de um amigo comum a maioria do grupo. Esse rapaz votou no ex-presidente Bolsonaro. Os comentários diversos que tentavam explicar o motivo que o levou a isso foram de “ignorância”, por não gostar de estudar, comodismo, ou mesmo simplesmente “cabeça fraca”. E nesta conversa Xavier escreveu: “quando é um amigo, é mais difícil”, referindo-se ao fato deste amigo ter “votado no bozo”. Adriano discordou de Xavier ao dizer que o estudo não seria suficiente para trazer entendimento da nossa realidade política e aponta que este amigo teria sido influenciado pelas pessoas da cidade onde estava morando, cidade que em sua maioria votou no citado candidato à presidência.

Este fragmento de conversa serve não somente para expressar as definições do que seria um amigo e demais “tipos”; mas também apresentar os posicionamentos políticos destes pais que, em sua maioria, apresentam-se com opiniões e declarações mais voltadas a centro-esquerda, que nos serve também para pensar sobre as ideologias presentes no pensamento do pesquisador e na pesquisa e o que fazer com isto a partir de sua exposição.

A questão da amizade é estudada pelas ciências sociais e dentre os autores que se destacaram em minha pesquisa sobre o assunto está Mauro Koury, que trabalha com a ideia de que “as afinidades estão presentes e movem todos e quaisquer tipo de amor envolvendo os indivíduos sociais” (Koury, 2015, p. 22). O autor afirma que a amizade começa em “um ato

apaixonado” e é expressão do amor. Um amor não sexualizado”. O filósofo José Giannotti (1993), por sua vez, adverte que mesmo que outrora as partes da relação tenham se envolvido em trocas sexuais, quando a relação se converte em amizade isso tende a ser superado, amigo íntimo, amigo de trabalho, amigo de fim de semana.

O amigo é alguém mais próximo/íntimo com quem se participa de uma série de rituais como ir ao cinema, sair juntos, ir a eventos. Dentre os rituais que envolvem a amizade, o ato de “comer” é destacado por Giannotti (1993), como uma das formas de falar sobre o ato sexual relacionado à cozinha. O ato de “comer” sexualmente pode, neste caso, ser substituído pelo “comer junto” um jantar ou qualquer outra coisa: “Tudo parece indicar que comer junto exorciza fantasias de que as pessoas pudessem se comer entre si” (Giannotti, 1993, p. 185). O autor ainda apresenta a ideia de que existem diferentes amigos, os verdadeiros amigos, os amigos de finais de semana, os amigos meramente amigos.

Na conversa que tive com Helder no bar, ele perguntou o que eu estava lendo na pesquisa. Falei sobre os textos que tratavam da questão das amizades, citei algumas ideias ou características do que seria um amigo. Ele disse que concordava com todas elas, com exceção da questão que amigos não poderiam ter relação sexual, afirmando que amigos podem ser amigos e continuar transando, citando o termo “amizade colorida”. Esse termo foi definido em trabalhos como o de Gilberto Velho (1983) enquanto:

... relações afetivas e sexuais que não constituem um casamento mas que não se esgotam em encontros isolados. Este tipo de relação que parece ser cada vez mais valorizado no universo investigado se caracteriza pela não coabitação, por uma relativa independência econômica e financeira e uma forte ideologia de liberdade sexual. A autonomia do indivíduo e sua liberdade aparecem como valores básicos (Velho, 1983, p. 8).

Pude perceber que, no caso das mulheres, a tendência é que a sua família de origem esteja em tensão constante por conta deste tipo de relacionamento, com o intuito de manter a honra por meio do controle social do comportamento moral das mulheres adeptas de “amizades coloridas”. “O bom nome da família, o zelo pela moral e integridade dos filhos são alguns argumentos acionados nesta busca de controle” (Velho, 1983, p. 9).

Dentre outras definições do termo “amizade colorida” estão a da antropóloga Fernanda Pizzato (2010) que escreveu sobre parcerias sexuais de mulheres no Recife. Em sua dissertação, define a amizade colorida como um tipo de amizade onde há atos sexuais, mas não há compromisso de exclusividade, uma vez que os envolvidos não possuem o título de namorados. Então, o compromisso quanto a essas trocas sexuais ocorre apenas no momento de um encontro. Não há exigência de fidelidade e sim lealdade por parte do amigo, ainda que essa amizade não se torne um namoro pelo motivo de não haver o preenchimento de todos os pontos de um *check list* ou pré-requisitos necessários para tal. Já a pesquisa de Antônio Pilão (2013) investiga os ideais amorosos dos chamados poliamoristas ou adeptos do Poliamor⁴⁸, onde um de seus interlocutores, Doutor Love, afirma que as “‘amizades coloridas’ são o que há de mais próximo do Poliamor...” (Pilão, 2013, p. 510), portanto, neste modelo a amizade e o amor estariam muito próximos.

A figura do amigo também foi estudada em Londres, num grupo de dezessete pessoas (homens e mulheres), brancos, de classe média e residentes na cidade. No artigo de Claudia Barcellos Rezende (2002b) é destacado que a conceituação do termo amizade deve ser feito considerando o contexto histórico-cultural, recorrendo à antropologia das emoções e analisando o que se destacou no discurso dos interlocutores sobre o tema. Destacaram-se as palavras ofensa e mágoa (Offence) diante de uma atitude grosseira. São as palavras-chave/sentimentos que junto a outros elementos dão base a amizade estudada, ou ainda, são base no sentido de que são sentimentos externalizados com frequência pelos ingleses que participaram da pesquisa. A ofensa, a mágoa, em consequência de comportamentos grosseiros são sentimentos atribuídos ao caso estudado e que seriam uma espécie de regulador da amizade, onde o que se buscava em um amigo, era alguém próximo o suficiente, com “gostos e senso de humor em comum, espontaneidade, revelações pessoais, confiança e apoio mútuo, — mas trazia poucas referências a sentimentos como afeição, carinho e estima” (Rezende, 2002b, p. 69).

O amigo neste caso é definido enquanto...

⁴⁸ “... termo que designa a possibilidade de estabelecer múltiplas relações afetivas e sexuais de forma concomitante, igualitária e consensual.”(PILÃO, 2013. p. 505)

... alguém com quem eu possa ser eu mesmo (someone I can be myself with). ‘Ser eu mesmo’ implicava uma apresentação sem reservas e espontânea de si mesmo, sem o autocontrole exigido pelas regras da polidez. Não tanto uma exposição verbal de problemas e sentimentos íntimos, o que predominava aqui era a ideia de uma revelação completa de “self verdadeiro” (true self) — com inseguranças, de mau humor, com cólicas menstruais, etc. Ou seja, uma forma de se comportar que podia, em certos contextos, ser vista como inconveniente mas que, na amizade próxima, seria aceita sem julgamentos. Para tanto, era preciso que a amizade fosse construída com uma base inicial de interesses comuns e um senso de humor semelhante. Com o tempo, os gordos podiam até se diferenciar mas já haveria uma confiança sólida na relação, de forma a possibilitar essa apresentação do “self verdadeiro” (Rezende, 2002b, p. 75).

Um ponto interessante sobre o grupo de ingleses é que a homogeneidade social que está presente nas redes de amizades é demonstrada através do fato de os amigos mais próximos serem da mesma classe social e/ou da mesma cidade de origem, e/ou foram colegas de classe na universidade. Além de serem relações antigas, boa parte foi estabelecida ainda durante a infância, entrando em contraste com a vida transitória de Londres. O que viria ou serviria como diferenciação é o chamado estilo de vida e este sim pode ser visto como uma espécie de filtro para a constituição destas redes de amizade. Apesar do tom individualizante presente no discurso da amizade inglesa, depende de um outro para a fixação de uma identidade (Rezende, 2002b).

Soma-se ao campo anteriormente citado, a pesquisa realizada no Brasil pela mesma autora, e com uma coleta de campo mais diversa, pois desta vez, $\frac{3}{4}$ do seu material foi colhido por três estudantes, de maneira mais indireta e menos participante etnograficamente falando, enquanto Rezende recolheu dados entre colegas de trabalho. A autora, através dos exemplos estudados, desnaturaliza o conceito de amizade e demais características envolvidas através de sua ousadia metodológica para a antropologia do momento que evitava comparar realidades de contextos diferentes, como o de Rio de Janeiro e de Londres (Rezende, 2002a).

No caso do Rio de Janeiro, observa-se uma maior penetração interclasses na constituição de amizades nos casos estudados, resgatando a imagem do homem cordial. A princípio, isso poderia levar a pensar que os casos seriam inteiramente diferentes, porém, justamente pensando na imagem do homem cordial, ou melhor, da cordialidade da amizade brasileira, ela conclui que a cordialidade é uma forma de eclipsar os problemas de desigualdades sociais que o país vive. Quanto ao conceito de pessoa no discurso da amizade

enquanto o caso inglês aponta para o *self* multifacetado que buscava, em algum momento, mostrar o seu “verdadeiro eu” ou verdadeira face, o caso brasileiro difere ao tratar somente de uma faceta que possuiriam camadas mais ou menos profundas, ou mais ou menos superficiais. Uma das chaves para entender o caso das amizades brasileiras estudadas não estava na demonstração do verdadeiro ser, mas na autenticidade das boas intenções que se tem para com o amigo (Rezende, 2002a).

Confiança, lealdade, fidelidade são algumas das características ou elementos da amizade, conceito relacional onde as interações ocorrem graças a estes elementos citados inicialmente. É uma relação de confiança mútua e, a partir dos laços sociais que passam a existir, gera “uma série de intimidades possíveis, seguradas pela confiança mútua e pela garantia de segredo... o amigo é um ser confessional” (Koury, 2012, p. 470).

4.3 As discussões em grupo sobre masculinidade, paternidade e afeto

O grupo teve momentos de muita participação, assim como longos momentos de ausências, no sentido de não haver nenhuma conversa acontecendo no grupo de *WhatsApp*. Orientei aos participantes que utilizassem o grupo trazendo assuntos e links relacionados a masculinidades e paternidades. Percebi durante estes anos que a maioria dos assuntos foram incitados por mim e que assim as conversas fluíam mais. Os assuntos que trouxe estavam relacionados às temáticas masculinidades e paternidades e, em sua maioria, assuntos que estavam sendo muito visualizados por mim e minha rede social (da internet) e de amigos (da minha vida), rede a qual a maioria deles fazem parte.

No primeiro dia do grupo adicionei Luiz Davi, meu coorientador e Adriano que, dentre os interlocutores, considero o mais próximo a mim, no que diz respeito a amizade. Luiz Davi saiu semanas depois, pois a ideia era ele entrar, observar e fazer algum apontamento. Assim foi feito e segui com o grupo até o momento da escrita deste trabalho. A ideia é encerrá-lo ou transformá-lo em outro projeto após a defesa da tese.

No dia 7 de fevereiro de 2021 adicionei mais dois integrantes, Thales e Bento; e assim por diante nos próximos dias até chegar a ter mais ou menos 15 integrantes, e digo “mais ou menos” porque nesse período de três anos o número variou para mais ou menos, tanto pela entrada como pela saída dos integrantes. As adições de integrantes aconteciam a partir de pessoas que eu conhecia e conhecidos destes primeiros que eram convidados. O que chamarei, de maneira genérica, de “amigos”.

De algum modo, amigos e amigos de amigos constitui a maior parte do grupo da pesquisa, com exceção de dois rapazes trans, que conheci através das redes sociais, na busca entre conhecidos e que apresentassem diferenças em relação a minha pessoa. A ideia era perceber melhor questões como raça, cor, etnia, classe e outras nuances dos pais da pesquisa.

No mesmo dia 7 de fevereiro, o primeiro tema proposto por um dos pais foi relacionado a religião, especificamente sobre o batismo dos filhos, perguntando o que os pais pensavam sobre isso, a pergunta foi de Adriano: “Religião na condução da paternidade? Como os membros veem?” Adriano disse que achava que logo a filha estaria “na saia da vó”, referindo-se a proximidade e religião da avó materna.

Dentre os assuntos discutidos no grupo, Lino observou que a conversa que mais chamou a sua atenção foi quando Leandro nos contou a respeito das perspectivas indígenas da etnia de sua mulher em relação à paternidade, mostrando perspectivas diferentes de pai, se distanciando da questão do DNA ou do “Pai biológico”, referindo-se a um áudio que Leandro mandou para o grupo contando a situação vivida por um Yanomami e um escravidão em algum lugar do Amazonas:

Em 2007, eu estava trabalhando lá no rio.... que é a área Yanomami, daqui de... Teve uma época lá, que eu não lembro qual foi o mês, que o pessoal do cartório subiu o rio, lá no Xapono, como eles chamam a aldeia Yanomami, para fazer o registro civil. E teve um dos casos, que eu estava lá próximo, e até ajudei o pessoal a entender a dinâmica, que foi o seguinte, pegaram um senhor, um velhinho, e perguntaram, como é o nome do seu pai? Ele falou, olha, um meu pai já morreu, o outro meu pai está morando lá em Maturacá, em São Gabriel da Cachoeira, lá para cima, e o outro meu pai está em Puquina, que é uma aldeia lá perto da Venezuela, e o outro meu pai está no Xamatá, que é outra aldeia Yanomami, que fica em uma floresta, num rio, no Igarapé, chamado Irapirapi. E aí, o senhor falou, não, mas como assim? Eu estou perguntando, é o seu pai mesmo? Então, ele falou, o meu pai mesmo, um morreu, o outro meu pai mesmo mora em Maturacá, o outro meu pai mesmo mora lá perto da Venezuela, em Puquina, e o outro meu pai mesmo mora lá

em Xamatá. Aí, ele perguntou, não, eu estou perguntando biologicamente, quem é seu pai biologicamente? E ele voltou a repetir, biologicamente, o meu pai, um morreu, e o outro meu pai biologicamente mora em Maturacá, e o outro meu pai biologicamente mora na Venezuela, em Pukima, e o outro meu pai biologicamente mora lá em Xamatá. E aí, o escrivão ficou sem saber o que fazer, porque ele queria o pai biológico, mas o que é o pai biológico, entendeu? (Leandro, 03/08/21).

Diante das diferenças entre os pais da pesquisa, Lino comentou:

Eu tava pensando aqui nas conversas e no grupo como um todo e acho que uma coisa muito rica dele foi como tu formaste, e é claro que isso tu fez de maneira proposital e até isso é mérito também, um grupo diverso de realidades. Pra mim foi muito rico ouvir a relação de outros pais que têm realidades diferentes da minha, tinha pai trans, pai adotivo, pai segregado, pai indígena, enfim, diversas realidades e pra mim foi muito legal perceber essas diversas relações (Lino, 01/07/23).

No ano de 2021 passei a colocar alguns poucos textos e assuntos que gostaria de discutir teoricamente com um dos integrantes do grupo, Helder (a pedido do mesmo). O assunto que consegui desenvolver e discutir de fato com alguns deles foi sobre o conceito de masculinidades hegemônicas, uma vez que considerei junto com minha orientadora que boa parte do grupo tinha condições (pela participação) de discutir os assuntos acadêmicos. E, mesmo que não o lessem, costumava fazer um resumo do texto em forma de áudio descrevendo o ponto que gostaria de discutir com o grupo, sempre dando a opção de responder no grupo ou de maneira privada (tudo isto através do *WhatsApp* ou como achasse melhor).

O texto citado anteriormente, que coloquei em pauta para ser discutido no grupo e que consegui trazer o interessasse de alguns integrantes, foi o de Mirian Pillar Grossi (2004) e também citei Peter Fry (1982) texto usado pela autora, no qual faz uma revisão sobre as masculinidades. Colei⁴⁹ um trecho do texto que falava sobre a relação da atividade/violência/esportes, relacionados a construção das masculinidades, em especial da masculinidade hegemônica. Lino, Thales, Helder, Leandro, Carlos e Denis expressaram suas opiniões, lembrando que os dois últimos são homens trans e suas respostas se diferem na crítica ao texto, justamente por esta condição e por não se considerarem contemplados dentro do conteúdo trazido pelo texto, tanto no que se refere à questão da orientação sexual, quanto na

⁴⁹ No próximo parágrafo exporei trechos da parte inicial e final do texto utilizado.

questão do ser “ativo” sexualmente ou penetrar para poder “ser homem”, o trecho em questão faz parte do item “É a atividade que faz o masculino?” (Grossi, 2004, p. 6 e 7).

Lino, Thales e Helder, ao refletirem sobre a afirmação do texto de Grossi (2004) a esse respeito, percebem a ideia sustentada pelo senso comum de que os homens são construídos através da atividade; do ato de penetrar; sobre a ideia (nacional e de parte da América Latina) de que “comer” o outro não o torna homossexual⁵⁰. Sobre a proteção das nádegas, percebiam na época em que estudavam em escola e faculdade, que esse cuidado já não era tão forte e que alguns rapazes, mesmo sendo supostamente heterossexuais, brincavam com isso, fingiam ser homossexuais e pediam para pegarem nas nádegas, atitudes que eram exceções. Também concordam e ainda percebem a ideia de que o homem é aquele que “come”; assim como a ligação com a violência e, nesses últimos casos citados, a relação com a ideia de masculinidade hegemônica. Lino lembra que, em sua época de escola, os homens que tinham relação com outros homens eram chamados de “empurra bosta”⁵¹ (22/08/2021) e eu recorro que na minha escola havia o termo “Besouro”. Sobre a questão da atividade e violência, Helder afirma que “e não só penetrar com o pênis, mas também com coisas, penetrar com facas, com balas” (Helder, 22/08/2021). Sobre a masculinidade hegemônica, eles também concordam com a ideia trazida ao grupo e que eles mesmos, em algum momento, estão dentro ou transitam nesta masculinidade citada, como observado por Thales (22/08/2021), a seguir:

...Eu me vejo como fazendo parte e reproduzindo a masculinidade hegemônica de várias formas, de certas formas que eu não me dei conta ou não consegui superar (...) a escola de vida que eu fui criado não me deixa não reproduzir (...) e a minha inclinação é de identificar essas questões e tentar superá-las, até porque eu já tô desistindo dessa ideia de cura total, desconstrução (...) tem coisa que a gente vai tentar superar e algumas nós não conseguiremos.

⁵⁰ Dentre os três homens CIS, Lino foi o único que afirmou que o “ativo”, aquele que “come” também é homossexual, mas no final de sua fala afirma que isso é complicado de responder por toda a complexidade que as discussões de gênero trazem a tona e ele exemplifica afirmando que “às vezes é uma questão de fluidez”. Helder afirmou que, em sua opinião, se esse homem transa uma ou mais vezes com um homem e continua se relacionando com mulheres ele pode ser heterossexual, bissexual, mas quem determina isso é a “identificação” do outro. Thales demonstrou dificuldade para responder esta questão partindo no mesmo princípio de identificação ao afirmar “mesmo que um cara transe com outros caras, seja de maneira passiva ou ativa, e se ele publicamente se identifica como heterossexual, quem sou eu pra dizer o que o outro é?”.

⁵¹ Entendemos hoje (eu e meus interlocutores) que o termo é pejorativo, porém não encontro outra forma textual de expor o que é dito sem ser infiel a informação que me foi passada.

Denis e Carlos (os homens trans) também tinham a mesma percepção dos homens cis citados anteriormente, pois quando perguntados sobre suas próprias opiniões sobre a questão discordaram incisivamente. Para eles, quem se relaciona com homem é gay ou bissexual, independente de “passividade” ou atividade. Ambos colocaram-se como “bissexuais” e “versáteis”⁵², e afirmaram que no ato sexual prezam por sentir prazer, independente de ser “ativo” ou “passivo”. Afirmaram que perceberam, no mundo em que vivem, essa ideia de penetração, apesar de não os contemplar pessoalmente e acreditarem que isso valeria para a maioria dos homens trans, “na minha opinião, transou com outro homem ou é gay, ou é bissexual, no mais essas outras formas eu chamo de armário” (Denis, 07/08/2021), Carlos deu uma resposta muito semelhante e que pareceria uma cópia caso a citasse também.

Em visita que fiz a Denis e sua esposa (07/08/21)⁵³, enquanto comprávamos cigarros, ele falava que grande parte dos homens trans que conhecia eram machistas e poderiam sim, estar dentro da dita masculinidade hegemônica ou transitando por ela. Ele se questionava se isso não teria a ver, no seu caso, com a aplicação de hormônios que vinha fazendo, pois considerava que havia se tornado outra pessoa, mais agressiva e mal-humorada, depois que começou a tomar as substâncias⁵⁴.

4.4 Da rede ao grupo

Neste ponto do texto creio que seja central a discussão de temas como rede e grupos da qual fazem parte os pais que colaboraram com a pesquisa durante mais de 3 anos, bem como, as definições destes conceitos e demais relacionados. A predileção por trabalhar com “amigos” e “universitários” na pesquisa não foi algo que ficou evidente para mim, inicialmente. Demorei a identificar o que agora ficou evidente como uma das características de minhas pesquisas nas ciências sociais e antropologia. Não necessariamente amigos

⁵² Nas palavras de Denis, isso quer dizer que são tanto ativos quanto passivos.

⁵³ Foi a primeira vez que encontrei Denis pessoalmente. Há algum tempo nós ficamos de nos encontrar para beber uma cerveja, conversar sobre a vida e a pesquisa.

⁵⁴ Tratamento aconselhado por orientação médica como forma de tratar a “disforia de gênero”, que, pelo que me foi explicado por ele, tratava-se do fato de não se identificar com o corpo que tinha e que aquilo resultava em uma depressão constante.

universitários, uma vez que existem graus diferentes de aproximação e distanciamento destes. Amigos, conhecidos, amigos de amigos ou brevemente desconhecidos que, no último caso, passam a um dos outros tipos citados com a passagem do tempo e conversas.

Com o passar do tempo, as relações no grupo do *WhatsApp* foram estreitando-se, a maioria delas já estavam estabelecidas, constituindo uma rede de amigos que foi construída por meio de convites diretos feitos por mim. A participação de cada um deles se deu de maneira e profundidade diferentes. Como dito anteriormente, parte dos interlocutores consideraram os pais participantes como um grupo, para além do “grupo de *WhatsApp*”.

Nele dei a oportunidade aos participantes da pesquisa interagir com os outros pais, possibilitando a percepção de como o diálogo poderia ou não se desenvolver, quando determinados temas são colocados por mim, ou por um dos participantes (na maioria dos casos por mim, por questões talvez óbvias). Sempre que adicionei alguém ao grupo expliquei que aquela seria uma zona autônoma de expressão do melhor ao pior de nós em relação às questões da pesquisa; que aquele não seria um espaço para julgamentos e sim para exposições, que os diálogos poderiam ocorrer de maneira respeitosa, destacando que quando eu fazia uma pergunta, não estava esperando uma resposta certa, já que qualquer resposta, em qualquer uma das direções, de acordo ou avesso ao pensamento de outro participante, seria importante.

Além das questões relacionadas ao trabalho em si, o grupo também foi colocado à disposição dos pais para falar de si, de seus próprios problemas, relacionados a paternidades ou não, para trazer elementos das redes sociais como memes ou prints (os dois últimos também não ocorreram). E depois do primeiro ano tendo estratégias diferentes dentro do grupo, principalmente no sentido de trazer um tema ou ficar quieto e esperar que eles surgissem com algo (isto aconteceu poucas vezes), conclui que eu deveria estar instigando os assuntos para que eles os desenvolvessem. Assim, as trocas foram sendo produzidas, algumas entre pessoas que já se conheciam, outras entre aqueles que vieram a se conhecer dentro do grupo de *WhatsApp* que parte destes passaram a constituir e nomear como “grupo” ou “coletivo”.

Após Thales citar que nos considerava um “grupo”/“coletivo” por conta das interações *on* e *offline* (como, por exemplo, no caso da mudança “ou o corre” de Carlos), Lino falou em “grupo de estudo e grupo político⁵⁵”. Político por estarmos discutindo certas políticas das masculinidades e paternidades. Evandro usou a palavra “grupo de apoio”, assim como Helder, fazendo referência ao filme Clube da Luta, mas considerando-o, além de um “grupo de apoio”, um grupo onde se pode estudar e discutir.

Dentre os dezesseis interlocutores, oito deles conheci na UFAM, um no ensino médio, dois via reportagem nas redes sociais, um por meio de outro interlocutor, um enquanto trabalhava de barman, um foi indicado por meu coorientador, um por intermédio de um colega da antropologia. Posso afirmar que dentre os citados tenho uma maior proximidade com as pessoas que conheci na UFAM, sendo que separo nosso grau de intimidade em três graus ou classificações: “conhecido de vista”, “conhecidos” e “amigos”. Esta classificação é uma análise que parte inteiramente de minhas conclusões e baseados em minhas experiências. A princípio, julguei desconfortável perguntar a parte de meus informantes mais íntimos se somos “amigos”, conhecidos” ou “conhecidos de vista”, portanto, em meu próprio ponto de vista, considero que dos oito mais próximos, dois deles são “amigos”, três são “conhecidos” e três são “conhecidos de vista”. Identifico-me com o que observa Fonseca ao dizer que “É evidente que, no contexto de antropologia nacional, pode haver situações em que o antropólogo, como concidadão de seus informantes, tem um envolvimento mais do que passageiro na vida destes” (Fonseca, 2008, p. 50).

Sobre as proximidades e distâncias em relação ao que chamo de “conhecidos” e “desconhecidos” gostaria de comparar tais graus de intimidade e como a pesquisa se desenvolveu, perceber as diferenças de acordo com este grau de intimidade, questionando-os sobre o quanto essa proximidade e/ou distanciamento de relações anteriores à pesquisa poderiam ajudar, ou atrapalhar no desenvolvimento da mesma, desenvolver ou retrair as informações. Busco “(a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em

⁵⁵ Conversando um pouco mais sobre ele, observou que gostaria que mais homens/pais se organizassem para discutir questões que nós da pesquisa discutimos.

exótico”⁵⁶ DaMatta (1978, p. 4). Este exercício de transformar o “exótico em familiar” e o “familiar em exótico” está ligado a diferentes momentos de crise e desenvolvimento da antropologia, momentos em que, respectivamente, buscava-se afirmar a antropologia enquanto ciência estudando o outro e também o ponto de vista da chamada antropologia moderna que voltava o olhar para si, na busca de ouvir o *Anthropological Blues*⁵⁷ e demais situações etnográficas vivenciadas em campo.

Um bom exemplo de como a rede ou, ainda, como os indivíduos do grupo circularam, pode ser citado. Em uma semana de maio, num domingo, fui com Adriano num parque de Manaus, onde Nelson iria tocar, se não me falha a memória, e deste dia não tenho anotações. Também encontramos com Thales. Eu, Adriano e Nelson estávamos como nossos filhos, o meu filho e a filha de Adriano são amigos, costumam brincar juntos. Na quarta-feira encontrei com Bento, fui conversar com sua esposa sobre a oportunidade de fazer algo no bar que passei a trabalhar, conversei um pouco com ele também e fui pra casa. Na sexta-feira encontrei com Helder e mais dois amigos no Bar e lá conversamos sobre amizade, as desvantagens do mundo acadêmico em relação à escrita, sobre ciência, filosofia, sobre “héteros afeminados” e falamos inclusive de sua própria performatividade, em especial parte de suas expressões corporais, uma vez que sua voz costuma ser muito grave. No dia seguinte, no sábado, encontrei Xavier, que chegou na festa num momento mais calmo onde pudemos conversar um

⁵⁶ Ações metodológicas construídas em momentos históricos diferentes, o “(a) transformar o exótico no familiar” no período em que a antropologia surge buscava entender povos de outras etnias que não a do pesquisador e o “(b) transformar o familiar em exótico” que surge no momento em que o autor chama de “presente”, momento em que o pesquisador se volta para estudar a sua própria cultura no exercício do estranhamento. Por fim, Da Matta (1978) afirma que estes dois movimentos ou ações do pesquisador devem na contemporaneidade ser aplicados em ambas as vias. “Deste modo, a primeira transformação leva ao encontro daquilo que a cultura do pesquisador reveste inicialmente no envelope do bizarro...”(s/ p.) e “...consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento.”(s/ p.) (Da Matta, 1978)

⁵⁷ A etnografia pode ser dividida em três fases de acordo com Roberto Da Matta (1978), sua primeira fase é a “teórico-intelectual”, é um momento inteiramente abstrata, e diz respeito a quando se começa a pensar na pesquisa ou tema a ser pesquisado sem ainda ter tido contato com nenhum pretendo colaborador, pensando em sua viabilidade como tal. Em meu caso, neste momento ainda estava no mestrado pensando em qual tema tratar num futuro doutorado. O segundo momento ou “período prático” é aquele que antecede a pesquisa de campo, mas neste ainda não se tem contato com aqueles que se quer estudar, e sim planos traçados de como isso deve ser feito, que estratégias utilizar, onde ficar e demais pretensas situações. A terceira e última fase é a existencial ou pessoal, nesta o pesquisador já está em campo em contato com os colaboradores, atestando e negando suposições/preensões que se tinha do campo, lidando com o inesperado e na busca de escutar o *Anthropological Blues*, momento de exposição e problematização da subjetividade e o que é sentido pelo pesquisador durante este campo.

pouco e ele falou sobre a situação de violência que sofreu de sua ex, citando o problema de dependência química que a mãe de seu filho tem. Falou que estava com a guarda do filho e que gostaria de conversar, me pareceu no sentido de “desabafar”. No bar, um quarto pai trabalhava em uma das noites. As pessoas mais distantes dessa rede e mesmo do grupo que passou a se formar e existir com a pesquisa, foram Carlos, que conheci nas redes sociais e Gilson que estudou comigo no ensino médio. E, ainda assim, Carlos passou a se aproximar mais do grupo, em especial a minha pessoa e a de Thales.

Situações como encontros esportivos e de lazer; lugares e consumos, seriam os pontos de contato ou de encontro onde encontrei um ou mais pais. A universidade é um dos lugares onde a maioria do grupo já se encontrou em algum momento e ainda se encontra convencionalmente, em situações diversas, Helder, por exemplo, voltou a frequentar a Universidade porque sua namorada estuda lá, Adriano ainda costuma pedalar por lá, Thales chegou a trabalhar durante alguns anos. Convencionalmente, estes e pelo menos dez dos pais acabam indo à UFAM, pelo menos uma vez ao ano ou mais.

4.4.1 Pedal, disputas e masculinidades: explorando a mobilidade urbana

O pedal, é a contração da palavra “pedalar” que consiste na prática de se locomover numa bicicleta de um ponto a outro. Entre os integrantes da pesquisa, Eu, Adriano, Bento e Nelson praticam a atividade/esporte. Eu, Adriano e Bento pedalamos durante algum tempo, com frequência em torno de 20 quilômetros, há cerca de 2 anos, com momentos de maior e menor frequência. Damos o nome de “Os tranca rua” ao nosso grupo de *WhatsApp* e pedal. Antes de sair acertamos qual será o ponto de encontro que, normalmente, é o caminho de todos ou na casa de Bento.

Em relação ao nome há uma referência religiosa em paralelo com a literalidade da palavra e o ato de fechar a rua. Bento é praticante de religião de matriz africana, e com frequência brincava quando eu me despedia ao fim de cada “pedal” com a frase “Que Exú te acompanhe!” apontado pra minha bermuda de marca “3XU”, e assim costumávamos terminar alguns pedais, rindo, às vezes acompanhado pelo café. Apesar do humor envolvido, a

referência, mesmo que parcial, é tida com respeito e como crítica a possibilidade de um “vai com Deus!” ser naturalizado como “Que Exú te acompanhe!”. Mas o principal motivo é literal, pois o grupo costumava trancar as ruas (ou uma via quando há mais de uma) usando suas frágeis bicicletas e corpos. Frágeis se comparados a motos, carros e demais veículos pesados, estes últimos sendo os mais temidos pelos ciclistas.

Trancar a rua vem de uma disputa de espaço que o grupo do pedal precisa ter para conseguir trafegar pela cidade de Manaus com alguma segurança. E, quando se fala em falta de segurança, também concordamos (os tranca rua) que o local onde os outros condutores querem que trafeguemos, dos mais oprimidos (motoqueiros) aos de grande porte, há sempre uma indicação quase inaudível “vai pro lado direito...”, local onde nenhum dos que indicam gostam de colocar os pneus de seus veículos. Na verdade, não se trata de ir pra via da direita, mas ficar no canto direito da via direita que, para a nossa surpresa, costuma ser a pior parte da pista para se trafegar no caminho que fazemos até o centro da cidade. O grupo do pedal percebe o mesmo padrão por boa parte da cidade de Manaus.

Portanto, o grupo costuma desviar ou cometer desvios justificando o acesso negado pelos outros condutores. Por adrenalina, competitividade, nós colocamos nossos corpos e vidas nessa disputa pelo espaço e conseqüente lazer. Lazer atravessando o corredor central da pista, por onde as motos também costumam passar, o que me causava certo temor inicialmente (quando comecei a pedalar) hoje eu entendo como a parte da “adrenalina” em pedalar, “costurando o caminho” por terrenos diferentes, calçadas normalmente vazias, gramados, terrenos de barro ou areia, ou mesmo por trilhas como na Universidade Federal do Amazonas. Adriano tem bastante experiência fazendo trilhas, porém os tranca rua costumam pedalar na cidade, no asfalto e a noite.

Começamos nesta análise destacando a questão das disputas dos espaços urbanos, disputa que pode ser pensada tanto pelo ponto de vista da mobilidade urbana, como pela ótica do lazer ou mesmo esporte, uma disputa que tem por base o uso das bicicletas e corpos e que serve também para pensar a caracterização de uma das masculinidades através do esporte, disputa e do risco que se colocam, uma vez que a possibilidade de morte ou mesmo um acidente grave é constante.

4.4.2 Caneladas, socos e companheirismo: boxe entre amigos e colegas de trabalho

O boxe aconteceu em um (foram 2 no total) dos bares em que eu e Helder trabalhamos, eu nos momentos em que fiquei sem bolsa e Helder entre estes dois momentos (em meu último ano de bolsa). Lino trabalhou conosco no bar por alguns meses e participou do boxe, posteriormente sua esposa também.

O nosso professor de boxe era o segurança do local em que trabalhamos. Além de mim, Helder também participava mais frequentemente, Carlos, amigo do trabalho de Helder, a namorada de Helder, que saiu e retornou quando foi ameaçada de ser agredida por uma colega de curso. Porém, quando ela retornou o boxe já estava próximo do seu fim, uma vez que esse bar onde fazíamos os treinos fechou e ficamos sem o espaço para treinar. Também houve a participação de Adriano, que fez algumas poucas aulas e parou de ir após isso e mais dois amigos em comum que frequentaram poucas aulas.

O boxe durava cerca de uma hora e consistia em exercícios aeróbios e práticos do boxe e muay thai, duas vezes na semana. Nos aeróbicos corríamos, fazíamos polichinelo, flexão de cotovelo e demais exercícios desse tipo. Na segunda parte do treino o mestre ensinava movimentos que iam desde como movimentar os pés e o restante do corpo, para que a execução do movimento se aproximasse da perfeição. Os treinos eram muito cansativos, porém satisfatórios. Além de cansativos também eram doloridos e com um tom de masoquismo, em especial no exercício de fortalecimento da “canela”, no qual um par de alunos se posiciona frente a frente, ambos com as mãos nos ombros do outro desferindo chutes, ambos com a mesma perna e revezando os lados, que não se completam enquanto tal, pois a ideia é chocar “osso com osso” da canela no intuito de calejar e dar mais densidade aos ossos. Essa prática era normalmente próxima do final e, após o término do treino, todos cumprimentavam o mestre, começando pelo mais antigo e encerrando com o integrante mais recente no treino, com um aperto de mão, reverência e a verbalização do cumprimento “Oss”.

Lino e sua companheira se desentenderam com o professor, e saíram por acreditarem que existia um excesso de rigor desnecessário “... uma coisa meio militarizada” (Lino). Na

visão do professor o que ocorreu foi indisciplina da parte dos dois, então eles resolveram sair. A motivação ou estopim inicial teria a ver com a forma ou piadas que eles faziam com a palavra “Oss”, subsistindo por “osso” ou outra palavra parecida, sendo que nas primeiras situações em que isso aconteceu fomos advertidos e posteriormente aconteceu uma situação parecida com Lino, que os levou a uma discussão e a saída de ambos. De fato, as exigências do mestre em relação à disciplina aconteciam, mas eu não consigo julgar o grau disto.

Algumas vezes os filhos de Lino foram ao treino, mais vezes quando a mãe também esteve presente. Consegui levar meu filho umas duas vezes com o intuito de que pudesse treinar, mas em uma das vezes o mestre disse a ele que se não se comportasse o jogaria pelo muro. O mestre fazia essa brincadeira com crianças da mesma idade de um projeto social que coordenava, mas lá gerava risos entre elas e até mais atenção. Não foi o caso de Siddhartha que ficou muito chateado e não quis mais ir. Posso dizer que o entendo do ponto de vista dos estudos e quando penso numa suposta relação com um orientador linha dura, eu também não voltaria.

4.4.3 A universidade

A universidade foi o local onde a maioria dos pais conheceu os outros pais, seria difícil e cansativo para a leitura dizer quem conhece exatamente quem, fica mais fácil dizer que Carlos, Gilson, Denis, Roberto e Bento são os que não fazem parte daqueles que estudaram ou estiveram frequentando a universidade e convivendo nesta rede que tem como base o próprio espaço da instituição.

Não consigo determinar qual deles conheci primeiro, mas decerto que essas amizades iniciaram na Universidade há cerca de mais ou menos 20 anos, momento em que nenhum deles era pai. Por vezes eu, Nelson, Lino, Ivan e Naldo estivemos interagindo em diversas situações na universidade, no RU (Restaurante Universitário), fazendo trilhas, ou mesmo clareiras, onde nos reuníamos, para conversar entre os citados e outros frequentadores da UFAM como, por exemplo, um rapaz que vendia camisas de bandas.

Durante este período alguns desistiram da graduação, mas continuaram a conviver na universidade, como é o caso de Helder, Adriano e Lino. Ainda assim, todos cursaram algum curso da área de humanas, porém a rede de amizade não se delimita as áreas de humanas, embora com maior presença desta área nos círculos de amizade.

Os pontos de encontro localizavam-se em locais específicos da Universidade, como no Hall central do Instituto de Ciências Humanas e Sociais-IFCHS ou nos bancos ao lado, próximos à caixa d'água. A universidade costuma ser explorada pelos pais da pesquisa, das partes estruturais a trilhas. Este grupo tem uma veia artística presente, se não por fazer, por consumir, Lino faz quadrinhos; Nelson e Thales são músicos; Ivan e Naldo fazem malabares (ou faziam), Xavier estudou, Leandro faz pós-graduação.

A universidade, além do estudo, também se constitui para os pais como um lugar de lazer e expressão artística, assim como um lugar de desporto onde é possível fazer exercícios físicos diversos, dentre eles a caminhada, corrida, e ciclismo nas trilhas e pistas do Campus. E, sem sombra de dúvida, para todos também é um lugar de contemplação.

4.4.4 Análise das redes, uso e disputa por espaços

Para compreender a mobilidade urbana, uso como referência o sociólogo britânico John Urry, e a obra *Mobility* (2007) na qual o autor define a mobilidade urbana como um fenômeno multidimensional onde as dimensões física, corporal, econômica, assim como aspectos afetivos, culturais, espaciais, imaginários e individuais a constituem.

Durante o trajeto do pedal, em sua disputa por espaços e mobilidade urbana, os Tranca Rua expõem os aspectos **afetivos** com a expressão de sentimentos como raiva pela discussão no trânsito ou mesmo sentimentos agradáveis relacionados a atividade, o medo da violência e suas vastas possibilidades, a excitação (“a adrenalina”), a satisfação, e demais sentimentos, cada um sendo um agente dotado de sua individualidade e características próprias como, por exemplo, mais ou menos agressivo durante a pilotagem e trajeto⁵⁸, e isto pode dizer respeito

⁵⁸ Assim como o terreno escolhido para buscar a continuidade do caminho.

tanto a pilotagem quanto as agressividades expressas durante o caminho, junto com a expressão dos sentimentos de raiva na disputa e tomada de espaços. No cultural é possível refletir qual a relação cultural que a cidade de Manaus possui com seus ciclistas e se há algo mudando nas disputas espaciais. Por vezes, são disputas milimétricas na passagem do corredor central de duas pistas (a mesma ou contramão) onde a mão e o guidom do ciclista passa muito próximo dos retrovisores de carros. Ambos condutores constroem os seus imaginários, trazendo uma perspectiva da cidade. Tudo isto e mais é vivenciado pelos participantes que, interagindo com a cidade e demais indivíduos, o fazem de maneira positiva ou não.

Sobre as interações negativas, violências são apontadas pela antropóloga e também ciclista Vivian Machado (2019) ao observar o trajeto de mulheres ciclistas, trazendo uma perspectiva de gênero para pensar a cidade de Niterói. Segundo uma de suas interlocutoras, a enfermeira Beatriz, de 38 anos, é uma cidade provinciana que cresceu e com ela também a violência. Segundo a própria Beatriz:

Niterói é uma cidade pequena, provinciana, que não tinha essa quantidade de violência que tem. Niterói era uma cidade de interior, eu cresci com isso assim, então aqui, Niterói é cercada de praia, e quanto mais cercada de praia, mais as pessoas são incentivadas a fazer um esporte, pedalar em frente a praia, e como tem mais mulheres, as mulheres consequentemente vão fazer mais isso. Homem, é mais preocupado em carro... (Machado, 2019, p. 33).

Dentre os grupos de ciclistas estudadas, as ciclistas de Niterói destacaram três formas de violência: a de trânsito, a urbana e a de gênero. “Debates como fragilidade e visibilidade, velocidade e masculinidade, são temas comuns aos grupos de ciclistas feministas, que realizam rodas de conversa e pedais exclusivos para mulheres na cidade” (Idem), além de terem interesse em debater questões interseccionais de raça e classe, segundo a autora. Em sua dissertação, a antropóloga explora a relação entre essa mobilidade urbana feminina que é distinta quando relacionada “à violência, e até a sua relação com a Casa e a Rua (Da Matta, 1997).” (Machado, 2019, p. 76).

A disputa pelos espaços como calçadas e ciclovias, compartilhadas ou não, constrói enfrentamentos mais sensíveis para os atores na bicicleta ou a pé. “As vezes sinto as pessoas violentas em relação ao ciclista, seja ele o “sexo” que for, de dar fechada, achar que a gente (ciclista) é abusado, que a gente é espaçoso, por exemplo, você estuda na UFF vê que a ciclovia da Amaral Peixoto é bem delimitada, bem

direitinho ali, e você vê o pessoal parado dentro dela! E aí você reclama e aí as pessoas “a sai daqui!” e aí você tá na rua e mandam você pra calçada, aí você tá na calçada e mandam você para a rua, mas assim, eu encontro também pessoas que são gentis, carros que param, motos que param pra gente passar... da pessoa, mas eu sei que é perigoso, que todo mundo fala que andar de bicicleta... Perigoso é estar num carro e ser assaltado. Eu vou. Porque eu acho que se a gente não se mexer e começar (a pedalar), nunca vai virar uma coisa normal, você pedalar. (Liliane, 56)” (Machado, 2019, p. 72).

Outro trabalho na área da antropologia tratando da questão do ciclismo é o “De Bike eu vou” (2013) da antropóloga Danielle Oliveira. A autora trata da questão da mobilidade urbana da cidade de Porto Alegre, pensando no crescimento de ciclistas. A pesquisa quer saber as motivações que levam as pessoas a usar uma bicicleta. Mesmo os ciclistas sendo alvos de reclamações (de pedestre e outros condutores), andando na rua ou calçada, também se fazem presentes, reafirmando a disputa de espaços.

Em nosso campo e nos de Oliveira (2013) e Machado (2019), alguns padrões de violência se repetem, como a utilização de veículos motorizados sendo jogados contra os ciclistas. Estes, por sua vez, são obrigados a retirar seus corpos da via ou campo de combate, cedendo espaço e tomando outro, trazendo um novo risco para si e para o outro na disputa pelos espaços da cidade. Porém, é necessário lembrar que há uma diferença no ser ciclista homem e mulher como o trabalho de Machado (2019) demonstra localmente.

Nos três campos também é possível destacar que há questões políticas nas disputas por espaços, cada um dos trabalhos com sua singularidade, pois tais questões também surgem através da militância em movimentos sociais relacionados ao ciclismo e a mobilidade urbana (Oliveira, 2013), no campo das discussões de gênero (Machado, 2019) e mesmo nas disputas corpo-a-carro que “os tranca rua” se envolvem.

O boxe, é outro lugar onde o corpo está envolvido, porém, desta vez, numa disputa mais justa, onde as diferenças estão na morfologia do corpo, na agilidade e na força; são aspectos colocados pelos pugilistas amadores de nossa pesquisa. Normalmente, os oponentes de uma luta de boxe precisam estar na mesma faixa de peso ou na chamada categoria (informações dadas pelo nosso professor de boxe).

Em 1988, o sociólogo francês Loic Wacquant (2002) iniciou sua jornada como boxista noviço ao matricular-se “por engano e por acaso” (Idem, p. 12) na academia do “bairro negro

de Wooldawn” (Idem, p. 13), na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América. Ao frequentar o ginásio do instrutor Dee Dee. O sociólogo pugilista deu um mergulho de cabeça no mundo do boxe, chegando a cogitar abandonar a carreira acadêmica e tornar-se um pugilista profissional. Neste livro o autor nos traz dois vieses de análise principais: uma que buscava fazer um estudo sobre o corpo e o boxeador; e outra através do estudo etnográfico que tinha o boxe como meio de aproximação aos interlocutores, sendo que o autor estava interessado em questões relacionadas a raça e classe social. O autor destaca que ele seria o único homem branco naquela academia, o que lhe causou desconforto, assim como lhe trouxe dúvidas sobre quanto seria ético e epistemologicamente viável (Wacquant, 2002).

No caso do grupo de boxe em que parte dos pais participou, possuía um caráter muito mais amador, improvisado e de menor intensidade e tamanho, se compararmos ao que foi relatado no texto de Wacquant (2002), ou ainda as comparações demonstraram diversas diferenças como, por exemplo, a socioeconômica, foco da pesquisa, etc...distantes e desnecessárias a este trabalho. Contudo, cabe ressaltar algumas semelhanças sem a intenção de ser determinista ou essencialista, mas com a finalidade de apresentar mais dados a serem analisados.

As intenções dos pais boxeadores variavam, desde a busca por um melhor condicionamento físico até, por exemplo, a defesa pessoal. Antes desta experiência, eu tinha um grande receio quanto a contatos físicos, em especial envolvendo punhos cerrados e rostos. Me sentia aflito, não somente com a possibilidade de levar um soco, mas, principalmente, com a possibilidade de acertar um soco em alguém. Com Adriano e Helder, não era diferente, tinham o mesmo receio que eu. Carlos, o participante (que não fez parte da pesquisa e sim do boxe), modificou sua postura com passar dos treinos, que eu e Helder julgávamos a princípio como alguém “amedrontada”, dentro e fora dos treinos. Essa experiência de mudança foi também sinalizada por Wacquant (2002, p. 131): “Por meio de suas observações, de suas críticas, seus encorajamentos, mas também de seus silêncios prolongados, ou por sua presença, Dee Dee educa aqueles que, por falta de confiança em si mesmos ou por timidez, consideram-se abaixo de seu valor”.

Diferente e, ao mesmo tempo relacionável, podemos dizer que enquanto na experiência de Wacquant (2002) a academia de boxe foi colocada como um ambiente de treino exclusivamente masculino, o boxe dos pais da pesquisa teve a presença de mulheres em algum momento, mas que não permaneceram por muito tempo, uma pela falta de disciplina/tempo a outra porque não conseguia manter as mensalidades⁵⁹. Além disso, o casal “indisciplinado” possuía uma rotina familiar e de trabalho maçantes e, ao se mudarem de Manaus, tornou-se a prática mais difícil ainda.

Enquanto as meninas participavam e mesmo após a sua saída, ocorriam situações da chamada “violência controlada” (Wacquant, 2002, p. 102) onde oponentes e parceiros de treinos, no caso homem ou mulheres⁶⁰, ditavam o ritmo e intensidade do chamado *sparring*⁶¹. Nos termos dos pais boxeadores e mestre, “fazer uma luva”, quando junto a um parceiro ou parceira de luta nós aplicamos golpes, esquivas e bloqueios aprendidos durante os treinos anteriores, incentivando os colegas a aumentar a agressividade ou diminuir esse mesmo ritmo e agressividade.

Apesar de uma das meninas ter o mesmo peso que eu, a desproporcionalidade de força e mesmo da minha estatura em relação a ela era evidente⁶² no treino, mas isso não me impedia de incentivar mais agressividade (sempre de maneira prudente). Penso que quando acertava algum soco, mesmo que fraco, em uma das companheiras dos rapazes que não só as incentivava a me acertar socos mais rápidos e fortes, apenas me defendendo com as luvas nesse segundo momento. Enquanto incentivava ou provocava verbalmente, chamando as companheiras de treino a prosseguirem, uma vez que começavam a demonstrar cansaço e a

⁵⁹ As mensalidades eram consideradas de baixo custo e, mesmo assim, a maioria dos participantes tinha alguma dificuldade em pagar, e eu acabava intermediando essas situações a pedido do nosso mestre.

⁶⁰ Todas as mulheres que participaram do treino de boxe eram companheiras de um dos integrantes da mesma atividade. Ou seja, inicialmente, o boxe começou com três casais e foi se modificando com a entrada e saída dos integrantes, até o seu fim, onde só restaram homens.

⁶¹ “O termo Sparring, em português, refere-se apenas ao pugilista que pratica o exercício de boxe que simula uma luta, no ringue. Em inglês, o termo é empregado igualmente para o próprio exercício. Neste livro, sparring será usado nas duas acepções, pela impossibilidade de se adaptar todas às vezes o contexto em que a palavra é utilizada. Por conseguinte, serão encontradas expressões como “fazer ‘Sparring, ‘Sparring’ [referindo-se ao exercício]” (Wacquant, 2002, p. 20).

⁶² E apesar disto não estou afirmando que um boxeador com maior ou menor estatura tem vantagem ou desvantagem, a questão não é essa.

baixar a guarda, eu voltava a repetir os incentivos e provocações físicas⁶³ e verbais. Costumávamos fazer rodízios, onde um dos integrantes lutava com todos os integrantes durante cerca de 1 minuto e por último com o mestre. No local, me agradava a possibilidade de treinar forte e com segurança, sendo que eu e Helder, por exemplo, costumávamos treinar mais forte, inclusive acontecia de rirmos depois de levar ou dar um soco mais forte. Porém, em seis meses de treino, nunca houve um nocaute, no máximo um soco mais forte que era absorvido pelas luvas levando a uma tontura, seguida de um intervalo de segundos que não precisava ser verbalizado, mas percebido pelos parceiros de treino que reiniciavam após um aceno positivo com a cabeça de quem levou um soco. O toque de luvas entre os parceiros de treino indicava o reinício.

A dor é outro fator que pode ser colocado com um paralelo entre o nosso campo e o de Wacquant (2002), causada pelo esforço físico e de suas consequências musculares posteriores ao treino por contusão ou em consequência dos golpes deferidos. O boxe é considerado pelos integrantes da pesquisa como terapêutico, no sentido de extravasar sentimentos e se sentir melhor após o treino.

O boxe, o pedal, o bar e a Universidade podem ser pensados a partir das categorias de Magnani (1996) como um circuito⁶⁴, onde os integrantes da pesquisa, em sua maioria (12 deles) fazem o seu trajeto⁶⁵, sendo considerados pedaços⁶⁶ dos pais da pesquisa, seu pedaço de lazer, trabalho, estudo e desporto.

4.5 As influências políticas na construção das masculinidades

Dentre as várias contribuições teóricas que agregam e enriquecem teoricamente este texto, estão os escritos de Mara Viveros Vigoya (2018). Sobre o ex-presidente da Colômbia,

⁶³ No lugar de golpes que pudessem atingir, costumava ficar fingindo que iria dar um soco, o que fazia a parceira retornar as mãos na guarda.

⁶⁴ “estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinadas práticas ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana” (Magnani, 1996, p.23).

⁶⁵ O trajeto é a passagem ou “fluxos no espaço” da cidade que ligam os circuitos (Magnani, 1996).

⁶⁶ Espaços onde as relações se dão através das redes, havendo por parte dos seus integrantes reconhecimento de si com os espaço e demais pessoas que o reconhecem e são reconhecidas como parte daquele pedaço.

Álvaro Uribe (2002–2006), a autora observa que “Ele acionou com sucesso uma masculinidade branca autoritária e sua reivindicação para representar a nação, bem como uma equação simbólica de virilidade e proteção contra o perigo” (Vigoya, 2018, p. 13).

A gestão do ex-presidente colombiano, segundo a autora, trouxe à tona naquele momento a imagem de um herói armamentista. Ao mesmo tempo, a imagem de um pai mais do que presente, um pai “onipresente”, de masculinidade viril e que tinha a honra como uma de suas características. Por meio de uma identidade regional, os *paisas*, Uribe trouxe para si e aos cidadãos da Colômbia a imagem de um presidente, construída com grande apoio da televisão nacional, mesma mídia que foi utilizada para comunicar-se semanalmente com a população, reforçando a ideia do presidente mais que presente, onipresente. Um representante da branquidade, descrita como constituída por homens “com as características de ‘bom trabalhador’, ‘pai responsável’ e ‘provedor econômico’ que foram base, durante muito tempo, dos valores e identidades *paisa*” (Vigoya, 2018, p. 142).

Vigoya (2018, p. 142) define os *paisas* como uma subcultura regional de “denominação geo-sócio-antropológicos” que habitavam algumas zonas cafeeiras, determinados e denominados também por “características fenotípicas e comportamentais”. A imagem dos *paisas* “é constituída de referentes identitários e de coesão social fortes e particulares que lhe permitiram afirmar sua singularidade no seio da nação colombiana” (Idem, p. 142):

A escolha do modelo de masculinidade *paisa* como ilustração da masculinidade “branca” na Colômbia se justifica pela importância que teve, nesta identidade étnica regional, o mito da pureza racial e de ausência de uma herança africana ou indígena... Alguns traços das imagens do *paisa* fundador se devem à história da colonização da região da Antioquia que implicou a transformação, pelo *paisa*, de paisagens tortuosas e inóspitas em zonas de agricultura... ‘convencendo a gente de que fazia parte de uma raça pujante, empreendedora[...] e de que estivesse onde estivesse se sentia parte de um coletivo humano...’ (Vigoya, 2018, p. 143)

Ao comentar sobre o assunto das masculinidades a partir de conversas teóricas que tivemos e leituras do material bibliográfico que pediu que repassasse a ele, Helder afirmou suas ideias, como segue:

Tava lendo e esqueci do papo da performance e performatividade do Lula. Acho interessante que quando nós botamos lado a lado o modelo escarnekedor fascista,

que busca não um diálogo, mas um espaço para liberar os conteúdos inflamatórios, o que fica perceptível, e nós podemos até incluir a filha de Bolsonaro incomodada com a proximidade dele, é o que nós podemos trazer sob a alcunha de “masculinidade hegemônica saudável”, é aquela situação em que mesmo trabalhando dentro de um espaço onde o “falar grosso”, “ter mando” existe em um lugar onde a dialética de fato acontece. Hoje tava vendo uma mulher comentando sobre o Anderson França “Tu não é de esquerda, tu apertou a mão do Macron”. Em paralelo nós vemos o Lula apertar a mão do Macron, e bem pior do Biden, porque é o que eu aprendi que “sujeito homem” faz. Quem possui uma masculinidade saudável, seja ela hegemônica ou 'marginal', está nas situações para chegar a uma solução passando pelo ponto de vista alheio, vale ressaltar. A toxicidade da masculinidade hegemônica aparece quando o homem tenta a partir de truculência, sarcasmo, gritos, intimidações, coerções físicas ou psicológicas, para impor a uma pessoa ou a um grupo a forma que ele acha melhor que aquela situação termine, sem levar em consideração a vontade ou percepção alheia. E o interessante é que é possível ser filho da puta performando em uma masculinidade hegemônica saudável, dá para ver isso com bastante clareza no Justin Trudeau, por exemplo, que homenageia nazista, mas pede desculpas bem bonitinho depois.

Por outro lado, o Lula vem performando como resultado direto disso que ele ensaia há 50 anos, o cara se tornou a face natural do discurso coerente, e ficou impossível para o cenário internacional deixar de notar isso, o que fica demonstrado pelo fato de que o mundo está pela primeira vez questionando um veto americano na ONU. Outro aspecto da performatividade do Lula que é ótimo principalmente quando fazemos um paralelo com o Bolsonaro, é em relação à primeira dama. O beijar de verdade mesmo em público, vai de encontro às relações conservadoras. Por motivos diversos a Michelle mantinha uma distância segura do traste, uma diferença diametralmente oposta à atitude da Janja. E que está mais ligada à atitude/performatividade do cônjuge do que da própria primeira dama. Outro aspecto interessante, é que a MHT (masculinidade hegemônica tóxica) se apresenta de uma forma beligerante em relação aos jornalistas, buscando outra vez através do escárnio ou da intimidação, ou os calar, ou fazer com que digam o que ele quer. Já na MHS (masculinidade hegemônica saudável) é visível uma tentativa de tanto entregar o que faça sentido, como a tentativa deliberada de seduzir seus interlocutores buscando não dirigir diretamente o discurso ou a atitude do outro, mas tentando persuadi-lo a querer bem e a escrever/falar bem do mesmo. Aí nós temos de novo um lugar em que o Lula e o Trudeau ficam bem lado a lado, que é o que ambos fazem melhor.

E a gente termina esse exame no ponto em que conseguimos tanto traçar o paralelo entre os tipos hegemônicos, como também podemos observar mais claramente que o espectro político tem em si um espectro de masculinidades até mais complexas que essa leitura polar entre Lula e Bolsonaro. É interessante observar tipos fascistóides como o Janones e o Ciro, que vão mais para uma pegada histriônica dessa Masculinidade Hegemônica Tóxica, que nós por um tempo até consideramos um contraponto válido às loucuras do governo anterior, mas que se mostram alternativas falhas, justamente pela característica surge tanto do fascista como do histérico (que costumam ocupar o mesmo corpo, porém nem sempre) (Helder, 12/8/23)

Acredito que o modelo que Helder propõe, de masculinidade saudável, pouco tenha a ver com a hegemonia, mas como a que adotamos neste trabalho. Após alguns dias refletindo sobre isso, acredito que o termo masculinidade contrahegemônica seja saudável. Acredito

também que este saudável seja relativo, levando em consideração as intersecções, cultura e contexto. O conceito de masculinidades de protesto (Connell 1995, 2013) é desenvolvido em alguns dos textos citados anteriormente e talvez seja a chave para a questão colocada, onde Connell(2013) ao pensar as masculinidades e suas críticas ao conceito de hegemonia, define a masculinidade de protesto como:

... um padrão de masculinidade construído em contextos locais de classes trabalhadoras, algumas vezes entre homens etnicamente marginalizados que incorporam a reivindicação de poder típica de masculinidades hegemônicas regionais em países ocidentais, mas carecem de recursos econômicos e autoridade institucional para sustentar os padrões regional e global dessa forma de masculinidade (Connell, p. 265, 2013).

Porém, não necessariamente a masculinidade de protesto pode ser considerada “saudável” como colocado por Helder, pois pode afastar-se da hegemonia e assemelhar-se ao mesmo tempo, depende do contexto em questão. Também podemos pensar na masculinidade híbrida apontada por Thürler e Medrado (2020):

Da masculinidade hegemônica pensada por Connell no final dos anos 1980 às leituras mais recentes sobre masculinidade tóxica, transmasculinidades e masculinidades negras, interessou-nos pensar sobre o aparecimento de outras (não necessariamente novas) masculinidades, que desafiam e questionam o binarismo de gênero, apostando em masculinidades híbridas, quebrando ordem rígidas (e produtoras de mal-estar) e suas construções em campos e relações de poder: nas relações desiguais de gênero entre homens e mulheres e entre homens, sejam cisgêneres ou transgêneres (Thürler e Medrado, 2020, p. 2).

Carlos afirmou que no período da presidência de Bolsonaro sentiu-se mais acuado ou com mais temor por acreditar que pelo fato de J.B. expressar opiniões transfóbicas e homofóbicas, levaria outras pessoas a também sê-lo. O incentivo à violência contra estas e outras minorias ficou mais evidente, por este motivo, “eles se sentiam mais corajosos e com uma ideia de impunidade, então é como se eles dissessem: se o presidente que é o presidente faz, então eu também vou fazer! Então a imagem dele e o que ele expressava, trazia pra fora esses sentimentos ruins...” (Carlos 10/3/23)

A imagem de Trump, Bolsonaro e Olavo de Carvalho enquanto “troll” ou como um “trollador”, a partir de uma leitura da antropóloga Leticia Cesarino (2019) expôs as ambivalências do populismo neoliberal e da imagem fractal do ex-presidente que se utilizou do chamado “populismo cibernético”:

Seu perfil pessoal — como o de outros como Trump, Nigel Farage e Olavo de Carvalho — encontra afinidades importantes com o que se conhece na cultura da internet como o “troll”: figuras que adquirem influência e engajamentos através de declarações tabu, absurdas e ultrajantes. A influência digital do troll vem tanto da fascinação que a quebra de tabus exerce sobre parte dos usuários — pela qual Bolsonaro ganhou a alcunha de “mito” — quanto dos engajamentos negativos por parte daqueles que se sentem ofendidos: nas mídias sociais, o velho adágio “falem mal, mas falem de mim” adquire uma outra dimensão, inclusive algorítmica. Este ponto é importante, pois a cismogênese simétrica entre direita e esquerda disparada pelas “trollagens” de Bolsonaro, que foi essencial para a sua ascensão na esfera pública nacional.” continuou sendo ativamente alimentada por ele (e pela esquerda) durante a campanha — e, ao que tudo indica, também após a posse (Cesarino, 2019b, no prelo a) (Cesarino, 2019, p. 541).

Em setembro de 2021, em conversa no grupo do *WhatsApp*, Xavier, Helder e Lino falaram algo próximo ao que Cesarino(2019) aponta no parágrafo citado de que J.B. se elegeu “falando merda”(na fala de Xavier) e que isto foi impulsionado pela esquerda também. Assim, a imagem fractal de J.B. , através da internet e smartphones, veio ganhando força junto a seus simpatizantes que se identificavam com as ideias, performatividade ou performances de um homem supostamente simples e próximo ao povo.

Cesarino (2020) aponta a performatividade populista utilizada por J.B. através de seus próprios atos, além das imagens e vídeos de policiais matando ou espancados bandidos, fazendo justiça com as próprias mãos(ou justiça?), ou mesmo os atos de “espancamentos, assaltos, vandalismo, tortura, estupros”, por exemplo, além de “narrativas apócrifas sobre crimes noticiados na imprensa ou nas próprias mídias sociais, sobre justiça sendo feita ou não” (Cesarino, 2020, p. 107) repassados em sua redes de comunicação. A autora observa que “No caso do populismo, essa performatividade torna-se explícita a ponto de ser possível traçar, com relativa precisão, as táticas discursivas através das quais a identidade comum com o ‘povo’ é produzida pelo líder e seu aparato midiático (Cesarino, 2006).” (Cesarino, 2020, p. 99).

A imagem ou, nos termos estudados aqui, a performatividade que envolve virilidade, violência, armamentismo e autoritarismo, é representada pelo Viking do Capitólio⁶⁷ no

⁶⁷ “Jake Angeli, um supremacista, embora conhecido como o ‘viking da invasão ao Capitólio’, não usava uma fantasia de viking, como foi propagado na mídia, mas uma roupa de bisão norte-americano. Mais especificamente, sobre a cabeça, trazia uma vestimenta sagrada usada na Buffalo Dance, a cerimônia de indígenas da planície norte-americana na qual os homens celebravam, sob a forma de uma dança festiva, o retorno dos rebanhos de búfalos”(Moreira, 2021, p. 4).

trabalho do antropólogo Lucas Moreira (2021), personagem que surge na invasão do capitólio, nos Estados Unidos, que estereotipa e performatiza a imagem da masculinidade hegemônica trazida pelos pais desta pesquisa e autores. E, por sua vez, essa imagem é relacionada pelo autor a J.B. e a uma onda crescente da extrema-direita, como observa o autor:

O Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, pode ser encarado como um retrato dessa ascensão vertiginosa de ideologias que louvam e estimulam o retorno, a todo custo, do macho viril e armado para a guerra. Como bem situou a antropóloga Rosana Pinheiro Machado, em entrevista divulgada na imprensa, trata-se de um tipo de homem viril que acreditava ter se perdido. Essa ascensão e essa ode são respostas violentas e irresponsáveis desse tipo do macho às conquistas políticas das mulheres e de LGBTQIA+ nos últimos anos (Moreira, 2021, p. 3).

Em evento, J.B. puxou coro de “imbrochável” como anunciado no título do vídeo em nota⁶⁸, o que pode ser entendido literalmente como alguém que “não brocha”, está sempre pronto para ter uma ereção e provar sua virilidade. Lembrando que um dos apoiadores na eleição de 2018 de Bolsonaro foi Alexandre Frota que, dentre outras coisas, foi ator pornô (Moreira, 2021).

Portanto, através das discussões deste item convidamos à reflexão sobre as performatividades que, entrelaçadas às suas performances, expressam por meio de expressões dadas ou emitidas (nos termos de Goffman), a imagem de figuras políticas, não necessariamente nefastas e genocidas, mas que refletem e influenciam na formação de seres humanos, uma vez que são figuras públicas.

4.6 Afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências.

Durante as buscas pela *eureka* de minha pesquisa ou pelas respostas do problema colocado, acredito só ter alcançado isso após a prorrogação do tempo de defesa, sem o qual não teria sido possível chegar às conclusões que apresentarei. Sinto que este trabalho possui vários desdobramentos científicos possíveis, trazendo novas possibilidades de publicações a

⁶⁸vídeo“Bolsonaro puxa coro de “imbrochável” para si mesmo”: https://www.google.com/search?q=bolsonaro+imbroxavel&oq=bolsonaro+imbroxavel+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIJCAEQABgKGIAEMgsIAhAAGBYHhixBNIBCDQwOTVqMGo3qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:2e3ed4f6.vid:OOCpHB7t15w.st:0

partir de assuntos citados nesta tese e não desenvolvidos devido ao recorte proposto e tempo de pesquisa.

No período de prorrogação, em maio de 2023, compartilhei com o grupo, através do WhatsApp, o que havia percebido em relação aos meus dados ou poderia dizer que ouvi o “coração da pesquisa”. A *eureka* foi a descoberta do tripé das performatividades: **o afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências**. Notei que as **ausências** ou faltas, as **afetividades e o silêncio**, de diversas maneiras, destacaram-se nas performatividades masculinas e paternas do grupo. Percebi o destaque da expressão de uma **afetividade positiva e próxima** ou a expressão de sentimentos considerados positivos pelos pais que são trocados. E, mais uma vez, isto não exclui o seu oposto que, dependendo do contexto pode ser considerado necessário, como a mudança de comportamento ou performatividade do filho de Lino citado a seguir neste item. E, por fim, o **silêncio**, que esteve presente com a maioria dos pais da pesquisa, dependendo do assunto.

Enquanto tentava estabelecer uma conversa planejada com Nelson, expliquei a ele que estava lavando uma louça e colocaria meu celular para gravar a voz e poderíamos seguir conversando sobre as questões da pesquisa. Meu filho também estava em casa e, como sempre, exigia atenção e fazia muito barulho, ou mesmo interrompia a nossa conversa. Nesses intervalos de desconcentração, a filha sussurrava algo para Nelson, sentada no seu colo, recebendo cafuné do pai.

Percebi que as performatividades em alguns casos poderiam ser melhor captadas a partir de outros meios que não a conversa, “acabei descobrindo que se pode examinar a estrutura social diretamente, observando as pessoas em ação.”(Foote Whyte, 2005, p. 289). E estas ações podem ser diversas, podem advir de conteúdos verbais ou não verbais, da expressão ou supressão de sentimentos

Lino tem relação com a arte, fazia quadrinhos que reproduzia via cópias de uma original chamada de fanzine. Os seus quadrinhos eram muito característicos e envolviam ação e super-heróis, baseado em um jogo eletrônico que gostava e jogou em algum momento da vida. Nossos filhos estudam na mesma escola e o encontrei no parquinho da mesma, onde

meu filho foi brincar e os seus filhos já estavam. Em algum momento, ele contou que a filha machucou a cabeça e que o chamaram na escola, com certa urgência, sendo que ele e a mãe da mesma criança e sua companheira trabalham juntos e foram até lá. Chegando à escola, Lino relatou que ficou com muita raiva da professora que “não estava prestando atenção nas crianças”. Pelo que entendi, sua filha cruzou o trajeto de uma outra criança que, por sua vez, estava em alta velocidade num balanço de madeira que atingiu a primeira, abrindo um ferimento na cabeça da menina. Enquanto conversávamos sobre isso o seu filho mostrava o ferimento.

Lino trouxe uma interessante pontuação sobre as influências na formação da masculinidade de seu filho. Citando a relação de seu filho com ele e seu professor que, por ser homem e pela relação com seu filho, também teria certa influência na forma como o filho se porta atualmente e como se portava antes de tê-lo como professor. Contou-me uma conversa que teve com o docente:

O professor dizia que meu filho, quando chegou na sala, era cheio de melindres. Por melindre, eu entendia como as reações de se fechar diante de algo que o professor dizia ou forma que de repente não fosse do seu agrado. E lá em casa e mesmo com as professoras que teve em anos anteriores, ele tinha muito contato físico, muito afeto. E ele, por ser homem, não pode ter muito contato físico com as crianças. Inclusive por medo de ser acusado de pedofilia ou algo do tipo, e a gente que é homem sabe como é isso, até porque não temos mais informações sobre. E como o passar do tempo e convivência com esse professor eu percebi uma mudança de postura. Com as professoras, ele fazia algo de errado e levava as professoras no caminho. O professor já é mais rígido e já faz apontamentos mais incisivos. Segundo o próprio professor ele mudou, a palavra que eu usaria seria endurecido, e também se acostumou com a maneira do professor lidar, de uma maneira digamos, mais bruta. Então se o professor passou a falar de maneira mais ríspida, ele não mais reagia se retraindo e com um princípio de choro, agora ele já responde de outra forma. Conversando lá em casa com a família a gente dizia, é, em casa a gente tem mais é que dar amor mesmo, infelizmente a vida ensina o outro lado também (Lino, 08/06/23).

Eu e Adriano, enquanto amigos íntimos, costumamos tomar “café”, assistir vídeos e filmes “estrimados”, sair para almoçar ou jantar com nossos filhos que têm idades próximas, e com nossas esposas, em especial “fora de casa”. Ambos visitamos a casa um do outro com frequência. Adriano costuma me convidar para comer algo na sua casa ou beber um café enquanto conversamos sobre bicicleta, política ou qualquer outro assunto. Ele também gosta de cozinhar e o faz muito bem, acontece de nos convidar para almoçar em sua casa em

ocasiões aleatórias. Eu, Adriano e Bento costumamos pedalar junto com outros amigos, o que é facilitado também por moramos em bairros próximos. Ele é muito expressivo afetivamente, abraçando e beijando sua filha e o meu filho também. Costuma proferir elogios para ambos e essa sua performatividade enquanto pai e homem, como já dito, advém de exemplos de como ele gostaria de ser(e é) como pai, mas também como não gostaria. Bento se autodenomina um pai coruja e quando a filha está na sua casa costuma ficar com ela e quando sai justifica que não demora a voltar. Também é muito afetuoso no sentido dos contatos físicos e elogios à filha.

A ideia inicial deste campo era produzir um vídeo que, posteriormente, poderia tornar-se uma publicação. A primeira e única pessoa que filmei foi o Adriano, o que resultou num vídeo de poucos minutos, e foi feita uma única questão. Pedi que falasse sobre o que é ser homem, e isso levou sua fala para as relações familiares com os pais. Ao entrar na sua referência paterna, suas palavras foram carregadas de choro, foi falando das **ausências** que tinha na família e como isso estava sendo preenchido na família de sua companheira, aprendendo a afetar e ser afetado com os avós maternos de sua filha e demais parentes.

Marcell Mauss no texto “A expressão obrigatória de sentimentos (1962)” (1979), desenvolve seu texto a partir do trabalho de M. G. Dumas que tinha por temática as lágrimas, A partir dessa referência, fez apontamentos que valeriam não somente para pensar sobre as lágrimas mas “valem também para outras numerosas expressões de sentimentos”. Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos que não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais... ” (Mauss, 1979, p.147) Adriano expressava, através daquelas lágrimas, a quebra de um silêncio muitas vezes chamados pelos pais da pesquisa de desabafo (**afeto/silêncio**).

O termo desabafo, apesar de não definido, é citado por Berenice Bento (2015) quando percebe sua presença na fala de dois interlocutores que relataram que haviam terminado seus relacionamentos há pouco tempo e que aproveitaram “o momento da entrevista para realizarem ‘um desabafo’”, pois foram os entrevistados que mais falaram. De forma geral, contudo, a autora ressalta que o silêncio esteve presente, inclusive como um dos elementos que estruturou as respostas dos entrevistados (Bento, 2015, p. 39). Assim, traz a questão do

silêncio e silenciamentos que estariam relacionados à supressão do demonstrar-se “sensível em todas as esferas sociais”(Idem, p. 122), pois todos os homens de sua pesquisa falaram da passagem obrigatória por “processo disciplinar” (Foucault, 1993), por condicionamentos sociais para que pudessem desempenhar suas funções com sucesso e virilidade, ou seja, para se tornarem homens, para silenciar-se diante da dor, calar-se consigo mesmo” (Bento, 2015, p. 123).

Na obra *Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos*, Veena Das (1999) trata sobre a domesticação da violência, atualizada na história de uma família urbana do Punjabio, demonstrando que alguma informação pode ser retirada do **silêncio**. A autora afirma que: “Não que as pessoas se recusem a contar, quando perguntadas, mas nenhum dos aspectos da performance ou esforços pelo controle da história, que caracterizam a narração de histórias na vida cotidiana, está presente” (Das, 1999, p. 33).

As discussões dos **afetos** podem ser traduzidas como discussões dos **sentimentos** e a antropologia nos traz, além do clássico trabalho de Marcel Mauss (1979), a contribuição de Michele Rosaldo (2019) por meio da obra “Em direção a uma antropologia do self e do sentimento”, na qual a autora “discute a construção do self e dos afetos como objeto de pesquisa antropológica” (Idem, p. 31). Assim, as emoções são situadas enquanto pensamentos que são absorvidos e culturalmente desenvolvidos, não sendo universais. Os códigos culturais, assim como o self e o corpo, são determinantes na expressão e entendimento dos sentimentos.(Rosaldo, 2019). Quando alguém não faz parte de determinada cultura, por exemplo, corre o risco de interpretar certos sentimentos a partir da sua cultura e não daquela com a qual tem contato. Em suas próprias palavras, Michelle Rosaldo resume e define:

Emoções são pensamentos de alguma forma "sentidos" em rubores, pulsos, "movimentos" de nossos figados, mentes, corações, estômagos, pele. Eles são pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que "estou envolvido". O pensamento/afeto, portanto, evidencia a diferença entre a mera audição do choro de uma criança e a sensação de ouvir - como quando se percebe que o perigo está envolvido ou que a criança é sua (Rosaldo, 2019, p. 38).

Sentimentos diversos puderam ser expressos e eles são um dos pilares das performatividades observadas, assim como as **ausências, o silêncio e os afetos**. Outras características que foram externalizadas poderiam também ser apontadas como expressões das

performatividades dos pais da pesquisa, mas acredito que o fato de chegar a esse tripé, identificado e reconhecido pela maioria dos interlocutores, mostra que no momento em que encerrei meu campo esses foram os aspectos que pude identificar e, dependendo do contexto da pesquisa e tempo, outras características poderiam ser percebidas.

A **violência**, por exemplo, apesar de ser identificada pela maioria dos pais como um elemento comum nas masculinidades/paternidades, não é um tema, ação ou assunto presente frequentemente no cotidiano da maioria deles, segundo meu entendimento e dos próprios. Ou ainda, a violência não foi o que mais se destacou nos acontecimentos do seu dia-a-dia, uma vez que existe e acontece de diversas formas, mesmo nas atividades descritas. Nesse caso, trata-se de uma **violência controlada** (citado no item 4.4.4) e voltada ao desporto, como o boxe, ou negociação dos usos dos espaços no caso das bicicletas.

São ausências, ausência física e ausência de referência de pai. Em contraponto, não estou afirmando que não existam **presenças**. Presenças que em alguns casos preenchem lacunas emocionais, como no caso já citado por Adriano, quando ele aprende sobre determinados sentimentos na casa dos sogros. Para Camila Fernandes (2020, p. 209), “a coexistência entre ausências e presenças instaura um campo de adversidades e conflitos em constante negociação”. A autora citada constrói seu texto e argumentos baseados na ausência paterna e estatal na vida de mães moradoras de favela. Sobre as ausências e presenças, a autora afirma:

... no senso comum o termo “ausência” se refere a algo que está distante ou faltando. A partir das situações descritas, vemos que os sujeitos sociais estão conectados em redes de interdependência, participando de uma mesma malha de interação na qual não é possível uma radical externalidade das entidades apontadas como “ausentes”. As faltas não estão fora das situações descritas, mas são matéria da ação das pessoas no fazer social. Tais presenças e ausências falam de interferências constantes, nas quais se enfrentam dificuldades na criação de uma rotina estável, colocada à prova a todo momento. Esse movimento revela a força perturbadora dos processos de militarização que são intrinsecamente racializados, além da escassez de recursos nas vidas das mulheres pobres, apontando os limites de uma noção individualizada de pessoas. Com base nesse contexto, proponho pensar sobre os muitos sentidos da categoria interdependência, bem como as condições concretas de sustentação de uma vida coletiva na qual vida, morte, sobrevivência e eventos críticos estão em constante disputa. Nesse sentido, é fundamental marcar que a ausência é um modo de fazer política, atravessado tanto pelas relações de intimidade quanto pelas relações com os aparatos de Estado (Fernandes, 2020, p. 225).

Gilson, durante seu dia, experimenta a ausência de seus filhos e companheira, pois sai cedo de casa e volta no meio da noite, uma vez que para se locomover o faz de transporte público, o que leva mais tempo, além da carga horária de trabalho. Durante a noite, a ausência e o sentimento de “falta” ou “saúde” do dia são preenchidos pela sua presença ao brincar com os filhos, ouvindo música e dançando (como se fosse um ritual diário, e não é?). Essa mesma ausência da casa, família e filhos é expressa por Lino, que tem seu próprio veículo, mas por morar longe e pela logística e caminhos entre seu trabalho, o trabalho da companheira e colégio dos filhos, passa muito tempo dirigindo o carro e seu caminhão na maioria das horas do dia, sobrando poucas horas (em especial dias úteis) para preencher a falta, a saudade e demais necessidades de afeto com sua família. Como já citado no texto, Adriano sofre com o mesmo problema, porém durante períodos determinados e contínuos, entretanto, diferente dos outros dois, é autônomo, assim também o é Nelson.

Ainda sobre trabalho e afetos, Nelson se autodenomina um “músico trabalhador” e não um “músico artista”, uma vez que vive disso, tocando em locais diversos pelas cidades, muitas vezes não interpretando suas próprias músicas ou mesmo o que não gostaria de tocar. O faz com a intenção de viver ou “sobreviver” da arte/música, sem precisar se dedicar a um trabalho maçante, como os descritos anteriormente, “que pagam um salário ou menos do que hoje eu consigo com a música, para trabalhar muito mais em questão de horas durante a semana” (Nelson, 13/08/23). Assim, quando sua filha está na cidade, Nelson consegue passar boas horas de convivência com ela e preencher a “saúde” que vem no período em que a menina está na cidade da mãe.

Através das performatividades praticadas por outras pessoas à sua volta, os pais de nossa pesquisa criaram uma ideia de pai que gostariam de ser e constroem-se influenciados por essas ideias, com exemplos do que fazer e não fazer, de como ser e também de como não ser enquanto pai e homem. O mesmo vale para as imagens trazidas pela mídia de comunicação de massa, sendo que é unânime entre os pais que a imagem que figuras públicas, assim como as normas estabelecidas de conduta (pensando no conceito de performatividades de Connell) se repetem e são situacionais. Ao possuir essa referência situacional, classifica-se, por exemplo, o “hetero afeminado” que Helder atribui a si. Temos

performatividades, masculinidades e paternidades que poderíamos pensar aqui a partir de uma ideia de exercitar as possibilidades e não exatamente limitar ou universalizar. Uso os termos de Etiane Oliveira (2010) “clássico ou tradicional”, assim como “novas paternidades” e “em transição” para se referir a paternidades e masculinidades. Penso que temos pais que “pisam” (como dito por Thales e Helder, os pais pretos/negros) em diferentes lugares ou masculinidades, para mais ou para menos, dependendo de uma série de fatores que envolvem a vida.

Podemos afirmar, com base no que foi exposto e apontado pelos próprios pais, que no fim das contas, as masculinidades e paternidades são fluidas e podem estar dentro de uma escala grande de diversidade, trazendo elementos da paternidade que a autora chama de tradicional, bem como elementos da chamada “nova paternidade”:

Badinter (1993) afirma que o fim da paternidade fundamentada em uma concepção patriarcal é apontada em estudos realizados com homens oriundos das classes médias e altas que apresentam posicionamentos de uma ‘nova paternidade’. No entanto, foi possível perceber na presente pesquisa que o pai pobre também precisa transitar e experimentar práticas de paternidade que vão além do roteiro paterno patriarcal, pois o seu contexto social não permite que ele ancore plenamente a sua representação de paternidade que vão além do roteiro paterno patriarcal, pois o seu contexto social não permite que ele ancore plenamente a sua representação de paternidade no ato de prover (Oliveira, 2010, p. 91).

Durante minha visita a Denis conversamos sobre questões da pesquisa e, de maneira inédita, sua companheira acompanhou ativamente as questões. O que mais se destacou em minha memória foram as conversas sobre transição e a dificuldade que mulheres trans sofrem num processo que seria mais complicado, na sua visão, do que a transição dos homens trans. Denis também destacou bastante a presença do machismo, tanto em homens trans quanto em mulheres “sapatão”, mulheres com características supostamente masculinas. Afirma-se bissexual, sendo que ele e sua parceira costumam relacionar-se como outras pessoas de ambos os sexos. Possuem “relacionamento livre, porém monogâmico”, afirmando que quando se relacionam sexualmente com outras pessoas, o fazem quando estão juntos. A bissexualidade também foi citada num segundo momento, por dois dos pais, um deles preto/negro, o outro indígena sem identificação étnica específica. Ambos expressaram naturalidade ou, ainda, não demonstraram desconforto pelo fato das filhas serem bissexuais, a não ser no caso de Helder

que se preocupa com a questão da violência que sua filha possa sofrer por ser preta e bissexual.

De maneira geral, posso dizer que a maioria dos pais possui uma visão pouco romantizada acerca de discussões contemporâneas sobre novas masculinidades, paternidades ou desconstrução enquanto homem ou masculinidade. Em relação à desconstrução relativa à masculinidade se observa que passou a ser vendida em redes sociais. Helder faz uma crítica dizendo que normalmente esses grupos não passavam de uma “reunião de Hipster de classe média, pra ficar se afagando” (Helder, 03/05/22), mas ele acredita na possibilidade de uma “masculinidade saudável”.

A pesquisa tentou tratar da perspectiva de homens contando suas próprias histórias, dentro do limite possível para a mão de um pesquisador. Busquei valorizar as falas através de citações diretas quando possível e trazendo, através disto, os elementos que denominei como tripé, dentre eles o **prover** e o **cuidar** que apresentei e desenvolvi ao longo da tese, especialmente no capítulo 2, assim como as reflexões sobre o **afeto** e a **presença**. Em relação ao **silêncio** e à **ausência** percebi que estes elementos estão muito presentes na vida e nas relações que os pais estabelecem com seus filhos, filhas e familiares, como apresentei na discussão sobre família. Posso dizer que esse último par, o **silêncio** e a **ausência**, são significativos quando se fala em paternidades, como também aponta a literatura sobre o tema.

Nesta pesquisa busquei através do valioso campo vivido com os pais entender suas performatividades. Performatividades que no final da pesquisa consigo relacionar ao tripé que foi se desenhando e apresentado. Juntando assim os cacos dessa tese, cacos de um vaso chinês invertido, que é formado a partir de fragmentos da realidade vividos por alguns de nós pais. Onde cada caco pode ser visto como uma parte do meu dia entre o lanche da manhã e um “acabei, papai!” vindo do banheiro de minha casa, da boca de meu filho, solicitando um banho. Na minha própria performatividade e analisando a dos pais, percebi o peso do **afeto**, da **presença**, do **prover**, do **cuidado**, do **silêncio** e das **ausências** em nossas vidas enquanto pais e homens.

Por fim, gostaria de mais uma vez marcar o meu agradecimento para com os leitores desse trabalho pela energia dedicada e aos pais da pesquisa. Fiquemos com as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fluidez é umas das palavras-chave para se pensar este trabalho a partir do que foi coletado e analisado. O **afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências**, são os pontos conclusivos e focais deste trabalho, necessários para entender (mesmo que parcialmente) as masculinidades/paternidades dos pais da pesquisa. Insisto, que não servem como modelo universal, nem podem ser pensadas de maneira fixa. E quando o digo é no sentido de que a masculinidade mais “saudável”(que pode ser algo muito relativo) possível, dentro do nosso universo de pesquisa, pode “pisar”(como disse um dos pais) ou circular nas fronteiras da masculinidade hegemônica e além dela.

Pensando nas possibilidades, inclusive nas negativas para os interlocutores, reafirmo a importância do anonimato diante de determinados assuntos, assim como outras possibilidades são válidas na pesquisa. Nesta pesquisa, o entendimento por parte de seus participantes é de que não somente o relativo anonimato se fazia necessário, como a proximidade da minha pessoa enquanto pesquisador de amigos traria informações que somente dessa maneira poderia acessar, assim como a mesma proximidade, não de maneira declarada, poderia ter gerado o **silêncio**.

Os pais trouxeram ideias e práticas a respeito das masculinidades e paternidades que foram expressas através dos elementos apresentados nas performatividades, uma gama enorme dentro da nossa amostra que, inicialmente, poderia parecer hegemônica pela proximidade entre os pais, reafirmando a ideia de masculinidades no plural. Abordar as diferenças sob a perspectiva das interseccionalidades, oportuniza observar maneiras diferentes de se perceber e perceber o mundo ao redor como, por exemplo: ser pai preto não é o mesmo que ser um pai branco, e quando o digo, não estou afirmando que qualquer pai não tenha problemas (tenho muitos), mas que determinados problemas, como o do racismo só podem ser compreendidos de maneira parcial e não na pele (em meu caso). O mesmo vale para a situação dos homens trans desta pesquisa que passam por uma série de dificuldades, desde a

questão da utilização de hormônios para transição, até a disforia e a busca de uma estética que os agrade.

Durante a pandemia, mais da metade das conversas deram-se através do *WhatsApp* e de outras redes sociais. A primeira metade da pesquisa ocorreu de forma *online*, inevitavelmente, devido à COVID-19, onde o isolamento social foi utilizado e, em meu caso, por ser bolsista naquele momento, pude ficar em casa, durante os períodos mais críticos. Desta forma, destaco a importância da pesquisa realizada de forma *online*, que pôde proporcionar em tempo real as informações fiéis e necessárias para a construção da tese.

A compreensão das masculinidades, no caso desta pesquisa, foi além do dito, e mostrou-se de maneira mais concreta naquilo que foi observado através das ações ou, ainda, ausências de ações entre pais e filhos. Igualmente, nas entrelinhas do que foi dito e mesmo no **silêncio**, sendo que algumas informações ou suposições demonstravam elementos destas **performatividades**. O grupo de pais que participou dessa rede, em sua maioria, possuem coisas em comum, ao mesmo tempo em que há diferenças entre os mesmos.

Diferenças que tratamos como intersecções e que influenciam na própria percepção ou mesmo certa invisibilização de pais homens que performatizam durante a vida uma queda de braço entre a imposição das normas e a sua agência, materializando corpos e masculinidades diversas. Diante das performatividades dos pais da pesquisa destacou-se o tripé **afeto e a presença; o prover e o cuidar; o silêncio e as ausências**. São as peças-chave para o entendimento das performatividades dos pais a partir de elementos que não são fixos, e que se combinam e recombina na dança do dia-a-dia.

Estes elementos por sua vez, estão entrelaçados junto com as masculinidades e paternidades dos pais da pesquisa, formando uma trama ou tecido disforme que nos leva ao passado, ou a gerações anteriores e nos traz ao presente, constituindo-se através de normas, que constituem as performatividades que são demandadas por outros e construídas no embate com as agências.

Apesar de mudanças que podemos julgar como positivas no campo do gênero, observamos que estas são lentas e gradativas, na opinião da maioria dos pais da pesquisa, em

especial em relação às mudanças geracionais que trazem consigo elementos de momentos e contextos diversos.

Sobre o **silêncio** e a **ausência**, assim como no decorrer do nosso texto, são questões que também estão presentes nos estudos sobre paternidades e masculinidades. O **silêncio** e as **ausências** estão presentes de maneira ampla, mas com um certo destaque para as ausências quando falamos de paternidades e silêncio quando falamos de masculinidades. Penso que se há uma recorrência das questões é devido ao problema também de surgir ou se repetir em vários contextos sociais, assim como as performatividades que dão base a novas experiências paternas e masculinas.

Quanto ao **Prover** e **Cuidar** precisamos mais uma vez destacar uma ideia ampla, onde, por exemplo, o prover vai desde o prover econômico (muito citado) à provisão de **cuidado**, que por sua vez pode ser pensado a partir de tarefas básicas como dar banho, alimentar ou mesmo **provendo** através da pensão, do trabalho que às vezes contribui para a ausência desses pais. De quem é a culpa, da **ausência** que o trabalho(ou “correr”) ocasiona e exige destes pais?

A recorrência e mudança não seriam consequências do neoliberalismo ou seu próprio mecanismo de funcionamento? Mara Vigoya (2018) traz as consequências do colonialismo, pós-colonialismo, assim como a dinâmica do neoliberalismo e das masculinidades, fazendo uma leitura internacional, continental e local, em especial, da Colômbia (país com forte influência na Nossa América), a autora também cita trabalhos de brasileiros, sem ignorar as agências dos homens, mas considerando a força das relações sociais e instituições neste processo da formação das masculinidades.

Por fim, ao mesmo tempo que percebo, enquanto pesquisador, um desejo de mudança de posturas ou performatividades de homens e mulheres, é relacionalmente evidente que esses embates acontecem. Mudanças no sentido “saudável” ou positivo, ao pensarmos em masculinidades e paternidades, são questões que vão além da agência ou de caráter. E se os termos do tripé continuam recorrentes, é porque há um processo constante de retroalimentação desse processo de produção de performatividades, que expressam masculinidades e paternidades diversas, construídas situacionalmente, ou seja, a partir de experiências locais que, de alguma forma também traduzem o que vem de cima (estado e

outras instituições) para baixo (indivíduos) em forma de normas que modelam as suas formas de se colocar no mundo.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, R. Antropologia e Internet. Pesquisa e campo no meio virtual. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, [S. l.]*, v. 41, n. 3-4, 2020.
- BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 314p, 1993.
- BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoría género: una introducción teórico-metodológico. *Debates En Sociología*, (18), p. 145-169, 1993.
- BARRETO, João P. L. Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro .tese. 2021
- BECKER, HOWARD S. De que lado estamos? In: BECKER, HOWARD S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.
- BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas /. – 2. ed. – Natal,. RN: EDUFERN, 2015
- BERNARDO, Aglair M. **Um novo tipo de "impulso" na cidade**: Um estudo do serviço telefônico disque amizade de Florianópolis. Dissertação de mestrado apresentada no PPGAS da UFSC. Florianópolis, 1994
- BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp. 123-174. 1975.
- BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam**: os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições: Crocodilo, 2020.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: Uma política performativa. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CARRIGAN, T.; CONNELL, R. W.; LEE, J. **Toward a New Sociology of Masculinity**. *Theory and Society*, v. 14, n. 5, p. 551- 604, 1985.

CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 62 n. 3: 530-557 | USP, 2019.

CESARINO, Leticia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa:** a ascensão do populismo digital no Brasil. **Rev. Internet e Sociedade.** n. 1, v. 1, FEVEREIRO, 2020.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado.** In: A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem:** criação de um tempo-espaço de experimentação. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLINS, Patrícia H.; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1º Edição, São paulo: Boitempo, 2021.

COLLING, Leandro. **O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero?.** Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 40, 2021.

CONNELL, R. W. et al. **Making the Difference:** Schools, Families and Social Division. Sydney, Australia: Allen and Unwin, 1982.

CONNELL, R.W. **Which Way is up? Essays on Sex, Class and Culture.** Sydney, Australia: Allen and Unwin, 1983.

CONNELL, Raewyn W. **Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics.** Stanford University Press. 1987.

CONNELL, Raewyn W. **Políticas da Masculinidade.** Educação e Realidade. vol.20, n 2. jul/dez. p. 185-206. 1995.

CONNELL, RaewynW. **Masculinities.** Berkeley. University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn, W. MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn. **Gêneros em termos reais.** trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn. Prefácio. In: VIGOYA, Mara V..**As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

COSTA, Rosely G. **Concepção de filhos, concepções de pai:** algumas reflexões sobre reprodução e gênero. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. 194 páginas, 2001.

DAMATTA, Roberto A. O ofício do Etnólogo ou como ter “Antropological Blues”. In: NUNES, E. O. (Org.). *A aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *RBCS*, [s.l.], v. 14, n. 40, p. 31-42, julho de 1999.

DAVIS, A. *Women, Race, and Class*. New York: Vintage, 1983.

DAWSEY, John Cowart. Victor Turner e a antropologia da experiência. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 163-176, 2005.

DAWSEY, John Cowart. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance:** O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Campos* 7(2): 17-25, 2006.

DEVREUX, Anne-Marie, Não-reconhecimento paterno, um fato social total. IN: THURLER, Ana L. **Em nome da mãe:** o não reconhecimento paterno no Brasil, Florianópolis: Mulheres, 2009.

ESCOBAR, Arturo. **Welcome to Cyberia:** notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology* 35(3): 211-23, 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado, *Cadernos de Campo*, 13, 155-161. 2005.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade:** o teatro performativo. Editora Perspectiva, 2013.

FERNANDES, Camila. **A força da ausência.** A falta dos homens e do “Estado” na vida de moradoras de favela. *Sexualidad, Salud y Sociedad* 36: 206–30, 2020.

FONSECA, Claudia. **A história social no estudo da família:** uma excursão interdisciplinar. *BIB*, v. 27, 1989.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso.** Trabalho apresentado na reunião anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1999.

FONSECA, Claudia. **A certeza que pariu a dúvida:** paternidade e DNA. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.12, n.2, pp. 13-34, ago. 2004.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico:** dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. In: *Teoria e Cultura*, v. 2, n. 1, p. 39-53, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRY, Peter. **Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 135 p. , 1982.

GEERTZ, Clifford. Interpretação da cultura, a briga de galo balineses. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, 1989.

GIANNOTTI, José Arthur. Sobre a amizade. **Discurso**, n. 22, p. 183-195, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMÁRIZ, Enrique. **Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas. Periodización y perspectivas**, en ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, (17), p. 1-48, 1992.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. **O(s) corpo(s) Kōkamōu: a performatividade do pajé-hekura Yanonami da região de Maturacá**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

GREGORI, Maria F. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Evand. Paz e Terra; ANPOCS, 1992.

GREGORI, Maria F. **As desventuras do vitimismo**. Rev. Estudos Feministas, vol. 1 n.º 1, 1993.

GROSSI, Miriam P. **O Significado da Violência Nas Relações de Gênero No Brasil**. SEXUALIDADE, GÊNERO E SOCIEDADE, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma revisão teórica**. Revista Antropologia em primeira mão. n.1, p.1-37, 2004.

GROSSI, M. P. **O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação e papéis** (Entrevista “Ainda precisamos de Pai? Da paternidade para a parentalidade”). IHU OnlineRevista do Instituto Humanistas Unisinos, 230, 4-7. 2007.

GUIMARÃES, Klissy K. **A COVID-19 e seu impacto no campo musical em Manaus: relações de poder, resistências e re-existências**. Revista Wamon, vol. 5, n. 2, 2020.

HONORATO, Isabelle Brambilla. **Entre idas e vindas: arranjos familiares e circulação de crianças no Amazonas**. 2022. 246 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

HOOKS, B. **Feminist Theory: From Margin to Center**. Boston: South End, 1984.

INSAUSTI, Santiago J. y PERALTA, Jorge L. **Cuaderno bibliográfico: estudios sobre masculinidades y diversidad sexual en Argentina**. Anclajes, vol XXII, nº 3, setiembre-diciembre, pp. 91-117, 2018.

KESSLER, S. J. et al. **Ockers and Disco-maniacs. Sydney, Australia: Inner City Education Center**, 1982.

KOURY, Mauro G. P. Amizade e modernidade. Rev. Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11 n. 32, p.469 - 484, 2012.

KOURY, M. G. P. **Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade**. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, vol. 7, núm. 17, abril-julio. Universidad Nacional de Córdoba Córdoba, Argentina. pp. 20-3,. 2015.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud/Thomas Laqueur; tradução Vera Whately**. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOWENKRON, Laura. **Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas?** Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, núm. 5, 2010.

LINS, Beatriz A. **A internet é o celular: uma antropóloga entre smartphones, câmeras frontais e redes sociais**. Revista Internet & Sociedade, n.2, vol. 1, 2020.

MACHADO, Vivian da S. G. **Mulheres em movimento: A Bicicleta pela perspectiva de gênero na cidade de Niterói**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2019.

MAGNANI, José G. C. **Quando o campo é a cidade fazendo antropologia na metrópole**. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Carlos (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002.

MALYSSE, Stéphane. **Em busca dos (H)alteres-ego**: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M.(Org.). **Nú & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARINS, Cristiane. **Internet e trabalho de campo antropológico**: dois relatos etnográficos, Ponto Urbe, 27, 2020.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Cardoso, Oliveira(org.). Marcel Mauss: antropologia, São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDRADO, Benedito e LYRA, Jorge. Por uma matriz uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro 2008.

MENEZES, Eduardo D. B. de. **Sobre a Neutralidade das Ciência**. 1978.

MOREIRA, Lucas. Masculinidade genealogia e o viking do capitólio: reflexões sobre virilidade e política. Rev. Novos Debates, 7(1): E7102, 2021.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia On e Off-line**: Cibercafés em Trinidad. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 115-144, 2004.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos: R. Pós-Grad. CI. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.12, p.09-22, jul./dez. 2011.

NAROTZKY, Suzane. **El marido, el hermano y la mujer del madre**: algunas figuras del padre. In: TUBERT, Silvia.(Ed.). Figuras del padre. Madrid, Ediciones Cátedra, 189–214, 1997.

OLIVEIRA, Etiane C. **Pai, separado e pobre**: entre as dificuldades e o desejo de uma paternidade plena . Dissertação (mestrado) — Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Recife, 2010.

OLIVEIRA, Danielle S. P. de. **“DE BIKE EU VOU”**: um estudo antropológico sobre o uso de bicicleta em Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Rônisson de S. de. **As mães dos “filhos da mãe” em tefé/AM**: A ilusão dos impactos da ausência. Dissertação(Mestrado em Sociologia) -Instituto de ciencias Humanas e

letras, Programa em Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, p.139. 2014.

ORTNER, Sherry B. *Some Futures of Anthropology*. *American Ethnologist*. 26(4): 984-991, 1999.

PILÃO, Antônio Cerqueira. **Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, pp. 505-524, Agosto de 2013.

PIZZATO, Fernanda. **Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife**. Dissertação(Mestrado em Antropologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 88. 2010.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia Virtual, Netnografia ou apenas Etnografia?** ESPM, São Paulo–SP, 2013.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook**. Rio de Janeiro: Multifoco. 2014.

PREFEITURA DE MANAUS. Prefeitura de Manaus, 2020. Disponível em: <https://covid19.manaus.am.gov.br/> Consultado em: 22 de novembro de 2023.

QUADROS, Marion T. de. **CONSTRUINDO UMA NOVA PATERNIDADE? As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife-PE**. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

QUADROS, M.T. **Construindo uma nova paternidade? As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife-PE**. 1996.

REZENDE, Cláudia B. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002a.

REZENDE, Cláudia B. **Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções**. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, out. 2002b.

RIAL, Carmem Silvia. **Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade**. In: GROSSI, Miriam Pillar e PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres,1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, (Feminismos plurais), 2017.

RIBEIRO, Milton. “Eu decido se ‘cês vão lidar com king ou se vão lidar com kong”: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 25: 117-134. 2020b.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Koury. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.18, n. 54, --.31 - 49, dezembro de 2019.

SANTOS, Sandra; SALLES, Adilson. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.23, n.2, p.87-102, abr./jun. 2009.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** In: **Performance studies: An Introduction**, Segunda edição. New York & London: Routledge, 2006.

SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. **Rev. Sociedade e Estado** - Vol. 25, Número 2 Maio / Agosto 2010.

SEGATA, Jean. Covid-19, biossegurança e antropologia. *Revista Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, ano 26, n. 57, p. 275-313, maio/ago. 2020a.

SEGATA, Jean. A pandemia e o digital. *Todavia*. Porto Alegre, RS. Vol. 7, n. 1, dez. 2020b.

STRATHERN, Marilyn. *Necessidade de Pais, Necessidade de Mães*. Florianópolis: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3 n.º 2, 1995.

STRATHERN, Marilyn. [1986]. **Fora de Contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. **Pais Assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2002.

THURLER, Ana L. **Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil**, Florianópolis: Mulheres, 2009.

THÜRLER, Djalma; MEDRADO, Benedito. Masculinidades contemporâneas em disputa. **Revista Periódicus**, v. 1, p. 1-8, 2020.

TORNQUIST, Carmen S. **Salvar o Dito, Honrar a Dádiva – dilemas éticos do encontro e da escuta etnográfica**. Impulso, Piracicaba, 14(35): 63-74, 2003.

TURNER, Victor. **O processo ritual: Estrutura e Anti-estrutura**. Editora Vozes, 1974.

TURNER, Victor. *From Ritual of to Theatre: The Human Seriousness of Play*. 1982.

- TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.
- TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EdUFF, 2008.
- URRY, John. **Mobilities**. [s.l.]: Polity, 2007.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- VELHO, Gilberto. **Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas**. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro. 1983
- VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: ZAHAR, (5ª edição) 1989 .
- VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. Equipe Editorial. **Revista Habitus**. Rio de Janeiro, Vol. 1 - nº 1, 1-11, nov. 2003a.
- VELHO, Gilberto. **Desafio da proximidade**. In: VELHO, Gilberto Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico. VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.
- VIGOYA, Mara V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Trad. Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 2018.
- WACQUANT, Loic. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução: Angela Ramalho - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002
- WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Estudos Feministas*, vol.9, n.2, p.460-482, 2001.
- WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- ZINN, Maxine Baca. **The Journal of Ethnic Studies; Bellingham, Wash.** Vol. 10, Ed. 2, Summer, 1982.